

Dossier
2012

Ambiente

Extractos da
imprensa Angolana
sobre questões sociais
e de desenvolvimento

CEDOC Development Workshop - Angola

DW CEDOC

Centro de Documentação e Informação
Development Workshop
Luanda - Angola

DW CEDOC

DEVELOPMENT WORKSHOP
CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO

O Extracto de notícias é um serviço do Centro de Documentação da DW (CEDOC) situado nas instalações da DW em Luanda. O Centro foi criado em Janeiro de 2001 com o objectivo de facilitar a recolha, armazenamento, acesso e disseminação de informação sobre desenvolvimento socio-económico do País.

Através da monitoria dos projectos da DW, estudos, pesquisas e outras formas de recolha de informação, o Centro armazena uma quantidade considerável de documentos entre relatórios, artigos, mapas e livros. A informação é arquivada física e eletronicamente, e está disponível para consulta para as entidades interessadas. Além da recolha e armazenamento de informação, o Centro tem a missão da disseminação de informação por vários meios. Um dos produtos principais do Centro é o Extracto de notícias. Este Jornal monitora a imprensa nacional e extrai artigos de interesse para os leitores com actividades de interesse no âmbito do desenvolvimento do País. O jornal traz artigos categorizados nos seguintes grupos principais.

1. [Redução da Pobreza e Economia](#)
2. [Microfinanças](#)
3. [Mercado Informal](#)
4. [OGE investimens públicos e transparência](#)
5. [Governança descentralização e cidadania](#)
6. [Urbanismo e habitação](#)
7. [Terra](#)
8. [Serviços básicos](#)
9. [Género e Violência](#)
10. [Ambiente](#)

As fontes monitoradas são:

- Jornais: Jornal de Angola, Agora, Semanário, Angolense, Folha 8, Terra Angolana, Actual, A Capital, Chela Press, O Independente, Angolense, e o Semanário Africa.
- Websites: ANGOP, Angonoticias, Radio Nacional de Angola, Ibinda.
- Publicações Comunitárias como ONDAKA, Ecos da Henda, InfoSambila, Voz de Cacucaco e Jornal Vida Kilamba e Chella.

O Corpo das notícias não é alterado. Esperamos que o jornal seja informativo e útil para o seu trabalho. No âmbito de sempre melhorar os nossos serviços agradecemos comentários e sugestões.

Grato pela atenção.

A Redação

[Redação](#)

Helga Silveira

[Conselho de Edição](#)

Allan Cain, Jose Tiago
e Massomba Dominique

[Editado por](#)

Development Workshop Angola

[Endereço](#)

Rua Rei Katyavala 113,
C. P. 3360, Luanda — Angola

[Telefone](#) +(244 2) 448371 / 77 / 66

[Email](#) cedoc.dwang@angonet.Org

[Com apoio de](#)

Development Workshop
OXFAM Novib
Fundação Bill & Melinda Gates
International Development Research Centre
Civil Society Challenge Fund
Norwegian & The Netherlands Embassies
European Union

[Disclaimer](#)

1. Content

DW – CEDOC provides this service solely for academic and research purposes. The articles are displayed as originally published, with reference to the source and date. DW – CEDOC does not give any guarantee for the accuracy of the transcription or its completeness.

2. References and Links

The content of the articles do not necessarily represent the views or opinions of DW-CEDOC. DW-CEDOC reserves the right to change, complete or delete parts or the whole website without prior announcement.

3. References to Articles

DW-CEDOC facilitates this information library service and sets an example to mention the original source and date of the articles. If (parts of) articles are referred to in other documents, original sources should be cited.

INDÍCE

AMBIENTE	8
I. JANEIRO DE 2012	8
1.1 Camponeses lamentam a falta de chuva	8
1.2 Chuvas desalojam famílias	8
1.3 Falta de chuva na região compromete agricultura	9
2. FEVEREIRO DE 2012	9
2.1 Falta de Chuva está a Preocupar os Agricultores	9
2.2 As chuvas, o lixo e as ravinas	10
2.3 Redução das Temperaturas no Pacífico Influencia a Falta de Chuva em Angola	10
2.4 Instituto de Meteorologia e Geofísica Necessita de Radares Meteorológicos	11
2.5 Ocupação de Terrenos no Soyo Ameaça a Sobrevivência da Indústria Petrolífera	12
2.6 Tempestade Assola Bairros Ritondo e Quizanga	13
2.7 Falta de chuvas soma estragos	14
2.8 Camponeses do leste redobram produção para socorrer as áreas afectadas pela seca	14
3. MARÇO DE 2012	15
3.1 Taiwan Compra Petróleo de Angola	15
3.2 Núcleo dos engenheiros do Huambo esta preocupado com a desmatção	15
3.3 Pressão humana põe em risco a floresta do Mayombe	16
3.4 Agricultura itinerante pode ameaçar florestas	18
3.5 Juventude Ecológica Preocupada Com a Siatuação	18
3.6 Zonas Verdes Abandonadas	19
3.7 Universidade Kimpa Vita Constroi Jardim Botânico	20
3.8 Industria Salineira É Abandonada	21
3.9 Populares que viviam próximo de valas receberam novas habitações no Zango	22
3.10 Ministros da CPLP reunidos em Luanda	22
3.11 Ministros Traçam Estratégia Comum Para A Conferência Sobre O Ambiente	23
3.12 Sector florestal do país é mal explorado	23
3.13 Falta de chuva na província condiciona aulas no Instituto	24
3.14 Famílias sem tecto devido ao mau tempo	24
3.15 Chuvas Fortes Destrõem Casa No Caxito	25
3.16 Programa de Cabinda Prevê Boa Colheita	26
3.17 Acesso à Baixa da Cidade Mais Díficil	26
3.18 Angola no top 5 do Ambiente mundial	27
3.19 Chuva intensa arrasa aldeia de Kifukussa	28
3.20 Zonas verdes de Luanda votadas ao abandono	28
3.21 Arborização em Luanda: A inércia que se faz Sentir	29
3.22 A Inércia Que Se Faz Sentir...	31
3.23 Milhares de árvores plantadas na província	32
3.24 Chuva cria embaraço em Luanda	33
3.25 Adivinha-se boa colheita agrícola	34

3.26	População deve reflectir na preservação da floresta	35
3.27	Angola nos cinco melhores desempenhos num novo índice económico e ambiental	36
3.28	Chuva devolve a alegria aos campos de Paranhos	36
3.29	Comuna Do Cumbilavive Falta De Chuva	37

4. ABRIL DE 2012 38

4.1	Falta prolongada de chuva compromete a agricultura	38
4.2	Centro de estudos das alterações climáticas é instalado este ano na cidade do Huambo	39
4.3	Chuva destrói casas no Kwanza-Norte	39
4.4	Plano estratégico ambiental do executivo necessita de verbas para a sua execução	40
4.5	Estado do meio ambiente divulgado no final do ano	41
4.6	Consequências da chuva em Luanda	42
4.7	Foi só um espirro de São Pedro	42
4.8	Angola assina declaração para criação de um centro	43
4.9	Chuvas alarmam famílias	43
4.10	Abril das chuvas e problemas mil	44
4.11	A gestão ambiental	46
4.12	Estiagem afecta a produção e provoca perda de colheitas	47
4.13	Venda de « Area do Bungo» Camiões com fundo falso.	47

5. MAIO DE 2012 48

5.1	Angola trabalha na concretização de projectos de energias renováveis	48
5.2	Ministros do Ambiente assinam acordo sobre a preservação das áreas florestais	49
5.3	Seca dispersa votos no deserto do Namibe	49
5.4	GPL trava exploração ilegal de inertes na costa	51
5.5	Recursos florestais em análise no Huambo	51
5.6	Exploração ilícita de inertes prejudica o Estado	52
5.7	Seca compromete colheitas na Chibia	52
5.8	Executivo disponibiliza milhões de dólares na recuperação de estações de investigação	53
5.9	Começa hoje ciclo de debates sobre participação de Angola	54
5.10	População atravessa crise alimentar devido à seca	54
5.11	Fábrica de montagem de energia solar inaugurada em Viana	55
5.12	Chuva destrói habitações	56
5.13	Seca prolongada ameaça populações no interior da provincia do Namibe	57
5.14	Obras para estancamento de ravinas ficam concluídas em Agosto próximo	58
5.15	Técnicos Angolanos regressam ao país	59
5.16	Exposição tecnológica abre hoje em Luanda	59
5.17	ADRA ajuda a repovoar áreas florestais da Caála	60

6. JUNHO DE 2012 60

6.1	Madereiros sem dinheiro exigem ordem na exploração das florestas	60
6.2	Um problema para o meio ambiente	61
6.3	Falta de chuvas no Cunene provoca baixa na produção	64
6.4	Agressão à floresta preocupa autoridades	64
6.5	Camponeses vítimas de seca recebem, apoio	64

7. JULHO DE 2012 65

7.1	Instituto de Desenvolvimento florestal está preocupado com o abate a árvores	65
7.2	Formação em gestão ambiental	65
7.3	Plano estratégico sobre a floresta do maiombe será implementado	65
7.4	Floresta de Cambambe com apenas dois fiscais	67
7.5	Autoridades preocupadas com devastação de florestas	67
7.6	Desordem na exploração de inertes	68
7.7	Proteção Civil preparada para apoiar os sinistrados	68
7.8	Descoberta nova floresta de montanha em Angola	69

8. AGOSTO DE 2012 69

8.1	Nível de água do rio Coporolo está a preocupar os agricultores	70
8.2	Petrolífera inicia consulta pública para estudos de impacto ambiental	70
8.3	Parque eólico é instalado no Tômbwa	71
8.4	Exploradores ilegais multados na Quibala	71
8.5	Meteorologia divulga em setembro informações sobre o estado do clima	71
8.6	Chuva de Luanda prevista para Novembro	72
8.7	INAMET prevê subida gradual da temperatura	73
8.8	Inaugurado Centro Regional no Huambo para estudo das alterações climáticas	73

9. SETEMBRO DE 2012 74

9.1	Doenças infecto-contagiosas preocupam cidadãos	74
9.2	Falta de chuvas no Sumbe provoca uma "11 catástrofe"	75
9.3	Kwanza-Sul. Falta de chuvas condiciona mecanização agrícola	75
9.4	Exploração desregrada põe meio ambiente em risco	76
9.5	Minea	78
9.6	Seca reduz produção de capanda	78
9.7	Kwanza Sul. Prenúncio de chuva divide camponeses e moradores do Sumbe	78
9.8	Rio Cambongue é um atentado à saúde pública	79
9.9	"Se o sector florestal for bem explorado o país ganha milhões de dólares por ano". Engenheiro	
	Mateus André fala da importância do projecto para Angola	80
9.10	Chuvas e construção	81
9.11	Terceira reserva florestal de Angola. Zaire detém uma riqueza inexplorada	83
9.12	Menongue. Chuva torrencial deixa rastros de destruição	84
9.13	Muita chuva nos próximos meses	84
9.14	Chahungo tem viveiro de plantas	85

10. OUTUBRO DE 2012 86

10.1	Moradores deixam para atrás tempos de grande sofrimento	86
10.2	Êxito da campanha agrícola depende das chuvas	87
10.3	Municípios sem condições criadas	88
10.4	Fátima Jardim visita Huambo	89
10.5	Produção de carvão e lenha provoca abate indiscriminado de árvores	90
10.6	Chuvas desalojam famílias	91
10.7	Falta de chuvas & falta de energia	91
10.8	Fome ameaça populações na Huíla	93
10.9	Centro de protecção do ecossistema está em construção na cidade Huambo	94
10.10	Chevron aposta na protecção da biodiversidade marinha	94

10.11	Restrições no fornecimento de energia	95
10.12	Antônio Gimbi apela a cautela para reduzir danos	96
10.13	Luanda e os transtornos da chuva	97
10.14	Chuvas e vento destroem casas	98
10.15	Moradores das ravinas solicitam apoio rápido ao governo central	99
10.16	Chuva pode duplicar os estragos	99
10.17	Executivo vai travar abate de árvores no município da Caála	100
10.18	Camponeses da Funda apostam no aumento da produção agrícola	103
10.19	Baixo nível de nascentes na Huíla condiciona fornecimento de água	103
10.20	Chuvas fortes destroem casas no município da Ganda	104
10.21	Chuvas fortes destroem casas e infra-estruturas na zona de Dondo	104

II. NOVEMBRO DE 2012

104

11.1	Regularidade das chuvas estimula os agricultores	104
11.2	Camponeses do município do Andulo esperam boas colheitas no próximo ano	105
11.3	Seca põe em perigo população da Bibala	105
11.4	Bio combustível arranca no próximo ano	107
11.5	Huíla. Chuva destrói casas no Cuvango	108
11.6	Chuvas fortes causam mortes	108
11.7	População da recebe 158 toneladas de bens diversos	109
11.8	Chuva das nossas desgraças!	110
11.9	Executivo garante medidas drásticas para travar garimpo ilegal de inertes	110
11.10	Chuva desaloja famílias	111
11.11	Seca no Kwanza-Sul. Três mil famílias recebem bens de primeira necessidade	111
11.12	Chuvas provocam mortes	112
11.13	Chuva causa dificuldades às famílias luandenses	112
11.14	Desalojados das Zonas de Risco. Governo de Luanda aperfeiçoa o controlo	113
11.15	Chuva provoca estragos incalculáveis em Luanda	113
11.16	Luanda não está preparada para as chuvas	114
11.17	Chuvas fustigam kapangombe	116
11.18	Desalojadas 27 famílias	116
11.19	Vítimas da seca recebem ajudas	117
11.20	Administração da Samba concede apoio aos desalojados do bairro da Camuxiba	117
11.21	Chuva causa dificuldades na circulação em Luanda	118
11.22	Chuva aumenta a degradação de agita a rua do Sambizanga	119
11.23	O Inspector-geral coloca em causa o plano de contingência da província de Luanda	119
11.24	Captura do pescado cresce 37% mas não trava importação	120
11.25	Chuvas com impacto na produtividade	122
11.26	Chuva intensa provocou corte de várias estradas	124
11.27	As chuvas que “estamos com elas”	124
11.28	Kwanza Seco	125
11.29	Chuvas na Catata matam e destroem	126
11.30	Plantação de eucaliptos no Huambo	126
11.31	Milhares de pessoas ficaram sem abrigo	126
11.32	Famílias desalojadas em Malange estão ao relento	127
11.33	Angola apresenta avanços na aplicação dos protocolos relacionados com o clima	127
11.34	Chuva causa estragos em municípios e distritos	128
11.35	Cerca de 500 milhões de USD para apoiar vítimas da seca	129
11.36	Famílias afectadas pela estiagem com apoio alimentar do governo	130
11.37	Uíge. Vítimas da chuva encontram abrigo	131

12.1	Fome aperta em três municípios do Cunene	131
12.2	Chuvas intensas na Huíla põem em risco populações	131
12.3	Ministra do Ambiente está preocupada com o impacto das emissões de carbono	132
12.4	Benguela. Vítimas da seca recebem apoios	133
12.5	Protecção Civil aposta nas tecnologias	133
12.6	Huíla. Governo local apela famílias desalojadas pelas chuvas	134
12.7	Angola eleita presidente do fórum	134
12.8	Ambiente. Ministério faz consulta à sociedade	135
12.9	Chuvas destroem casas no Bengo e desalojam centenas de famílias	135
12.10	Chuvas provocam danos na via do Cuito ao Andulo	136
12.11	Onde anda a “comissão da chuva”?	136
12.12	Seca no Huambo e Bié. UE mantém apoio à população afectada	136
12.13	Falta de esgotos contribui para a deterioração das estradas	137
12.14	Ainda a chuva em Luanda	138
12.15	As costas largas da chuva	138
12.16	Dombe Grande. Todos furiosos	138
12.17	A quem interessa o trabalho paliativo	139
12.18	Controlo das mudanças climáticas mais eficaz com apoio internacional	139
12.19	Fortes chuvas anunciam boas colheitas	140
12.20	Chuvas fazem estragos na Huíla	140
12.21	Fornecimento de energia vai melhorar mas desafogo mesmo só depois de 2017	141
12.22	Ainda falta muita água	143
12.23	Polícias angolana e namibiana vão efectuar patrulhamento conjunto	143
12.24	Efectivos reforçam acções contra desastres naturais	145
12.25	Chuva seca depósito de água	145
12.26	Controlo das mudanças climáticas mais eficaz com apoio internacional	146
12.27	Luanda trava ameaças de inundação	146

AMBIENTE

I. JANEIRO DE 2012

I.1

camponeses lamentam a falta de chuva

Jornal de Angola
14 De Janeiro de 2012

A primeira fase da campanha agrícola 2011-2012 na província do Kwanza -Norte está comprometida devido à ausência de chuvas que se regista desde Novembro, disse ontem ao Jornal de Angola o director da Agricultura, Pesca e Desenvolvi meto Rural.

Fernando Mesquita disse que a ausência de chuvas pode afectar a primeira fase da campanha agrícola, principalmente na parte sul da província, que é a mais privilegiada em termos de cultivo, esclarecendo que caso a situação prevaleça, a instituição que dirige vai trabalhar num programa de emergência que consiste em ajuda alimentar directa, entrega gratuita de sementes, instrumentos de trabalho e preparação de terras.

Nem todos os produtos foram afectados por falta de chuva, mas o responsável diz que os camponeses não vão poder colher o que previam nesta fase, o que deixa insatisfeitas muitas famílias que vivem do campo e admitiu que as mesmas têm sérias dificuldades em reembolsar o crédito de campanha agrícola. A direcção da Agricultura, os bancos e os camponeses vão ter de encontrar um meio-termo para o pagamento dos créditos, para que as partes envolvidas não saíam prejudicadas.

Em função disso, Fernando Mesquita pediu calma aos camponeses afectados, já que foi constituída uma equipa de trabalho para o caso e para ver a possibilidade de ajudar os homens que se dedicam ao campo. "Estamos esperançados de que a qualquer momento pode vir a chuva.

Por isso, não há razões de nos sentirmos desanimados. A desmatação, o fabrico de carvão, a má utilização dos solos, as queimadas têm muita influência no desaparecimento das chuvas", disse.

Inamet

O responsável do serviço provincial do Instituto Nacional de Meteorologia (INAMET) no Kwanza- Norte, Pinto António Paka, disse ao Jornal de Angola que a problemática da falta de chuvas nesta região se deve às mudanças climáticas nos meses de Novembro e Dezembro e que se arrasta até Janeiro, porque se regista uma pequena estiagem.

"Estes casos acontecem em qualquer altura do ano, devido às constantes transformações que ocorrem. A má utilização da natureza pode ser um factor primordial da ausência da chuva nessa província", disse.

O delegado da Associação Ex- FAPLA (ASCOFA), Botelho Diogo, lamenta a ausência de chuva, sublinhando que vários colegas seus dependem do campo para o seu sustento e com a situação vigente não têm meios para reembolsar o Crédito Agrícola de Campanha.

I.2

huvas desalojam famílias

Jornal de Angola
12 De Janeiro de 2012

Mais de 200 famílias ficaram sem abrigo. nos bairros do Aço e 4 de Fevereiro. na cidade do Luena; em consequência das chuvas que se abateram, na sexta-feira e no sábado, sobre a região, onde chove quase todos os dias. "Além da destruição de casas, as chuvas do último fim-

-de-semana provocaram também o aumento de ravinas e deixaram as zonas residências alagadas", disse o vice-administrador do Moxico, Bento Paulino Luembe, acrescentando que as zonas periféricas da cidade do Luena são as mais afectadas. A população das referidas zonas, esclareceu, diz estar insegura, pela dimensão dos estragos causados pelas constantes quedas pluviométricas.

A Administração municipal do Moxico montou 60 tendas para acudir os sinistrados, mas o número é ainda insuficiente, tendo em conta o aumento constante de casos de pessoas afectadas pelas chuvas.

C

Augusta Chilombo, de 49 anos, tem 11 filhos. Perdeu a casa e outros bens na última enxurrada e disse à nossa reportagem que a tenda que lhe foi atribuída pela Comissão Provincial de Protecção Civil não chega para albergar toda a família. Na sua opinião, as condições de alojamento disponibilizadas pela administração municipal são precárias, devido à falta de postos médicos, centros de saúde e escolas nas zonas onde estão acampados os cidadãos afectados.

Jóia Gonçalves, residente no bairro do Aço, disse à nossa reportagem que vive a escassos metros de uma ravina e caso as chuvas continuem com a mesma intensidade a sua casa pode desabar. "Estou sem saber o que fazer. Quando imagino o local onde estão a ser alojadas as pessoas e as condições existentes, prefiro manter-me na minha casa, independentemente das situações que possam advir".

Bento Paulino-Luembe, depois de visitar as zonas consideradas de risco, disse que as próximas chuvas podem deixar mais famílias sem casa, por isso pediu mais apoio às estruturas superiores. em termos de tendas, bens alimentares e material de construção, para ajudar a minimizar a situação dos sinistrados.

1.3

alta de chuva na região compromete agricultura

Jornal de Angola
26 De Janeiro de 2012

A falta de chuva, que se regista desde Novembro, pode comprometer a presente campanha agrícola, afirmou, ontem, em Cabinda, a vice-presidente da UNACA.

German Vuézolo disse que os campos cultivados na primeira fase da campanha, iniciada em Outubro, com culturas de jinguba, milho, feijão macunde e mandioca estão a secar, mas que se "chover nos próximos dias, os prejuízos são minimizados pelas colheitas da segunda fase, entre os meses de Fevereiro e Abril".

A falta de chuvas, frisou, põe também em risco o programa do governo de combate à fome e à pobreza por afectar o rendimento das famílias rurais. Apesar da situação reinante, disse, os

camponeses não devem ficar desanimados, pois "acreditamos que a qualquer momento pode vir a cair chuva na nossa província".

2. FEVEREIRO DE 2012

2.1

alta de Chuva está a Preocupar os Agricultores

Jornal de Angola

De 08 De Fevereiro de 2012

A falta de chuvas que se faz sentir nos últimos três meses, na província do Zaire, pode vir a prejudicar a campanha agrícola e o bom andamento do Programa de Combate à Fome e à Pobreza, revelou ontem o director local da Agricultura, Pesca e Ambiente.

Paixão Esteves, que falava no acto provincial das comemorações do 2º aniversário da União Nacional e Camponeses Angolanos (UNACA), realizado na aldeia de Quilemos, nos arredores da cidade de e Mbanza Congo, referiu que a situação está a preocupar os camponeses e agricultores daquela parcela do país.

O director da Agricultura sustentou que a falta de chuvas pode contribuir para os baixos rendimentos as culturas das populações.

Visivelmente abalado com a situação, disse que a direcção provincial está a receber muitas reacções e queixas de camponeses relativamente à colheita dos produtos.

Paixão Esteves pediu-lhes para unirem esforços, em cooperativas e associações de camponeses, para facilitar o trabalho de campo e criar condições de irrigação.

A presidente da Federação das associações de Camponeses e cooperativas Agropecuárias do Zaire, Amélia Alice Calasi, louvou os apoios do governo provincial na aplicação do Crédito Agrícola. Além disso, salientou que a instituição está a enfrentar dificuldades financeiras e de transporte para apoiar os seus associados no escoamento dos produtos cultivados.

Na província do Zaire, a UNAtem 20.935 associados, segundo Amélia Alice Calasi.

2.2

s chuvas, o lixo e as ravinas

Semanário O INDEPENDENTE
11 DE Fevereiro de 2012

As chuvas que têm acontecido no sul do país são na verdade uma das poucas catástrofes que o país tem vivido e que não deixam de me preocupar.

Apesar de não serem extensivas a nível do país, podemos considera-las como normais nesta época do ano, embora estejam já a causar enormes tragédias devido a irresponsabilidade de alguns cidadãos no que tange a ocupação de terras em locais impróprios tais como em encosta, valas e sítios não apropriados para a construção de moradias, sujeitos em alguns casos para os deslizamentos de terra.

Naturalmente, é condenável a atitude que grande parte da sociedade desempenha no que diz respeito à preservação do meio ambiente, apesar dos inúmeros apelos e desastres ecológicos que ocorrem com demasiada frequência, as pessoas continua” cegas” ou fingem não perceber o que se está a passar ao seu redor, e o pior de tudo isto, é que essa cegueira é por opção, e ou por distração.

Não sou especialista no assunto, mas não é preciso que o seja para perceber que o Planeta não anda bem. Chuvas torrenciais, terramotos, deslizamentos de terra, etc. Estes e outros fenómenos, assustam o mundo, principalmente nos países mais desenvolvidos, angola não foge a regra com as últimas chuvas que caíram no sul do país e que ainda assim estão por cair um pouco por todo o país. O que se poderá esperar, serão desabamentos de moradias, rios inundados e tudo isso não será mera coincidência, se os Governos Provinciais não tomarem providencias.

Na minha modesta opinião, enquanto o homem viver com a ganância do lucro fácil construindo em lugares impróprios, o tempo vai passando e a situação vai piorando, sob pena de estarem a “cavar a sua própria sepultura”.

É claro que fala-se em uma nova Angola. Mas verdade seja dita que esta nova Angola não se faz apenas com o desenvolvimento sustentável, mas

também com pessoas capazes de cuidar do meio em que vivemos. Não basta apenas esperar do executivo, para ver resolvido os nossos problemas. Cabe em primeira instância a cada um de nós fazer a sua parte como cidadãos e donos da pátria.

Não podemos continuar cegos diante dessa triste realidade. Somos seres racionais em pleno exercício das nossas faculdades, e não temos o direito de nos destruirmos em troca de uma ganância com valores monetários. Progresso e natureza podem sim, andar de pés juntos, desde que se saiba preservar o ambiente, e preservá-lo para gerações vindouras.

2.3

edução das Temperaturas no Pacífico Influencia a Falta de Chuva em Angola

Jornal de Angola
De 13 De Fevereiro de 2012

A falta de chuva que se regista actualmente em várias regiões do país deve-se a um fenómeno chamado “La Niña”, que está na origem da redução das temperaturas no Oceano Pacífico, concretamente na zona equatorial, revelou o director do Instituto Nacional de Meteorologia e Geofísica (INAMET).

Em declarações à Angop, Benjamim Domingos explicou que, durante a ocorrência do fenómeno “La Niña”, a temperatura da água diminui entre dois a três graus, o suficiente para causar efeitos no clima global.

“Ocorre uma fraca evaporação e, consequentemente, não há chuva”, sublinhou Benjamim Domingos. O fenómeno pode durar entre seis a sete meses e, na pior das hipóteses, vai até dois anos.

O director do INAMET afirmou que estão a decorrer estudos para actualizar a previsão sazonal, o que vai permitir determinar se o país tem ou não chuvas regulares esta época e a quantidade de precipitação esperada.

Os dados actualizados vão ser divulgados no próximo dia 15.

R

Contrariamente ao “El Niño”, que provoca aumento da temperatura da água do mar, o “La Niña” provoca arrefecimento das águas superficiais do Oceano Pacífico, formando uma “piscina de águas frias” nesse oceano.

Trata-se de um fenómeno natural que produz fortes mudanças na dinâmica geral da atmosfera, alterando o comportamento climático. O sector da agricultura em Angola é a área mais atingida pela estiagem, que origina colheitas fracas.

Redução do impacto

O fenómeno climático “La Niña”, que provoca fortes chuvas e inundações na Ásia e América do Sul e seca em África, parece ter atingido o seu máximo e deve perder força entre Março e Maio, informou a Organização Mundial de Meteorologia (WMO). De acordo com a agência especializada da Organização das Nações Unidas, o “La Niña” arrefeceu, desde Outubro passado, a água do Oceano Pacífico e está consideravelmente mais fraco do que o fenómeno registado entre 2010 e 2011. “Os modelos de previsão e a interpretação dos especialistas sugerem que “La Niña” está próxima da sua força máxima e, por isso, deve apresentar um lento declínio nos próximos meses”, anunciou a WMO. A Organização Mundial de Meteorologia observa que, a partir de Maio, vai haver alguma incerteza sobre o estado do Oceano Pacífico, sem qualquer preferência por um El Niño, La Niña ou condições neutras, numa referência ao fenómeno oposto que aquece as águas do oceano e tem efeitos diferentes no clima global.

2.4

Instituto de Meteorologia e Geofísica Necessita de Radares Meteorológicos

Jornal de Angola

De 14 De Fevereiro de 2012

O Instituto Nacional de Meteorologia e Geofísica (INAMET) necessita, pelo menos, de nove radares meteorológicos para, associados aos modelos regionais, preverem com mais exactidão a previsão

do tempo nas pequenas localidades, afirmou, à Angop, o seu director-geral.

Benjamim Domingos disse que os radares tornam possível a micro meteorologia e prever, por exemplo, a quantidade de chuva e o horário específico em que ela pode cair no Cazenga. “É possível avisar, com duas ou três horas de antecedência, as pessoas e a Protecção Civil que em determinada área vai chover com bastante intensidade ou que se vão registar outros fenómenos naturais”, declarou.

Quando o INAMET diz que há previsão de chuva fraca para Luanda, mas chove apenas no Cazenga, em Viana ou na Quissama, não significa que a previsão esteja incorrecta, referiu.

O director do INAMET afirmou que a previsão não é mais precisa porque os equipamentos que o INAMET utiliza não permitem fazer a micro meteorologia, mas que com a utilização de radares é possível fazer a previsão das chuvas com maior precisão.

O país, disse, não possui nenhum radar meteorológico e o INAMET não dispõe de capacidade financeira para os adquirir, pois podem custar, cada um, mais de dois milhões de dólares, além dos custos com a formação do pessoal. Cada radar, afirmou, cobre, em média, 300 a 400 quilómetros, quer em terra, quer no mar.

“Se tivéssemos radares disponibilizávamos também informações ao sector petrolífero”, garantiu. A aquisição dos equipamentos, lembrou, tem de ser acompanhada pelo processo de formação dos engenheiros que os vão montar, garantir a sua manutenção e a leitura dos dados.

Benjamim Domingos disse que as universidades de Alagoas, Brasil, e de Évora, Portugal, com quem o

INAMET tem convénios, dispõem de capacidade para formar especialistas. O INAMET tem dois bolseiros na Universidade de Alagoas e vai enviar mais dois ainda este ano.

Os radares, frisou, também são muito importantes para o apoio ao sector produtivo, principalmente para a agricultura.

“Podíamos recorrer a modelos globais, como faz o Brasil, através do Centro de Previsão e Estudos Climáticos, mas não são muito precisos”, referiu.

Os modelos, salientou, precisam de ser alimentados por dados locais e quando isso não acontece a informação nem sempre é a mais fiável.

Apoio à aeronáutica

Actualmente, disse, garantimos a actividade mínima do Instituto, como o apoio à aeronáutica e a outros sectores.

“Temos de fornecer dados para elaboração de modelos globais. Caso isso não aconteça, as previsões nunca são fiáveis. Temos de enviar elementos com regularidade para as instâncias internacionais para poderem fazer previsões mais acertadas sobre Angola e a região”, reiterou. O Sector da Meteorologia possui um Plano Estratégico de Desenvolvimento para o período 2011-2018, com custos avaliados em mais de 116 milhões de dólares, referiu Benjamin Domingos.

O plano configura o reforço da capacidade institucional e dos aspectos que têm a ver com a capacidade operacional, boa governação, investigação e a formação de quadros.

Do ponto de vista da capacidade operacional, pretende-se melhorar a rede de observações, com a instalação, até 2018, de mais 600 estações.

O plano estratégico, que ainda não foi aprovado pelo Executivo, disse o director do INAMET, “é a chave para se revolucionar todo o sistema de trabalho e de desenvolvimento do sector da meteorologia e geofísica em Angola”.

2.5

ocupação de Terrenos no Soyo Ameaça a Sobrevivência da Indústria Petrolífera

*Jornal de Economia e Finanças
De 21 De Fevereiro de 2012*

Estou de visita ao Soyo pela segunda vez nos últimos dois anos e o que encontro é uma situação deveras preocupante, traduzida na crescente ocupação anárquica de terrenos das concessões FS e FST onshore, antes atribuídas à Fina Petróleos, e hoje sob responsabilidade da Sociedade Petrolífera Angolana (Somoil), a primeira empresa privada angolana a marcar presença na indústria do petróleo em Angola como operadora, função que

assumiu a partir de Janeiro de 2009, numa parceria com a Sonangol, Chevron e Sonangol P&P.

As ocupações de terrenos dentro da concessão petrolífera aumentam a um ritmo aceleradíssimo, seja para fins habitacionais, industriais ou agrícolas, facto que não só ameaça a sobrevivência da própria indústria de produção de petróleo e gás, como também aumenta os perigos da população que insiste em construir ou trabalhar até mesmo por cima das condutas.

A fiscalização não tem tido capacidade para exercer a competente fiscalização e, em alguns casos, em áreas de risco, a população até exhibe placas com referências a licenças alegadamente passadas pela Administração Municipal. A comissão técnica criada para o efeito e na qual estão representadas a Somoil, a Administração Municipal, o Instituto Nacional do Ordenamento Territorial (INOT) e a Polícia Nacional não apresenta resultados e não parece estar à altura de conduzir a exigida fiscalização.

O caso mais paradigmático diz respeito a uma área de restauração construída mesmo sobre a tubagem de descarga de água para o mar e a conduta que transporta o petróleo do Terminal de Quinфуquena para a plataforma de exportação. Trata-se da “Esplanada do Zé Kintomba”, como consta da publicidade exibida. Mais acima, também dentro da concessão, está em construção um complexo turístico.

Perante este complexo quadro, existe toda uma urgência, por parte das autoridades competentes, em fazer respeitar a delimitação existente do perímetro da concessão petrolífera, a fim de que se previnam as ocupações anárquicas de terrenos, com todos os riscos daí decorrentes. As autoridades devem definir o sentido de orientação que deverá seguir o crescimento da cidade. Quanto mais tarde se pensar no assunto, mais complicada será a solução, como se tem visto em situações idênticas em várias províncias.

Mais grave ainda é que a população acompanha os novos corredores das condutas de petróleo e gás, que a Sonangol montou para fugir dos aglomerados populacionais.

E as construções de casas são mesmo feitas sobre as tubagens ou muito próximo delas. As placas sinalizadoras do perigo ou da existência dessas

linhas são arrancadas continuamente. Os cidadãos ignoram simplesmente que as terras são do Estado e que cabe a este a sua distribuição e gestão. E que o petróleo produzido na área gera empregos e alimenta muitas famílias, sem falarmos dos impostos que verte para o erário público, que, em definitivo, sustentam as grandes obras sociais em benefício de todos os angolanos.

São vários os riscos a ter em conta, sobretudo quando se trata de condutas de gás. Podem ocorrer fugas e haver incêndios ou contaminação do ar. São vidas humanas que estão em perigo. Um exemplo bem ilustrativo da situação regista-se bem próximo do antigo campo de futebol da Fina Petróleos, hoje da Académica do Soyo, onde um poço de produção de gás reparte o mesmo terreno a escassos metros de distância com um restaurante-discoteca.

A questão que se coloca é de se saber a quem pedir responsabilidades, em caso de ocorrência de um acidente que tire a vida a essa mesma população que está a ocupar anarquicamente os espaços. Ao ritmo e na proporção em que estão a ser ocupados os terrenos, o Governo tem que agir já, sob o risco de parte dos poços de produção de petróleo e gás serem pura e simplesmente encerrados, com pesadas consequências em termos de desemprego e cortes na colecta de impostos, ou a população ser vítima de acidentes a qualquer momento. De resto, o que aconteceu em Quenguela Norte, na Bacia do Kwanza, poderá, a longo prazo, suceder no Soyo.

Poluição bélica

Outra grande preocupação com que convive a população do Soyo está relacionada com os danos que a guerra provocou nas infraestruturas petrolíferas. Por exemplo, em 1992 foram destruídos no Terminal de Quinquena dois tanques de armazenamento com capacidade para 400 mil barris de óleo bruto cada, mesmo diante da base de operações das Associações FS e FST operadas pela Somoil. Um dos tanques continua mer9ulhado numa mistura de óleo e água. O conteúdo do segundo já secou, mas o terreno continua contaminado.

Esta situação acontece um pouco por toda a concessão. Vários poços em produção haviam sido sabotados, o que deixou o óleo a céu aberto, gerando autênticas lagoas de petróleo.

Para os casos de poluição resultantes da guerra, é consensual que a despesa deve ser assumida pelo Governo. E, nesta direcção, está em estudo um programa ambiental para o Soyo, numa primeira fase com um investimento acima dos 100 milhões de dólares. Esta é apenas uma parte das necessidades, porque a descontaminação total dos terrenos afectados durante a guerra pode muito bem chegar aos 200 milhões de dólares.

Uma saída mais expedita para a questão seria as Associações FS e FST, por intermédio da sua operadora Somoil contratarem por sua conta empresas especializadas para executarem o trabalho, desde que os valores a pagar sejam depois deduzidos dos impostos que as empresas associadas na FS e FST pagam ao erário público pela operação na concessão.

2.6

tempestade Assola Bairros Ritondo e Quizanga

Novo Jornal

24 De Fevereiro de 2012

POR VOLTA das 16h00 de domingo, dia 19, mais de 20 residências dos bairros do Ritondo e Quizanga, município de Malanje, ficaram sem tecto. Outras ficaram parcialmente destruídas na sequência de chuva acompanhada de ventos fortes.

Cerca de 50 pessoas estão ao relento e aguardam por ajuda dos órgãos competentes do governo local (Comissão Provincial de Protecção Civil), de pessoas singulares ou colectivas de caridade.

Segundo Eva Adão Domingos, mãe de uma criança de dois meses de vida, houve “muitos estragos nas casas pela ventania da chuva”. Os seis membros da família não têm onde morar.

A área mais lesada foi a zona oito do bairro da Quizanga, onde os familiares de André Julião, de 18 anos de idade, foram obrigados a mudar de residência. “A chuva levou a chapa e deixou a casa arrebatada”, contou. João Caseia, de 84 anos, afirmou que tempestade destruiu parcialmente a sua residência. “Com a graça de Deus, se não fosse isso, nós os dois éramos para morrer com a outra família que está fora (...) a chuva bateu-nos aqui,

ficámos assim, mas a casa é que foi abaixo”, lamentou. Quatro pessoas encontravam-se na residência de João Caseia, das quais duas filhas e a esposa Domingas Caseia, agora acolhidas por uma das netas.

Os prejuízos foram enormes, mas terça-feira, dia 21, não havia qualquer pronunciamento das autoridades competentes sobre número de casas danificadas, lanchonetes e barbearias.

Uma tempestade idêntica deixou, em finais de 2011, no bairro do Ritondo, mais de 50 famílias sem tecto, incluindo estabelecimentos comerciais, escolas. Também árvores e instalações eléctricas foram arrancadas pelas rajadas de vento.

2.7

alta de chuvas soma estragos

Jornal O País

De 24 de Fevereiro de 2012

A sequência de chuvas com períodos de estiagem causa um grande impacto na preservação e desenvolvimento sustentável das regiões, considerou recentemente o director-geral para Aérea Técnica do Instituto Nacional de Meteorologia e Geofísica (INAMET), Francisco Osvaldo.

Em declarações à Angop sobre a falta de chuva que se regista na presente época em várias regiões do país, o meteorologista explicou que por essa razão é fundamental que se realize a monitorização meteorológica, em particular da precipitação, para uma avaliação adequada da disponibilidade de água numa determinada região.

Segundo a fonte, “a mudança climática (falta de chuva) afecta fundamentalmente o sector produtivo, sendo o mais visado o agrícola”.

Por esse motivo, Francisco Osvaldo aconselha os camponeses a criarem mecanismos para garantirem a irrigação do plantio, de modo a minimizarem os prejuízos na presente época agrícola. Explicou ainda que tal fenómeno (escassez de chuvas nesta época do ano) está a acontecer devido a variabilidade de baixa frequência na circulação geral da atmosfera e a fenómenos como o La Niña. O fenómeno La

Niña, que é o oposto ao El Niño, corresponde ao resfriamento anómalo das águas superficiais do Oceano Pacífico Equatorial Central e Oriental formando uma “piscina de águas frias” nesse oceano.

Trata-se de um fenómeno natural que produz fortes mudanças na dinâmica geral da atmosfera, alterando o comportamento climático.

Nele, os ventos mostram-se mais intensos que o habitual, faz com que o verão seja mais ameno com baixas temperaturas e as águas mais frias, que caracterizam o fenómeno.

Observa-se, ainda, uma intensificação da pressão atmosférica no Pacífico Central e Oriental em relação à pressão no Pacífico Ocidental.

F

2.8

camponeses do leste redobram produção para socorrer as áreas afectadas pela seca

Jornal de Angola

De 28 de Fevereiro de 2012

Os camponeses da Huíla, onde tem caído chuva com regularidade, foram incentivados, no Cuvango, pelo secretário provincial do MPLA, a aumentarem a produção agrícola para haver excedentes que acudam às populações dos municípios afectados pela estiagem.

João Tchipyngue afirmou que os habitantes do Cubango, lamba e Chipindo, onde tem chovido com regularidade, devem aproveitar, ao máximo, a “bênção de Deus” para produzirem alimentos em grandes quantidades.

Desde a segunda quinzena de Dezembro que não chove nos municípios do Lubango, Humpata, Chibia, Gambos, Quipungo, Matala, Cacula, Caconda e Caluquembe, o que tem prejudicado, principalmente, as culturas de milho, massango, massambala e feijão.

C

Aquele dirigente partidário lembrou que se não chover em breve nas localidades afectadas, as culturas já não são aproveitadas e vai haver falta de alimentos, de água e de pasto e que a fome vai aumentar.

E importante, referiu, que as trocas comerciais funcionem para minimizar a situação, mas para isso é preciso que as populações do leste forneçam milho, massango, massambala e feijão em troca de gado e produtos de outras regiões.

Nas áreas onde há estiagem, sugeriu, devem ser aproveitadas as baixas junto aos rios para produção de cenoura, cebola, alho, couve, repolho e de outros produtos que se desenvolvem com facilidade naquelas circunstâncias. O soba do sector do Indungo prometeu que os habitantes se vão empenhar na mobilização dos camponeses para se aumentar a produção e ajudar as localidades onde a seca devasta as culturas. Nicolau Kassanga sublinhou a importância das autoridades governamentais apoiarem os camponeses com mais sementes, charruas, adubos e com a reabilitação da via de acesso para facilitar o escoamento de produtos.

3. MARÇO DE 2012

3.1

aiwan Compra Petróleo de Angola

Jornal de Angola
01 De Março de 2012

A refinana de petróleo Taiwan CPC Corp adquiriu, na passada semana, seis milhões de barris de petróleo de Angola, uma decisão que pode estar relacionada com as sanções impostas ao Irão.

No ano passado, Taiwan importou cerca de 30 mil barris por dia de petróleo iraniano, o equivalente a cerca de um milhão de barris por mês.

Um acordo assinado há uma semana envolveu a aquisição de três milhões de barris de petróleo angolano do campo Nemba dois milhões de barris de Cabinda e um milhão de barris do campo Palanca, a serem entregues em Maio.

Informações divulgadas em Londres revelam que a Sonangol vendeu dois milhões de barris do Nemba e um milhão de barris do Palanca à empresa chinesa Unipec, subsidiária da Sinopec, e também vendeu um milhão de barris do Nemba e um milhão de barris de petróleo de campos situados em Cabinda à norte-americana Conoco.

3.2

úcleo dos engenheiros do Huambo esta preocupado com a desmatção

Jornal de Angola
01 De Outubro de 2012

Numa palestra realizada na terça-feira, no município do Londuimbali, o engenheiro Anaz Vidro disse que o derrube das árvores pode comprometer as gerações vindouras, com a criação de efeitos negativos na atmosfera.

"Devemos mobilizar a sociedade, nas aldeias, onde a prática de abate de árvores para o fabrico do carvão é maior", afirmou o especialista. Anaz Vidro referiu ser necessária a criação de um elo de ligação entre o núcleo da ordem e as autoridades locais, de modo a que possam participar também no desenvolvimento do município.

Na ocasião, o orador André Njamba aconselhou a população, autoridades tradicionais, educadores e responsáveis de outras instituições sociais para ajudarem a combater o abate indiscriminado de árvores, tendo em conta as suas consequências no futuro.

Para inverter o quadro, disse, é dever de todos a reposição e o manejo florestal, colocar em prática a legislação protectora, com a criação de reservas florestais, bem como a protecção total e exploração da floresta de I uma maneira racional e controlada. "Devemos tomar medidas exactas para oferecer alternativa aos produtos obtidos pela desflorestação e dar a conhecer a todos o que é a desmatção e as suas consequências", alertou.

O administrador municipal, Evaristo Lucas Ulombe, disse que o abate anárquico de árvores tem sido um problema sério na circunscrição e urge a necessidade de se pôr cobro à actividade. "O aquecimento global deve-se em grande parte às queimadas e abate indiscriminado de árvores. Deve-se encontrar mecanismos para se acabar com essas práticas", disse.

Água mineral" Alto Hama"

o responsável da empresa de enchimento de água mineral "Alto Hama", Hermany Gustavo de Almeida, disse que a unidade fabril entra em funcionamento em Março de 2011 e também vai produzir sumos, na localidade do Alto Hama.

Segundo Hermany Gustavo de Almeida, a fábrica está orçada em , 12 milhões de dólares norte-americanos e tem a capacidade para encher 30 mil garrafas de meio litro por hora, no primeiro ano. "Vamos aumentar o caudal para a captação de mais água e ter maior capacidade produtiva", afirmou.

O projecto engloba engarrafamento e produção de sumos e construção de um hotel com quarenta quartos. Hermany Gusta, de Almeida realçou que a fábrica vai empregar, de Março a Junho, mais de 30 trabalhadores e passa} a 130, no quarto semestre de 2011.

3.3

ressão humana põe em risco a floresta do Mayombe

Semanario O Factual

02 a 09 de Outubro de 2012

A floresta do Mayombe é uma área restrita de conservação ambiental, como modo de prevenir a degradação da sua biodiversidade.

O abate anárquico de árvores na floresta do Mayombe está a levar os ambientalistas a apelarem para a criação de uma brigada florestal especializada, para combater esta actividade ilegal dos garimpeiros da madeira.

Desta feita, os ambientalistas chamam a atenção para a necessidade de um estudo que apresente a real situação de Angola, quanto à disponibilidade dos recursos florestais, tendo em conta que existem parâmetros estabelecidos

internacionalmente para a exploração da madeira, por empresas licenciadas.

"A situação é muito complicada para fiscalizar uma densa floresta", concluiu o ambientalista Salomão Massala, quando interpelado pelo Factual.

Para Massala, o abate ilegal de madeiras exóticas e a subsequente destruição das florestas regressa à ordem do dia.

"Os danos infligidos à floresta do Mayombe pelos seres humanos são já irreversíveis , argumentou o ambientalista.

O seu colega Ricardo Zau adiantou que as consequências da actividade destrutiva dos homens são violentas a nível da floresta do Mayombe.

"A actividade humana tem causado tamanha pressão nas funções naturais do Planeta que a aptidão dos ecos sistemas para sustentarem as gerações futuras já não pode ser tomada como garantida", sublinhou.

Entretanto, na floresta de Mayombe os garimpeiros aproveitam a sua grandeza e a fraca capacidade técnica e material dos actuais fiscais para procederem ao corte desordenado de árvores, dizimando este portentoso património natural do norte de Angola.

P

"Grande parte da madeira abatida pelas empresas licenciadas é exportada através do porto de Ponta Negra, na República baixas", afirmou o madeireiro Ernesto Taty José.

"Os seres humanos alteraram os ecossistemas mais rapidamente nos últimos 50 anos do que em qualquer outra época, o que se ficou a dever, sobretudo, ao aumento de grandes explorações agrícolas, à exploração dos recursos energéticos, à destruição de florestas para comercialização das suas madeiras", acrescentou.

A floresta do Mayombe, como parte do património florestal universal, possui uma diversidade de flora e fauna, bastante rica, mas dramaticamente a madeira se tornou no recurso mais explorado da floresta, sobretudo de forma pirata.

Dados indicam que o pau-preto, o ébano, o pau-ferro e o pau-rosa, são algumas das qualidades mais referenciadas da madeira explorada no Mayombe, onde se podem encontrar árvores que possuem até 50 metros de altura.

A criação da Área de Conservação Transfronteiriça a norte da província de Cabinda (floresta do Mayombe) entre as República do Congo, Angola e RD Congo poderá salvar as perdas de um habitat e espécies muito importantes que ocorrem nessa região caracterizada por terra densa húmida, onde se encontra sem dúvida uma grande quantidade e variedade de espécies da flora e da fauna.

O economista Domingos Lwmbi diz que o papel das florestas como grande reserva genética, como fonte de novos produtos florestais e como habitat natural de milhões de diferentes espécies vegetais e animais, tem sido negligenciado.

"A protecção da biodiversidade angolana deve concentrar-se sobretudo em medidas "in situ", alocando-se recursos humanos e financeiros adequados para a preservação deste património nacional", frisou.

Exploração de madeira aquém das expectativas

O aproveitamento do potencial madeireiro dos recursos florestais, estimado em 26.000 m³/ano da floresta natural deve respeitar o princípio da sustentabilidade.

Actualmente a exploração da madeira em Cabinda não chega aos 10 mil metros cúbicos por ano, um valor bastante insignificante, atendendo às potencialidades existentes, o que significa que a floresta continua praticamente virgem.

A actividade de exploração florestal na província de Cabinda, neste momento, concentra-se em Buco-Zau e em Belize.

No município de Cabinda, esta actividade está suspensa devido à grande exploração que sofreu durante o período colonial, de modo a recuperar as zonas despidas de coberto florestal.

Segundo as autoridades de Cabinda, os actuais Índices de produção estão muito abaixo do potencial de produção e não são capazes de satisfazer o mercado nacional, fazendo com que a

indústria de construção seja obrigada a importar madeira para suas actividades.

"As áreas sob exploração florestal não têm um plano de manejo, já que o acesso ao recurso é feito através da emissão de licenças anuais, o que permite que a exploração seja selectiva", afirmou o economista Tomas Sabu.

Segundo ele, o requerente abate as espécies que mais lhe interessa, fazendo com que haja maior incidência sobre determinadas espécies em detrimento ou causando pouca valorização de um grande número de espécies madeiráveis que abundam nas florestas mas que actualmente estão fora do mercado.

Actualmente o Instituto do Desenvolvimento Florestal (IDF) está a estudar a possibilidade de passar da emissão das licenças anuais para as concessões, o que permitiria uma melhor gestão dos recursos num espaço temporal maior, mas tal decisão requer uma base legal para ser implementada.

"Esta é uma das várias razões que justificam a elaboração de uma nova base legal para promover o desenvolvimento florestal no país", acrescentou o economista.

Características da floresta do Mayombe

A floresta do Mayombe possui 290 mil hectares de floresta tropical, onde existem árvores com mais de 50 metros de altura. As principais qualidades de madeira existentes nesta floresta são o pau-preto, o ébano, o sândalo africano, o pau-raro e o pau-ferro.

Nesta floresta existe também uma fauna diversificada com chimpanzés, gorilas, elefantes e aves raras.

O Mayombe ocupa uma área de 650 quilómetros quadrados e localiza-se no meridiano 12 15 com paralelo 4 20. É limitada a norte pelo Congo Brazzaville, a leste pelo rio Luali, a oeste pelo rio Inhuca e a sul com a confluência dos rios Inhuca com o rio Luali.

A floresta é húmida com nevoeiro e abriga um espantoso número de espécies de madeiras de grande qualidade, tornando a sua exploração a segunda maior riqueza da província de Cabinda, depois do petróleo.

3.4

Agricultura itinerante pode ameaçar florestas

Jornal de Angola
08 De Março de 2012

O engenheiro florestal Simão Zau, director provincial do Instituto de Desenvolvimento Florestal (IDF) em Cabinda, alertou segunda-feira em Cabinda sobre o impacto negativo da agricultura itinerante na floresta do Maiombe.

Simão Zau disse que a maior preocupação da instituição na província de Cabinda tem a ver com a forma como os camponeses fazem uso da floresta, devastando largos espaços sem possibilidade de regeneração das plantas.

Conforme sustentou, os camponeses já não esperam seis meses para alargar as áreas de produção. "Derrubam cada vez mais árvores, arrancando as raízes, a ponto de não haver possibilidade de auto-germinação, o que constitui o maior perigo que a floresta enfrenta, em comparação com a actividade das empresas madeireiras", sustentou.

O engenheiro receia que a situação se agrave com a cedência de créditos aos camponeses, no quadro dos esforços do Executivo de combate à fome e à pobreza, o que, certamente, aumenta a sua capacidade de devastação e, em função disso, o exercício de uma maior pressão sobre a floresta.

No município de Bucu Zau, exemplificou, o IDF controla pelo menos 40 mil famílias camponesas e, de acordo com a instituição, cada família trabalha, em média, um quarto de hectare por ano.

"Ou seja, um hectare para quatro famílias, perfazendo um ritmo de devastação da floresta de dez mil hectares por ano", afirmou.

Por essa razão, o responsável defende a adopção de medidas tendentes a inverter o quadro, com o fomento de novas técnicas agrícolas no seio das comunidades rurais e a fixação dos camponeses em espaços previamente definidos, optando-se, doravante, pelo estabelecimento de fronteiras entre as áreas agrícolas e de exploração florestal, para que os camponeses não avancem em zonas que devem ser preservadas da devastação.

De entre as técnicas agrícolas a serem privilegiadas no seio das comunidades rurais, Simão Zau apontou a agro-silvicultura ou a agroflorestal e o reforço da fiscalização. Indicou ainda que, a par do garimpo da madeira, a exploração florestal autorizada e orientada, de momento, não suscita preocupação em Cabinda, porque, de acordo com o Fundo das Nações Unidas para a Agricultura (FAO), a exploração florestal contribui com apenas quatro por cento na destruição da floresta, enquanto a agricultura o faz em 64 por cento.

3.5

Juventude Ecológica Preocupada Com a Situação

O País
09 De Março de 2012

O estado em que se encontra a Zona Verde do Alvalade e outros espaços do género em Luanda preocupa a Juventude Ecológica de Angola (JEA), que, segundo o seu porta-voz, tem acompanhado a situação. "É preciso um projecto de manutenção das zonas verdes, porque são importantes espaços, que ajudam na manutenção da qualidade do ambiente e servem a população como espaços de lazer", realçou a fonte citada.

Há cerca de dois anos, segundo o ecologista começaram obras na Zona Verde do Alvalade, o que fez crescer a esperança de que seria reabilitada, contudo, os trabalhos pararam e a degradação é cada vez maior. "Não temos informação sobre os planos para a área e seria importante que fossem tornados públicos", realçou.

Quanto ao futuro das amplas áreas verdes de Luanda, José Silva realça que deverão ser totalmente reabilitadas, com a criação de espaços para plantação de novas árvores, e que as entradas nos locais controlados em toda a extensão por fiscais, para facilitar a sua conservação. "Em caso de intervenção deve-se evitar criar muitos espaços comerciais, porque podem descaracterizar a área", alertou.

A educação ambiental deverá também ser levada em conta, com a contribuição de educadores ambientais, para combater comportamentos errados por parte de visitantes como deitar lixo no chão ou destruir a relva. "Temos um problema de inconsciência e cultura de impunidade, que deve

ser combatida”, frisou ainda José Silva. O ambientalista chamou atenção para o impacto das zonas verdes para a qualidade do ambiente das cidades, tendo em conta que as árvores absorvem o dióxido de carbono do ar e libertam oxigénio. “Pelo seu importante papel, estes espaços devem ser conservados”, acrescentou.

Para ajudar no processo, José Silva realça que seria importante que as empresas que estão a erguer estruturas a volta das zonas verdes apoiassem na sua preservação, como forma de compensar a sociedade pelos danos causados tendo em conta o impacto ambiental dos projetos que estão a ser implementados.

3.6

zonas Verdes Abandonadas

O País

09 De Março de 2012

A medida que avançamos pela Zona Verde do Alvalade é visível o abandono a que está voltada. As árvores que antes coloriam o local de verde têm as folhas amareladas. Em meio ao lixo e cães vadios, crianças e jovens passeavam pelo local. Restos de troncos queimados denotavam o abate de árvores, que, segundo uma moradora de rua que estava na zona, são usadas para fazer lenha.

Adilson, 24 anos, que estava no local a fazer exercícios físicos, lamentou o estado em que se encontra o espaço. “Temos poucas zonas verdes em Luanda, é triste que esteja tudo assim, completamente abandonado, sem ninguém para proteger”, reclamou.

Receoso, Adilson contou - nos que mudou a sua rotina. Passou a frequentar o local apenas à tarde, porque de noite, devido à escuridão, teme pela sua segurança. “A maior parte dos postes de iluminação estão destruídos, tenho ouvido relatos de assaltos, então, tenho receio”, afirmou, acrescentando que o Governo precisa fazer algo, urgentemente, para “salvar a zona verde”.

Quem também está preocupado com a segurança no local é um dos moradores de uma das casas cujas janelas dão para a zona verde. Segundo o mesmo, que preferiu o anonimato com receio de represálias, durante a noite, meliantes circulam livremente pelo espaço e, inclusive, atacam os

transeuntes. “Como não há guardas e está tudo escuro, eles aproveitam-se”, reclamou, acrescentando que deveria haver um policiamento regular em todo o espaço.

O morador diz-se ainda decepcionado porque ao adquirir o imóvel fê-lo na expectativa de morar numa zona rodeado de árvores e com um ambiente saudável, o que não acontece neste momento. “Para mim, este espaço já não é digno de ter o nome que tem, basta olhar para o estado das árvores e o lixo espalhado pelo chão”, frisou.

Para além da questão da segurariça, o facto de uma ampla zona verde estar em risco preocupa quem visita o local, como o estudante Joel Ndele, 32 anos. Ele alerta que um espaço com árvores é importante para manter a qualidade do ar e que também é benéfico para as pessoas poderem passar momentos de lazer. “Temos poucos espaços, em Luanda, onde podemos descansar um pouco com a família, por isso, esta zona deveria ser preservada. A situação não pode continuar como está”, referiu.

Diante da situação, os populares pedem a intervenção urgente do Governo, no sentido de inverter o quadro e devolver a beleza e segurança a área.

Já na Zona Verde do Miramar a situação se repete. Lixo, folhas amareladas espalhadas pelo chão e moradores de rua tomaram conta do local. “Durante o dia há, inclusive, jovens que ficam aqui a drogar -se e há casos em que fazem assaltos e fogem para aqui”, explicou uma senhora que frequenta o local para fazer exercícios físicos.

“Esta é uma área muito grande, poderia ser reabilitada para podermos passear com as nossas famílias, fazer exercícios físicos, mas, de momento está subaproveitada”, lamentou a mesma fonte.

O abandono a que está voltada a Zona Verde do Miramar levou a que moradores de rua ocupassem espaços, cobertos com panos verdes, onde dormem. “Um amigo meu veio para aqui e, como também não tenho família e nem casa, decidi ficar aqui”, explicou um dos jovens que encontramos no local.

Contacto o Gabinete de Estudos e Planeamento (GEP), do Governo Provincial de Luanda, uma Fonte da referida instituição

informou-nos que foi feito, no ano passado, um estudo da situação da Zona Verde do Alvalade e que foi remetida uma proposta, ao Executivo, para a sua total remodelação. "Continuamos a espera que seja aprovada, para a sua execução", realçou.

Sem avançar valores, a referida fonte avançou apenas que serão necessários milhões de dólares para reabilitar as zonas verdes da área urbana de Luanda, mas fez questão de realçar que esta é uma prioridade dada a importância dos espaços para a qualidade de vida dos cidadãos.

3.7

Universidade Kimpa Vita Constroi Jardim Botânico

Jornal de Angola

12 De Março de 2012

Especialistas alemães iniciaram as acções de estruturação de um jardim botânico no bairro Quimosso, próximo do espaço onde está a ser erguido o edifício da Escola Superior Politécnica da Universidade Kimpa Vita, a cinco quilómetros da cidade do Uíge.

Christoph Neinhuis, director do Instituto de Botânica da Universidade Técnica de Dresden, disse que a criação do jardim botânico vai permitir, numa primeira fase, efectuar estudos, agrupar e preservar milhares de espécies num espaço de mais de 100 hectares.

"A criação deste espaço vai permitir que comecemos a descobrir muitas plantas e animais existentes na biodiversidade angolana que até agora são desconhecidas. Com as pesquisas que vamos efectuar na fauna local, vamos levar estes saberes aos terapeutas locais com vista à utilização correcta das plantas", referiu.

O reitor da Universidade Kimpa Vita, Carlos Diacanamua, destacou a importância da criação do jardim botânico e reconheceu que é uma tarefa difícil, sobretudo em relação ao processo de descoberta e agrupamento de diferentes espécies florestais, marinhas e animais.

"A biodiversidade apresenta até agora um campo fértil de investigação. A criação do jardim botânico é um facto inédito para a Universidade Kimpa Vita e para o país, tendo em conta que

pretendemos transformá-lo num espaço de investigação para os Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa, aos quais também solicitamos que sejam desenvolvidas acções de formação de quadros para o sector da Educação", referiu.

Maio r divulgação

A vice-governadora para o sector Político e Social, Maria Fernando da Silva, esclareceu que descobrir plantas ou voltar a plantá-las contribui para um clima salutar, admitindo que se todos nos esforçarmos na realização de acções que visam a redução da desmatagem e a degradação das florestas, "podemos ajudar a reduzir a emissão de gases com efeito de estufa".

Uma estruturação perfeita de projectos relacionados à biodiversidade pode, disse a vice-governadora, promover o desenvolvimento socioeconómico das comunidades e proporcionar melhorias no modo de vida das populações, através da diversificação da agricultura, protecção dos solos, de recursos hídricos, na criação de novos empregos e no uso e venda de recursos florestais.

A Universidade Kimpa Vila realiza de 13 a 15 deste mês de Março, no Uíge, as suas jornadas científicas subordinadas ao tema "O papel das cooperativas e energias sustentáveis na redução da pobreza", em alusão à abertura do ano académico em curso no país.

Os debates científicos visam contribuir para a divulgação e aplicação de métodos de produção e soluções tecnológicas e ecológicamente equilibradas para a protecção do ambiente despertar as comunidades, em particular, e a sociedade em geral sobre a importância das cooperativas no desenvolvimento e redução da pobreza em Angola. as jornadas científicas têm ainda como objectivo de promover a participação das comunidades sobre tudo a estudiantil na execução das políticas do executivo que visam combater a pobreza, incentivando as populações para uma actuação responsável como parte integrante da política socioeconómica e ambiental no país, sobretudo nas circunstâncias geográficas da sétima região acadé que compreende as províncias do Uíge e de Kwanza-Norte.

Comunicações científicas

Os trabalhos temáticos apresentados vão ser classificados de acordo com os conteúdos, alcance dos objectivos, técnicas de apresentação, inovação e criatividade do tema em questão. Segundo o regulamento das jornadas científicas da Universidade Kimpa Vita, os trabalhos apresentados pelos candidatos devem obedecer à descrição de um título, nome do autor e co-autor, introdução, justificativa, objectivos, metodologias, resultados e palavras-chave.

As jornadas científicas da Universidade Kimpa Vita têm a participação de docentes universitários e do ensino médio, membros do Governo Provincial, gestores de empresas públicas e privadas, membros da sociedade civil e especialistas estrangeiros.

3.8

Indústria Salineira É Abandonada

Semanário Factual

17 a 24 de Março de 2012

A destruição pela chuva do centro de formação de pescas "CEFOPESSA" em 2007, está, igualmente, na origem do abandono pelo sector de pescas da administração do Cacuaco, pois constitui o baluarte da formação de salineiros e dos pescadores profissional em Luanda.

As empresas que concentravam grandes quantidades de salinos não refinados transformaram-se em oficinas de mecânica, centros de artes marciais, esconderijos de meliantes para a venda e uso de estupefacientes e prostituição à luz do dia. Algumas destas empresas salgavam e embalam grandes quantidades de peixe e outras punham iodo no sal e enviavam para diferentes mercados da África Austral. Em contrapartida, todas ressentiram a falência por falta de apoios, de meios técnicos de última geração e de destruição de barcos e das salinas.

Segundo uma fonte da administração local, esta situação fez empobrecer e arruinar a indústria de sal, atirando centenas de famílias para o desemprego, sem indemnizações nem justificativas ao público consumidor do produto doméstico.

Habitantes descontentes Daniel Deodato, de 53 anos, antigo funcionário sénior das salinas, é pai

de nove filhos e avô de cinco netos. Afirmou ao Factual sentir-se abandonado pelo Sector das Pescas e, actualmente, dedicar-se à venda de Caporroto, bebida alcoólica derivada da cana-de-açúcar, no bairro dos Pescadores.

Os moradores mostram-se descontentes com a situação e consideram que a antiga parcela de evaporação das águas salgadas, há mais de 16 anos, está a ser vendida pela Administração de Cacuaco às empresas privadas e a terceiros.

O Factual constatou, ao longo do perímetro do espaço, que constituíam as antigas salinas de Cacuaco e verificou a existência de sinaléticas, expressando ocupações legais e, por outro, a instalação de microempresas de água potável, fábricas de blocos e um centro cultural infantil-juvenil.

Perante este problema, estão cerca de 30 famílias que perderam a propriedade das suas lavras.

Por falta de documentação legal, estes camponeses culpam a administração local de os retirar as parcelas de terra coercivamente e sem indemnizações, pelo que pedem a quem de direito, a fim de os ajudar.

As salinas onde se extraíam as águas-mães do magnésio, do bromo e do potássio e, posteriormente, a sua refinação nas antigas empresas localizadas no vila dos pescadores, nos arredores da orla marítima do município de Cacuaco, estão completamente destruídas e abandonadas.

Segundo a Administração Municipal de Cacuaco, as parcelas que compreendiam as antigas salinas estão reservadas para projectos sociais, como instituições de ensino superior, parques infantis, infra-estruturas administrativas e empresas de médio e grande porte.

Sobre o futuro da antiga escola de pescas destituída há cinco anos pela chuva, que, por sinal, contribuiu bastante para a formação dos jovens salineiros, a administração informou existirem projectos de resgate, mas, por; enquanto, as instalações administrativas terem sido transferidas para o município do Caze

3.9

populares que viviam próximo de valas receberam novas habitações no Zango

Jornal de Angola
18 De Março de 2012

Cinquenta e três famílias que viviam próximo das valas de drenagem das águas pluviais e residuais do Rio Seco e do Suroca, nos distritos da Maianga e do Sambizanga, em Luanda, foram ontem realojadas em novas habitações na vila do Zango 3, em Viana. O realojamento foi precedido de um inquérito social, no âmbito do programa de saneamento da cidade.

Em declarações à imprensa, o técnico do gabinete de relações públicas e comunicação da Unidade Técnica de Gestão do Saneamento de Luanda (UTGSL), Martiniano Pinto, esclareceu que o processo permite desafogar as valas de drenagem.

Martiniano Pinto disse que as novas habitações possuem infra-estruturas que valorizam as condições dos moradores realojados e acrescentou que as construções no Zango 3 têm mais qualidade.

"O processo de retirada e posterior realojamento não fica por aqui e neste momento estamos com uma estimativa de levantamento para realojamento a rondar as quatro mil famílias", afirmou .

Mudança de vida

Mário Domingos está entre os beneficiários do grupo de famílias que deixaram as imediações da vala do Rio Seco, na zona do Shabá. Satisfeito com a nova casa, reconheceu que as suas condições de vida melhoraram. Operário da construção civil, Mário Domingos elogiou a configuração das habitações e a qualidade da construção. Apenas fez um reparo sobre os problemas de distribuição de água no Zango 3.

Martiniano Pinto lamenta a situação, mas adianta que o problema está em vias de solução.

As obras de reperfilamento das valas de drenagem da cidade de Luanda tiveram início em 2007 e até agora a intervenção a cargo da UTGSL permitiu realojar mais de 700 famílias.

3.F0

ministros da CPLP reunidos em Luanda

Jornal de Angola
18 De Março de 2012

Os ministros do Ambiente da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP) vão analisar em Luanda, esta quarta-feira, as oportunidades e desafios de desenvolvimento sustentável dos Estados membros.

Antecedida de um encontro técnico de peritos, a reunião ministerial acontece no quadro dos preparativos da participação dos países da CPLP na Conferência das Nações Unidas sobre o Desenvolvimento Sustentável- Rio+ 20 - a decorrer de 20 a 22 de Junho do corrente ano, no Rio de Janeiro, Brasil.

Os participantes abordam a gestão adequada dos oceanos e recursos marinhos, segurança alimentar, desastres e calamidades naturais, floresta e biodiversidade.

A água como factor de desenvolvimento, energia e ambiente, degradação dos solos e desertificação, produção e consumo sustentável, governação ambiental e alterações climáticas são temas da reunião. O encontro vai permitir o fortalecimento da cooperação entre a comunidade no domínio do ambiente e da estratégia para o processo preparatório e durante a cimeira Rio +20.

No final, será aprovada e assinada a Declaração de Luanda, contendo as conclusões e recomendações do encontro, a ser orientado pela ministra angolana do Ambiente, Maria de Fátima Jardim, pelo facto do país ocupar a presidência da CPLP.

No final, deve ser aprovado e assinado a declaração de Luanda, documento onde constará as conclusões e recomendações do evento ministerial, a ser orientado pela ministra angolana do Ambiente, Maria de Fátima Jardim, pelo facto do país estar a assumir a presidência da CPLP, antecedida por Portugal, a 23 de Julho de 2010.

Além das delegações ministeriais da CPLP, participam nesta reunião uma delegação ministerial da Guiné Equatorial, na qualidade de observador, membros do governo, parlamentares e corpo diplomático acreditado em Angola, uma

Comissão Multi-sectorial para o Ambiente, directores nacionais e Organizações Não-Governamentais ambientais.

É a segunda vez que Angola acolhe um encontro de ministros da CPLP, depois do encontro realizado

no ano passado em que os Estados membros analisaram os avanços no domínio ambiental.

Na reunião de Luanda os ministros do Ambiente aprovaram um plano de acção para promover a [ca] implementação da Plataforma de Cooperação da CPLP no próximo biénio:

Os Estados membros decidiram aprimorar o sistema efectivo de informação das acções em curso nas diversas áreas temáticas através do estabelecimento da rede de comunicação entre os pontos focais e aborar os Termos de Referência da Coordenação da Área.

3.11

Ministros Traçam Estratégia Comum Para A Conferência Sobre O Ambiente

Jornal de Angola
20 De Março de 2012

Os ministros do Ambiente da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP) concertam hoje, em Luanda, estratégias do sector para apresentar à conferência Rio+20 sobre desenvolvimento sustentável e economia verde, a realizar em Junho próximo, no Rio de Janeiro.

Ontem, à chegada, 11 ministra do Ambiente de Portugal, Assunção Cristas, disse que vai aproveitar a sua presença em Angola para aprofundar a cooperação bilateral: "estamos a preparar um trabalho conjunto com outros países membros da CPLP, para ser apresentado à Conferência Rio+20 e deste modo vamos poder ter uma posição, tal como a que já tivemos em Joanesburgo", disse.

A ministra portuguesa admitiu que a seca resultante das alterações climáticas é uma das questões a ser analisada no encontro de ministros da CPLP, que vão igualmente abordar matérias ligadas à agricultura nos países membros. Angola assumiu a presidência da CPLP, sucedendo a Portugal, a 23 de Julho de 2010, durante a realização da Cimeira de Chefes de Estado e de Governo da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa. Além das delegações ministeriais da CPLP participam na reunião uma delegação ministerial da Guiné Equatorial, na qualidade de observador, membros do Executivo, deputados e membros do corpo diplomático acreditado em Angola. Durante os dois dias devem ser analisadas as possibilidades de cooperação entre os Estados membros, oportunidades e desafios de desenvolvimento sustentável dos países membro da comunidade. A reunião termina esta quinta-feira. As Nações Unidas já estão a receber sugestões e contribuições de países, grupos regionais, organizações internacionais e da sociedade civil, a fim de elaborar o documento base para Conferência da ONU sobre Desenvolvimento Sustentável-a Rio+20.

3.12

M sector florestal do país é mal explorado

Jornal de Angola
20 de Março de 2012

O vice-ministro para os Recursos Florestais, André Mota, considerou ontem, em Luanda, que o sector florestal é pouco explorado pelos empresários nacionais, em termos de investigação e ganhos.

André Mota fez esta afirmação durante uma conferência de imprensa realizada em alusão ao Dia Mundial da Floresta, que se assinala amanhã ..

Nã ocasião, o vice-ministro disse ser necessário investir mais neste sector. "Infelizmente, a nossa população ainda não entende correctamente a verdadeira importância das florestas, do bem que elas trazem para a vida humana, daí que façam uma gestão muito abusiva deste recurso", sublinhou.

Novas tecnologias

André Mota referiu que, para haver uma melhor exploração dos recursos florestais, é preciso "estarmos devidamente equipados com as novas tecnologias, porque este é um recurso que rende bem e precisamos estar bem munidos e equilibrados para explorar".

Relativamente às queimadas, o vice-ministro revelou que está em curso um estudo conjunto com o Ministério do Ambiente, no senti-

do de se encontrarem soluções para acabár com este grave problema. O Governo aprovou recentemente a política nacional das florestas, para reger de forma sustentável este recurso. Também aprovou a política de reabilitação da indústria para a transformação de madeira, no sentido de tornar a sua exploração mais eficaz. André Mota reconheceu que o número de fiscais florestais é insuficiente. Por isso, o Ministério de tutela está a trabalhar com a Polícia Nacional para reforçar a vigilância. O Executivo angolano gasta aproximadamente mais de dois milhões de dólares americanos na

protecção das florestas. O dia Mundial da Arvore, ou dia Mundial da Floresta, assinala-se a 21 de Março. A comemoração oficial teve lugar pela primeira vez no estado norte-americano do Nebraska, em 1872. Desde então a data tem sido assinalada anulamente em vários países do mundo.

3.13

alta de chuva na província condiciona aulas no Instituto

Jornal de Angola
21 De Março de 2012

A falta de chuvas na região do Uíge tem tido reflexos negativos, não só na vida dos agricultores, mas também na formação de técnicos para o sector agrícola. O Jornal de Angola apurou que a ausência de chuvas levou ao cancelamento das aulas práticas no Instituto Médio Agrário do Negage (IMAN).

Segundo Alves Fernandes, subdirector pedagógico, os sete hectares preparados pelos alunos do curso de Gestão Agrícola não podem ser semeados, porque os solos ficaram áridos.

O IMAN tem 428 alunos matriculados nos cursos de Produção Vegetal, Produção Animal, Recursos Florestais e Gestão Agrícola, ministrados por 55 professores angolanos e cubanos.

Recentemente, o instituto recebeu novos meios de ensino e equipamentos técnicos. "O laboratório, de informática está agora melhor apetrechado com alguns componentes que faltavam e recebemos também do Governo duas máquinas agrícolas com as respectivas alfaias para apoiar e melhorar as aulas práticas", disse Alves Fernandes.

O subdirector pedagógico disse que o orçamento do IMAN é insuficiente para manter todas as actividades curriculares e extra-curriculares. Alves Fernandes declarou que o dinheiro que o instituto recebe não chega para suportar os gastos em alimentação para os professores e os alunos provenientes das províncias de Luanda, Huambo e Malange, que vivem em regime de internato.

"Muitas vezes somos obrigados a reunir com os encarregados de educação para encontrarmos uma saída. Outro problema prende-se com a rede eléctrica. Vivemos de fontes alternativas. Quando há falhas, tudo fica paralisado, sobretudo os laboratórios que dependem da energia para funcionar. Por essa razão, apelamos a quem de direito para averiguar esta situação", declarou.

Alves Fernandes lamentou que os jovens do Uíge tenham deixado de se interessar por cursos agrícolas, em detrimento de outros, como os de administração e gestão, contabilidade, pedagogia, enfermagem, ciências humanas, biológicas e jurídicas.

"Só aparecem na instituição em momentos de desespero, quando se debatem com a falta de vagas nas diferentes escolas", sublinhou.

3.14

amílias sem tecto devido ao mau tempo

Jornal de Angola
21 De Março de 2012

A forte chuva, que caiu, no domingo de madrugada, no sector de Quifucussa, comuna de Mufuma, deixou 18 famílias sem tecto.

O administrador comunal de Mufuma disse que a chuva, acompanhada de vento forte, além das 8 casas, destruiu igrejas e duas escolas e provocou a fractura de uma perna de uma menor de Quifucussa.

Diogo Costa afirmou que, devido à seca, que durava há dois meses, está comprometida, na comuna, a colheita da primeira época agrícola. A exceção da mandioca que tem resistido, referiu, a estiagem afectou principalmente as culturas de jingtiba e de feijão.

habitações e o derrube de árvores. Os bairros mais afectados são os do Cauango, Kitonhi, Kimaria, Mubungo, Mufuma e Kijoão Mendes. Segundo dados da Administração Municipal do Dánde, sete casas ficaram completamente destruídas, enquanto as restantes ficaram sem tecto. O bairro Kijoão Mendes foi o mais afectado, com 36 casas sem tecto.

Francisco Sebastião Adão, da Administração Municipal, garantiu que estão a ser feitos esforços junto da Assistência e Reinserção Social e dos Bombeiros, para apoiar as vítimas. Dado o elevado número de casas afectadas. Administração Municipal não consegue dar resposta aos sinistrados, pois é difícil o acesso a várias zonas afectadas. Francisco Adão deu a conhecer a realização de uma reunião de emergência, marcada para o dia de ontem, com os membros dos Serviços de Protecção Civil e Bombeiros, para avaliar os estragos e tomar medidas. A rua principal do Caxito e algumas vias secundárias ficaram intransitáveis devido à queda de árvores, em consequência dos fortes ventos. Nos bairros mais afectados, as casas são rudimentares, feitas à base de adobes e pau a pique. E muitas estavam por baixo de árvores velhas. Para os agricultores as chuvas são bem-vindas, pois representam o estígio perança em colheitas abundantes. Mas Feliciano José, moradora no bairro Cauango, a chuva foi uma desgraça, pois perdeu quase tudo.

Revelou à nossa reportagem que teve de passar as primeiras horas de domingo ao relento com os seus filhos, pois a forte ventania levou as chapas do tecto. Feliciano José é a única que garante o sustento da família, daí que deposita esperança nas autoridades municipais para a ajudarem a cobrir a sua casa.

s-Iloradores das zonas

afectadas perderam, para além das casas, produtos alimentares perecíveis, electrodomésticos, colchões, loiças e dinheiro.

Enquanto continuar a chover, as pessoas que vivem próximo dos diques de protecção do rio, vão continuar sob ameaça de perderem os seus haveres.

O município do Dande, com sede na cidade do Caxito, debate-se ainda com sérios problemas no que toca ao saneamento básico. Tem 6.529 quilómetros quadrados e de 83 mil habitantes, A os poucos está a ganhar infra-estruturas sociais básicas. E constituída actualmente pelas comunas de Barra do Dande, Caxito, Mabubas, Quicabo e Úcua.

3.15

Chuvas Fortes Destrõem Casa No Caxito

Jornal de Angola
21 De Março de 2012

As chuvas e fortes ventos que se abateram sobre a cidade do Caxito causaram a destruição de 121 habitações e o derrube de árvores. Os bairros mais afectados são os do Cauango, Kitonhi, Kimaria, Mubungo, Mufuma e Kijoão Mendes. Segundo dados da Administração Municipal do Dánde, sete casas ficaram completamente destruídas, enquanto as restantes ficaram sem tecto. O bairro Kijoão Mendes foi o mais afectado, com 36 casas sem tecto.

Francisco Sebastião Adão, da Administração Municipal, garantiu que estão a ser feitos esforços junto da Assistência e Reinserção Social e dos Bombeiros, para apoiar as vítimas. Dado o elevado número de casas afectadas. Administração Municipal não consegue dar resposta aos sinistrados, pois é difícil o acesso a várias zonas afectadas. Francisco Adão deu a conhecer a realização de uma reunião de emergência, marcada para o dia de ontem, com os membros dos Serviços de Protecção Civil e Bombeiros, para avaliar os estragos e tomar medidas. A rua principal do Caxito e algumas vias secundárias ficaram intransitáveis devido à queda de árvores, em consequência dos fortes ventos. Nos bairros mais afectados, as casas são rudimentares, feitas à base de adobes e pau a pique. E muitas estavam por

baixo de árvores velhas. Para os agricultores as chuvas são bem-vindas, pois representam o estígio e a seca. Mas Feliciano José, moradora no bairro Cauango, a chuva foi uma desgraça, pois perdeu quase tudo.

Revelou à nossa reportagem que teve de passar as primeiras horas de domingo ao relento com os seus filhos, pois a forte ventania levou as chapas do tecto. Feliciano José é a única que garante o sustento da família, daí que deposita esperança nas autoridades municipais para a ajudarem a cobrir a sua casa.

s-Illoradores das zonas

afectadas perderam, para além das casas, produtos alimentares perecíveis, electrodomésticos, colchões, . lo iças e dinheiro.

Enquanto continuar a chover, as pessoas que vivem próximo dos diques de protecção do rio, vão continuar sob ameaça de perderem os seus hâveres.

O município do Dande, com sede na cidade do Caxito, debate-se ainda com sérios problemas no que toca ao saneamento básico. Tem 6.529 quilómetros quadrados e de 83 mil habitantes, Aos poucos está a ganhar infra-estruturas sociais básicas. E constituída actualmente pelas comunas de Barra do Dande, Caxito, Mabubas, Quicabo e Úcuá.

3.16

Programa de Cabinda Prevê Boa Colheita

Jornal de Angola
23 De Março de 2012

As colheitas do presente ano agrícola, em Cabinda, apesar da estiagem; podem superar as da época anterior, em que foram colhidas 570 toneladas de produtos diversos, afirmou à Angop, o secretário provincial da Agricultura, Pesca e Desenvolvimento Rural.

João Luemba lembrou que o governo provincial adquiriu adubos e alfaias e reequipou a brigada de mecanização agrícola, que, também deve receber, ainda este ano, tractores e outros instrumentos de trabalho para camponeses e empresários.

A falta de chuvas, disse, prejudicou parte da cultura de milho e de jinguba, mas não afectou a mandioca e outras plantações que resistem bem à seca.

Os prejuízos, garantiu, não são tão alarmantes como nas províncias que vivem exclusivamente de oleaginosas.

O secretário provincial declarou que a estiagem deste ano deve alertar as pessoas para a importância das motobombas e de outros equipamentos de rega durante calamidades naturais.

“No século XXI deve-se estar preparado para fazer agricultura com ou sem chuva”, disse e sublinhou que Cabinda se está a tornar auto-suficiente em mandioca, feijão macunde, jinguba, banana, batata-doce, inhame e taró e hortaliça, que constituem a base da alimentação e principal fonte de rendimento da população. O secretário provincial disse acreditar no aumento dos níveis de produção, tendo em conta a abertura das vias secundárias e terciárias e o clima de paz, que contribuem para o regresso das pessoas às áreas de origem.

As atenções do governo provincial, reafirmou, estão também viradas para a criação de uma rede de comercialização que, a par da promoção periódica de feiras agro-pecuárias, assegure o escoamento regular dos produtos.

A campanha agrícola deste ano previa 35 hectares de terra cultivada com o envolvimento de 34 mil famílias camponesas enquadradas no Programa Especial de Desenvolvimento Rural (PEDR) do Instituto de Desenvolvimento Agrário (IDA), com prioridade para as culturas de mandioca, banana, batata-doce, batata-rena, inhame e taró, jinguba e hortaliça.

O secretário provincial recordou que a província vive um problema devido à inoperância, há mais de dois anos, da brigada de mecanização agrícola, que obriga que a lavoura e a preparação de terras sejam feitas manualmente.

3.17

cesso à Baixa da Cidade Mais Díficil

Jornal de Angola

Os moradores dos bairros junto à estrada do Cacuaco passam por dificuldades nos dias de chuva, principalmente para chegarem ao centro da cidade. As dificuldades aumentaram nas artérias não asfaltadas e com buracos que dão acesso à estrada principal. O calvário dos que passam pela via da Petrangol até São Paulo ou ao Porto de Luanda, começa na zona do Ngoma, onde os trabalhos de reabilitação da via decorrem.

As estradas que saem dos bairros dos Ossos, Pedreira, São Pedro da Barra e Porto Pesqueiro desembocam na via que passa pela cadeia de Luanda. Nos dias sem chuva, passar por ali é um autêntico inferno. Os engarrafamentos e a poeira são os principais factores de preocupação dos passageiros e até dos agentes reguladores de trânsito.

Na zona da cadeia de Luanda, os problemas para peões e automobilistas continuam. Mas tudo fica ainda mais complicado nos dias de chuva.

A madrugada de ontem foi de chuva. Eliminou a poeira e trouxe a lama, os engarrafamentos e as dificuldades. O pior cenário foi na via que liga a rotunda da Boavista ao Porto Comercial.

Na estrada do Cacuaco os camiões provocam engarrafamentos. A Avenida Ngola Kiluange está interrompida por causa das obras de reabilitação.

Mas mais do que olhar para o sofrimento das populações e de quem passa por ali para chegar ao centro de Luanda, é necessário ver os frutos que a via trás para a província e para a economia nacional. É imperioso que as obras que estão em curso sejam aceleradas.

As equipas de trabalho deviam acelerar os trabalhos na Petrangol, na zona da cadeia de Luanda e na rotunda da Boavista para que as vias comecem a funcionar sem problemas. Só assim fica mais fácil chegar ao centro da cidade sem sacrifícios. Mesmo nos dias de chuva.

3.18

Angola no top 5 do Ambiente mundial

Jornal O País

Angola foi classificada entre os cinco países com melhor desempenho económico e ambiental num novo índice - Eco2 Index - construído por investigadores canadianos do UBC Fisheries Centre e da Global Footprint Network. Os resultados foram apresentados na reunião anual da American Association for the Advancement of Science (AAAS), no final de Fevereiro.

Os outros melhores países são a Bolívia, Narrubia, Paraguai e Argentina. Os cinco países pior classificados são os Emirados Arabes Unidos, a Coreia do Sul, Israel, Kuwait e Singapura.

Segundo a Ministra Fátima Jardim, "esta posição de Angola, num universo de cerca de 150 Países à escala mundial, vem confirmar o excelente trabalho que todos estamos a realizar para um Ambiente mais puro e sadio. Só com o esforço de todos, num quadro de democracia, poderemos educar ambientalmente os cidadãos, cumprindo assim os objectivos internacionalmente assumidos pelo nosso país. Esta classificação de Angola é disso prova bem evidente".

Este novo ranking Eco2 Index envolve 150 países e, na sua construção, os investigadores usaram dados recolhidos entre 1997 e 2007. Os dados económicos são provenientes do Banco Mundial e têm em conta déficits financeiros, a dívida pública e o produto interno bruto; os dados ecológicos provêm da Global Footprint Network e medem o consumo de recursos e os desperdícios produzidos por cada país em comparação com sua capacidade, expressa em recursos localmente disponíveis como terras agrícolas e energia.

O aumento crescente da população mundial, misturado com ameaça das mudanças climáticas e os crescentes problemas financeiros, foram as principais razões que levaram os investigadores da University of British Columbia a medir a "saúde" de 150 países de todo o Mundo. Tendo em conta a segurança económica e ecológica, os países de maior rendimento ficaram classificados entre os menos saudáveis. Muitos países de África e da América do Sul ficaram bem posicionados, oferecendo às gerações futuras maior segurança financeira, comida, água e energia.

3.19

huva intensa arrasa aldeia de Kifukussa

Novo Jornal

23 De Março de 20

Uma criança ficou com um dos membros inferiores partido em consequência da chuva e ventos fortes que arrasaram sexta-feira, dia 16, uma aldeia de Kifukussa, comuna de Kiwaba-Nzaji, mais de 100 quilómetros a norte da cidade de Malanje.

Segundo o administrador da referida localidade, Diogo Celestino da Costa, a tempestade deixou 18 famílias sem casa e descampou tectos a igual número de residências, a duas escolas e a uma igreja.

"As famílias pedem o apoio e nós, na qualidade de servidores públicos, temos a tarefa de passar esta informação a quem de direito para acudir a essas famílias", afirmou em declarações à rádio estatal local.

Depois de vários meses de estiagem, choveu em quase toda a extensão da província de Malanje, entre a madrugada e cerca das 10h00 de terça-feira, dia 20. A precipitação atingiu com intensidade os municípios de Malanje, Cacuso, Caculama, Calandula, Cangandala, Kiwaba-Nzaji, Luquembo e Kambundi-Katembo. O secretariado executivo da Comissão Provincial de Protecção Civil, segundo o seu porta-voz, Miguel Bernardo, apresentará um balanço sobre a situação nos próximos dias.

O administrador municipal de Calandula, Manuel Campos, que falava ao telefone, garantiu que o reaparecimento da chuva trouxe um sorriso aos camponeses. "Nesta época, depois de uma grande estiagem desde Dezembro, as chuvas são bem-vindas, porque as culturas e os créditos de campanha que foram" feitos pelos camponeses ficaram ameaçados".

Segundo Manuel Campos, os beneficiários em Calandula, 85 quilómetros a norte da sede provincial, não conseguiram devolver os valores ao banco, o que estava a criar constrangimentos para o êxito da campanha agrícola em curso. "As torneiras agora abriram para os camponeses, pensamos que durante dois dias", notou.

A 40 quilómetros a sul daquela capital, no município do Luquembo, o administrador Joaquim António Marta referiu que, se continuar a chover com a mesma regularidade, a situação alimentar poderá melhorar em breve com os recursos piscatórios que o rio Jombo oferece. "Choveu toda à noite. Neste momento está um quadro de chuva, creio que dentro de pouco tempo vai continuar a chover. As populações estão satisfeitas, porque sempre que chove há peixe. Temos dificuldades em ter peixe na sede do município e creio que nos próximos dias já teremos este problema, mais ou menos, resolvido", agradeceu.

Para o responsável de Cacuso, Furtado Azevedo, a segunda época da campanha já não será recuperada na totalidade. "Deveria iniciar-se um pouco mais cedo. Agora a produção vai, talvez, ligar-se ao cultivo de feijão. Se continuar a chover, teremos batata-doce de Cacuso" .

A recuperação da produção agrícola naquela região é o maior anseio das autoridades administrativas, dos agricultores e camponeses com o retorno das precipitações, mas infelizmente, alegam, estas fazem-se acompanhar de fortes rajadas de ventos, um aspecto menos positivo.

3.20

onas verdes de Luanda votadas ao abandono

O Independente

24 De Março de 2012

A educação ambiental é um dado a levar em conta, com bastante serenidade, com a contribuição de educadores ambientais, para combater comportamentos errados por parte de munícipes em relação ao destino que dão aos resíduos sólidos produzidos nas residências ou mesmo na via pública.

Esta educação deverá ser também acompanhada com programas exequíveis do governo ligados ao meio ambiente e à preservação da natureza, numa altura em que se verifica, neste campo problemas de inconsciência e cultura de impunidade, que devera ser combatido

Neste edição, e em alusão ao Dia Mundial da Árvore e Floresta, que se assinalou no passado dia

Z

21, chamamos a atenção para o impacto das zonas verdes na qualidade do ambiente das cidades, tendo em conta que as árvores absorvem o dióxido de carbono do ar e libertam oxigénio.

Os nossos alvos foram as antigas zonas verdes do Miramar e Alvalade hoje voltadas ao abandono.

A medida que a nossa reportagem avançava pela antiga Zona Verde do Alvalade era visível o abandono a que esta voltado o local. As árvores que antes «vestiam» o espaço de verde têm hoje as folhas amareladas.

No meio o amontoado de lixo e cães vadios, crianças e jovens passeavam pelo local. Restos de troncos queimados denotavam o abate de árvores que, segundo um/morador de rua que estava na zona, são usadas para fazer lenha.

Mendes Jamba, de 30 anos, que estava no local a fazer exercícios físicos, lamentou o estado em que se encontra o espaço. " Temos poucas zonas verdes em Luanda, é triste que esteja tudo assim, completamente abandonado, sem ninguém para proteger", reclamou.

Meio receoso, Joana dos santos contou-nos que mudou a sua rotina. Passava frequentemente no local até ao fim da tarde, vindo do local de trabalho, lá pelos lados do Zé Pirão a partir de sua residência localizada no Catambor. Usava a mesma rota no regresso à casa.

Hoje Joana evita passar pelo local a qualquer hora do dia temendo pela sua segurança. «A maior parte dos postes de iluminação estão destruídos, tenho ouvido relatos de assaltos, então, tenho medo», diz, acrescentando que o governo provincial precisa, com máxima urgência, fazer algo para «salvar a zona verde».

Quem também está preocupado com a segurança no local é um dos moradores de uma das casas cujas janelas dão para zona verde. Segundo o mesmo, que preferiu não se identificar, com o receio de represálias, durante a noite, meliantes circulam livremente pelo espaço e, inclusive, atacam os transeuntes. «Como não há guardas e está tudo escuro, eles aproveitam-se», denuncia, já reclamando por policiamento regular em todo espaço.

O morador diz-se ainda decepcionado porque ao adquirir o imóvel fê-lo na expectativa de morar

numa zona rodeada de árvores e com ambiente saudável. O que não é. «Para mim este espaço já não é digno de ter o nome que tem, basta olhar para o estado das árvores e o lixo espalhado pelo chão», lamenta.

Diante a situação, os moradores dos arredores clamam da intervenção do GPL, no sentido de intervir o quadro e devolver a beleza e segurança da área. Situação idêntica vive a zona verde do Miramar, igualmente área nobre da cidade capital. Ali também encontramos lixo, folhas ressequidas espalhadas pelo chão e como se não bastasse os moradores de rua assumiram o controlo da zona.

Durante o dia, aparecem jovens a drogarem-se e sobe o efeito de drogas fazem assaltos e fogem pela zona a fora, explicou um cidadão que frequenta o local para exercício físico.

«Esta é uma área muito grande, poderá ser reabilitada para podermos passear com as nossas famílias, fazer exercício ou estudar, mas de momento, a área está a ser aproveitada para fins que não são salutares», diz.

O abandono a que está votada a Zona Verde do Miramar levou a que moradores de rua ocupassem espaços, com cobertores ou panos onde dormem. «Eu vivo aqui porque não tenho família, nem casa e só por esta razão acabei por ficar aqui com o meu amigo», explica um adolescente.

Fontes do gabinete do planeamento do Governo Provincial de Luanda (GPL) dão conta que já foi feito, a cerca de dois anos, um estudo da situação da zona do Alvalade e que foi

Submetida uma proposta ao Executivo, para a devida actualização. O documento até hoje aguarda por aprovação.

Quanto ao futuro das amplas áreas verdes de Luanda, nota-se a criação de espaços para a plantação de novas árvores no local, ~ que as entradas nos locais controlados em toda extensão para facilitar a sua conservação, como o viveiro de coqueiros na Barra do kwanza.

3.21

Arborização em Luanda: A inércia que se faz Sentir

Semanário Factual

24 à 31 de Março de 2012

Criar cidades, vilas, povoações, até aldeias, é uma necessidade dos homens para viverem em comunidade, dada à interação própria no relacionamento dos seres.

Sendo assim, foi preciso criar infra-estruturas sociais, como escolas, hospitais, rede bancária, jardinagem e outros serviços de atendimento ao cidadão.

Sucede que no meio de tudo isto, uma questão primordial é dotar as localidades de arborização, tornando-as verdes a fim de proporcionarem o ar puro que se respira.

Que dizer de cidades como Paris, Londres, Washington, Berna, Madrid ou Helsínquia, com milhares de habitantes ávidos de ar se não fossem rodeados de árvores, as mais altaneiras possíveis, dando não só beleza mas também ar puro, numa altura em que os efeitos de estufa se fazem sentir com grande intensidade, arrastando consigo tempestades ou outros fenómenos que, como é óbvio, fogem ao controlo humano.

Não é por acaso que a Bíblia fala do Jardim do Éden, uma terra paradisíaca onde as árvores eram diversas, incluindo frutíferas.

Mas nota-se que no tempo de Adão e Eva não havia biliões de seres humanos, quer dizer que quanto maior o aglomerado maior deve ser a arborização, para uma simbiose saudável entre estes e a natureza.

No entanto, é notável que muitos países dão pouca importância à arborização das suas cidades, melhor dizendo, destroem florestas para criar novos centros populacionais e, em contrapartida, se esquecem de voltar a plantar árvores onde antes faziam parte da floresta.

Por isso, nunca é demais abordar a questão da plantação de árvores, que são a vida da natureza para a vivência do Homem.

Além disso, é sabido que a ausência de árvores traz consigo a desertificação que já é uma realidade em muitos países, nomeadamente os africanos.

E a cultura de plantação de árvores é pouco incentivada, fazendo com que grandes espaços permaneçam sem utilidade prática, quando podiam

ser preparados para feitura de jardins, algo tão precioso para as pessoas.

Luanda, a maior cidade de Angola, é o reflexo da ausência de árvores, pese o facto de algumas ruas da baixa serem ladeadas por árvores, não tantas quanto as precisas.

Mesmo assim, pode-se dizer que na maioria da cidade de Luanda as árvores são inexistentes, tanto para abrigar pedestres quando o sol está no seu apogeu, como para tonificar o ar que, como se sabe, a cada dia vem perdendo qualidade em função do tráfego automóvel e a libertação de dióxido de carbono dos escapes das viaturas.

Ora, é natural que a preocupação deveria ser mesmo a arborização de toda a cidade de Luanda, dada à sua extensão geográfica e demográfica. Luanda deve ter pelo menos seis milhões de habitantes, sem contar com a circulação de pessoas que entram e saem diariamente da capital.

Um olhar atento faz ver que novas centralidades todos os dias em Luanda, mas, estranhamente, nenhuma delas contempla arborização, pese o facto de terem arruamentos asfaltados, nem jardinagem, sendo aglomerados onde o sol bate, escurece a pele das pessoas porque não há uma sombra protectora.

Veja-se o crescimento dos Zangos: Algumas árvores existiam na região mas, com a construção de aglomerados, a questão da arborização foi esbatida para dar lugar a casas. E hoje, o que se observa é: O sol tórrido cai sobre os moradores, que não encontram uma sombra para descansar, e a solução é caminhar, transpirar até à casa onde o calor aumenta, porque também ela não tem à volta qualquer planta para purificar o ar.

Pouca gente se dá conta que o ar de Luanda está envenenado pelo excesso de viaturas, as mortes por doenças pulmonares são cada vez em maior número, quando a solução passa mesmo pela plantação exaustiva de árvores.

Algumas zonas de Luanda tidas como pulmões da capital, como a zona verde, no Alvalade, a floresta do Kinaxixi e dos Coqueiros, foram importantes para purificação do ar. Alguns projectos estão em curso para sua reabilitação dessas áreas, mas são uma gota do Oceano, dado que as zonas habitacionais criadas recentemente estão despidas de arvore-

do, quando as mesmas não têm hospitais onde recorrerem em caso de uma enfermidade devido ao calor sufocante.

O pior é ver crianças calcorrearem grandes distâncias, ao saírem da escola, sem que vislumbrem uma árvore onde descansarem por um tempo e sentirem frescor à sua volta.

Portanto, para que Luanda possa crescer sadiamente, os empreiteiros, ao apresentarem os seus projectos habitacionais, devem incluir o verde, de modo a que as novas centralidades tenham jardins e zonas arborizadas, quiçá, pequenas florestas onde estudantes possam conhecer o meio que os rodeia, com a certeza de que o seu futuro será diferente, como o Jardim do Éden.

3.22

Inércia Que Se Faz Sentir...

Factual

24 De Março de 2012

Criar cidades, vilas, povoações, até aldeias, é uma necessidade dos homens para viverem em comunidade, dada à interacção própria no relacionamento dos seres.

Sendo assim, foi preciso criar infra-estruturas sociais, como escolas, hospitais, rede bancária, jardinagem e outros serviços de atendimento ao cidadão.

Sucedem que no meio de tudo isto, uma questão primordial é dotar as localidades de arborização, tornando-as verdes a fim de proporcionarem o ar puro que se respira.

Que dizer de cidades como Paris, Londres, Washington, Berna, Madrid ou Helsínquia, com milhares de habitantes ávidos de ar se não fossem rodeados de árvores, as mais altaneiras possíveis, dando não só beleza mas também ar puro, numa altura em que os efeitos de estufa se fazem sentir com grande intensidade, arrastando consigo tempestades ou outros fenómenos que, como é óbvio, fogem ao controlo humano.

Não é por acaso que a Bíblia fala do Jardim do Eden, uma terra paradisíaca onde as árvores eram diversas, incluindo frutíferas.

Mas nota-se que no tempo de Adão e Eva não havia bilhões de seres humanos, quer dizer que quanto maior o aglomerado maior deve ser a arborização, para uma simbiose saudável entre estes e a natureza.

No entanto, é notável que muitos países dão pouca importância à arborização das suas cidades, melhor dizendo, destroem florestas para criar novos centros populacionais e, em contrapartida, se esquecem de voltar a plantar árvores onde antes faziam parte da floresta.

Por isso, nunca é demais abordar a questão da plantação de árvores, que são a vida da natureza para a vivência do Homem.

Além disso, é sabido que a ausência de árvores traz consigo a desertificação que já é uma realidade em muitos países, nomeadamente os africanos.

E a cultura de plantação de árvores é pouco incentivada, fazendo com que grandes espaços permaneçam sem utilidade prática, quando podiam ser preparados para feitura de jardins, algo tão precioso para as pessoas.

Luanda, a maior cidade de Angola, é o reflexo da ausência de árvores, pese o facto de algumas ruas da baixa serem ladeadas por árvores, não tantas quanto as precisas.

Mesmo assim, pode-se dizer que na maioria da cidade de Luanda as árvores são inexistentes, tanto para abrigar pedestres quando o sol está no seu apogeu, como para tonificar o ar que, como se sabe, a cada dia vem perdendo qualidade em função do tráfego automóvel e a libertação de dióxido de carbono dos escapes das viaturas.

Ora, é natural que a preocupação deveria ser mesmo a arborização de toda a cidade de Luanda, dada à sua extensão geográfica e demográfica. Luanda deve ter pelo menos seis milhões de habitantes, sem contar coma circulação de pessoas que entram e saem diariamente da capital.

Um olhar atento faz ver que novas centralidades todos os dias em Luanda, mas, estranhamente, nenhuma delas contempla arborização, pese o facto de terem arruamentos asfaltados, nem jardinagem, sendo aglomerados onde o sol bate, escurece a pele das pessoas porque não há uma sombra protectora.

Veja-se o crescimento dos Zangos: Algumas árvores existiam na região mas, com a construção de aglomerados, a questão da arborização foi esbatida para dar lugar a casas. E hoje, o que se observa é: O sol tórrido cai sobre os moradores, que não encontram uma sombra para descansar, e a solução é

até à casa onde o calor aumenta, porque também ela não tem à volta qualquer planta para purificar o ar.

Pouca gente se dá conta que o ar de Luanda está envenenado pelo excesso de viaturas, as mortes por doenças pulmonares são cada vez em maior número, quando a solução passa mesmo pela plantação exaustiva de árvores.

Algumas zonas de Luanda tidas como pulmões da capital, como a zona verde, no Alvalade, a floresta do Kinaxixi e dos Coqueiros, foram importantes para purificação do ar. Alguns projectos estão em curso para sua reabilitação dessas áreas, mas são uma gota do Oceano, dado que as zonas habitacionais criadas recentemente estão despidas de arvoredo, quando as mesmas não têm hospitais onde recorrerem em caso de uma enfermidade devido ao calor sufocante.

O pior é ver crianças calcorrearem grandes distâncias, ao saírem da escola, sem que vislumbrem uma árvore onde descansarem por um tempo e sentirem frescor à sua volta.

Portanto, para que Luanda possa crescer sadiamente, os empreiteiros, ao apresentarem os seus projectos habitacionais, devem incluir o verde, de modo a que as novas centralidades tenham jardins

e zonas arborizadas, quiçá, pequenas florestas onde estudantes possam conhecer o meio que os rodeia, com a certeza de que o seu futuro será diferente, como o Jardim do Éden.

3.23

ilhares de árvores plantadas na província

Jornal de Angola

29 De Março de 2012

Mais de 30.000 árvores, entre eucaliptos, casuarinas, pinheiros e cedros, vão ser plantadas, durante este ano, em várias localidades da

província do Huambo, anunciou "ontem o director do Instituto de Desenvolvimento Florestal (IDF).

Andrade Baú referiu que os municípios do Londuimbali, Caála e Ecunha, a comuna de Cumbila e o sector de Cambiote, nos arredores da cidade do Huambo, vão ser as zonas beneficiadas.

O projecto começou no ano passado, no município do Bailundo. Este ano, o programa chega ao Londuimbali, numa extensão de 30.000 hectares, e na Caála, com a 'plantação' de 2.500 espécies, no Centro de Multiplicação de Suínos, além de 500 árvores, na Ecunha.

O objectivo deste programa de plantação de árvores, disse o director provincial do Instituto de Desenvolvimento Florestal, é actuar nas áreas mais exploradas, com vista à reposição da cintura verde.

Andrade Baú disse que, para além da campanha de plantação de árvores, o Instituto de Desenvolvimento Florestal distribuiu, este ano, 20.000 plantas aos agricultores, fazendeiros e a Organizações Não Governamentais. Está ainda prevista a arborização da Sacahala, arredores da cidade do Huambo, numa parceria com a Direcção Provincial da Família e Promoção da Mulher, no âmbito do programa "Março Mulher", por ser uma das áreas mais atingidas pela exploração ilegal de madeira.

Exploração anárquica

O director provincial do Instituto de Desenvolvimento Florestal salientou que as 'campanhas vão prosseguir, também, nas áreas do Sanguengue, no município do Catchiungo e no perímetro florestal do Mundundu, no Ucuma.

Nestas localidades, a direcção do Instituto de Desenvolvimento Florestal está preocupada com a exploração anárquica das florestas, sem o consentimento do Instituto de Desenvolvimento Industrial de Angola (IDIA), entidade responsável pela área. A floresta natural do Huambo está a ser danificada por causa do corte de árvores para o fabrico de carvão, principalmente ao longo das vias de acesso às outras províncias. Andrade Baú avisa que "toda a pessoa que precisar de explorar determinada área florestal deve fazê-lo, no quadro da Lei, a começar pela sua legalização nas

administrações municipais e na direcção provincial do Instituto de Desenvolvimento Florestal".

Pediu às autoridades tradicionais e membros da sociedade civil para passarem a mensagem à população sobre a importância da preservação das florestas e a sua importância como património da sociedade.

3.24

huva cria embaraço em Luanda

Semanário Continente

30 De Março de 2012

Como tem sido hábito, as zonas consideradas mais críticas durante a estação chuvosa, nomeadamente os municípios do Cazenga, Cacuaco, Rangel e Viana, não deixam de apresentar dificuldades aos seus munícipes.

No bairro Nelito Soares e Marçal, ambos distritos do Rangel, muitas ruas ficaram inundadas e intransitáveis. Para tornar possível a circulação das pessoas, os moradores colocaram travessias.

O mesmo cenário se constatou no Cazenga, concretamente nos arredores do mercado Asa Branca, onde algumas ruas e residências sofreram pequenas inundações devido às chuvas.

Os moradores daquela zona têm sabido contornar a situação, criando barreiras para que as águas das ruas não invadam as suas casas.

A questão do saneamento básico é também outra preocupação dos luandenses, a sua ausência torna-se bastante crítica nessa época. As empresas de recolha e tratamento de resíduos sólidos não têm capacidade para conter a situação.

Esta situação está a ser favorável para o surgimento de doenças endémicas, com maior incidência às doenças respiratórias, paludismo e diarreias agudas.

Segundo peritos da saúde, estas doenças precisam de cuidados redobrados para a sua prevenção, sobretudo quando se está em plena época chuvosa.

"Mas este ano tudo mostra que o impacto da chuva não será enorme como o do ano passado, em que as enxuradas provocaram danos materiais

e vítimas mortais", comentou um taxista que fazia referência às últimas chuvas que caíram recentemente em Luanda.

O interlocutor compara que nos anos anteriores o mau estado das vias de acesso era a principal dor de cabeça, já que as mesmas se encontravam em obras. "Agora é quase coisa do passado", acrescentou.

Taxistas aproveitam para facturar

O mau estado das principais vias de comunicação, adicionado à chuva, é uma das oportunidades que os taxistas aproveitam para facturar, sob o olhar silencioso das autoridades.

Para além de encurtarem as rotas, sobem a tarifa da corrida, de 100 para 200 kwanzas.

Os táxis que fazem a rota Kikolo/ Cuca e vice-versa, são acusados de serem os que mais especulam, subdividindo este trajecto em três paragens, o que obriga aos passageiros a desembolsarem o triplo. Para quem pretende atingir a zona do São Paulo, no total deve gastar 400 kwanzas.

Os taxistas justificam o mau estado em que se encontra a rua Ngola Kiluanje e pelos embaraços que as obras em curso naquela via têm causado ao trânsito rodoviário.

O troço Luanda/Viana também não foge à regra, segundo apuramos os troços compreendem, Viana/Estalagem, Estalagem/Grafanil, Grafanil/Frescangol e Frescangol/Congolenses e por fim Congolenses/1º de Maio, que no fim deste todo processo o cliente gasta até 500 Kwanzas. Rodrigues Faustino, morador do bairro Textang 11, comuna do Kikolo, lamenta e diz não suportar as despesas. O interlocutor advoga a reparação das vias, com a maior urgência possível para se acabar com o sofrimento da população, uma vez que se advinham dias piores.

Por outro lado, a reportagem do CONTINENTE apurou que, em virtude da chuva que caiu nos últimos dias em Luanda, no troço que liga Kikolo/ Estalagem, os passageiros fazem-no de camiões e carrinhas com tracções, uma vez que o mesmo está bastante degradado por ser de terra batida em toda sua extensão.

Os utentes da via Ngola Kiluanje lamentaram o facto de se retomarem as obras apenas em épocas de chuvas, o que tem estado a criar sérios transtornos.

3.25

divinha-se boa colheita agrícola

Semanário Factual

31 à 7 de Março de 2012

Após três meses de ausência de chuva, a camponesa Maria Chivela teme como pagar o crédito agrícola que recebeu de um banco privado.

"A culpa não é nossa, o Executivo tem de encontrar mecanismo para intervir junto dos bancos", afirmou ao Factual Matos Neves, marido da Maria Chivela, camponês nos arredores da cidade do Kuito.

Apesar de já estar a chover, a província do Bié enfrentou seca que coloca em causa a segurança alimentar.

Mesmo que chova até ao mês de Maio, o rendimento será fraco", explica uma outra camponesa, Antónia Ngueve.

No seguimento de três meses sem chuva, a situação tornou-se cada vez mais preocupante, sendo que a maioria da população angolana vive da agricultura de subsistência, prevendo-se um cenário muito complicado este ano, em termos da campanha agrícola.

O Executivo local já tomou providências, no sentido de reforçar a reserva alimentar", deu a conhecer um engenheiro agrónomo, segundo o qual a questão da segurança alimentar reveste-se de maior importância, devido a uma considerável dependência de importações de bens alimentícios.

Consequências já estão a ser sentidas pelas populações

"O problema da seca no Bié representa uma ameaça à segurança alimentar das populações", segundo as autoridades daquela província.

Para o agrónomo Samuel Chende, a seca, além de ser um problema climático, é uma situação que gera dificuldades sociais às pessoas que habitam na região afectada.

Com a falta de água, torna-se difícil o desenvolvimento da agricultura e a criação de animais. Desta forma, a seca provoca a falta de recursos económicos, gerando fome e miséria", acrescentou ao Factual a fonte.

O Factual apurou que, na província do Bié, as autoridades locais começaram, nos últimos dois anos, por executar diversos programas produtivos, com vista a reactivar e a relançar os sectores da agricultura e do desenvolvimento rural, das pescas, da pecuária e do ambiente, visando o aumento da produção de bens e de serviços na região.

No sector agrário, iniciou um programa de fomento, com vista ao relançamento das capacidades produtivas da província.

Este programa destina-se a reunir os factores de produção e os inerentes à produção agro-pecuária e organizar os serviços de comercialização.

A direcção local relançou culturas básicas, como o feijão, o milho, a mandioca e a batata-doce, tendo em conta o facto de as próprias comunidades camponesas possuírem sementes de qualidade. Começou-se com o relançamento das culturas de arroz, do trigo, do girassol, do café arábica, da soja e da fruticultura que, no passado, ficaram inactivas por consequência do conflito.

Estão em curso acções, visando fazer o repovoamento de efectivos de bovinos, caprinos, aves e outros animais, pelo facto de a maioria das espécies ter sido dizimada pelo conflito armado.

Neste sector, está-se a trabalhar, igualmente, no melhoramento animal para se fazer a inseminação artificial e a concepção de unidades zoo-sanitárias que compreendem mangas de vacinação, habitação dos técnicos, tanques banheiros e farmácia veterinária.

Há em funcionamento no Bié um programa de fomento avícola que permitirá o crescimento do efectivo animal e a constituição de uma fonte alternativa de rendimento familiar.

A agricultura tem merecido maior atenção por ser actividade que ajuda no combate à pobreza .

Há interesse dos grandes e pequenos produtores, fazendeiros e criadores de gado, de desenvolver os seus projectos, com o apoio dos bancos comer-

ciais, através do crédito bancário, daí que mereça atenção por ser uma actividade que ajude no combate à fome e à pobreza.

A província necessita de pequenas indústrias transformadoras, como, por exemplo, de massa tomate, de descasque de arroz, de frutas diversas e de outros que vão impulsionar os camponeses a aumentar a sua produção.

Os produtos agrícolas do Bié são, geralmente, comercializados nas regiões do Huambo, de Luanda, de Benguela, do Kuando-Kubando e do Moxico.

Os agricultores continuam a precisar de fertilizantes, de sementes e de instrumentos de trabalho (catanas, limas, pulverizadores, gado de tracção, alfaias, entre outros), no sentido de aumentar a produtividade a nível da região.

Refira-se que a UNACA, na província do Bié, conta, actualmente, com oito mil e 302 associações de camponeses e duas mil e 43 cooperativas.

Mais de cinco mil e 663 camponeses da província do Bié beneficiaram do Crédito Agrícola de Campanha nos últimos tempos, programa do Executivo Angolano que visa o combate à fome e à pobreza.

Os camponeses, através do Crédito Agrícola de Campanha, têm adquirido, no mercado local, sementes, fertilizantes, gado de tracção animal, entre outros meios de trabalho.

Também estão garantidas as sementes, fertilizantes, meios de produção e financeiros, para que a campanha agrícola 2011/12 na província decorra sem sobressaltos.

O Crédito Agrícola de Campanha tem tido sucesso em todo o Bié, graças à pronta-intervenção do Banco de Poupança e Crédito (BPC), do Banco de Comércio e Indústria (BCI), do BAI Micro finanças e o do Banco SoL.

Camponeses têm de proteger o ambiente

O Executivo do Bié está preocupado com o aumento indiscriminado de abate das árvores, essencialmente para o fabrico de carvão, bem como o uso de lenhas no seio das populações da região.

O corte desordenado de árvores, na província, está a tomar já rumos alarmantes, e a acção deve-se ao nível de pobreza por parte da população.

As autoridades defendem que a Direcção da Agricultura sensibilize os produtores de carvão, os camponeses e a sociedade em geral, para mudar de consciência, acerca da responsabilidade a ter com as florestas e a fauna.

O Instituto de Desenvolvimento Florestal (IDF) traçou o programa de combate à desertificação, em que serão plantadas mais de um milhão de árvores anualmente, a nível da província do Bié.

3.26

população deve reflectir na preservação da floresta

Jornal de Angola
24 De Março de 2012

O director do Instituto de Desenvolvimento Florestal (IDF) no Cunene, Abel Alcino Zamba, alertou ontem a população em Ondjiva a reflectir mais em acções de preser-

vação das florestas para a salvaguarda do ecossistema.

Numa cerimónia alusiva ao Dia Mundial da Floresta, Abel Zamba sublinhou que as constantes queimadas, o abate indiscriminado de árvores para o fabrico de carvão e lenha contribuem bastante para a degradação das florestas na região.

"A devastação das florestas na província está a atingir níveis alarmantes e pedimos, por isso, à população a dar mais atenção ao ecossistema, por constituir um valioso recurso natural, renovável e gerador de múltiplos serviços e bens para a economia, ambiente e qualidade de "vida dos cidadãos", adiantou.

O director frisou que o Ministério do Ambiente, através IDF, está a desenvolver, desde o ano de 2009, um programa de combate à desertificação no litoral e no Cunene, com a criação de viveiros em todas as sedes municipais, em colaboração com as autoridades locais que aplicam políticas florestais nas suas áreas de jurisdição.

O responsável do IDF no Cunene recordou que com o Dia Mundial da Floresta pretende-se

contribuir para a sensibilização da sociedade acerca da importância da árvore e dos espaços florestais.

3.27

Angola nos cinco melhores desempenhos num novo índice económico e ambiental

O Independente

24 De Março de 2012

Angola foi classificada entre os cinco países com melhor desempenho económico e ambiental num novo índice - Eco2 Index - construído por investigadores canadianos do UBC Fisheries Centre e da Global Footprint Network. Os resultados foram apresentados na reunião anual da American Association for the Advancement of Science (AAAS), no final de Fevereiro. Os outros melhores países são a Bolívia, Namíbia, Paraguai e Argentina. Os cinco países pior classificados são os Emirados Árabes Unidos, a Coreia do Sul, Israel, Kuwait e Singapura.

Segundo a Ministra Fátima Jardim, "esta posição de Angola, num universo de cerca de 150 Países à escala mundial, vem confirmar o excelente trabalho que todos estamos a realizar para um Ambiente mais puro e sadio. Só com o esforço de todos, num quadro de democracia da Nação, poderemos educar ambientalmente os cidadãos, cumprindo assim os objectivos internacionalmente assumidos pelo nosso País. Esta classificação de Angola é disso prova bem evidente", conclui a titular da pasta do Ambiente. Este novo ranking ECO2- Index envolve 150 países e, na sua construção, os investigadores usaram dados recolhidos entre 1997 e 2007. Os dados económicos são provenientes do The World Bank têm em conta os défices financeiros, a dívida pública e o produto interno bruto; os dados ecológicos provêm da Global Footprint Network e medem o consumo de recursos e as desperdícios produzidos por cada país em comparação com sua capacidade, expressa em recursos localmente disponíveis tais como terras agrícolas e energia.

O aumento crescente da população mundial, misturado com a ameaça das mudanças climáticas e os crescentes problemas financeiros, foram as

principais razões que levaram os investigadores da University of British Columbia a medir a "saúde" de 150 países de todo o Mundo. Tendo em conta a segurança económica e ecológica, os países de maior rendimento ficaram classificados entre os menos saudáveis. Muitos países da África e da América do Sul ficaram bem posicionados, oferecendo às gerações futuras maior segurança financeira, comida, água e energia.

"Nós ouvimos diariamente nas notícias que os países estão a sofrer com os problemas financeiros," diz Rashid Sumaiya, director do UBC Fisheries Centre, "mas isto é apenas metade da história. Acumular défices ecológicos é tão preocupante como acumular défices financeiros ambos têm consequências para as futuras gerações".

Globalmente ao longo da década, o índice demonstra que os dados baixam progressivamente, devido aos crescentes défices ecológicos em muitos países.

De acordo com a classificação deste Eco2 Index, muitos países de elevado rendimento, como o Japão, os Estados Unidos da América, vários países europeus e do Médio Oriente rico em petróleo, apresentamos piores desempenhos - principalmente devido aos elevados défices ecológicos.

3.28

chuva devolve a alegria aos campos de Paranhos

Jornal de Angola

24 De Março de 2012

Agricultores da região agrícola de Paranhos manifestam-se bastante satisfeitos com as chuvas que caíram na região de Caxito, na província do Bengo, nos últimos três dias.

Ontem, foi possível constatar o trabalho de limpeza dos campos já cultivados e a alegria estampada nos rostos dos camponeses. Para Domingos Fernando, que pratica a agricultura familiar, o início das chuvas é bem-vindo, uma vez que garante as condições necessárias para as sementeiras do milho, beringela e gimboa.

O agricultor revelou que estão já a ser feita a preparação da terra para o próximo período agrícola, que pode ser aberto entre os meses de Julho e Agosto.

Domingos Fernando disse que a falta de chuvas provocou grandes prejuízos às culturas do milho e da banana. Amadeu Chipoco, agricultor há mais de 10 anos, sublinhou a qualidade dos solos da região, mas adiantou que a falta de chuvas atrasou as sementeiras.

"Estamos a preparar a terra para depois colocar as sementes de repolho, tomate, pimento; beringela e milho, em grande escala, tendo em conta que o terreno é fértil para o cultivo desses produtos", garantiu.

O agricultor Armando Pedro manifestou-se satisfeito pelas chuvas dos últimos três dias, mas lamentou o facto de o perímetro agrícola estar sem energia eléctrica há mais de um mês, o que impede o funcionamento da electrobomba para fazer a rega dos campos quando há falta de chuva.

Neste momento, a maioria dos agricultores da vila dos Paranhos está a fazer a colheita de grandes quantidades da beringela, gindungo, tomate e gimboa, produtos que são comercializados nos principais mercados de Caxito e Luanda.

A zona agrícola dos Paranhos foi criada pelo governo, com vista a acolher e reintegrar socialmente os ex-militares, que foram desmobilizados orpo do desmobilizados nos processos de paz de Bicesse e Lusaka.

A região conta com uma área residencial, escola, serviços de saúde e um sistema de energia solar, o primeiro do género no país, oferecido pela British Petroleum em Junho de 2004, no âmbito de um acordo rubricado com o Ministério da Energia e Águas.

As autoridades da província do Bengo estão empenhadas em acções de combate à pobreza, através da construção de infra-estruturas escolares, sanitárias, estradas, mercados e habitações sociais.

3.29

omuna Do Cumbilavive Falta De Chuva

Jornal de Angola
31 De Março de 2012

A falta de chuvas que se regista desde o Início da campanha agrícola deste ano na comuna da Cumbila, município do Londuimball, província do Huambo, preocupa as autoridades locais.

O administrador da comuna, Afonso Sambongue, disse ao Jornal de Angola que a maioria das plantações de batata rena, milho, feijão e hortícolas secou, na primeira época da campanha, por insuficiência das chuvas. Mais de 15 toneladas de sementes de produtos diversos perderam-se. A maioria dos camponeses adquiriu as sementes no quadro do crédito de campanha agrícola. "Temos certeza que os camponeses se empenharam no cultivo dos seus produtos a contar com o reembolso, mas a falta de chuvas fez com que muitas das plantações não germinassem, e das que germinaram muitas secaram, por falta de água", disse.

Aproveitando os fertilizantes já colocados nos terrenos, os camponeses semearam feijão da segunda época, mas este acabou por secar também. Como alternativa, os camponeses foram encorajados

a cultivar bata rena, feijão, mandioca e batata-doce nas zonas húmidas das baixas dos rios.

A comuna da Cumbila tem nove associações de camponeses, sendo seis nas Ombalas e três na sede da localidade, onde está concentrada a maioria da população, estimada em 11.232 habitantes, distribuídos em 38 aldeias. Após uma visita de constatação dos técnicos da Estação de Desenvolvimento Agrário (EDA), as autoridades locais decidiram estabelecer uma moratória no reembolso dos créditos.

Mariana Nanguve, camponesa há oito(8) anos, diz que a situação é preocupante, mas mostrou-se satisfeita com a decisão tomada pela administração comunal, em estabelecer uma moratória para o reembolso do crédito. "Estamos a prever fome, porque todos os cultivos secaram. Como é que vamos pagar o que devemos ao Estado, se nem mesmo para comer temos", questionou-se,

acrescentando que, tal como ela, a maioria dos trabalhadores procura formas para enfrentar a situação.

Anfonso Tchitungu, 43 anos, camponês, afirma que este ano as coisas pioraram, quase nada sobrou das sementes que utilizaram para a campanha. "A situação está complicada, não sabemos como va-

mos sobreviver", afirmou. A comuna possui uma muito reduzida actividade comercial, os poucos agentes comerciais que existem na vila têm dificuldades em adquirir os produtos e bens de primeira necessidade, devido ao mau estado de algumas vias .

Mas o administrador da comuna, Afonso Sambongue, garantiu que existe já um programa estruturado para melhorar as vias e a reabilitação de algumas infra-estruturas degradadas na sede da vila e arredores. A vila conta com nove lojas, que comercializam alguns produtos, como sal, sabão, óleo alimentar, arroz e massa. Devido ao desabamento da ponte que liga a Estrada Nacional à comuna, o fornecimento de produtos decaiu. Os agentes comerciais enfrentam dificuldades em transportar os produtos da vila do Londuimbali para a sede da comuna e muitos camponeses não se conseguem deslocar para levar os produtos aos mercados urbanos.

Antes, a circulação era feita em menos de uma hora. Agora, com o desabamento da ponte, esta é feita em mais de duas horas, passando pela vila da comuna de Galanga.

A circulação de pessoas e bens entre a comuna de Cumbila e a sede do município de Londuimbali foi cortada há pouco mais de 15 dias, em consequência do desabamento da ponte sobre o rio Cuvômbua, provocada por um camião basculante carregado de brita, que servia as obras da construção de uma escola na sede da comuna.

O administrador Afonso Sambongue afirmou ao Jornal de Angola que o motorista foi negligente, porque, mesmo sabendo que o peso transportava no camião era, muito superior à capacidade da ponte, insistiu em atravessar com a carga, o que provocou o desabamento da estrutura.

A comuna da Cumbila tem um centro e um posto de saúde. Dispõe de oito técnicos, entre enfermeiros e trabalhadores auxiliares. Outro posto de

saúde funciona fora da sede, numa comunidade de maior concentração populacional, com três enfermeiros.

De acordo com o administrador local, está prevista a construção de novos postos de saúde e a ampliação do centro de saúde comunal, obras que arrancam em breve.

O centro de saúde da vila possui uma ambulância para facilitar a evacuação de doentes para a sede do município do Londuimbali. Para a cobertura sanitária são necessários mais três postos de saúde e enfermeiros. As doenças mais frequentes na área são a malária, pneumonia, doenças diarreicas agudas e complicações durante e pós-parto. No sector da Educação, foram matriculados no presente ano lectivo 3.235 alunos da iniciação à 9ª classe. A comuna conta com 104 professores, distribuídos por 12 escolas, sendo cinco de construção definitiva. As demais são comunitárias e de construção rudimentar. Afonso Sambongue adiantou que existem ainda aldeias distantes das localidades.

4. ABRIL DE 2012

4.1

alta prolongada de chuva compromete a agricultura

Jornal de Angola

04 De Abril der 2012

A ausência prolongada de chuva compromete o ano agrícola no Soyo, disse, ao Jornal de Angola, o chefe de secção da Agricultura, Desenvolvimento Rural e Pescas.

Luís Faustino lembrou que a primeira época agrícola, terminada em Dezembro, ficou comprometida por ter chovido apenas uma única vez e não no município todo.

Apesar das chuvas terem recomeçado em Março, referiu, não há hipóteses de se salvarem as culturas da primeira época por as sementes lançadas à terra terem ficado queimadas pelo sol. As culturas de mandioca, jinguba, milho, gergelim, feijão macunde e "outros produtos básicos", lamentou, estão comprometidas. Luís Faustino disse que se

cair "chuva suficiente" nos próximos dias deve ser feita uma redistribuição das sementes e que os camponeses, prevendo eventuais períodos de seca, devem optar pela agricultura mecanizada, com sistema de irrigação.

Na impossibilidade de se exercerem agricultura mecanizada, sugeriu, os camponeses devem procurar cultivar junto dos rios para aproveitarem a humidade e criarem um sistema de irrigação rudimentar, com abertura de valetas que transportem a água até às plantações.

António Simba, presidente de uma cooperativa, declarou, ao *Jornal de Angola*, que a atividade dos camponeses está comprometida, mas que tem está confiante nos resultados das plantações junto ao rio.

4.2

Centro de estudos das alterações climáticas é instalado este ano na cidade do Huambo

Jornal de Angola
07 De Abril de 2012

O Centro Nacional de Ciência e Serviços para Adaptação às Mudanças Climáticas e Uso Sustentável dos Solos vai ser erguido, ainda este ano, no Campus da Universidade José Eduardo dos Santos (UJES), na província do Huambo.

A informação foi prestada em Luanda pelo responsável pelo projeto em Angola, Gabriel Miguel, adiantando que a instituição recebeu um financiamento do governo da Alemanha para a instalação, na qualidade de coordenador da Convenção Quadro das Nações Unidas sobre Alterações Climáticas.

Gabriel Miguel frisou que, enquanto decorrem as obras, o centro nacional desenvolve a sua atividade na Faculdade de Ciências Agrárias (FCA), da Universidade José Eduardo dos Santos, localizada a 11 quilómetros a Leste da cidade do Huambo. "Na província do Huambo já estão a ser criadas as condições para que se dê início aos trabalhos em prol do projeto", assegurou Gabriel Miguel.

No quadro do projeto, centros nacionais similares vão ser construídos no Botswana, Namíbia (sede central), Zâmbia e África do Sul.

No Huambo, o centro vai ter um funcionamento semelhante ao dos grandes centros de investigação, que, em vez de trabalharem de forma isolada, funcionam em rede. De acordo com o especialista Gabriel Miguel, Angola já identificou 22 projetos científicos ligados à

Agricultura, água, floresta, biodiversidade, clima e formação profissional, no âmbito do projeto.

Estações meteorológicas

A nível de Angola, o projeto contempla a instalação de dez estações meteorológicas, em parceria com o Instituto Nacional de Meteorologia e Geofísica (INAMET).

C
De acordo com Gabriel Miguel, estas estações meteorológicas vão ser instaladas em regiões ainda por identificar, onde vão ser

Incrementados os projetos científicos já definidos. As atividades desenvolvidas pelo projeto estão a ser implementadas por especialistas nacionais e estrangeiros, que têm vínculo com as instituições de investigação científica e desenvolvimento tecnológico e de centros de pesquisa. Gabriel Miguel garantiu, ainda, que os centros nacionais que vão ser instalados nesses países vão estar à altura de produzir uma investigação de "excelência". O projeto regional programado para o período de 2012 - 2016 está avaliado em 100 milhões de euros,

Suportados pelo governo da Alemanha. Metade deste montante vai ser distribuído pelos países africanos abrangidos neste projeto, para investirem em ações de investigação, formação profissional e outras iniciativas.

O início formal do projecto acontece ainda este mês, em Windhoek, capital da Namíbia, com a assinatura de uma declaração conjunta entre os países beneficiários.

4.3

Chuva destrói casas no Kwanza-Norte

Jornal de Angola

C

12 De Abril de 2012

Pelo menos 13 casas foram destruídas em consequência da chuva que caiu na semana passada sobre os bairros 1º de Agosto e Kipata, em N'Dalatando, e no município da Banga, província do Kwanza-Norte.

O porta-voz do Comando Provincial dos Serviços de Bombeiros e Proteção Civil, André da Costa Damião, disse ao Jornal de Angola que, em N'Dalatando, mais de 13 famílias ficaram desalojadas e, no município do Lucala, 34 moradias ficaram sem teto por causa da tempestade que assolou a região.

André da Costa Damião informou que, para minimizar o sofrimento dos desalojados, a delegação provincial da Assistência e Reinserção Social no Kwanza-Norte apresentou um plano de necessidades de emergência, composto por bens alimentares, chapas de zinco, utensílios de cozinha, colchões e tendas para acudir os sinistrados.

Na semana finda, os Serviços de Bombeiros registaram três incêndios de pequenas proporções no troço rodoviário do Zenza, no Bairro Azul, município do Cazengo, e no município do Gulungo-Alto. Os incêndios destruíram duas viaturas e uma motorizada e provocaram queimaduras a três pessoas. No mesmo período, foram registados quatro casos de invasão de abelhas no município do Cazengo. A unidade de bombeiros realizou 11 serviços de socorro e transportou sete feridos para o hospital provincial, vítimas de acidentes e incêndio.

Casos de Polícia

A Polícia Nacional no Kwanza-Norte tomou conhecimento, na semana passada, de 29 crimes de natureza diversa, 26 dos quais foram esclarecidos.

A média diária de crimes registados foi de quatro casos, segundo o porta-voz da polícia local, superintendente Gaspar José, que revelou a detenção de 16 pessoas entre os 19 e 40 anos.

Entre o rol de delitos estão 17 casos de ofensas corporais voluntárias, sendo 12 simples e cinco graves, oito(8) furtos, três(3) casos de danos materiais e um roubo

Os crimes ocorreram nos municípios do Cazengo, com 20 casos, Ambaca, com quatro, Cambambe, com dois(2) Lucala, Gulungo-Alto e Samba-Cajú com um(1) caso.

No mesmo período, foram registados 12 acidentes de viação que provocaram três (3) mortos, 13 feridos e danos materiais avaliados em 1,3 milhões de kwanzas.

A Polícia de Viação e Trânsito na província do Kwanza -Norte apreendeu 10 motocicletas, por falta de matrículas, 22 cartas de condução, 11 livretes, 11 verbetes e 11 títulos de registo de propriedade, por infrações ao Código de Estrada.

Entre as infrações registadas estão o excesso de lotação, falta de capacete, uso de telemóveis durante a condução e a não utilização do cinto de segurança.

Foram também aplicadas aos infratores, pelos agentes reguladores de trânsito na província do Kwanza-Norte, 55 multas no valor de 564.878 kwanzas.

4.4

Plano estratégico ambiental do executivo necessita de verbas para a sua execução

Jornal de Angola
03 De Abril de 2012

A ministra do Ambiente, Fátima Jardim, afirmou ontem, em Luanda, que a execução do plano Estratégico Ambiental traçado pelo Executivo vai exigir do Estado e dos seus parceiros cerca de 198 milhões de dólares americanos para concretizar as ações de preservação e conservação do ecossistema.

De acordo com a ministra, que falava no programa "Espaço Público", difundido em conjunto pela Televisão Pública de Angola e a Rádio Nacional de Angola, este valor deve ser aplicado em ações de formação de quadros, criação de unidades de pesquisa e estudo, actualização e aumento do parque ambiental do país.

"É um plano estratégico com a duração de cinco anos e direcionado para honrar os compromissos

assumidos pelo Executivo angolano no plano internacional, tendo em conta a preservação do ambiente", sublinhou.

Segundo a ministra, estão em curso ações para que em 2020 Angola possa orgulhar-se de ter honrado os compromissos assumidos pelo Executivo angolano no plano internacional, tendo em conta a preservação do ambiente", sublinhou ambientais.

Fátima Jardim defendeu o aumento, nos próximos anos, do orçamento anual para o sector.

O atual orçamento, estimado em 0,8 por cento do Produto Interno Bruto (PIB), segundo a ministra, ainda é insuficiente para a implementação das diversas ações em benefício do ambiente e do bem-estar da população.

"A partir de 2013, esperamos uma maior compensação, porque afinal ainda são insuficientes, apesar de termos orçamentos provenientes de outras vertentes ambientais, como projetos de sustentabilidade agrícola, água para todos e outros programas que interagem com o sector", destacou. Fátima Jardim admitiu que os fundos atribuídos ao Ministério do Ambiente têm aumentado ano após ano, o que demonstra o interesse do Executivo pelas questões ambientais.

Este ano, a prioridade vai para as áreas ligadas à conservação e preservação do ambiente e da biodiversidade. "Este orçamento revela os esforços empreendidos no que se refere às questões ambientais no país, inseridos em planos e programas traçados, bem como a implementação dos compromissos assumidos a nível internacional", disse.

A ministra do Ambiente acrescentou que o sector está a merecer mais atenção do Executivo e vários instrumentos legais, como a Lei de Bases do Ambiente, estão a contribuir para regular várias ações que ainda causam impacto danoso ao meio ambiente. Fátima Jardim reconheceu o apoio prestado por outros sectores que continuam a contribuir para a melhoria da qualidade de vida da população, através das boas práticas ambientais.

Penalização às empresas

Fátima Jardim garantiu que o Ministério do Ambiente tem instrumentos legais para responsabilizar empresas de construção civil e operadoras petrolíferas que causarem impactos negativos ao meio ambiente com a sua atividade. "Estamos a aplicar os instrumentos que temos para responsabilizar todos aqueles que causam danos ao meio ambiente, quer sejam empresas petrolíferas, em casos de derrames de petróleo no mar, quer as construtoras", disse.

De acordo com a ministra do ambiente, todos os investimentos económicos e sociais que vierem a ser feitos devem ter um estudo prévio de impacto ambiental.

Fátima Jardim disse que, em relação à avaliação de impacto ambiental, regista-se uma adesão satisfatória de investidores que solicitam estudos.

"Só em 2011, o sector registou a entrada de mais de 100 documentos de estudo de impacto ambiental, que solicitavam licença", indicou a ministra Fátima Jardim. Os pedidos são provenientes de empresas petrolíferas, agrícolas, de construção civil e geologia e minas, segundo a ministra.

4.5

Estado do meio ambiente divulgado no final do ano

Jornal de Angola
12 De Abril de 2012

O Ministério do Ambiente está a preparar a Segunda Comunicação Nacional, que inclui também o segundo Inventário de emissão de gases de efeitos de estufa relativos aos anos de 2006 a 2011.

O elemento de ligação de Angola da Convenção Quadro das Nações Unidas sobre Alterações Climáticas, Abias Hungo, disse na terça-feira à Angop que a segunda comunicação nacional vai ser publicada no final deste ano, depois da publicação da primeira ter acontecido em 2011. O inventário de gases de efeito de estufa, de que constam dados por fonte e sectores de emissões de 2000 a 2005, já foi apresentado no relatório da Primeira Comunicação Nacional, publicado também em inglês na página web, www.unfccc.int das Nações Unidas.

Com o apoio do Fundo Mundial para o Ambiente (GEF) e do próprio Executivo angolano, foram identificados, em 2000, de acordo com o relatório, maiores emissões provenientes do sector da agricultura correspondente a 49 por cento, seguido das emissões fugitivas, com 43 por cento.

As emissões fugitivas são 'as provenientes de sistemas de selagem de válvulas de processo, de bombas, de compressores, ligações ou sistemas de drenagem.

No caso de Angola, este tipo de emissões derivam da exploração de petróleo.

De acordo ainda com o inventário, as emissões derivadas da queima de combustíveis em Angola atingiram os seis por cento, os resíduos e os processos industriais representaram cerca de um por cento cada. Entre outros dados, em 2005, as emissões resultantes da agricultura atingiram os 37 por cento, registando-se uma redução em comparação com o ano de 2000, enquanto houve o aumento nas emissões fugitivas que representaram os 50 por cento. Ainda em 2005, registou-se ainda 11 por cento de emissões derivadas da queima de combustíveis fósseis e um por cento para cada sector da indústria e resíduos.

No quadro deste relatório, o ambientalista Abias Hungo admitiu a necessidade de Angola trabalhar cada vez mais para contribuir para a redução de emissões de gases de efeito de estufa, que danificam a Camada de Ozono.

O Governo angolano aprovou em 2008 a estratégia sobre as alterações climáticas, definindo importantes ações para o cumprimento dos seus objectivos.

No quadro dos compromissos assumidos a nível internacional, acrescentou Abias Hungo, Angola já tem elaborado e aprovado o seu Programa de Ação Nacional de Adaptação (PANA), a Primeira Comunicação Nacional (ICN), assim como a constituição da Autoridade Nacional Designada (AND), que trata de ações ligadas aos Mecanismos de Desenvolvimento Limpo (MDL).

4.6

Consequências da chuva em Luanda

Folha 8

14 De Abril de 2012

As chuvas que caíram sobre Luanda nos dias 20 de Março, 3 e 11 de Abril mantiveram a regra das restantes no que diz respeito aos estragos e que provocam em virtude da capital do País não estar preparada para receber chuvas por mais simpática que esta seja. Grande parte das vias secundárias e terciárias ficam intransitáveis e, sequencialmente, o congestionamento aumenta nas vias principais, além de que muitas dessas também ficam intransitáveis. Tal é o caso da via que liga o município do Cazenga ao agora destrito do Rangel com destaque para a conhecida zona do triângulo dos congolezes e outras tantas partes da Avenida Brasil que, desta feita, está cada vez mais difícil de ultrapassar. Assim, os taxistas decidiram aumentar o preço da passagem, passando de 100 para 300 kwanzas para desalento dos passageiros que, no entanto, entendem a posição dos taxistas. "É condenável a postura deles (taxistas) mas devemos reconhecer que o estado destas ruas precipitam as avarias no carro", argumentou um dos passageiros.

4.7

oi só um espirro de São Pedro

A Capital

14 De Abril de 2012

A verdade é insofismável, se o desespero necessitasse de um nome, ele, certamente, se chamaria Luanda. Após vários meses de uma preocupante estiagem, a chuva deu o ar da sua graça, abatendo-se, nos últimos tempos, sobre a capital do país. Acontece, porém, que, entre nós, sempre que a mesma se faz sobre Luanda, mais do que alegria, a sua chegada é prenúncio de um quadro trágico, sobretudo nas zonas periféricas, onde o saneamento básico teima em não chegar ou não é prioridade das políticas sociais do Executivo, apesar do muito propalado crescimento na vertical do betão armado.

Um simples 'espirro de São Pedro é quanto basta para os luandenses se verem acometidos com complicadas disfunções arteriais Luanda entra, automaticamente, nos cuidados intensivos. É como se no dia seguinte todos se vissem anestesiados por vários minutos, tal é a devassa provocada pela descarga pluvial, como, aconteceu na última quarta-feira. É o mesmo chover no molhado de sempre. As obras que acontecem nos

F

mais variados municípios e bairros revelam-se incapazes para conter a 'fúria' de São Pedro. Os buracos nas estradas assumem contornos de queijos suíços, nalguns casos, e, noutros, ganharam características de uma cratera.

As viaturas sucumbem à profundidade dos buracos, reduzindo, desta forma, o seu tempo de vida, ao passo que os automobilistas são obrigados a hercúleos esforços para vencer as ameaçadoras lagoas que se apossam de vários pontos da capital, não raras vezes 'minadas' por nada generosas crateras.

E a música é sempre a mesma: Luanda, a capital, não está preparada para lidar com o 'mau humor das chuvas'. É uma justificação antiga, que já criou barba branca e que, já não encontra acolhimento entre os populares luandenses.

Como aconteceu com a última enxurrada, casas nos mais variados bairros tiveram os tectos arrancados pelo forte vento que se fez sentir, as ruas tornaram-se intransitáveis, enfim, foi o clamor dos Luandenses pela gritante ausência de transportes colectivos, um serviço já de si precário, além de terem que lidar com os caprichos dos 'candongueiros', Sorte, sorte mesmo, é o facto das chuvas terem demorado a chegar, fazendo-se sentir praticamente no mês de Abril, que é considerado o último mês chuvoso, sob pena

dos resultados finais revelarem-se trágicos.

É que noutras ocasiões, em condições normais, tudo o que aconteceu até aqui seria apenas uma espécie de documentário Geralmente em Abril, o mês das chuvas mil, as enxurradas têm sido totalmente devastadoras.

4.8

Angola assina declaração para criação de um centro

Jornal de Angola

16 De Abril de 2012

Angola, Botswana, África do Sul, Namíbia e Zâmbia assinam hoje, em Windhoek, República da Namíbia, uma declaração para a criação do Centro da Africa-Austral para Ciências e Serviços para a Adaptação às Alterações Climáticas e

Gestão Sustentável dos Solos (SASSACAL). A informação foi dada pela ministra do Ensino Superior e da Ciência e Tecnologia, que referiu que a iniciativa é do Governo Alemão e que o objectivo é atenuar os efeitos das mudanças climáticas na região austral do continente. Cândida Teixeira lembrou que o projecto começou a ser analisado em Setembro de 2009, na Namíbia, na primeira mesa-redonda para a criação do Centro Regional de Ciência. Em Março do ano seguinte, referiu, realizou-se, em Lusaka, a reunião do comité interino para a criação do SASSACAL. O encontro de Windhoek é o primeiro de ministros dos cinco países que fazem parte do projecto na região. Recentemente, Angola, Namíbia, Zâmbia, Zimbabwe e Botswana lançaram, em Catima Mulilo, Namíbia, a "Área Transfronteiriça de Conservação" do Projecto Okavango-Zambeze, criada para transformar a região austral de África no maior e melhor destino turístico do mundo. A Área transfronteiriça de conservação do projecto okavango-zambeze, 440mil quilometro quadrados é limitada pelas bacias hidrográficas dos rios Kubango e Zambeze onde convergem as fronteiras dos cinco países .O projecto é considerado a maior área transfronteiriça de conservação do mundo definida como zona múltipla de recursos, como parques nacionais , reservas florestais de caça e fauna selvagens e terras comunitárias.Para ajudar a concretização do projecto o governo Alemão disponibilizou 20 milhões de euro para a comunidade de Desenvolvimento da África Austral (SADC). A verba destina-se a desenvolver programas e a fortalecer entre outras acções que contribuam para a redução da pobreza o uso sustentável dos recurso naturais o património cultural e a melhoria das condições de vida das comunidades que residem no perímetro do projecto.Na cimeira da SADC realizada em Agosto de 2011, Luanda os chefes de estados de Angola de Botsuana, Namíbia, Zâmbia e Zimbabwe assinaram o tratado do projecto OKavango - Zambeze.

4.9

huvas alarmam famílias

Jornal de Angola

20 De Abril de 2012

Várias famílias de M'Banza Congo estão a viver dias difíceis, em consequência das fortes chuvas que estão a causar grandes estragos a nível das comunidades da capital da província do Zaire. Depois de um longo período de estiagem, que se verificou um pouco por todo o país, as chuvas, que se fazem acompanhar de fortes ventos, não param de cair todos os dias, em M'Banza Congo, criando vários embaraços às famílias residentes em casas de construção precária. Apesar das vantagens da chuva para a agricultura, a situação está preocupar a população, que lamenta a perda de vidas humanas e prejuízos materiais avultados, além de estar a desalojar várias famílias. A periferia da cidade tem sido a mais prejudicada, uma vez que ali existem centenas de Construções anárquicas, como é o caso dos bairros 11 de Novembro, 4 de Fevereiro, Álvaro Buta e Martins Kidito.

No mês passado, as chuvas destruíram cerca de 400 casas, deixando ao relento mais de 200 pessoas, que tiveram de receber apoio do governo provincial do Zaire. Na altura, o comandante provincial de Proteção Civil e Bombeiro no Zaire, Mankenda Lukengani salientou que as chuvas tinham danificado igualmente duas tendas Centro de acolhimento dos refugiados de M'Banza Magina, onde aí se encontram alojados alguns cidadãos angolanos provenientes Congo Democrático. Os templos das igrejas Evangélica Baptista de Angola e Pentecostal foram igualmente afetados pelas chuvas.

4.10

bril das chuvas e problemas mil

Semanário Angolense

21 De Abril de 2012

O mês de Abril é, para os luandenses, um período muito difícil, devido às grandes enxurradas que, neste tempo, causam os diversos problemas aos habitantes da província de Luanda.

Os populares preparam-se sempre de modo especial, criando condições necessárias que os ajudem a ultrapassar as grandes dificuldades que geralmente enfrentam com as precipitações que, em Luanda, fazem jus ao velho adágio popular: «Em Abril, chuvas mil».

Depois do que se previa como uma estiagem sem precedentes no país, com a estação das chuvas a chegar ao fim sem, no entanto, chover na maior parte da estação, chegou Abril. Só na primeira quinzena deste mês, choveu muito mais do que nos últimos seis meses, o que demonstra quão grande é a carga pluviométrica que este mês nos reserva.

Poucos meses antes, as pessoas reclamavam o facto de o país «ter cortado o vínculo com as chuvas», se assim se pode dizer, porque a maior parte do território nacional não recebia cargas pluviométricas desde Outubro do ano passado, facto que deixou muita gente frustrada, devido ao calor intenso que se fazia sentir e à poeira que irritava olhos e gargantas, sem esquecer a conjuntivite.

As reclamações mais veementes vieram dos camponeses, que são os que mais sofrem com a falta de chuvas, pois a estiagem estava a danificar as suas lavouras. Este problema era visível porque, nos principais mercados, da capital, e não só, assim como nos das demais províncias, começaram a faltar as verduras e as "frutas, realidade muito rara em Angola, uma vez que a sua terra é muito fértil, havendo fartura em produtos do campo.

A partir do mês de Fevereiro, algumas províncias começaram a receber a bendita «água das nuvens», situação que deixou muita gente feliz, principalmente os agricultores. Em algumas localidades, como em Malanje, a situação agravou-se, pois o que se pedia rapidamente passou a ser um grande problema. As cargas de chuva eram torrenciais, derrubando casas e estragando os produtos do campo.

Na cidade capital, a chuva passou de desejada a indesejada num piscar de olhos, uma vez que trouxe consigo duras consequências. Quando se pediu um pouco de água, começou a cair bastante e sucessivamente. Falta de preparação até quando?

Elísio Manuel, comerciante, considerou a chuva «um mal necessário, porque uns precisam dela, tal como

os camponeses, mas outros nem tanto, tal como os pescadores. Já era hora de chover um pouco, a terra

estava muito seca e havia muito sol, agora, está muito mais húmido.»

Há alguns anos que se habituou a dizer a Capital do país, Luanda, não está preparada para receber chuvas, porque as suas infraestruturas não resistem a grandes cargas. Mas a pergunta que se faz é a seguinte: quando esta parcela do país estará preparada para tal?

«Penso que, enquanto não mudarem a imagem da cidade, muita gente vai continuar a sofrer. As estradas não aguentam e começam a estragar-se rapidamente, as vias secundárias e terciárias não estão asfaltadas, tudo isso resulta em dificuldades quando chegam as chuvas. Por isso, enquanto as coisas continuarem deste modo, Luanda nunca estará preparada para receber chuvas»,

afirmou Vasco Francisco, funcionário público.

Já Maria de Freitas, estudante universitária, é apologista de que o grande problema passa pela má organização da própria cidade. «Para mim, o problema não é a chuva, mas a grande desorganização que temos, cada um constrói onde bem entende e sem organização, as estradas e pontes não têm a segurança necessária e o próprio crescimento populacional dificulta bastante o processo de desenvolvimento da capital», apontou.

Muitas são as respostas em relação a esta pergunta, mas todas desembocam num único factor: a desorganização da cidade e a pouca aposta do governo em criar condições que ajudem a solucionar os problemas mais prementes, para que Luanda chegue a ser uma capital como deve ser.

Taxistas e linhas curtas

A realidade actual são as grandes dificuldades por que a população está a, devido aos engarrafamentos, que se agravaram, e os taxistas, que estão a exagerar nos preços das corridas e a percorrer linhas cada vez mais curtas.

Os mais visados são os estudantes que estão a sentir muitas dificuldades para poderem deslocar-se, principalmente os que estudam na cidade e vivem em zonas como Cazenga, Viana e Camama.

Numa das paragens mais concorridas da cidade, no troço Congolenses / Viana, o problema é grande, porque a maioria dos taxistas está a fazer linhas curtas e a cobrar tarifas acima do limite estabelecido.

«Eu vivo na Estalagem e estudo no! MEL, nestes dias está muito difícil voltar para casa, nós saímos às 17h45min e quando chegamos à paragem, encontramos-a muito cheia e os taxistas a cobrar 200 Kwanzas até à zona do Bar, que é metade do trajecto. Assim fica muito complicado, com o engarrafamento então, tudo piora», explicou Mateus Ndombe, estudante.

Os pais também se mostram muito preocupados com esta situação toda, porque dizem que agora têm de entregar Kz. 800 ou mais, por dia, aos seus filhos, devido à variação de preços impostos pelos taxistas.

Polícia sem autoridade?

Outro caso, é o facto de, agora, os seus rebentos chegarem depois das vinte horas, devido à dificuldade em apanhar candongueiro, situação a que se alia os grandes engarrafamentos. Essas situações estão associadas à falta de segurança e são propícias aos meliantes, que se aproveitam disso para fazer das suas.

Marcos Sebastião empresário, diz estar preocupado com tudo que se está a passar, pois os seus filhos estudam na cidade e os bandidos aproveitam-se destas enchentes para poderem assaltar os mais fracos. Este é um caso que deixa todo pai incomodado. «Até os meus filhos chegarem a casa, não consigo ficar descansado e acredito que outros na mesma situação também sofrem bastante», lamentou.

Os populares, quando questionados sobre o facto de denunciar à polícia as práticas lesivas dos taxistas, são unânimes em afirmar que não adianta, «porque a própria Polícia está eivada de corrupção e não tem autoridade suficiente para conseguir travar a prática.

«Sempre que eles autuam um taxista a cometer até infracções graves, em troca de 500 ou mil Kwanzas, o assunto fica resolvido, então não adianta fazer queixa à Polícia», garantem.

Kirnbita, zungueira, disse que a situação está muito complicada, já que, para andar nos táxis, é preciso lutar, pendurar-se aos carros e pagar 200 Kwanzas por um trajecto curto. «É muito complicado para todos nós, mas vamos fazer como então, é mesmo assim, já estamos

habituaados, quando chega Abril, as coisas são péssimas, pior é que a Polícia nada faz, às vezes, os próprios agentes também pagam este preço», desabafou Kirnbita.

A população apela ao Governo para que encontre formas de estancar estas situações difíceis que fazem sofrer a população. As coisas não estão complicadas apenas nos Congolezes para Viana, mas em todas localidades de Luanda, em todas artérias da cidade onde circule um táxi, sobretudo nas horas de ponta e no período nocturno. O que é certo é que as pessoas das camadas baixas, sobretudo, e não só, estão a sofrer bastante com as variações de preços dos últimos dias.

4.11

gestão ambiental

Jornal de Angola

23 De Abril de 2012

Vivemos tempos em que as alterações climáticas e a degradação dos solos são uma realidade com a qual a maioria dos Estados se vê confrontada. Trata-se de um problema global, mas com a infeliz particularidade de afligir mais algumas áreas que outras. As soluções carecem de uma acção global concertada no sentido de reverter os efeitos gravosos das consequências das alterações climáticas e da degradação dos solos.

As regiões do planeta que os estudos apontam como mais vulneráveis em termos da absorção do impacto das alterações climáticas têm responsabilidades acrescidas. Devem preparar-se com medidas que ajudem a mitigar os efeitos nocivos dos problemas ambientais, sob pena de se verem seriamente prejudicados e sem muitas soluções.

Quando se trata de identificar as regiões vulneráveis, as atenções estão viradas para o continente africano. Previsões pontam para um considerável impacto das alterações climáticas em África, o que justifica a tomada de medidas por parte dos Governos. Esperemos que estas demonstrações de alerta que pairam sobre o continente ajudem as populações e os decisores públicos a promover medidas concretas de contenção.

Felizmente, em Angola as coisas, no que conceme às alterações climáticas e à degradação dos solos, estão totalmente salvaguardadas porque foram e estão a ser dados passos importantes para uma efectiva protecção ambiental. Angola tem políticas objectivas ligadas à segurança alimentar, redução da pobreza, aspectos ambientais e socioeconómicos, e uma gestão dos solos para o desenvolvimento sustentável.

O Executivo tem uma estratégia clara para fazer face aos desafios que as alterações climáticas acarretam, tendo lançado o Projecto de Apoio ao Sector do Ambiente (PESA) que visa a reforço da capacidade institucional do Executivo e outras instituições para a efectiva protecção do Ambiente e gestão sustentável dos recursos naturais.

Podemos dizer que as autoridades angolanas estão comprometidas com necessidade vital da preservação do Ambiente e dão todos os passos necessários no sentido do uso racional dos recursos naturais. Apesar de todas as medidas preventivas e das políticas adoptadas, não temos dúvidas de que a degradação ambiental tende a ser uma realidade tangível entre nós, fruto da pressão demográfica sobre os solos. Urge a tomada de medidas concretas para pôr cobro à deterioração e degradação da base dos recursos naturais.

Existem outros objectivos por detrás do Projecto de Apoio ao Sector do Ambiente, um, deles é a necessidade das medidas a serem tomadas se reflectirem na adaptação por parte das populações às mudanças ambientais.

Numa altura em que estão em jogo metas relacionadas com a redução da pobreza e com a promoção do bem-estar sustentável, a agenda do Executivo eleva Angola a um patamar em que a avaliação do impacto ambiental e outros factores são inteiramente positivos. E estamos a conseguir, na medida em que o nosso país tem leis ambientais e uma gestão ambiental que asseguram o cumprimento das metas desejadas.

Todo o trabalho que Angola está a fazer em matéria de preservação do Ambiente e do uso racional dos recursos naturais permite ao país estar melhor preparado para as consequências económicas e sociais das alterações climáticas em Africa.

Temos razões suficientes para aplaudirmos o nosso sucesso em matéria ambiental, numa altura em que o nosso país aderiu a mais uma iniciativa alargada ao continente africano. Trata-se da declaração conjunta para a criação do Centro da África Austral de Ciência e Serviços de Adaptação às Alterações Climáticas e Gestão Sustentável dos Solos, subscrita recentemente na cidade de Windhoek, Namíbia.

O documento é um complemento de outras iniciativas já em marcha no país e cujo objectivo passa pela consolidação dos passos que foram dados.

Com esta iniciativa, os países da África Austral vão proceder à gestão sustentável dos solos, vão assegurar a cooperação e o fortalecimento da capacidade científica regional nos domínios da agricultura, biodiversidade, ambiente, florestas e água. A região é rica em recursos e precisa de instrumentos jurídicos, devidamente ratificados por todos os países da região para facilitar o seu usufruto e permitir a sua preservação .

Angola é um país dotado de grandes extensões de solos aráveis e tem uma população com vocação agrícola. E vital a adopção de políticas para trayar a deterioração dos solos e a degradação ambiental!

E urgente a preservação do Ambiente, sendo igualmente importante lutar contra a degradação dos solos para viabilizar a segurança alimentar. Estamos

no caminho certo para sermos bem sucedidos no cumprimento das metas a que nos propusemos, executando um programa que assegura uma efectiva gestão ambiental!

4.12

Estiagem afecta a produção e provoca perda de colheitas

Jornal de Angola
25 De Abril de 2012

Camponeses do Kwanza-Sul estão preocupados com a estiagem na região, que está a afectar a produção agro-pecuária.

A situação é mais grave no litoral e na zona intermédia, mas no interior, embora tenha chovido nos últimos dias, não é o suficiente para

que se atinjam os resultados previstos para a campanha agrícola de 2012.

Nesta situação estão os agricultores de 194 cooperativas agro-pecuárias e 419 grupos solidários, enquadrados na UNACA-Federação das Associações de Camponeses e Cooperativas Agropecuárias, que na presente época agrícola receberam inputs agrícolas avaliados em mais de 1,46 mil milhões de kwanzas.

O presidente executivo da UNACA no Kwanza-Sul, David Nunes, disse que o crédito agrícola de campanha foi cedido pelo Banco de Poupança e Crédito, Sol, BCI e o BAI-Micro-finanças.

O responsável da UNACA disse que, com estiagem que se verificou na primeira e segunda épocas agrícolas, perdeu-se a possibilidade de se alcançar as colheitas anteriormente planificadas.

4.13

Acabou de « Area do Bungo» Camiões com fundo falso.

Semanário Angolense
28 De Abril de 2012

A primeira vista, o expediente parece ser limpo, mas, no fundo, trata-se de um verdadeiro «negócio da China»;

mais um dos muitos que têm servido para engordar de forma desmesurada os bolsos de uns tantos expatriados do país asiático em Angola.

O negócio ou, antes, o embuste faz-se da seguinte forma: o cidadão fixa um camião de areia, burgau, pedra ou de outros inertes usados na construção civil; de seguida mostra-se disponível para comprá-lo ao vendedor chinês; ávido, este «mede o pulso» do cliente e fixa-lhe uma determinada quantia pela carrada, cobrando-lhe, por exemplo, 30 mil Kwanzas por 18 toneladas de areia.

Acertado o negócio, o camião leva o material ao local combinado. Chegado ao terreno, o chinês transmite a ideia de que está muito apressado, ao mesmo tempo que impõe como condição para que o negócio seja fechado o pagamento prévio da mercadoria encomendada. «Sem o pagamento, nada feito», dirá.

Sem minimamente suspeitar das intenções malignas do expatriado sino, o cliente abre os cordões à bolsa e entrega-lhe o dinheiro. O chinês recolhe-o, sem nunca exteriorizar os seus sentimentos de profunda alegria pelo negócio fechado ou, antes, pelo logro acabado de cometer.

Satisfeito, o «china» arranca a toda a velocidade, deixando atrás de si o cliente, a areia e as contas por fazer ... Num ápice, este descobre o «engano», visto que lhe foi entregue uma quantidade de areia inferior à combinada. Esboça um gesto de reacção, numa tentativa desesperada para inverter o passivo, mas já é tarde. Tarde demais.

Abalado, vai-se questionando sobre como fora possível ter sofrido uma burla assim, de tanto peso,

para finalmente chegar à conclusão de que o camião tinha um fundo falso. Só podia. «Um fundo falso?». «Sim, um fundo falso».

A notícia deste caso não é nova, e não se trata de mera ficção, visto que tem vindo a registar-se um pouco por esta Luanda fora.

Esta semana, um repórter deste jornal deu de caras com uma oficina de chineses, algures no Benfica, onde expatriados daquele país asiático procediam à «redução» de uma carroçaria de mais um camião que utilizam no novo «negócio» que descobriram para «lixarem» os incautos angolanos que lhes caírem na «conversa».

O «esquema» consistia na soldadura de uma chapa com uma certa altura sobre a base da carroçaria do veículo, algo que se assemelhava às malas de viagem com fundo falso.

Indiferentes à presença de estranhos, os operários chineses faziam-no nas maiores das calmas, como se tratasse da coisa mais normal deste mundo. Ora, isto é Angola!...

5. MAIO DE 2012

5.1

ngola trabalha na concretização de projectos de energias renováveis

Jornal de Angola

3 De Maio de 2012

Um dos maiores objectivos de Angola no sector energético é enfrentar e vencer as principais barreiras que se colocam na concretização de projectos de energias renováveis.

A revelação foi feita, em Hamburgo, Alemanha, pela directora nacional das Energias Renováveis, Sandra Cristóvão, quando falava no VI Fórum Germano-Africano de Energia, que decorreu de 22 a 25 de Abril, onde se debateu a energia solar, eólica, biocombustíveis, gás e petróleo.

Cerca de 300 especialistas, empresários e entidades governamentais, a maioria africanos e alemães, participaram no evento, que culminou com uma visita à Feira de Hanover, 151 quilómetros a sul de Hamburgo.

A República de Angola esteve presente com uma delegação chefiada pelo titular da pasta da Energia e Águas, João Baptista Borges, que incluiu o vice-ministro dos Petróleos, Aníbal da Silva, em representação do ministro José Botelho de Vasconcelos.

Sandra Cristóvão referiu que o potencial para o desenvolvimento do projecto de energia eólica ainda não está identificado em todo o país. "No entanto, através de um estudo que levou dois anos, sabe-se que na província desértica do Namibe há potencial para fazendas com mais de 100 mw", disse.

A directora nacional, Sandra Cristóvão, afirmou que estão a ser criados sistemas isolados de energia fotovoltaica, com destaque em projectos de grande alcance social, como escolas, centros médicos, instituições administrativas, num total de 21 infra-estruturas. Sandra Cristóvão acrescentou que no âmbito do programa de electrificação rural já foram instalados 17 sistemas e 50 candeeiros de rua.

A directora nacional das Energias Renováveis disse que, "sendo a energia renovável uma questão transversal, outros sectores como a agricultura, saúde, educação, indústria, comércio, ciência e tecnologia, finanças, transportes e construção estão a ser consultados para o desenvolvimento da estratégia nacional para as energias renováveis". Ao falar sobre "As fontes de energia renovável em Angola, o seu estado actual e perspectivas", Sandra Cristóvão considerou que as perspectivas globais

se colocam, a curto prazo, na conclusão da estratégia nacional para as energias renováveis, a médio prazo, no aumento da percentagem de população com acesso à electricidade nas áreas rurais através do uso da energia solar, e a longo prazo, na integração das energias renováveis, como a biomassa, solar e eólica na rede nacional.

Sandra Cristóvão disse que as políticas para promoção da sua utilização estão a ser desenvolvidas e os principais projectos a concretizar no futuro mais próximo estão identificados, sublinhando que o que falta agora é o domínio da tecnologia. A alta funcionária do Ministério da Energia e Águas sublinhou que a produção de energia no país é baseada em tecnologias sustentáveis, não apenas em termos de custos mas também de ambiente.

Além de participar nos painéis, os governantes angolanos reuniram-se com empresários e políticos alemães e com o comissário da União Europeia para a Energia, Günther Oettinger, com o intuito de reforçar as parcerias já existentes e buscar outras que possam ajudar a melhorar os serviços de fornecimento de energia eléctrica em todo o território angolano.

5.2

Ministros do Ambiente assinam acordo sobre a preservação das áreas florestais

Jornal de Angola
03 De Maio de 2012

Os Ministérios do Ambiente de Angola e do Congo vão assinar durante a Conferência sobre desenvolvimento sustentável "Rio+20", a ter lugar em Junho, no Brasil, um acordo de cooperação sobre as três bacias florestais tropicais do mundo, as florestas da Amazónia, da Ásia e do Congo.

A intenção foi manifestada segunda-feira entre os ministros dos dois países, durante um encontro realizado na capital angolana, no qual participou o antigo presidente da Guiana Inglesa e actual embaixador itinerante para as três bacias, Bharrat Jagdeo.

A ministra angolana do Ambiente, Fátima Jardim, assegurou que com a assinatura do acordo preten-

de-se transformar a temática florestal numa grande questão de desenvolvimento sustentável, que "hoje já é vista de uma forma abrangente". "Precisamos do apoio dos países desenvolvidos e o importante é que temos aqui já um pensamento comum", enfatizou.

O embaixador Bharrat Jagdeo considerou excelente o encontro entre os ministros. "Se de facto formos bem-sucedidos nesta iniciativa, vamos mudar a percepção do mundo sobre as florestas, porque elas devem ser preservadas de modo a contribuírem para o bem-estar das nossas populações", disse.

Bharrat Jagdeo disse que durante a reunião foi possível partilhar com a parte angolana os passos necessários para se chegar a um acordo. "Temos a certeza de que com Angola, sendo um país bastante

progressista, podemos trabalhar para traçarmos e alcançarmos os nossos objectivos no que diz respeito à preservação do ambiente", acrescentou, sublinhando que "é um grande prazer vermos África a liderar este processo".

O ministro congolês do Ambiente disse que o seu país pretende um acordo liberal voluntário, para que todos possam preservar o ambiente e os ecossistemas.

A I Cimeira sobre as três bacias florestais tropicais do mundo teve lugar de 31 de Maio a 3 de Junho de 2011 em Brazzaville, na perspectiva de se estabelecer uma cooperação Sul-Sul e Norte-Sul, com vista a uma gestão sustentável dos ecossistemas florestais.

5.3

Seca dispersa votos no deserto do Namibe

O País
04 De Maio de 2012

A estiagem prolongada que comprometeu as culturas da primeira época agrícola, com destaque para as províncias de Benguela, Kuanza Sul, Huambo, Huíla e Namibe, está a provocar nesta última a deslocação desordenada de comunidades de uma região para outra em busca de alimentos,

devido à seca que afectou gravemente alguns municípios.

A Bibala, com uma comunidade constituída maioritariamente por grupos itinerantes, entre os quais os célebres guerreiros mucubais, é um dos municípios que está a enfrentar uma penúria alimentar, sendo que parte dos seus habitantes procuram contornar a situação noutros municípios da vizinha Huíla, como Quilengues e Humpata, onde a situação é menos grave.

Segundo apurou O PAÍS, esta região potencialmente agro-pecuária com uma população estimada em 211.020 habitantes (27 pessoas por quilómetro quadrado), produz em pequena escala o milho, o massango, a massambala, o feijão macunde e fruteiras. Mas a região está a viver um dos seus piores momentos de escassez de alimentos. A situação agrava-se ainda mais numa altura em que se aproxima a época cacimbo (Maio, Junho e Julho).

Os alimentos escasseiam em toda a parte do município, sobretudo nas comunidades rurais, onde a situação inspira maiores cuidados. "Há pessoas que passam fome todo o dia, só mesmo bebendo água, porque não têm nada para se alimentar, nem dinheiro para comprar alimentos no Namibe ou no Lubango", disse uma estudante da Escola de Formação de Professores (EFP), actual denominação dos antigos Institutos Médios Normais de Educação (IMNE).

Segundo a fonte, uma jovem de 26 anos, devido à carência alimentar, muitos estudantes desprovidos de recursos financeiros para comprar comida estão a abandonar as aulas, voltando para as suas áreas de origem. "Muita gente está a desistir por causa disso, porque a maioria que estuda não é natural de cá", afirmou, reforçando que a situação está a contribuir negativamente em termos de assimilação das matérias.

O PAÍS apurou ainda que a maior parte dos que frequentam a Escola de Formação de Professores são oriundos do município piscatório do Tômbwa, onde, por ordens expressas, dizem (não se sabe de quem), foi encerrado o antigo IMNE. Com essa medida, os alunos passaram a fazer o curso na Bibala, uma situação que deixa o seu administrador municipal desconfortado e foi isso que disse numa conversa com O PAÍS.

"Não sei quem deu esta ordem para que fosse encerrado o Instituto de Educação que o município tinha e que facilitava a vida dos estudantes. Agora são obrigados a deslocarem-se de uma região para outra para dar continuidade aos seus estudos", resumiu João Guerra Freitas, o "homem forte" desta região desértica do Namibe.

Administrador reconhece situação

João Ernesto dos Santos, administrador municipal da Bibala, reconheceu que a deslocação das populações de uma região para outra poderá complicar a participação dos eleitores nas eleições de Agosto. Segundo o responsável, "a Bibala é a segunda praça eleitoral da província e com a saída dessas pessoas, a situação do voto poderá ser alterada, porque terão de votar noutras localidades que não escolheram inicialmente para exercer o seu direito de cidadania".

Preocupado com a situação, o responsável está de mãos atadas porque não encontra solução para contornar este quadro, já que a seca é uma obra da natureza e com a chegada do cacimbo tudo parece mais complicado. "Infelizmente não depende de nós, se assim fosse já poderíamos alternar o cenário com os meios que nos fossem disponíveis, aliás, como sempre fizemos em termos de acudir as pessoas quando há calamidades naturais", disse o administrador.

Acrescentou também que face à situação a transumância do gado alterou significativamente, o que, na sua opinião, poderá comprometer o pasto normal durante os meses da época seca. "As chimpacas estão secas, os detentores das manadas fazem o esforço de levá-las para um outro sítio, mas também nem tudo está a correr bem, porque toda a região Sul está a sofrer o mesmo problema", lamentou.

Ernesto dos Santos mostra-se também apreensivo com esta realidade angustiante que a sua área de jurisdição está a viver. "A deslocação de uma área para outra do gado, ou seja, em território vizinho provoca conflitos, e ao nível do município temos o receio de que esta situação possa ocorrer já que os nossos municípios estão a atingir localidades alheias, embora tenham lá familiares", afirmou.

Com uma rede comercial e hoteleiro-turística pouco significativa, a Bibala, à semelhança do vizinho Camucio, está a enfrentar uma forte

penúria alimentar que poderá afugentar mais populares, caso a situação não seja contornada, o que poderá provocar a dispersão de votos no deserto. "Se não for superada a situação teremos problemas na contagem de votos depois das eleições, porque as pessoas votarão em lugares não programados por si", reconhece o administrador.

Com a excepção deste clima, o resto vai de "vento em popa" numa zona cujo desenvolvimento depende do aproveitamento das potencialidades agro-pecuárias e turísticas da região, que é feito em pequena escala devido à sua localização geográfica, agravada pela falta de vias de acesso à sede do município, assim como nas suas três comunas, Caitou, Lola e Kapangombe.

Com uma superfície de 7.612 quilómetros quadrados, representando 13,3 por cento do Namibe, Bibala dista 168 quilómetros da capital da província. Tem um clima temperado médio semi-desértico, com duas estações: uma chuvosa (de Outubro a Abril) e outra seca (Maio e Setembro).

5.4

PL trava exploração ilegal de inertes na costa

Agora

05 De Maio de 2012

O despacho do pelouro, datado de 2 de Setembro de 2002, determina a suspensão da exploração de areias na costa, compreendida entre o Benfica e a Barra do Kwanza.

O instrutivo do Ministério, de acordo com a fonte formaliza igualmente a intervenção da Polícia e das administrações municipais para a paralisação da actividade de garimpo nesta orla e zonas de Viana, Cacuaco e no distrito da Samba.

A fonte disse ainda que foram criadas equipas de fiscais de actividades mineiras municipais adstritas à direcção provincial da Geologia e Minas e Indústria que se dedicam ao registo da proveniência dos carregamentos de materiais de construção de origem mineira.

A exploração desordenada de inertes como areia, burgau e rocha calcária, para a construção civil, tem estado a provocar sérios problemas à conservação do ambiente, uma situação que as autoridades deveriam estancar o mais rapidamente possível.

Estes problemas, segundo os especialistas, são mais visíveis na zona costeira, onde a fragilidade ambiental poderá colocar em risco a futura utilização daquelas áreas para múltiplos fins, assim como poderá promover a aceleração de fenómenos erosivos, cujos contornos são difíceis de prever nesta altura.

Dados da direcção provincial do Ministério do Ambiente dão conta que o problema da exploração de areia para a construção civil, em Luanda, remonta desde a década de 60, altura em que foi embargada a exploração de areias na Boavista, por fazer acelerar a erosão das barrocas.

Em 2003, o Conselho de Ministros recomendou ao então Ministério das Obras Públicas e ao CPL a desencadear acções conducentes a atenuar a degradação provocada pela erosão natural ao longo da estrada Luanda-Barra do Kwanza.

Entretanto, no Panguila, a exploração de areia tem preocupado os moradores que acham que pode provocar sérios danos à fauna marinha e não só. "Os camiões transportam areia ininterruptamente, e além de perturbarem a população, também contribuem para a degradação do meio ambiente. É preciso travar esta anarquia", defendeu um morador do bairro .

5.5

Recursos florestais em análise no Huambo

Jornal de Angola

05 De Maio de 2012

O representante em Angola da ONG Cospe, Matteo Tonini, informou na sexta-feira, na povoação de Chococosso, município da Caála, província do Huambo, que os programas de combate à desertificação florestal dos anos 70 surgiram com o objectivo de melhorar a qualidade ambiental e de vida das famílias.

Em declarações à Angop, à margem do primeiro seminário provincial de gestão 'comunitária dos recursos florestais, realizado entre quinta e ontem e promovido pela ONG Cospe e pelo Instituto de Desenvolvimento Florestal (IDF), Matteo Tonini sublinhou que as florestas representam, em todo o mundo, uma fonte muito importante na produção e conservação de recursos.

Acrescentou que as florestas, além de contribuírem para a preservação do meio ambiente, produzem também vários recursos naturais para a sobrevivência do homem e dos animais.

"É necessário compreender que o corte de árvores para a abertura de uma determinada lavra ou fazenda condiciona a fertilidade dos solos", acentuou Matteo Tonini, que elogiou o programa de combate à desertificação, por proteger o meio ambiente e harmonizar a actividade agropecuária.

Participaram no encontro, que se realizou no âmbito do projecto integrado de protecção e desenvolvimento das florestas costeiras angolanas, financiado pela União Europeia (UE), responsáveis de organizações da sociedade civil, líderes comunitários, estudantes e professores universitários.

A desflorestação é um assunto que preocupa os governos de todos os países do mundo.

5.6

Exploração ilícita de inertes prejudica o Estado

Jornal de Angola
07 De Maio de 2012

O ambientalista Vladimir Russo afirmou, em Luanda, que a exploração ilegal de inertes tem provocado enormes prejuízos na arrecadação de impostos pelo Estado.

O especialista disse à Angop que o Estado fica lesado em termos de arrecadação de receitas e pelo facto de não acompanhar essa actividade.

Acrescentou que nos últimos tempos se tem registado uma exploração intensa de inertes e que as autoridades não sabem onde decorre e não têm forma de poder fiscalizar no acto da extracção.

Do ponto de vista ambiental, a extracção de inertes altera a paisagem e afecta a qualidade de vida das pessoas, quando é feita em locais impróprios, salientou.

Um outro aspecto tem a ver com a degradação do habitat, resultante da remoção da vegetação e consequente afastamento dos animais.

5.7

Seca compromete colheitas na Chibia

Jornal de Angola
07 De Maio 2012

Cerca de 60 por cento dos 63.477 hectares cultivados na Chibia, no quadro da campanha agrícola 2011/2012, ficaram com as culturas atrofiadas em consequência da seca que nos últimos meses atinge a província. A previsão da colheita estava cifrada em 3.529 toneladas de diversos produtos do campo e também fica comprometida na mesma ordem percentual, afirmou à Angop a administradora municipal, Otília Noloti Vianney.

Entre as culturas afectadas destacam-se os cereais, milho, massango, massambala e feijão, mas também as hortícolas. O quadro é o mesmo nas quatro comunas que compõem a Chibia (Capunda Cavi longo, Quihita e Jau). Situado 45 quilómetros a sul do Lubango, o município da Chibia tem uma população estimada em 200 mil habitantes.

Para atenuar a crise, Otília Noloti Vianney pediu ao Executivo para distribuir sementes de hortícolas,

pois os meses que se aproximam vão ser marcados pela falta de alimentos. "Solicitamos às instâncias superiores que providenciem sementes diversas de hortícolas pois os meses que se aproximam apresentar-se-ão críticos em segurança alimentar", sublinhou.

Reembolso do crédito

A seca está também a criar dificuldades de amortização do Crédito Agrícola de Campanha por parte dos camponeses do município da Chibia, considerou a administradora municipal Otília Vianney.

O empréstimo contemplou 140 dos 270 camponeses organizados em cooperativas e associações que, por vias de meios agrícolas diversos, como instrumentos de trabalho, máquinas, sementes e fertilizantes, receberam um total 43 milhões e 769 mil kwanzas, disse Otília Vianney à Angop.

"Os camponeses estão actualmente impossibilitados de fazerem o reembolso do valor à entidade credora, o Banco Sol, porque as sementeiras não vingaram por falta de chuvas", disse. Os camponeses apostaram no cultivo do milho, massango, massambala e feijão, culturas que mais foram arrasadas pela ausência de chuvas.

Segundo a administradora, o atraso que se verificou na concessão do empréstimo também não ajudou, pois alguns produtos foram entregues fora da época apropriada para o cultivo e os instrumentos e máquinas não garantiram a qualidade desejada.

5.8

Executivo disponibiliza milhões de dólares na recuperação de estações de investigação

Jornal de Angola

07 De Maio de 2012

O ministro da Agricultura e do Desenvolvimento Rural, Pedro Canga, revelou na sexta-feira, no Lubango, Huíla, que o Executivo disponibilizou 100 milhões de dólares para a recuperação e reabilitação de infra-estruturas de investigação agronómica, veterinária e pesca.

Pedro Canga, que falava no final da sua visita de dois dias à Huíla, onde inaugurou o laboratório de produção de vacinas, lançou o projecto Jovem Empresário Agrícola e apresentou o projecto de caracterização de raças autóctones de bovinos e pequenos ruminantes, disse que o programa inclui também a formação de quadros.

O governante precisou que existem vários projectos por desenvolver e o Executivo já aprovou e alocou valores que estão a ser empregues nos mais diversos programas para o desenvolvimento do sector.

"Estamos a recuperar e a construir as Estações de Investigação Agronómica, as Estações de Investigação Veterinária e as do domínio das pescas", referiu.

Salientou que, no quadro desse programa, já foram reabilitadas parte das infra-estruturas da província do Huambo e construiu-se o novo Laboratório Regional de Veterinária no município da Humpata na Huíla. Está em curso um programa que visa reabilitar o instituto da província de Cabinda e as estações de investigação nas províncias nessa mesma região, no Uíge, Kwanza-Sul e Huíla.

O ministro indicou que, durante os dois dias em que esteve na província, foi inaugurado o laboratório de produção de vacinas contra a doença de Newcastle, um projecto enquadrado no programa do Executivo destinado a resolver os problemas do sector.

"Existe ainda um conjunto de acções que está a ser incrementado no sentido de darmos capacidade funcional aos nossos investigadores, mas também para podermos resolver os problemas da saúde pública veterinária, e assim aumentarmos a produção alimentar e de boa qualidade", disse. Enquanto isso, um projecto de caracterização de raças autóctones de bovinos e pequenos ruminantes foi sexta-feira apresentado pela directora-geral do Instituto de Investigação Veterinária, Cleunice Costa. Financiado pela Agência Internacional de Energia Atómica em 120 mil dólares, tem o pendor de aumentar a produção do gado e melhorar a qualidade dos produtos animais.

A directora-geral disse, no acto de lançamento do projecto, que ele tem a duração de dois anos e vai ser feita uma caracterização do gado de raça mucubal, muquilengue e outros. Para a concretização deste programa, o Instituto de Investigação Veterinária vai precisar de pelo menos entre 100 a 150 amostras, num processo em que vai ser necessária a colaboração das autoridades administrativas, governos provinciais, administrações municipais, autoridades

tradicionais e criadores. Cleunice Costa adiantou que, para que os resultados serem positivos, está em curso uma acção que visa a montagem de um laboratório de biologia molecular numa província a ser indicada, para a melhor gestão dos dados.

Participaram na cerimónia de apresentação do projecto o vice-governador provincial da Huíla para o sector Económico, Sérgio da Cunha Velho, membros do governo provincial e quadros do Ministério da Agricultura, Desenvolvimento Rural e Pesca.

5.9

omeça hoje ciclo de debates sobre participação de Angola

Jornal de Angola
10 De Maio de 2012

A Juventude Ecológica de Angola (JEA) e o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) promovem, a partir de hoje, em Luanda, um ciclo de debates sobre o processo de preparação da conferência das Nações Unidas sobre o desenvolvimento sustentável, conhecida por Rio+20, a decorrer de 20 a 22 de Junho, no Rio de Janeiro.

Uma nota de imprensa da JEA, chegada ontem ao Jornal de Angola, indica que a iniciativa tem como objectivo principal encontrar plataformas comuns para que Angola possa participar na cimeira Rio+20 com êxito e contribuir para a obtenção de resultados globais positivos.

Com o debate, a Juventude Ecológica de Angola pretende, a nível local, recolher contribuições que possam enriquecer a estratégia de participação da Comunidade de Países de língua Portuguesa (CPLP) e de África.

"Esperamos, no final dos debates, ter um maior conhecimento do processo de preparação do país para a Rio+ 20 e mobilizar a sociedade civil angolana e o sector empresarial para que tenhamos uma participação activa", lê-se na nota.

A actividade de hoje marca também a abertura das jornadas alusivas ao 21º aniversário da primeira organização ambiental a surgir em Angola, a assinalar-se no dia 11.

A Juventude Ecológica de Angola é uma Organização Não-Governamental ambiental, fundada em 1991, que se dedica a questões de protecção, recuperação e preservação do ambiente, além da educação e sensibilização ambiental das comunidades e da melhoria da qualidade de vida das populações.

5.10

opulação atravessa crise alimentar devido à seca

Jornal de Angola
C 11 De Maio de 2012

Em Catete, um dos novos distritos da província de Luanda localizado a 60 quilómetros da capital, cerca de 70 mil habitantes aguardam mais apoio do governo provincial. Com a agricultura como base de sobrevivência, a população atravessa uma situação particularmente difícil devido à falta de chuva, que tem sido a principal fonte de irrigação das plantações. Em consequência disso, estão a surgir graves problemas sociais, principalmente devido à falta de alimentos, que uma boa colheita podia ter facultado.

A situação está a afectar principalmente os mais velhos que, pela idade que possuem, já não têm forças suficientes para trabalhar a terra, nem para procurar alimento nos rios que, devido ao aquecimento global, estão a perder as poucas lagoas existentes na zona.

Neste momento, existe uma enorme falta de alimentos do campo, o que deixa os camponeses numa difícil situação, ao tornar essa actividade insustentável.

A administradora adjunta de Catete, Margarida Pedro, disse que, devido à falta de chuva, se perdeu toda a sementeira lançada à terra e que acabou por se estragar. "Tivemos pouca chuva este ano. Nem sequer possibilitou o amadurecimento dos produtos e a sua consequente recolha por parte dos camponeses, que muito esperavam daquele cultivo", sublinhou.,

Margarida Pedro prometeu aos camponeses que a Administração vai fazer todos os possíveis para os ajudar a saírem da situação em que se encontram e apontou como solução possível um pedido de apoio ao governo de Luanda.

O soba Domingos Francisco explicou que além da situação da falta de chuvas, a pesca, que servia para o sustento de muitas famílias, também deixou de fornecer uma quantidade suficiente de peixe para consumo. A caça, outro meio de sobrevivência, deixou de ser praticada devido à idade avançada dos caçadores e por falta de interesse dos jovens em se dedicar a essa actividade. "Os jovens estão mais preocupados em trabalhar nas empresas e os mais velhos há muito que deixaram de caçar devido à idade", referiu o soba.

A autoridade tradicional lamentou o facto de algumas empresas de construção civil terem ocupado, supostamente de forma ilegal, algumas áreas destinadas à agricultura, para a exploração de burgau. "A situação é extremamente grave, por isso pedimos a intervenção do governo provincial para acabar com o sofrimento destas populações", alertou.

Governo de Luanda

Para acudir no imediato à situação, o governo provincial entregou alimentos e material agrícola às autoridades tradicionais do distrito de Catete, município de Icolo e Bengo. Os bens, entregues pela vice-governadora para a Área Social, Juvelina Imperial, eram compostos de farinha de milho, arroz, açúcar, feijão, caixas de óleo vegetal, de e sardinhas, atum e maizena, panelas de cozinha, canecas, baldes, chapas de zinco, enxadas e picaretas.

Durante o encontro com a vice-governadora de Luanda, os sobas apresentaram-lhe várias preocupações, entre as quais a falta de transportes públicos e a necessidade de reabilitar as vias de comunicação. Outro problema que aflige a população é a falta de abastecimento de água potável canalizada, o que obriga a que seja abastecida através de camiões cisterna.

Diversas melhorias e alguns problemas

Com a reabilitação de várias infra-estruturas, o município está a ganhar mais vida e já se regista um maior movimento de pessoas e automóveis, principalmente aos sábados e domingos.

Filho de Catete, onde nasceu e vive há 36 anos, Bartolomeu José referiu ao Jornal de Angola que, de um modo geral, o distrito está em crescimento,

com a reabilitação de estradas, centros de saúde e escolas.

"Hoje, já temos um Centro Cultural, várias dependências bancárias, postos médicos, energia eléctrica, escolas", salientou. Na sua opinião, se Catete continuar a reabilitar e construir infra-estruturas, nos próximos dez anos vai ter um importante conjunto de equipamentos, necessários para o seu crescimento.

Adelaide Lobato, de 32 anos, considerou que a melhoria das condições de vida das populações tem estado a mudar, graças aos investimentos que o Executivo está a fazer, com a reabilitação e construção de infra-estruturas sociais. Apesar disso, o distrito continua a viver múltiplos problemas. Cerca de 90 por cento dos professores, funcionários administrativos e enfermeiros, vive em Luanda, por falta de infra-estruturas de alojamento, situação que preocupa as autoridades locais. As apreensões recaem principalmente sobre a falta de mais unidades sanitárias, escolares e infra-estruturas de apoio aos serviços administrativos, a par da carência de médicos, enfermeiros, professores e pessoal administrativo.

Adelaide Lobato lamentou, ainda, a falta de ensino superior. "Hoje, já há jovens que reconhecem a importância de estudar, por isso é triste e lamentável ver muitos deles com vontade de prosseguir a sua formação, mas sem o poderem fazer por falta de uma Faculdade", salientou.

Além disso, há falta de armazéns de bens alimentares, vestuário, calçado e de materiais de construção. "Sem esses estabelecimentos comerciais, as pessoas são obrigadas a ir a Viana e ao Sambizanga para fazerem compras", explicou, acrescentando que é necessário construir mais centros de formação profissional para os jovens. "Uma vez formados, eles têm a possibilidade de mais facilmente conseguirem um emprego na área em que se formaram", concluiu.

5.11

ábrica de montagem de energia solar inaugurada em Viana

Novo Jornal

11 De Maio de 2012

A primeira fábrica de montagem de equipamentos de energia solar, num investimento avaliado em seis milhões de dólares, foi inaugurada nesta terça-feira, 08, na localidade de Viana pelo grupo empresarial Opaia.

Trata-se da Green Power, unidade fabril, que permitirá criar inicialmente 30 postos de trabalho diretos e 70 outros indiretos até finais do ano em curso, com uma facturação até Dezembro na ordem dos 11,5 milhões de dólares, conforme deu a conhecer o seu diretor geral, Carlos Igrejas.

A empresa que se dedica exclusivamente à produção de materiais ligados à energia renováveis, deverá impulsionar o sistema nas diferentes províncias de Angola, estando já a operar em experiência piloto nas províncias do Namibe e Kwanza-Norte, sobretudo nas zonas rurais, contando para o efeito com apoio do Governo, na qualidade de potencial cliente na aquisição de kits de energia solar.

"Tirando proveito de que Angola é dos países do mundo com mais horas de sol, a empresa Green Power é considerando-se esta fonte energética gratuita, limpa e inesgotável faz sentido investir neste domínio", salientou Carlos Igrejas à margem da cerimônia inaugural da fábrica.

Segundo este responsável, a expansão da rede de energia solar vai reduzir a necessidade do uso de geradores, e ao país utilizar menos o petróleo para consumo interno, assim como proteger as futuras gerações. Já o presidente do grupo Opaia, Agostinho Kapaia considerou que os países que conseguem combinar o crescimento económico com o desenvolvimento social podem considerar-se países com os olhos postos no futuro.

"Angola será certamente um desses países e a Green Power quer liderar esta transformação energética", acentuou Kapaia.

A energia solar é captada através de painéis solares e posteriormente em energia elétrica.

O corte dá fita coube ao secretário de Estado de Energia, Joaquim Ventura, que elogiou os promotores da iniciativa, frisando que vem a contribuir para minorar as condições de vida das populações mais carenciadas.

'É uma iniciativa louvável, pois vem de encontro às preocupações do Executivo no sentido de

combater a pobreza no seio das populações", afirmou Joaquim Ventura.

A Green Power além de montar equipamentos solares vai dedicar-se também à distribuição, desenvolver, implementar e garantir a manutenção de sistemas multitecnológicos de energia renováveis, com particular realce para a energia solar.

Com equipamentos para iluminação pública fotovoltaica, kits autónomos de combate à pobreza, de iluminação de escolas, postos de saúde e casas, fornece sistemas de energia para alimentar captações de água para rega e sistemas solares térmicos para produção de água quente.

Tem neste momento disponíveis três kits, cujos preços. Variam entre os 2 mil e 15 mil dólares por unidade.

5.12

huva destrói habitações

Jornal de Angola

12 De Maio de 2012

A directora provincial da Assistência e Reinserção Social avançou, ao *Jornal de Angola*, que uma pessoa morreu por descarga eléctrica, no município do Puri, duas outras ficaram soterradas pelas paredes caídas de uma residência, no Negage, e mais de 230 moradias foram destruídas em consequência das chuvas, acompanhadas de ventos fortes, granizo e trovoada, que caíram insistentemente sobre a região.

Adelina Pinto, directora provincial da Assistência e Reinserção Social (MINARS), disse que as referidas casas foram destruídas entre Fevereiro e Abril deste ano. Pelo menos 1.156 pessoas ficaram sem os seus haveres, e foram obrigadas a refugiar-se em casa dos parentes, vizinhos e amigos. "São casas construídas em zonas de risco e sem as mínimas condições de segurança ou padrões arquitectónicos, que garantam a estabilidade das paredes e telhados", afirmou Adelina Pinto.

A responsável provincial do MINARS assegurou que estão a ser envidados todos os esforços para apoiar os sinistrados com alimentos, roupa usada, utensílios de cozinha e chapas de zinco, para poderem erguer novas residências.

Adelina Pinto referiu que, de acordo com o levantamento feito pela sua instituição, são necessárias 3.700 chapas de zinco, para serem distribuídas aos sinistrados dos municípios do Uíge, Negage, Bungo, Damba, Puri, Milunga, Songo, Bembe e Buengas.

A directora local do MINARS lembrou que, em 2011, as chuvas destruíram 3.290 casas, 52 escolas, 25 igrejas, quatro postos médicos, 15 residências sociais e 13 pontes. As chuvas provocaram ainda o surgimento de ravinas em diversas localidades da província.

No ano passado, mais de 17 mil pessoas ficaram sem os seus haveres, seis pessoas morreram e 24 outras ficaram feridas.

5.13

seca prolongada ameaça populações no interior da província do Namibe

Jornal de Angola

17 De Maio de 2012

A campanha agrícola, que os camponeses do Interior da província do Namibe acreditavam, ser um marco no combate à pobreza, corre o risco de entrar para a história como "ano da desgraça" devido à falta de chuva.

Um sol abrasador, árvores, arbustos e capim ressequidos, são o cenário de um ano agrícola para esquecer na província do Namibe. O solo, que outrora encheu os celeiros dos camponeses com massango, massambala, milho e feijão hoje pouco ou nada dá, devido à seca extrema.

Em várias comunas e povoações dos municípios da Bibala, Virei e Camucuío, áreas mais afetadas pela seca, a campanha agrícola de 2012 está perdida e a fome ameaça algumas comunidades.

"O milho semeado em Agosto e Setembro não resistiu à falta de chuvas em certas localidades do município do Camucuío", diz João Cole, proprietário de uma lavra.

Nalgumas regiões atingidas pela seca, as águas subterrâneas são as principais fontes de abastecimento para as populações e o gado, mas à

falta de chuva as pequenas albufeiras e poços secaram.

Os furos que captam as águas mais profundas são hoje a única alternativa segura no abastecimento às populações e ao gado, mas a maioria está inoperante ou deficiente por falta de assistência técnica.

Aldeias abandonadas

Em consequências da acentuada estiagem, populações inteiras da comuna do Cainde, município do Virei, estão a abandonar as suas casas dispersando-se pelas matas à procura de pastos para o gado e água para a sua sobrevivência.

Percorrem dezenas de quilómetros sem encontrar alimento para o gado. E encontram as pequenas lagoas secas. O director provincial do Namibe da Agricultura, Gabriel Félix, disse que a situação é crítica nos municípios do Camucuío e Bibala, regiões de grande incidência da transumância. "Ali, as populações não possuem excedentes agrícolas, pois o pouco que produziram na campanha agrícola anterior ou mesmo na primeira época desta já foi consumido, não há milagres e a esperança nas colheitas esfumou-se", refere Gabriel Félix.

Acrescenta que os camponeses precisam de sementes, pois ou perderam-nas sementeiras infrutíferas ou foram consumi das devido à carência alimentar. \

Gabriel Félix disse que a localidade do Mucungo, Namibe, ainda há pastos, o que está a gerar enormes disputas entre os muitos criadores tradicionais de gado.

Centenas de velhos e crianças estão a emigrar para terras onde as sementeiras são promissoras devido à humidade nas zonas baixas dos rios e vales, enquanto outros permanecem na região, à espera da bonança. A seca está a causar graves dificuldades aos camponeses, sobretudo na amortização dos seus créditos bancários. "O ano agrícola de 2012 era decisivo para o pagamento do meu crédito agrícola, mesmo com as poucas chuvas semeiei milho, confiando que tudo ia correr às mil maravilhas, mas o milho que já tinha uma altura média perdeu-se por falta de água", refere Fernando Muhongo, camponês de 47 anos e dono de uma lavra de cinco hectares.

Como Fernando Muhongo, são muitos os camponeses que vivem dias de angústia por não poderem honrar os seus compromissos bancários devido aos fracos ou quase nulos resultados das sementeiras.

Com a seca, a sobrevivência de 500 mil-cabeças de bovino e um milhão de pequenos animais, como ovinos, caprinos e suínos está seriamente ameaçada. Os pastos naturais secaram e muitos animais correm sérios riscos de morrer à sede.

Indivíduos fortemente armados, saldos das localidades do Imputo (Huíla), Chongoroi (Benguela) e Cunene estão a roubar muitos animais, ante a impotência dos criadores, segundo relatos de sobas e camponeses.

O director da Agricultura no Namibe sublinhou que apesar de tudo, "a produção da primeira época da campanha agrícola nos principais pólos de desenvolvimento foi de 7.6 mil toneladas", diz Gabriel Félix.

"Nesta altura existe uma alternativa, que são as cinturas verdes dos municípios do Namibe e Tombwa para salvaguardar e recompensar o esforço do agricultor", afirmou Gabriel Félix.

5.14

bras para estancamento de ravinhas ficam concluídas em Agosto próximo

Jornal de Angola
26 De Maio de 2012

Os trabalhos de estancamento de ravinhas, que ameaçam destruir a estrada principal e residências das populações, na sede municipal do Lucapa, ficam concluídos em Agosto deste ano, garantiu na quinta-feira,

no Dundo, o responsável da obra Abel Correia. As obras começaram em finais do ano passado e fazem parte do Programa de Investimentos Públicos (PIP) do Ministério do Urbanismo e Construção, numa acção concertada com o governo provincial da Lunda-Norte.

Abel Correia assegurou ao Jornal de Angola que as obras de contenção das ravinhas, cujas proporções eram muito alarmantes, se encontram

na fase final, sublinhando que os trabalhos estão voltados para a construção das valas de drenagem ao longo da via pública, onde estavam situados os referidos buracos.

As ravinhas apresentavam 70 metros de comprimento e 40 de largura, resultantes da elevada concentração e resíduos sólidos produzidos pela população local e comerciantes.

O desvio do curso normal das águas residuais e fluviais provocam a impermeabilização dos solos locais e essa é, segundo o responsável, a principal causa do surgimento progressivo das ravinhas a nível da sede municipal do Lucapa, sobretudo na época de chuvas. Abel Correia queixou-se da grande quantidade de lixo e outros detritos que levaram muitos meses a ser removidos, para permitir o equilíbrio e compactação adequada dos solos. Além do reforço do sistema de saneamento básico, através do estabelecimento de um horário próprio para a deposição de lixo em locais indicados, considerou ser indispensável a construção de um aterro sanitário.

Tendo em conta a densidade populacional do município do Lucapa e a quantidade de lixo que a mesma produz, defendeu, ainda, a necessidade de administração municipal envidar esforços para a aquisição de meios modernos de remoção e tratamento de resíduos sólidos. As obras de contenção das ravinhas no município do Lucapa devem merecer um trabalho de continuidade, através de acções de educação da população e com o reforço do sistema de saneamento básico, realçou Abel Correia. As valas de drenagem que estão a ser construídas, para permitir um melhor escoamento das águas residuais e pluviais, foram concebidas para um quilómetro de extensão, com vista a reduzir os elevados índices de erosão dos solos.

Acerca da criação de zonas verdes para o reforço do trabalho de impacto ambiental, o responsável da obra explicou que está igualmente a ser feita a reposição do manto vegetal do terreno que sofreu a erosão do solo, através do surgimento, no local, de um campo de futebol.

Além de técnicos da empresa, entre encarregados e topógrafos, o projecto de estancamento das

ravinas da cidade do Lucapa empregou 17 jovens locais.

5.15

técnicos Angolanos regressam ao país

Jornal de Angola
30 De Maio de 2012

Um grupo de seis estudantes angolanos que recebeu formação na área das energias renováveis no Leshan Vocational & Technical College da China regressou ao país, para dar o seu contributo no desenvolvimento do sector energético.

Seleccionados em institutos médios industriais de Luanda pela empresa angolana Ground 4- Engenharia, especializada na produção de energia renovável, os seis jovens receberam formação prática de dois meses sobre construção instalação e administração de estações e sistemas solares fotovoltaicos.

A acção formativa faz parte de um programa da empresa angolana para criar um leque de especialistas nacionais para fazer face aos desafios futuros do sector energético e, ao mesmo tempo, apoiar o mercado na área de energias renováveis.

O técnico Yuri Rosário Francisco valorizou a formação que recebeu dos especialistas chineses. "A formação foi uma grande oportunidade para nós, porque estivemos em contacto com uma realidade diferente, num país que está muito avançado nas energias renováveis", afirmou.

A mesma convicção tem o técnico Ismael Manuel da Silva, que se diz preparado para a instalação de painéis solares em qualquer parte do país e contribuir para o aumento da capacidade energética. "Estamos numa fase de desenvolvimento da nossa economia e o nosso contributo para aumentar a oferta de energia, no sentido de alimentar as indústrias que vão surgir", disse.

Wang Xiao zhong, professor do Leshan Vocational & Technical College, um dos mais renomados institutos do Mundo na matéria, que acompanhou os técnicos, ficou satisfeito com o desempenho do primeiro grupo de angolanos formados na instituição.

Inserção dos jovens

Os técnicos que cumpriram o programa de formação na China foram selecionados com o apoio do Instituto Médio Industrial de Luanda (IMIL), através do Gabinete de Inserção na Vida Activa (GIVA), criado no âmbito da implementação do sistema de reforma do ensino técnico profissional. O objetivo do gabinete é apoiar e orientar a inserção dos alunos no mercado de trabalho, para complementar e aperfeiçoar as suas competências sócio-profissionais, tornando-os capazes, habilidosos, criativos e eficientes no meio profissional. A Ground 4 - Engenharia possui pessoal especializado e uma rede de parceiros altamente qualificados, o que possibilita o desenvolvimento de produtos, instalação e manutenção de equipamentos para a produção de energia e aquecimento através de fontes limpas.

O seu principal parceiro, a Zhejiang Yuezhou, é uma das maiores empresas do ramo na China, responsável, entre outros projectos, pela instalação de estações solares fotovoltaicas no Tibete, com capacidade de 10 MW, na província de Henan, com capacidade de 2 MW, na cidade de Shaoxing, com capacidade de 1,8 MW, e da estação eólica na cidade de Cixi, com capacidade de 4,95 MW.

5.16

xposição tecnológica abre hoje em Luanda

Jornal de Angola
31 De Maio de 2012

Expositores angolanos e estrangeiros exibem a partir de hoje, até sábado, na Feira Internacional de Luanda (FIL), tecnologias e serviços na segunda edição da Feira Internacional de Tecnologias Ambientais, promovida pelo Ministério do Ambiente, sob o lema "Energia Sustentável e Água para Todos".

Ao todo, 106 expositores estão presentes em representação de Angola, Portugal, Brasil, China, Dinamarca, África do Sul, Nigéria, Espanha, França, Alemanha e Estados Unidos da América.

O director nacional das Tecnologias Ambientais do Ministério do Ambiente, António Matias, declarou à agência de notícias Angop que a feira é benéfica para Angola, porque serve para colher a experiência de vários países sobre tecnologias e serviços considerados amigos do ambiente .

Nesta feira, disse António Matias, os expositores ocupam maiores espaços, o que lhes vai permitir, de forma "folgada e não apertada a apresentação das tecnologias ambientais e serviços disponíveis no Mundo.

Os expositores nacionais, acrescentou, vão aproveitar a ocasião para estabelecer parcerias com os estrangeiros. Caso sejam estabelecidas parcerias, sublinhou, os investidores nacionais e estrangeiros vão, em conjunto, apresentar soluções viáveis para os sectores da Energia e Águas, Indústria, Petróleos, Agricultura e Floresta, Urbanismo e Construção, que, no seu entender, influenciam significativamente o crescimento da economia nacional.

António Matias informou que 95 por cento dos expositores vão ser prelectores em conferências sobre a necessidade da redução de emissões de gases de efeito de estufa (GEE) e de outras acções em defesa do meio ambiente.

O alto funcionário do Ministério do Ambiente recordou que a Assembleia-Geral das Nações Unidas proclamou 2012 como o Ano Internacional da Energia Sustentável para Todos.

5.17

DRA ajuda a repovoar áreas florestais da Caála

Jornal de Angola

31 De Maio de 2012

A Acção para o Desenvolvimento Rural e Ambiente (ADRA) está a desenvolver acções de repovoamento florestal na província do Huambo.

Maria de Lassalet, directora da ADRA no Huambo, disse ontem ao Jornal de Angola que o programa de repovoamento florestal comunitário

é desenvolvido inicialmente na Caála, nas aldeias de Calue e Cambongue.

Os técnicos da ADRA vão aproveitar o trabalho para instruir as populações sobre os cuidados a ter na manutenção do ambiente .

O plano de repovoamento florestal comunitário pretende beneficiar, directamente, numa primeira fase, uma população de 658 famílias e indirectamente 3.290 famílias. O projecto tem o financiamento da petrolífera brasileira Petrobras, no valor de 86.714,40 dólares e é realizado num prazo de dois anos, de acordo com a directora da ADRA.

A execução do projecto conta também com a parceria do Instituto de Desenvolvimento Florestal (IDF), Faculdade de Ciências Agrárias, Estação de Desenvolvimento Agrário da Caála e União das Associações de Camponeses da Caála. Com este projecto, a ADRA e parceiros pretendem mostrar que é possível mudar as coisas para melhor desde que haja consciência dos cidadãos.

No plano estratégico 2012/2016 da ADRA foram traçadas estratégias de trabalho educativo da sociedade, de maneira a promover o sistema de produção sustentável, através da introdução de boas práticas agro-florestais.

6. JUNHO DE 2012

6.1

M adereiros sem dinheiro exigem ordem na exploração das florestas

Novo jornal

08 De Junho de 2012

Madeireiros e industriais da madeira são incapazes de participar com o mínimo de 10% exigido pela banca nacional para o financiamento de projetos ligados ao sector florestal, revelou ontem, em Luanda, o seu representante, José Veríssimo.

Este responsável discursava na abertura do encontro nacional que reuniu governantes e empresários do sector, tendo em vista o

relançamento da fileira da madeira, mobiliários e afins.

Nesse sentido apelou à sensibilidade das autoridades para encontrar as melhores vias de financiar projetos, visto que na sua maioria estão descapitalizados.

"Urge a necessidade de pensar-se em outros mecanismos, como o accionamento de linhas de crédito externas ou mesmo a fundo perdido como aconteceu noutras paragens", defendeu José Veríssimo.

"A maior parte dos agentes económicos deste sector debate-se com problemas graves, necessitando da mão do Estado para a sua capitalização, alavancando desta forma a nossa actividade", acrescentou.

O também empresário do sector madeireiro disse 'que a sua organização acolha de bom grado a intenção do Executivo pretender relançar a fileira de madeira, mobiliário e afins, mas refere que o processo caminha a duas. Velocidades, entre os ministérios da Geologia e Minas e da Indústria e o da Agricultura, Desenvolvimento Rural e Pescas, cuja missão é a sua materialização.

"Deve-se caminhar de forma articulada, sob pena de criarmos mais 'elefantes brancos'. Estamos esperançados que a implementação dos projectos previstos no referido programa proporcionará um alento à implementação e desenvolvimento da indústria madeireira de Angola", sublinhou.

Numa referência ao sector florestal, José Veríssimo defendeu a necessidade de reorganização, através de um "sério envolvimento" na organização nacional daqueles que diretamente fazem da floresta o seu campo de trabalho. "Precisamos de uma parceria sólida e coesa entre o Instituto do Desenvolvimento Florestal (IDF) e as associações empresariais. Isto passa pela atribuição de um papel mais interventivo do IDF, que em abono da verdade muitas vezes atuam à margem da lei. Desta forma tornamo-nos presas fáceis da teoria da gasosa, senão mesmo participes em operações que lesam os interesses do país", acentuou José Veríssimo.

Para o efeito pediu a formação dos agentes florestais, com Posterior atribuição de meios rolantes e um estatuto remuneratório condigno que lhes afaste da corrupção.

Em resposta, o ministro da Agricultura e do Desenvolvimento Rural e Pescas, Pedro Canga, acusou os empresários madeireiros de incumprimento das normas de exploração florestal, admitindo no entanto, que o sector precisa de muitos investimentos.

"Quantas vezes registamos o incumprimento das normas de exploração florestal e assistimos alguns operadores a ultrapassarem as quotas de previstas e ao corte de espécies não declaradas nas licenças?", questionou o governante.

Canga assinalou também que várias foram as ocasiões em que os madeireiros fugiram ao fisco aquando do transporte de madeira sem a competente guia.

Mesmo assim, manifestou o empenho do Governo para junto das autoridades provinciais identificar empresários com capacidade técnica e organização aceitável de absorver parte dos financiamentos Previstos para o sector madeireiro. "O Executivo está a fazer tudo para que O' sector madeireiro possa crescer, mas com sustentabilidade", frisou.

Exportação de madeira

O ministro Pedro Canga, na sua intervenção, defendeu ainda necessidade do país dispor de capacidade de transformação local da madeira para dispensar a exportação de toros de madeira em bruto.

Este facto "contribuiria para criar mais empregos e para a reutilização dos desperdícios".

"Há a necessidade de termos uma indústria de transformação primária, o que significa que devemos nos preparar para deixar de exportar madeira em toros. A transformação primária tem de acontecer no lugar de exploração para criar emprego e para que os desperdícios possam ser aproveitados para outros fins, como o carvão e outros", advogou o ministro da Agricultura, Desenvolvimento Rural e Pescas.

6.2

m problema para o meio ambiente

Semanario factual

De 09 ao 16 de Junho 2012

São considerados resíduos electrónicos ou lixo electrónico os aparelhos obsoletos, como os computadores, os televisores, as geleiras e os telemóveis/ celulares.

a sociedade angolana, o consumo e o constante avanço tecnológico, bem como a obsolescência dos produtos, fazem que a compra e o descarte se dêem de forma cada vez mais veloz.

Segundo especialistas, a África tornou-se num ponto estratégico para o depósito de materiais electrónicos, o que está a apresentar tanto uma oportunidade económica como problemas ambientais e de saúde.

De computadores portáteis inoperativos a danificados e velhos frigoríficos, o negócio de reciclagem de aparelhos electrónicos em Luanda já acontece, dada a existência de componentes substituíveis.

Na capital, a prática da reciclagem já é muito comum, tendo em conta a existência de várias lojas que o fazem. Mas, a grande preocupação reside no descarte seguro destes equipamentos electrónicos, visto não existir, no País, uma instituição capaz de dar um tratamento eficaz a estes produtos electrónicos.

Num périplo realizado pelo Factual a vários pontos da cidade de Luanda, foi possível constatar o descarte anárquico destes aparelhos a céu aberto, pondo em perigo o meio, assim como a saúde pública.

Foi, igualmente, possível saber que a falta de conhecimento sobre os perigos que estes materiais representam e a inexistência instituições especializadas está na base desta situação.

Uma situação muito comum na sociedade luandense tem a ver com a falta de atenção dos pais que permitem às crianças menores manusearem equipamentos electrónicos, como telemóveis deteriorados, baterias, placas, pilhas, entre outros. Esta acção pode levar à intoxicação da criança ou à sua morte.

O perigo dos meios electrónicos

Nos bens electrónicos, existem um potencial perigoso de elementos químicos que podem pôr em causa a saúde pública, quando estes não sofrem um descarte seguro. Eis alguns dos principais

contaminantes presentes nos produtos electrónicos.

O Arsénico

O Arsénico é um elemento metálico venenoso que se apresenta como pó ou em forma de substâncias solúveis. A exposição crónica ao Arsénico pode provocar doenças de pele e diminuir a velocidade de transmissão dos impulsos nervosos.

A exposição continuada ao Arsénico pode, igualmente, causar câncer de pulmão e, muitas vezes, ser fatal.

O Cádmiio

O Cádmiio apresenta um risco de efeitos cumulativos no ambiente, devido à sua toxicidade aguda e crónica.

A exposição aguda à fumaça de Cádmiio provoca sintomas de fraqueza, febre, dor de cabeça, calafrios, suores e dor muscular. Os riscos primários à saúde pela exposição a longo-prazo são câncer de pulmão e nos rins.

O Cádmiio também pode causar enfisema pulmonar e doença óssea (osteomalacia e osteoporose).

O CFC's (clorofluorcarbonos)

Clorofluorcarbonetos são compostos de carbono, flúor, cloro, e, por vezes, hidrogénio. Usados anteriormente nas unidades de refrigeração e em espuma de isolamento, não são mais utilizados, pois, quando libertos na atmosfera se acumulam na Estratosfera e têm um efeito nocivo na camada de Ozono, provocando o aumento da incidência de câncer de pele nos seres humanos e em danos genéticos em muitos organismos.

O Cromo

Cromo e os seus óxidos são amplamente utilizados, devido à sua condutividade elevada e propriedades anticorrosivas. Enquanto algumas formas de Cromo não são tóxicas, outras, como a de Cromo (VI) conhecida com Hexavalente, são facilmente absorvidas pelo

corpo humano e podem produzir vários efeitos tóxicos no interior das células.

A maior parte dos compostos de Cromo (VI) são irritantes aos olhos, à pele e às mucosas. A exposição crónica aos compostos de Cromo (VI) pode causar danos permanentes aos olhos, se não forem devidamente tratados. O Cromo VI pode também causar danos ao AD (código genético).

O Dioxinas

As dioxinas nunca foram intencionalmente fabricadas, mas formam-se como subprodutos indesejáveis durante a fabricação de substâncias como alguns pesticidas, bem como durante a combustão.

As dioxinas são conhecidas por serem altamente tóxicas para animais e seres humanos, pois se acumulam no corpo e podem levar a malformações do feto, diminuição da fecundidade e das taxas de crescimento. As dioxinas e os Furanos são uma família de produtos químicos que compreendem 75 diferentes tipos de compostos do tipo dioxinas e 135 compostos relacionados com os Furanos.

O Cloreto de polivinila (PVC)

Cloreto de polivinila (pvq é o plástico mais utilizado em electrónica e em aparelhos, utensílios domésticos, tubos, entre outros. O PVC é perigoso porque contém até 56 por cento o cloro que, quando queimado, produz grandes quantidades do gás cloreto de hidrogénio, o qual, combinado com a água, forma ácido clorídrico e é perigoso, pois, quando inalado, leva a problemas respiratórios.

O Chumbo

O Chumbo é o metal mais amplamente utilizado nas indústrias. A curta exposição a níveis elevados de Chumbo pode causar vómitos, diarreia, convulsões, coma ou até morte. Outros sintomas são perda de apetite, dor abdominal, constipação, fadiga, insónia, irritabilidade e dor de cabeça.

Exposição excessiva continuada, como num ambiente industrial, pode afectar os rins. É, particularmente, perigoso para as crianças pequenas, porque podem danificar conexões nervosas e causar distúrbios cerebrais.

O Mercúrio

O Mercúrio é um dos metais mais tóxicos que ainda são amplamente utilizados na produção de equipamentos electrónicos.

É um metal pesado tóxico que se acumula no organismo, causando danos cerebrais e no fígado, se ingerido ou inalado. O mercúrio aparece altamente concentrado em algumas baterias, interruptores, termostatos e lâmpadas fluorescentes.

O Cloreto de polivinila (PVC)

Cloreto de polivinila (pvq é o plástico mais utilizado em electrónica e em aparelhos, utensílios domésticos, tubos, entre outros. O PVC é perigoso porque contém até 56 por cento o cloro que, quando queimado, produz grandes quantidades do gás cloreto de hidrogénio, o qual, combinado com a água, forma ácido clorídrico e é perigoso, pois, quando inalado, leva a problemas respiratórios.

O Selénio

A exposição a altas concentrações de compostos de Selénio causa selenosis. Os principais sinais dessa doença são a perda de cabelo, fragilidade das unhas e alterações neurológicas (como demência e outras sensações estranhas nas extremidades dos membros).

É inegável que o lixo tem sido um dos grandes problemas da cidade capital, mas consiste, igualmente, numa necessidade urgente à criação de instituições e programas para o tratamento seguro dos lixos electrónicos e a conscientização sobre os perigos que estes acarretam para a saúde pública e o ambiente, no qual pode ocorrer a contaminação dos solos, da água e que podem levar ao desaparecimento da fauna e da flora.

O engajamento comum entre os Ministérios da Educação, do Ambiente, das Tecnologias e da Saúde pode, ajudar na criação de projectos salutarés para um descarte seguro dos materiais electrónicos na sociedade e preservar o ambiente e a saúde pública.

6.3

alta de chuvas no Cunene provoca baixa na produção

Jornal de Angola
10 De Junho de 2012

Os níveis de colheita da produção agrícola de 2011/2012 na província do Cunene tiveram uma queda na ordem de mais de 40 mil toneladas, devido à escassez da chuva que se registou na região.

A informação foi avançada pelo director do Instituto de Desenvolvimento Agrário, Porfirio Samaneulo, referindo que a previsão da colheita seria de 72 mil toneladas, mas, devido à escassez de chuvas, só é possível colher cerca de 30 mil toneladas.

A província registou um longo período de estiagem (Setembro de 2011 a Fevereiro de 2012), que destruiu quantidades consideráveis de culturas dos camponeses locais.

"Prevíamos uma colheita bastante satisfatória, a julgar pela preparação de 180 hectares de solos aráveis desbravados e as sementes lançadas à terra", referiu.

A situação é mais crítica nos municípios de Namacunde, Cahama Curoca, devido à escassez de água, pondo em risco a vida da população e do seu gado, uma vez que os criadores começaram já o processo de transumância das manadas para áreas com pasto.

A província do Cunene é potencialmente agrícola. Pelo menos 91 mil famílias camponesas do Cunene dedicam-se à agricultura, com destaque para o cultivo de cereais como o massango, massambala, milho e leguminosas, segundo o director provincial do Instituto de Desenvolvimento Agrário.

6.4

gressão à floresta preocupa autoridades

Jornal de Angola

F 20 De junho de 2012

O chefe de brigada do Instituto de Desenvolvimento Florestal (DF) na Cangadala lembrou, Angop que as queimadas e o abate indiscriminado provocam desequilíbrio ambiental e impedem a população de viver num ambiente saudável.

Francisco José referiu a importância da sociedade participar no combate a estas práticas para se poder preservar o ambiente. As queimadas e os abates indiscriminados de árvores, insistiu, desestabiliza o ambiente, pois a arborização contribui para o reavivamento florestal Para o reforço da proteção das áreas florestais em Cangadala, afirmou, realiza-se, nos próximos dia um encontro com autoridades tradicionais para lhes transmitir formas de impedir a população agredir o meio ambiente.

Angola tem vastas zonas florestais e a sua protecção é ainda débil devido à falta de guardas florestais, o que propicia o abate ilegal de árvores.

O Estado angolano, com a ajuda internacional, realiza um inventário florestal, algo que nunca foi feito mesmo durante o regime colonial português.

6.5

camponeses vítimas de seca recebem, apoio

Jornal de Angola
25 De Junho de 2012

O governo do Kwanza-Norte apoiar os camponeses afetada pela seca, com alimentação, instrumentos de trabalho e sementes, para a próxima campanha agrícola.

O presidente da UNACA (União Nacional das Associações de Camponeses e Cooperativas Agropecuárias), Paulo Uimi, fez esta revelação na comuna da Canhoca.

Segundo Paulo Uirni, o apoio para colmatar o grau de dificuldades na produção dos camponeses locais, resultantes da estiagem verificada no período da campanha agrícola 2011/ 2012.

Depois de visitar os Campos afectados, o presidente da UNICA disse que as culturas foram

C

na sua totalidade devastadas pela seca, principalmente as de banana, milho e mandioca.

O responsável aconselhou camponeses a aproveitarem os terrenos próximos dos rios, para produção de alimentos.

Paulo Uime disse que as províncias do Kwanza-Sul e Bié foram as mais afectadas pela estiagem, mas todas as condições e tão criadas para a implementação das ajudas.

O presidente Paulo Uime revelou que a UNACA registou, em todo o país, nos últimos tempos, cerca de um milhão de camponeses.

7. JULHO DE 2012

7.1

Instituto de Desenvolvimento florestal está preocupado com o abate a árvores

Jornal de Angola
2 De Julho de 2012

O director do Instituto de Desenvolvimento Florestal do Moxico, Isaac Victor, disse que a pressão sobre a flora, com recurso a estas práticas, provoca graves consequências ao homem e aos outros seres vivos.

"As queimadas limitam a regeneração natural das árvores", explicou, ao condenar este comportamento incorreto da população. Apontou a floresta da periferia da cidade do Luena como a mais devastada.

O corte de árvores não serve para a construção de casas ou para a agricultura, mas sim para o fabrico de carvão. Isaac Victor disse que a sua instituição tem iniciativas de repovoamento florestal nos bairros e foram colocados à disposição da população mais de dez mil plantas ornamentais e florestais, de forma grátis.

O responsável do Instituto de Desenvolvimento Florestal do Moxico disse que os bairros emergentes na periferia da cidade do Luena estão desprovidos de árvores.

As árvores protegem o solo das enxurradas e dos ventos e servem de habitat para os animais selvagens, razão pelo qual é imperativo que o homem proteja e conserve a flora, tal como a fauna.

A província apresenta uma rica flora, com uma diversidade de árvores. Depois de Cabinda, o Moxico aparece em segundo lugar na

exploração de madeira.

Nas florestas do Moxico habitam animais como onças, nunces, lebres, pacaças, elefantes, leões, palancas, macacos, várias espécies de aves e répteis.

No Moxico existe o Parque Nacional da Cameia, com 14.450 quilómetros quadrados, o segundo maior em Angola, depois do Parque Nacional de Iona, com uma extensão de 15.150 quilómetros quadrados, no Namibe. Também são conhecidas as reserva florestais do Catupe, Lucusse, Cassá, Mucondo, Luizavo, e Luena.

7.2

Formação em gestão ambiental

Jornal de Angola
10 De Julho de 2012

A Direcção Provincial do Ordenamento do Território, Urbanismo e Ambiente no Huambo, está a realizar desde ontem uma acção formativa em gestão ambiental, destinada aos

quadros da administração pública.

A formação que termina no próximo dia 18 está dividida em sete módulos e os participantes, além de receberem conhecimentos teóricos, têm sessões práticas.

A introdução aos problemas ambientais, licenciamento e fiscalização ambiental, auditoria ambiental, avaliação ambiental, educação ambiental e legislação sobre meio ambiente fazem parte do programa.

7.3

Plano estratégico sobre a floresta do maiombe será implementado

F

P

As Repúblicas de Angola, do Congo Democrático e do Congo Brazzaville, países envolvidos na protecção e conservação da floresta do Maiombe, iniciam em 2013 a implementação do seu plano estratégico.

Para o sucesso do programa está em curso um estudo de viabilidade assim como contactos com alguns países de outros continentes, com uma vasta experiência neste domínio.

A medida visa cobrir 290 mil hectares que comportam a zona transfronteiriça entre os três países. A aplicação do projecto resulta de uma conferência realizada em Luanda, que visou fundamentalmente traçar um cronograma de acções a serem levadas a cabo.

Uma das decisões reside na captação de fundos externos, além dos disponibilizados pelo Executivo angolano, para o desenvolvimento do sector florestal angolano.

Conservação

As condições da criação da reserva transfronteiriça do Maiombe decorrem a bom ritmo e visam estabelecer conexões das cinco reservas ou parques existentes ao longo da zona verde, alimentada pela Bacia do Congo, que cobrem os três países, com árvores acima dos 50 metros de altura.

Por parte de Angola, estas zonas vão conectar com o parque nacional de Cabinda, criado no espaço que cabe à floresta do Maiombe, além da formação de 45 fiscais (ex-militares) que já trabalham no patrulhamento da zona.

Acordos

Segundo o memorando assinado em 2009 entre os três países, a protecção ambiental é o destaque principal. Por parte de Angola rubricou o acordo a ministra do Ambiente, Maria de Fátima Jardim.

As orientações para um estudo de viabilidade determinam corredores biológicos e a elaboração de instrumentos jurídicos que vão permitir o lançamento oficial da reserva transfronteiriça do Maiombe.

O estudo está relacionado (com o uso de terras e seu mapeamento em toda a extensão do Maiombe, potencialidades ambientais e biológicas de todo o ecossistema transzonal e mapeamento via satélite, para aprofundar o conhecimento da vasta extensão desta floresta.

Os documentos já foram aprovados por peritos nacionais (três países) e internacionais da Organização Mundial para a Conservação da Natureza (UICN) e do Programa das Nações Unidas para o Ambiente (PNUA) .

Os documentos permitiram a elaboração de projectos para os próximos 10 anos, relacionados com a melhoria de cooperação intersectorial e intra-regional nos ecossistemas florestais transfronteiriços do Maiombe, assim como a conservação e utilização sustentável dos serviços dos ecossistemas da sua reserva transfronteiriça, através da criação de sistemas de reservas protegidas, gestão sustentável dos ecossistemas e da biodiversidade da vasta floresta.

O documento refere que outras estratégias estão em curso para a criação de infra-estruturas administrativas nos respectivos parques, bem como um corpo de fiscais transfronteiriço, cujo pessoal poderá ser formado em Angola.

A preservação da floresta do Maiombe a nível do planeta é de extrema importância, pois este ecossistema fornece à humanidade diversos serviços ecossistémicos e ambientais indispensáveis, lê-se no documento.

Estudos efectuados indicam que a sua biodiversidade constitui uma mais-valia para o futuro não só dos seus habitantes, assim como do próprio planeta terra.

Importância das florestas

O papel desempenhado pelas florestas para a economia esteve na origem da realização das jornadas técnico-científicas sobre florestas e segurança alimentar em Angola, que reuniu técnicos angolanos, brasileiros e do Fundo das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura (FAO).

A cimeira frisou que Angola possui uma extensão florestal de 53 milhões de hectares, o equivalente a 43,3 por cento do território nacional. A superfície considerada economicamente produtiva é de apro-

ximadamente 2,4 milhões de hectares, correspondendo a apenas dois por cento do território nacional.

Actualmente, o país tem a capacidade para produzir, por ano, uma média de mais de 360 mil metros cúbicos de madeira em toro da floresta natural e aproximadamente 850 mil de plantações florestais existentes, o que corresponde, em termos financeiros, a 150 milhões de dólares para a economia nacional, só em exploração de madeira.

Desertificação

A falta de informação e de um plano de gestão para a exploração florestal tem incidência sobre um número reduzido de espécies com aceitação no mercado.

Sobre as ameaças, a exploração desordenada e ilegal das florestas naturais tem sido uma questão um pouco mais delicada, pelo facto de a maioria da população rural e suburbana ter na madeira, no carvão, lenha e outros recursos florestais as suas principais fontes de rendimento familiar.

Segundo os especialistas contactados pelo JE, esta situação tem muita influência nos índices de desflorestação e degradação dos recursos florestais ao redor dos centros urbanos .

O Executivo angolano aponta que a nível das cidades que estão a ter problemas de seca é necessário incentivar a criação de polígonos florestais artificiais, numa altura em que Angola conta com técnicos ..

7.4

loresta de Cambambe com apenas dois fiscais

Nova Gazeta

12 De Julho de 2012

A escassez de fiscais no Instituto de Desenvolvimento Florestal (IDF), em Cambambe, no kwanza-Norte, é uma das principais causas da desflorestação na região, fruto do "abate indiscriminado de árvores para o fabrico de carvão", disse a responsável interina da instituição Maria de Fátima Pipa.

O instituto conta atualmente com apenas dois técnicos encarregados da fiscalização de todo território de Cambambe, que tem quatro comunas e uma extensão de 5.212 quilómetros quadrados.

Para a cobertura ser plena, a responsável calcula serem necessários mais 32 fiscais e viaturas todo-o-terreno, visando o controlo das zonas mais afectadas pela exploração ilegal de carvão, algumas das quais situadas em áreas de difícil acesso.

O IDF em Cambambe tem atualmente licenciados 15 concessionários para a exploração do carvão vegetal.

7.5

utoridades preocupadas com devastação de florestas

Jornal de Angola

13 De Julho de 2012

O administrador da comuna do Tchiumbo, na província do Huambo, manifestou-se ontem ao Jornal de Angola preocupado com a devastação de florestas na região de Sanguengue.

José Manuel Tchissalukila disse que as florestas de Sanguengue têm sido alvo de exploração ilegal de madeira. O perímetro de Sanguengue ocupa uma extensão de 18.000 quilómetros quadrados, por isso, o responsável considera ser muito difícil controlar a exploração de madeira na região.

"Muitos cidadãos entram no perímetro florestal, não se registam na administração da comuna, passam directamente para a floresta e começam a explorar madeira, incumprindo a lei e as exigências do IDF", disse.

O responsável lembrou que a espécie mais devastada é o pinheiro que corre o risco de extinção ..

A administração tem apenas registadas 12 empresas, autorizadas a explorar madeira para fins comerciais. Os principais clientes são empreiteiros de construção civil e marceneiros.

O derrube anárquico de árvores está a afectar o meio ambiente e contribui para o desaparecimento de muitas espécies de animais, disse o admnistrador.

Missão da Babaera

A escola missionária católica das irmãs Teresianas, localizada na localidade da Babaera, reabre as suas portas em breve. Com capacidade para acolher mais de 500 alunos, as obras encontram-se em estado avançado.

Preocupado com a degradação da "escola, o governo do Huambo concedeu apoio para que a antiga missão volte a ressurgir, albergando crianças em regime de internato.

7.6

esordem na exploração de inertes

Jornal de Angola

14 De Julho de 2012

As empresas exploradoras de Inertes que não cumprem com as suas obrigações vão ser responsabilizadas pelos seus actos, advertiu na segunda-feira em Caxito a ministra do Ambiente.

Fátima Jardim, que falava na apresentação de um estudo de avaliação ambiental na comuna das Mabubas, município do Dande, não avançou mais pormenores sobre a responsabilização.

"Aos que, insistentemente, querem prevaricar, vamos actuar. Já fizemos o levantamento. O estudo de avaliação ambiental está bem feito. Agora, em função do estudo, vamos dar continuidade à aplicabilidade da lei e levar as preocupações ao nível central para que, do ponto de vista multisectorial, esta questão seja tratada", disse.

A titular do ambiente pediu mais responsabilidade por parte das empresas exploradoras de recursos naturais na província do Bengo, sobretudo as de inertes, advertindo que o Ministério do Ambiente e o governo provincial vão ser "mais actantes" com as que não cumprirem com as suas obrigações.

"Já foram feitos muitos alertas. Agora chegou a hora de intervirmos. Já aqui fizemos um trabalho preliminar. Não podemos permitir clarou. Fátima Jardim lembrou que o Executivo está a trabalhar para o desenvolvimento comunitário, sobretudo nos programas de combate à pobreza, para manter o

bem-estar das populações.

O governador do Bengo disse que a comuna das Mabubas foi eleita para ser a nova centralidade de Caxito e vai albergar as direções provinciais e algumas residências. João Miranda disse que com o estudo foi possível concluir que existem muitas anomalias na exploração de inertes nas Mabubas, irregularidades essas que, acrescentou, colocam em risco a saúde pública e o ambiente.

Com o estudo de avaliação ambiental, afirmou, foi ainda possível constatar que grande parte das e presas extractivas não cumpre contratos de concessão de exploração, utilizando tecnologia obsoleta que coloca em risco os seus funcionários e as comunidades próximas.

O governador destacou, por isso a importância do estudo para a preservação do ambiente e a garantia do conforto das comunidades.

7.7

rroteção Civil preparada para apoiar os sinistrados

Jornal de Angola

15 De Julho de 2012

O responsável da Protecção Civil e Bombeiros em Benguela lembrou ontem, em Luanda, a importância da entrada em funcionamento do sistema de alerta contra catástrofes na prevenção e no combate às cheias na sua província.

José da Silva, que falava no encerramento de um seminário destinado a elementos das comissões provinciais de protecção civil, disse que, com a entrada em funcionamento daquele sistema, os técnicos passaram a controlar a subida do caudal dos rios Cavaco, Catumbela e o Coporolo.

O responsável afirmou os técnicos vão beneficiar de acções de formação para se tirar maior proveito do sistema.

Com a entrada em funcionamento deste sistema, referiu, a população é alertada oportunamente sobre possíveis cheias e subidas do caudal dos rios.

O seminário aberto pelo ministro do Interior, Sebastião Martins, teve a participação de agentes de protecção civil de todo país.

7.8

descoberta nova floresta de montanha em Angola

Folha 8

30 De Julho de 2012

Em Agosto do mesmo ano, Mills partiu com Martim Melo, do Centro de Investigação em Biodiversidade e Recursos Genéticos (CIBIO), e Alexandre Vaz para o Monte de Namba, conseguindo confirmar a descoberta, entretanto publicada na «Bird Conservation International». Contactado pelo «Ciência Hoje», Martim Melo explicou a importância deste achado. Investigador na área das aves, Martim Melo tem estudado o continente africano. "África está dividida em vários biomas e todos têm localizações bem definidas", refere. Há um único bioma que está fragmentado por vários locais de África: as florestas de montanha. Estas "são escassas e estão espalhadas em fragmentos, encontrando-se só a mais de 1600 metros de altura".

Estas florestas, que partilham entre si várias características, "funcionam como refúgio para espécies que dependem de condições de humidade. Por serem tão diferentes do habitat circundante, são também propícias à formação de novas espécies".

Os maiores fragmentos de floresta de montanha conhecidos em Angola encontram-se no Monte Moco, o pico mais alto do país, na província do Huambo, onde está a ser implantado um projecto de conservação. Ainda nos anos 70, Brian Huntley sugeriu que existiam florestas similares na Montanha de Namba, província do Cuanza Sul. Suspeita que foi agora confirmada.

Martim Melo lembra que, em 2005, foi descoberta outra floresta destas em Moçambique e, acredita, "há muito mais para descobrir".

Floresta de 'boa qualidade' a expedição confirmou a existência de grandes manchas de floresta de montanha de Namba. A floresta foi confirmada

como sendo de "boa qualidade". Tem 600 hectares, "uma extensão muito grande, tendo em conta que o que se conhecia, ao todo, eram apenas 200 hectares".

A natureza acidentada do terreno não permitiu o acesso a grande parte da área. Mesmo assim, a equipa conseguiu fazer alguma investigação. Na área das aves, a especialidade de Martim Melo, verificou-se a existência de 20 espécies que dependem deste habitat.

Algumas das espécies encontradas julgavam-se confinadas ao Monte Moco. Entre elas, populações que no Moco são hoje muito raras e algumas que já não se avistavam há vários anos, sendo consideradas possivelmente extintas, como o republicano-de-cauda-barrada, a felosa de Laura, o tordo-da-terra-laranja e o noitibó-da-montanha.

O investigador considera ser importante haver uma nova expedição que inclua investigadores de várias áreas, pois, diz, "deve haver espécies de insectos e outros animais a descobrir". Habitat em perigo As alterações climáticas podem ser um perigo para as florestas de montanha que, durante milhares de anos avançaram e recuaram conforme o grau de seca. "Ao longo de milhares de anos, estas florestas já mostraram ter bastante resiliência", considera o investigador. O maior perigo é mesmo "o impacto da pressão humana".

Muitas destas florestas são procuradas pela lenha ou destruídas para a agricultura. No entanto, no Monte Namba, devido à dificuldade de acesso, "a pressão humana é ainda muito reduzida".

Ainda assim, os esforços de conservação são necessários. "O governo de Angola está a implementar uma nova rede de áreas protegidas, mais alargada. Até agora, praticamente só a savana era alvo de protecção".

O governo está a consultar especialistas e esta equipa já deu o seu parecer. "Há fortes possibilidades de que o Monte Namba seja incluída na área protegida", conclui.

8. AGOSTO DE 2012

8.1

ível de água do rio Coporolo está a preocupar os agricultores

Jornal de Angola
03 De Agosto de 2012

Os agricultores do município da Baía Farta, no litoral a 25 quilómetros da cidade de Benguela, mostraram-se ontem preocupados com a redução do nível das águas do rio Coporolo em consequência da estiagem.

Os agricultores entrevistados pela Angop, Victorino Chico e Peregrino Tchitau, que exploram a cintura verde do rio com recurso a motobombas, revelaram que nos últimos dias o nível das águas baixou de cinco para dez metros de profundidade.

Os agricultores disseram que esta situação está a dificultar a actividade agrícola tendo em conta que os custos da perfuração variam entre 18 e 20 mil kwanzas.

Dados recolhidos pela Angop indicam que 16 cooperativas agrícolas e seis associações de camponeses exercem a sua actividade no vale do rio Coporolo, com mais de cinco mil hectares.

Os dados indicam também que no mercado informal do Dombe Grande os preços dos principais produtos do campo subiram, como consequência da falta de água para a irrigação dos campos. Os camponeses esperam fracas colheitas.

8.2

etrolífera inicia consulta pública para estudos de impacto ambiental

Jornal e Angola
09 de Agosto de 2012

A empresa petrolífera BP Angola realizou no Soyo, província do Zaire, uma consulta pública sobre o impacto ambiental da construção de um gasoduto que ligará os blocos 31 e 15 do "offshore" (mar) angolano à unidade de processamento de gás natural liquefeito (LNG) daquele município, em terra.

O **N**ojecto de construção do gasoduto, integrado no sistema de exportação do Projecto Angola LNG, situa-se a uma profundidade entre 700 e 1.800 metros, numa extensão de 56 quilómetros.

O estudo de impacto ambiental, foi concebido por uma empresa especializada e, nesta fase, visa dar a conhecer o projecto à população.

A directora da área de Conformidade e Ambiente da BP, Maria Martins, afirmou que o estudo foi encomendado para prevenir quaisquer eventualidades ou fugas de gás durante a fase de operação da fábrica.

"O estudo visa mitigar os impactos ambientais negativos ao longo do troço em que vai ser construído o gasoduto. Daí a realização da consulta pública na região onde vai ser instalado", acrescentou.

Maria Martins reconheceu que o gasoduto pode implicar impactos negativos e positivos. "Para os impactos negativos, a BP vai tentar encontrar as melhores práticas para diminuir os efeitos nocivos contra o ambiente", notou. Maria Martins indicou, por exemplo, que as âncoras dos navios que farão parte do processo de produção do gasoduto em alto mar podem danificar a estrutura e o leito marinho, pelo que, "ao invés de usarmos barcos a âncora, usaremos os que têm um sistema de posicionamento dinâmico, de forma a evitar impactos ambientais negativos".

A actividade que envolve a presença de barcos e de seres humanos em alto mar causa sempre algum impacto negativo, uma vez que se usam cozinhas e casas de banhos. ABP propõe-se utilizar planos de gestão de resíduos para reduzir a possibilidade de contaminação do ambiente.

O técnico do Gabinete do Ambiente e Segurança do Ministério dos Petróleos, Manuel Pinto, afirmou que o estudo permite colher opiniões das populações mais visadas da região, pelo facto de serem as que podem ficar mais expostas em caso de um incidente.

O responsável pelo estudo, o ambientalista Valdemiro Russo, declarou que estão a ser identificados, através de auscultação e consultas públicas, os impactos ambientais e sociais que poderão ser mais significativos e implicar alterações técnicas e exigir a tomada de decisões

sobre a construção do gasoduto. O estudo enquadrará medidas para reduzir a poluição, a perturbação ambiental e outros impactos negativos durante a fase de construção.

Participaram na consulta pública técnicos dos Minbiente e Petróleos, representantes de empresas petrolíferas que operam na região, estudantes, autoridades tradicionais e público.

8.3

Parque eólico é instalado no Tômbwa

Jornal de Angola
09 De Agosto de 2012

O Ministro da Energia e Minas, João Baptista Borges, anunciou, para breve, a construção, na região do Tômbwa, província do Namibe, do primeiro parque eólico do país.

Ao discursar na terça-feira, em Luanda, no lançamento do livro "Primeira Comunicação Nacional", o ministro disse que o parque, previsto para produzir cerca de 100 megawatts de energia limpa, vai ser um dos maiores em África.

O parque, acrescentou, vai funcionar também como centro de formação sobre novas tecnologias.

Quanto ao sistema nacional de abastecimento de energia no país, o titular da pasta da Energia e Minas disse estar a ser criada uma capacidade de produção adicional com a instalação de novas centrais e a reabilitação dos sistemas de distribuição com vista a proporcionar aos consumidores uma energia de qualidade e satisfatória.

O livro "Primeira Comunicação Nacional" define as características políticas, sociais e geográficas do país e aponta o Cunene, Namibe, Huíla e Luanda como as mais afectadas pelas alterações climáticas. A Agricultura, Construção, Economia e Petróleos, segundo especialistas na matéria, Citados pela agência de notícias Angop, são os que mais contribuem para as alterações climáticas em Angola.

8.4

Exploradores ilegais multados na Quibala

Jornal de Angola
15 De Agosto de 2012

A representação do Instituto de Desenvolvimento Florestal (IDF) no município da Quibala, Kwanza-Sul, vai sancionar, com multas equivalentes a seis mil dólares, os cidadãos que continuarem a explorar, ilegalmente os recursos florestais.

O chefe de fiscalização municipal do IDF, Domingos João, disse ontem que a instituição pretende, com esta medida, desincentivar a prática. Entre as grandes preocupações, destaca-se a exploração anárquica de carvão vegetal e a caça furtiva na região. Domingos João sustentou que a procura do lucro fácil e o índice de pobreza são factores que concorrem para a queima de carvão e caça furtiva.

Até ao nível do município estão a exercer a actividade, de forma legal, apenas seis concessionários, que é um número insignificante, dada a extensão do município.

Outra questão que inquieta o chefe de secção de fiscalização do IDF tem a ver com o facto de a instituição contar apenas com dois fiscais, quando necessita de 12. Domingos João apelou ao fim das queimadas, uma vez que estas são responsáveis pela deterioração dos solos, prejudicando igualmente a agricultura, que é fonte de rendimento e de sobrevivência das famílias camponesas.

A nível da Quibala, as infrações ocorrem, com maior incidência, nas comunas de Cariango e do Lonhe, onde se regista a caça em grande escala de animais, principalmente de cabras do mato, veados e lebres.

8.5

eteorologia divulga em setembro

informações sobre o estado do clima

Jornal de Angola
15 De Agosto de 2012

O comportamento do clima durante a época chuvosa em Angola, que começa hoje, somente é conhecido em Setembro, revelou ontem, em Luanda, ao Jornal de Angola o director técnico do Instituto Nacional de Meteorologia e Geofísica (INAMET).

Francisco Neto referiu que se aguarda pelas conclusões de um fórum regional sobre o clima, que decorre no Zimbabwe para, uma previsão geral do tempo na Africa Austral, para "a divulgação do comportamento climático" em Angola.

As conclusões do fórum, que termina no dia 24, declarou, "vão ser refinadas pelo INAMET para serem feitas as previsões do tempo no país durante a época chuvosa".

Enquanto se aguardam pelas conclusões do fórum, em que participa um especialista angolano, prosseguiu, o INAMET continua a fazer previsões meteoro lógicas diárias, com antecedência de três dias.

A partir do dia 15 de Agosto, lembrou, assiste-se por norma em Angola ao aumento gradual da temperatura do ar, à diminuição da pressão atmosférica e da humidade relativa e à alteração dos regime e dos padrões do vento e da nebulosidade.

Em algumas províncias do país, disse, os sintomas da mudança de estação manifestam-se mais tarde, como é o caso de Luanda, onde as alterações são mais notórias a partir de Outubro ou de Novembro. Angola está geograficamente na zona climática tropical (quente) entre as latitudes 50 e 180 Sul. Estudos estatísticos das séries climatológicas de vários elementos meteoro lógicos, que incluem, entre outros, temperatura, pressão atmosférica, ventos, precipitações e nebulosidade, revelam que a época chuvosa no país ocorre entre 15 de Agosto e 15 de Maio.

Os mesmos estudos referem que os meses de Março e Abril são os mais chuvosos. Angola passou por um período recente de estiagem,

principalmente no litoral, entre de Outubro de 2011 e Abril de 2012. A estiagem do ano passado, sublinhou Francisco Neto, deveu-se ao fenómeno climático que se convencionou chamar La Nina, "caracterizado pelo esfriamento anormal da temperatura das águas superficiais do mar e, conseqüentemente, pelo aumento da pressão atmosférica, que altera outros factores" do clima.

A estiagem registada até Abril levou o INAMET a prever para este ano uma época seca menos fria, mas as mudanças de hábitos e procedimentos, que habitualmente se registam em função das alterações climáticas, foram notórias durante o Cacimbo. A venda de refrigerantes, por exemplo, baixou substancialmente em vários estabelecimentos comerciais, contactados pelo Jornal de Angola.

O preço da cerveja nacional em algumas zonas da província de Luanda caiu de 75 para 55 kwanzas, a procura de roupas para época fria aumentou e a afluência às praias reduziu significativamente.

Ontem, último dia oficial do Cacimbo, as praias da Ilha de Luanda estavam desertas.

8.6

huva de luanda prevista para Novembro

Jornal Folha 8
18 De Agosto de 2012

A primeira chuva em Luanda do segundo período de verão no País, iniciado no passado dia 15 de Agosto está prevista para o próximo mês de Novembro, segundo previsões do Instituto Nacional de Geofísica e Meteorologia, INAMET que atribui o mesmo cenário para mais algumas províncias do País. Noutras províncias, fazendo ainda fé ao INAMET, a primeira chuva cairá já entre Setembro e Outubro.

Se para o caso de algumas províncias, o aparecimento de chuvas apenas em Novembro pode representar alguns transtornos devido ao potencial agrícola das mesmas, em Luanda representa retardamento do dos problemas mil provocados pela chuva. Esta que, se dependesse apenas da vontade dos municípios, poderia ficar sem cair em Luanda,

enquanto permanecer as débeis condições de saneamento básico.

Por outro lado, o INAMET informou que mudanças significativas nos elementos meteorológicos que consubstanciam-se na subida gradual da temperatura e humidade do ar começam a verificar-se no País desde o dia 15. "A pressão atmosférica vai diminuir, o regime e os padrões do vento e da nebulosidade vão alterar-se na estação chuvosa", informa.

O Inamet lembrou que Angola situa-se numa zona climática tropical quente entre latitudes 5 e 18 a sul e que este posicionamento confere-lhe duas estações climáticas distintas no ano, que são a época chuvosa ou húmida que vai de 15 de Agosto a 15 de Maio e a época isenta de chuva denominada cacimbo que

ocorre de 15 de Maio a 15 de Agosto. Estas datas foram fixadas a partir de um estudo estatístico climatológico de vários elementos meteorológico (temperatura, pressão atmosférica, vento, precipitações e nebulosidade) num período relativamente vasto na determinação de tipos de climas. De acordo com estes estudos os meses de Março e Abril são os mais chuvosos em Angola.

8.7

NAMET prevê subida gradual da temperatura

Agora

25 De Agosto de 2012

Mudanças significativas nos elementos meteorológicos que consubstanciam-se na subida gradual da temperatura e humidade do ar começaram a verificar-se a partir 15 de Agosto em todo território nacional.

Uma nota do Instituto Nacional de Meteorologia e Geofísica (Inamet), a que o AGORA teve acesso refere que a pressão atmosférica vai diminuir, o regime e os padrões do vento e da nebulosidade vão alterar-se na estação chuvosa.

O documento diz também que em algumas províncias do país a época chuvosa vai começar mais cedo e noutras mais tarde, isto é, em determinadas zonas começará a chover em

Setembro e Outubro, enquanto que em outras em Novembro, como será o caso de Luanda. O Inamet lembrou que Angola situa-se numa zona climática tropical quente entre latitudes 5 e 18 a sul e que este posicionamento confere-lhe duas estações climáticas distintas no ano, que são a época chuvosa ou húmida que vai de 15 de Agosto a 15 de Maio e a época isenta de chuva denominada cacimbo que ocorre de 15 de Maio a 15 de Agosto.

Estas datas foram fixadas a partir de um estudo estatístico climatológicas de vários elementos meteorológico (temperatura, pressão atmosférica, vento, precipitações e nebulosidade) num período relativamente vasto na determinação de tipos de climas.

De acordo com estes estudos os meses de Março e Abril são os mais chuvosos no país.

8.8

inaugurado Centro Regional no Huambo para estudo das alterações climáticas

Jornal de Angola

29 De Agosto de 2012

A ministra do Ambiente, Maria de Fátima Jardim, inaugurou sábado na cidade do Huambo o primeiro Centro de Ecologia Tropical e Alterações Climáticas (CETAC), destinado ao estudo e investigação das alterações climáticas e preservação dos recursos hídricos e climáticos.

O centro, construído de raiz, possui dois pisos completamente equipados e comporta dois laboratórios de testagem de solos e água, igual número de secções de ecologias animal e vegetal, secção da qualidade ambiente, departamento de alterações climáticas e de gestão de ecossistemas e custou aos cofres do Estado 5.150 mil dólares.

Conta ainda áreas de recursos humanos, secretaria, secção de estagiários em investigação, biblioteca, sala de reuniões, restaurante, entre outras divisões.

O centro é o primeiro no país e foi erguido no quadro do programa do Executivo para o relançamento do projecto de investigação científica e

estudo das alterações climática da região, para o desenvolvimento sustentável das províncias, em particular do Huambo, que aspira à Cidade Capital Ecológica. Fátima Jardim afirmou que, além dos quadros do Huambo, Benguela e Bié, o CETAC vai atender especialistas de outras províncias para favorecer o intercâmbio no processo de investigação.

O aproveitamento das águas residuais, valorização dos solos degradados, constituição de equipas de investigação e apoiar a elaboração e implementação de políticas e programas de

preservação do ambiente, constituem entre outros, os objectivos para qual foi criado o centro. O centro erguido na zona adjacente à estufa-fria, no centro da cidade, vai permitir aos especialistas, estudantes dos institutos médios e superiores ligados à área aproveitar as possibilidades oferecidas para melhorar as condições de vida das populações, através da utilização racional dos recursos hídricos e climáticos.

9. SETEMBRO DE 2012

9.1

Doenças infecto-contagiosas preocupam cidadãos

Semanário Factual

De 08 a 15 de Setembro de 2012

A inquietação aumenta devido às crianças, pois estas são muito frágeis às doenças infecto-contagiosas, porque o sistema de autodefesa do corpo, também chamado de sistema imunológico, ainda não está totalmente desenvolvido. Por isso, é muito importante estar preparado contra essas doenças, antes que elas apareçam. Existe, igualmente, a necessidade de as autoridades sanitárias a nível da província de Luanda darem a conhecer à população quais as doenças propensas no período chuvoso, bem como os métodos necessários para a sua prevenção, no sentido de se

evitar o surgimento de uma epidemia geral pelo contacto com a água suja da chuva, que carrega uma série de bactérias e de vírus.

A questão do saneamento básico tem sido um dos factores que muito impulsionam o surgimento de doenças infecto-contagiosas. Nalguns pontos de Luanda, as consequências da chuva são visíveis, sobretudo nos municípios de Cacuaco e do Cazenga, bem como no distrito do Sambizanga e do Rangel, onde vias rodoviárias se encontram ainda com problemas, o que favorece o surgimento de charcos. Ana Cláudia, moradora do município do Cazenga, falou ao factual que, "no interior de alguns bairros, o cenário é muito desagradável. Mesmo ainda no período seco, já era possível notar a existência de charcos, mas esperamos que, com o novo programa de reabilitação e manutenção das vias de Luanda, a situação melhore".

A fonte falou, igualmente, que a grande preocupação de muitos munícipes reside nas consequências que o período chuvoso poderá trazer a muitas famílias, sobretudo no que toca a problemas de saúde, pois nem sempre as instituições hospitalares existentes têm capacidade para suprir as necessidades. Lamas das enchentes e água contaminada são as fontes de doenças. Entre várias doenças propensas ao período chuvoso, destaca-se a Leptospirose, causada por uma bactéria encontrada na urina do rato e que pode entrar pela pele humana. Se a pessoa tiver contacto com a água ou a lama das enchentes, é necessário ficar atento a sintomas como febre, diarreias, dores musculares, náuseas e dores de cabeça.

A infecção torna-se grave quando atinge os rins, o fígado e o baço, podendo ser fatal nalguns casos. Prevenção: evitar ter contacto com água e lama contaminada e nunca consumir água ou alimentos que tiveram contacto com a enchente. Medidas de combate aos ratos e prevenção contra as inundações também são eficazes. A Hepatites A e E ou infecção hepática é causada pelo vírus da hepatite e tem como meio de transmissão a água e os alimentos contaminados ou de uma pessoa para outra. Os sintomas são vários como: febres, pele e olhos amarelados, náusea e vômitos, mal-estar, dores abdominais, falta de apetite, urina escura e fezes esbranquiçadas. Quanto à prevenção, tudo recai sobre o saneamento básico adequado, no

tratamento da água para consumo humano e ingestão somente de alimentos bem lavados ou cozidos. Por outro lado, está a cólera, uma doença que se destaca no período chuvoso e que tem originado vítimas mortais em Luanda. Esta doença é causada pela bactéria *Vibrio cholerae*. A sua transmissão é através da utilização de água e alimentos contaminados. A bactéria *Vibrio cholerae* liberta uma toxina que causa intensa diarreia e, conseqüentemente, a desidratação da pessoa que pode até levar à morte, caso não seja tratada atempadamente.

9.2

alta de chuvas no Sumbe provoca uma II catástrofe"

Jornal de Angola
13 De Setembro de 2012

A diminuição do caudal do rio Cambongo, por força da falta de chuvas, é a principal causa da redução dos níveis de abastecimento de água às populações e irrigação nas fazendas da cintura verde do Sumbe, disse ontem o governador provincial do Kwanza Sul, Serafim Maria do Prado. Em declarações à imprensa, no final de uma visita de algumas horas à Fazenda Mundo Verde e à Barragem da Sassa, situadas ao longo do rio Cambongo, Serafim do Prado referiu que a situação é muito crítica face ao baixo caudal do rio. "Estamos em presença de uma catástrofe ecológica, caso não haja chuva neste período, o que vai prejudicar o abastecimento de água às populações e a rega das culturas agrícolas", explicou o governador. Serafim do Prado referiu que o governo da província do Kwanza-Sul vai trabalhar com as estruturas centrais do Ministério da Energia e Águas no sentido de se encontrar uma solução. Segundo o governador, a primeira medida para se estancar a crise de água é a construção de comportas para a reserva no período nocturno e abrir durante o período da manhã. Quanto ao estudo que está a ser feito para a montagem de uma subestação de tratamento de água no rio Keve, adiantou que os trabalhos prosseguem, visto que o rio possui um maior caudal e é capaz de abastecer a cidade do Sumbe e as áreas dos arredores. O governador Serafim Maria do Prado apelou à calma, pois o Executivo trabalha no sentido de resolver essa situação que

tem prejudicado a população e os agricultores da região.

9.3

wanza-Sul. Falta de chuvas condiciona mecanização' agrícola"

Novo Jornal
14 De Setembro de 2012

EM QUASE toda a extensão do país a estiagem é notória e a província do Kwanza-Sul não foge à regra, com conseqüências que são evidentes. Além da falta de alimentos, nota-se a gritante falta de água, factor grave tendo em conta a especificidade destas duas componentes. Quem está também a sentir os efeitos negativos da falta de chuva na região é a direcção da empresa de mecanização agrícola local que, por este facto, vê os cofres da empresa a esvaziarem. O responsável máximo da Mecanagro no Kwanza-Sul disse que a empresa está instalada em função dos contratos elaborados para se cumprirem as necessidades do campo numa parceria com o Instituto de Desenvolvimento Agrário, onde o desbravamento de terras para a agricultura é a tónica principal.

Nelson Nogueira, que não precisou, os valores que a sua empresa tem arrecadado com a actividade de mecanização, sustentou lacónico que a empresa enfrenta dificuldades mil, que vão desde a falta de dinheiro, à logística, meios técnicos e recursos humanos. "Nós, quando nos preparamos para uma determinada campanha agrícola, sobretudo na mecanização de terras, temos um mês para criar condições e para o seu arranque. Naturalmente, a estiagem é uma situação natural e é imprevisível o arranque das nossas actividades", notou.

Nelson Nogueira falou também do factor humano nos seus variados aspectos, situação que tem contribuído vezes sem conta para alguns insucessos da empresa em termos de arrecadação de receitas. "Em relação aos recursos humanos temos um quadro de pessoal, não dos melhores porque nós temos necessidades de mais técnicos na nossa área. A nossa empresa está a reestruturar-se a nível da contabilidade e creio que, com esta força que o presidente do conselho de administração tem vindo a dinamizar, daqui a tempos próximos a Mecanagro terá uma linha correcta com relação a este aspecto".

A Mecanagro, segundo Nogueira, não depende do Orçamento Geral do Estado. Ela tem como objectivo fundamental e como objecto social a prestação de serviços na preparação de terras nas condições hidráulicas e terraplanagem, construções rurais e outros de carácter agropecuário. A empresa tem como parceiro directo o Instituto de Desenvolvimento Agrário que, através dos programas de preparação de terras ou de desenvolvimento rural, fundamentalmente para as campanhas agrícolas, estabelece contratos que são assumidos pela direcção geral da empresa ou pelo próprio IDA. Esses contratos são elaborados a nível central e são depois distribuídos por províncias para a sua execução. Preocupado com a estiagem que se assiste um pouco por toda a província, Nelson Nogueira disse que por esta altura os serviços da Mecanagro não são prioridade para as populações, estando a empresa a prestar alguns serviços do Estado para poder sobreviver.

9.4

exploração desregulada põe meio ambiente em risco

Jornal de Angola
15 De Setembro de 2012

"Daqui depende o meu sustento e O da minha família". A afirmação pertence a Fátima Luís, que há três anos e meio se dedica à venda de inertes no mercado da Alegria, município de Belas, próximo da rotunda da Fubu. Sentada numa cadeira de plástico branco e cercada por amontoados de burgau, areia e pedras, a chegada de um cliente representa para ela motivo de satisfação e a concretização de um negócio. De forma geral, faz parte da rotina dos vendedores raramente passarem um dia sem "facturar", muito por culpa da procura. Ao longo do mercado da Alegria, é quase impossível circular e ignorar as quantidades de burgau, pedras e areia que são comercializadas, João Tavares, que também vende no mercado, privilegia a venda de areia que normalmente recebe de um familiar que trabalha com um camião. Apesar de manifestar alguma incerteza, deixa escapar que o município

da Quissama e a área do Panguila constituem locais de exploração do produto que vende e

admite que por vezes ela é feita de forma ilegal. Por essa razão, nem sempre as coisas correm na perfeição

devido à fiscalização.

O ambientalista e membro da direcção da Juventude Ecológica de Angola (JEA), José Silva, considera que esta prática, que se verifica em zonas propícias à exploração de inertes e nos mercados, acaba por ser um recurso de sobrevivência para muita gente. Por essa razão, adverte que não se não pode olhar para este aspecto apenas de forma repressiva.

"É necessário que possamos analisar o ponto de vista social dessas famílias, para evitarmos, de uma maneira geral, a exploração de inertes em cursos de rios instáveis que podem mesmo causar a destruição das várias estruturas físicas", explicou. A semelhança do mercado da Alegria, em vários outros mercados,

sobretudo nos municípios de Viana e Cacuaco, também é possível encontrar pessoas que se dedicam à venda a retalho e ainda outras que fazem-no em camiões e carrinhas.

É o caso de Vasco Cassule, que há mais de sete anos ganha a vida com a venda de inertes. Encontrámo-lo encostado à carrinha que lhe dá suporte ao negócio e debaixo de um sol abrasador.

Pacientemente, esperava por clientes num espaço a reclamar higiene, mas preenchido com cadeiras de plástico e uma roulotte.

Vasco Cassule, que manifestou pouco à-vontade para falar, revelou a existência de algumas áreas exploradas, sobretudo no município da Quissama, que foram transformadas em autênticas "zonas de guerra" e onde não se têm em conta os danos desta actividade para o meio ambiente.

"São enormes as crateras que são deixadas e os terrenos ficaram altamente acidentados um pouco por todo o lado onde foram retirados inertes", adiantou.

O ambientalista Romeu Kupessala defende que as empresas envolvidas nesta área devem alargar a sua acção, tendo em vista a redução dos efeitos negativos para o meio ambiente e população. Neste contexto, as instituições que exploram inertes devem

efectuar estudos de impacto ambiental para alcançarem um processo de extracção sustentável.

Preservação do ambiente

"É necessário que as empresas de exploração de inertes sejam ecologicamente credíveis e disciplinadas com o meio ambiente e a saúde pública", alerta.

Além de considerar urgente a criação de um plano que ajude a reduzir o impacto ambiental decorrente do trabalho realizado na terra,

Romeu Kupessala referiu que é pertinente partir para a abordagem de políticas de preservação do ambiente e da biodiversidade, para reduzir

as consequências das mudanças climáticas e preservar o bem-estar das populações.

"Deste modo, estaremos a realizar trabalhos e a desenvolver o país de forma sustentável, com respeito pelas leis do Estado e as políticas públicas sobre a preservação do ambiente", salientou.

Romeu Kupessala acrescentou que a exploração de inertes de forma legal contribui para o processo de reconstrução e crescimento económico do país.

Controlo reforçado

De acordo com as medidas previstas pelas autoridades administrativas de Luanda, em breve a situação actual pode mudar de rumo, com o redobrar do controlo e da regularização da exploração de inertes, sobretudo no município da Quissama, onde o negócio é mais visível.

Localizado a cerca de 150 quilómetros a Nordeste de Luanda, a Quissama, que foi recentemente integrada na província de Luanda no âmbito da nova divisão política administrativa, possui perto de 14 mil quilómetros quadrados.

A administradora municipal admite que por ser muito extenso e pouco habitado, há muitas pessoas que se aproveitam da situação para explorar ilicitamente os inertes e ocuparem grandes parcelas de terra de forma ilegal.

Ana Maria da Silva salienta que, numa primeira fase, vai ser intensificada a fiscalização e realizadas campanhas de sensibilização

junto da população. A indicação sobre como deve ser feita a exploração dos inertes em áreas autorizadas pelas autoridades locais consta das medidas.

Educação e sensibilização

Mesmo sem condições para fazer um acompanhamento directo, nos últimos tempos, José Silva mostra-se preocupado com a exploração legal ou ilegal dos inertes e a falta de estudos contribui para isso. A título de exemplo, recorda a situação

degradante da zona das Palmeirinhas, que obrigou ao termo da exploração naquela área, devido ao registo de uma saturação na actividade.

A fim de evitar a erosão, defende incremento de medidas eficazes para controlar e regular a exploração de pedra, burgau e de areia, e salienta que uma das armas utilizadas pela JEA para conter este mal tem sido a sensibilização e esclarecimento sobre as consequências que podem advir para o meio ambiente.

"A massificação de campanhas de sensibilização e a intensificação das fiscalizações para a é fundamental", sugere.

O ambientalista afirma que a exploração desregulada de inertes constitui uma prática muito perigosa, que pode pôr em risco a vida humana. A propósito, deu a conhecer que um dos impactos negativos causado por esta prática tem a ver com os deslizamentos de terras e desmoronamentos das margens dos rios.

"O nosso trabalho é mais em termos de educação ambiental e de alerta às autoridades, a fim de evitar a erosão e, conseqüentemente, a perda de qualidade de vida das populações locais", assegurou.

José Silva pediu às empresas de exploração de inertes e à população para analisarem antes de praticarem a exploração de inertes e encontrarem formas de não agredir o meio ambiente.

9.5

inea

Agora

15 De Setembro de 2012

Que a energia eléctrica é um problema crónico em Luanda, já ninguém tem dúvidas desta realidade. Aliás, o normal passou a ser a falta deste bem público nas casas e nas ruas com todos os riscos que isso representa para os automobilistas e peões. Comentários a esse respeito não param nas 'bualas', ou mesmo na urbe, onde sobretudo as donas de casa são obrigadas a fazer exercícios e contas para comprar apenas o necessário, tratando-se de frescos. É que num ambiente destes em que a energia é fomecida de forma intermitente, ninguém ousa adquirir peixe em quantidade para guardar na arca ou no refrigerador. E como se não bastasse, o Ministério da Energia e Águas vem agora à baila dizer que as restrições serão agravadas na maior urbe do país, devido à queda abrupta do nível de água do rio Kwanza e consequentemente à redução da produção de energia. E como as fontes alternativas não darão para abastecer toda a gente, fica-se com a ideia de que no consulado da ministra Emanuela Lopes as coisas estavam melhor.

9.6

eca reduz produção de capanda

Agora

15 De Setembro de 2012

De acordo com dados disponíveis, o director geral do Gabinete de Aproveitamento do Médio Kwanza (Gamek) terá realizado uma conferência de imprensa onde todas as culpas das frequentes interrupções do fornecimento de energia foram tidas como tendo na base o baixo caudal do rio Kwanza.

Eurico Ferreira informou que os técnicos da Barragem de Capanda estão a gerir a água acumulada na albufeira há cerca de dois anos, aquando das últimas chuvas.

"Estamos em presença do segundo ano seco, razão pela qual o nível da água da barragem é baixo e está a condicionar o normal funcionamento dos grupos geradores", explicou.

Apenas três dos quatro grupos geradores estão em funcionamento e a produzir 80 megawatts (MW) cada, muito abaixo das suas reais capacidades, que se situam nos 520 MW.

O responsável fez saber também que a retirada de serviço de uma das máquinas com a necessidade de ser submetida a uma revisão geral tem carácter obrigatório, e é feita quando o equipamento atinge 30 mil horas em funcionamento, visando garantir uma maior durabilidade.

Entretanto advinha-se ainda um período mais crítico do funcionamento da Barragem de Capanda, já que funciona desde 9 de Setembro com apenas dois grupos geradores, produzindo um total de 160 MW.

"No final do mês de Setembro, com a água existente em Capanda, só haverá capacidade de produzir energia eléctrica a partir de um dos quatro grupos geradores num período aproximado de um mês e meio" sublinhou.

9.7

wanza Sul. Prenúncio de chuva divide camponeses e moradores do Sumbe

Novo Jornal

14 De Setembro de 2012

S

Clima representa um alívio para o agricultor Daniel Pedro, que teve perdas consideráveis na produção agrícola, durante a estiagem que assolou alguns municípios da província do Kwanza Sul, desde o ano passado e que se mantém até hoje. "A chuva pingou no início deste mês, há possibilidade de voltar a chover nos próximos dias. Pelas perspectivas, temos um período chuvoso melhor distribuído este ano", diz satisfeito o camponês do município do Kassongue.

Os moradores das zonas rurais do Kwanza Sul torcem para que chova ainda mais, pelo menos, o céu está a dar bons sinais. Este é o desejo de quem vive do campo. "Ouvimos dizer, através dos serviços meteorológicos, que a província do

K

Kwanza Sul está entre as áreas do país onde vai chover muito este ano", orgulha-se Daniel Pedro.

A ausência de chuvas durante o ano passado provocou problemas na produção de alimentos nos municípios do Porto Amboim, Kassongue e Sumbe. O milho, feijão, batata-doce, tabaco, cana e manga são os produtos mais produzidos naquela localidade e geralmente em grandes quantidades. Desde o ano passado até à presente data, esses produtos estão em falta devido à ausência de chuva, facto que deixou as populações sem solução e, conseqüentemente, o gado tomou-se nómada, foi procurar pastos em zonas longínquas.

"Em alguns municípios (dos acima referidos) já gotejou e isso deixa claro que este ano teremos muita chuva e muita comida", destaca o camponês Januário António. com um misto de alegria e expectativa. Alegria que contrasta com a tristeza de João Paulo, que mora nas prateleiras (montanhas ou melhor zonas acidentadas) nos arredores da cidade do Sumbe e que, há três anos, viu a sua casa desabar.

"As fortes chuvas que se abatem sobre a cidade do Sumbe, onde o sistema de drenagem é deficiente, preocupa-nos", justifica o munícipe. O seu vizinho Adão Monteiro está tranquilo, visto que tem informação da existência de um plano director de desenvolvimento municipal, que identifica áreas de risco e estabelece regras de assentamento da população no caso de enchentes.

"Estão a ser reabilitadas as valas de drenagem da cidade do Sumbe, para se evitarem enchentes durante o período de chuvas", informa Adão Monteiro. No tempo chuvoso é uma dor de cabeça viver na cidade do Sumbe, que sempre teve problemas de saneamento básico.

"Este ano, Deus está connosco reconhece um professor primário, fazendo referência às obras de intervenção levadas a cabo na cidade do Sumbe, nos últimos tempos. A fragilidade dos solos nesta urbe, quando chove, têm provocado muitos estragos entre os habitantes. Segundo apurou o Novo Jornal na província do Kwanza Sul, em 2008, foi aprovado um projecto para a requalificação da cidade do Sumbe, avaliado em mais de 100 milhões de dólares, cujas obras estiveram a cargo da Odebrecht.

Desafogar a cidade

A actual cidade do Sumbe não tem capacidade para suportar muita gente. Muita população, depois do fim da guerra não voltou à sua terra natal, alegando falta de condições. Samuel Quixito, desempregado, comprou um espaço numa região montanhosa do bairro Chingo e, quando chove, é sempre evacuado pelos serviços de Protecção Civil. "Já não tenho a família no meu município da Cela. Vivo aqui fazendo biscates", explica Quixito, de 49 anos.

Como Quixito, há milhares de angolanos a viverem em péssimas condições nas montanhas da cidade do Sumbe. Na tentativa de inverter o fluxo de pessoas que afogam a cidade, está em curso a construção dos primeiros 600 fogos habitacionais, na reserva fundiária dos ex-Carvalhos.

A construção da nova centralidade, segundo as autoridades locais, vai descongestionar a cidade do Sumbe e vai permitir que em alguns casos os cidadãos sejam transferidos para os ex-Carvalhos, local onde podem viver com dignidade. O denominado "projecto horizonte", a cargo da empresa Kora, com a execução da MCA, está gizado para duas fases que vão culminar com a construção de dois mil fogos habitacionais numa área de 150 hectares.

As obras das residências iniciam-se em Junho e vão absorver 500 operários. Enquanto isso, os jovens beneficiários das 68 residências construídas no Kwanza Sul. No âmbito do «Angola Jovem», começam, na cidade do Sumbe, a ocupar as casas, no quadro do cumprimento do programa do governo provincial de fomento habitacional. As casas do bairro social da juventude são mais um projecto do Governo, que pretende continuar a construir habitações até 2017 para permitir que mais jovens possam ter acesso a residência própria.

9.8

io Cambongue é um atentado à saúde pública

Novo Jornal

14 De Setembro de 2012

ARLETE JOSÉ, de 30 anos, mora nas margens do rio N'gunza ou simplesmente Cambongue, que "rasga" o centro da cidade do Sumbe. Todas as

R

manhãs, ela toma banho ali. A água do rio, na opinião de alguns moradores, é um veículo de doenças, porque muitas vezes está contaminada pelos esgotos da cidade, que são lançados directamente ao rio, sem antes passarem por um tratamento adequado. Na semana passada, Arlete internou a filha de três anos no hospital provincial do Kwanza Sul. "O médico disse que a criança tem muitas bactérias que causaram a inflamação do intestino e que trouxeram consequências, como diarreia e vômitos. Quer as autoridades da cidade, como as sanitárias, não cessam de aconselhar a população para ter cuidado com a água do rio, mas a maior parte dos alertas caem em saco roto.

"A população é teimosa", diz um enfermeiro, salientando que nos hospitais locais há muito? caso de alergias e diarreias provocadas pela água do rio, que não está em boas condições. É normal ver as crianças tomar banho neste rio contaminado. Os moradores relataram que, além de tomarem banho, há casos de prostituição no local devido ao facto de os adolescentes tomarem banho nus. "Lixo e água contaminada são focos de doenças a céu aberto. Esse é o quadro de desrespeito à vida dos moradores à beira do rio. Cambonque", queixa-se António Mateus.

Para este morador, o contacto iminente com a água contaminada coloca em risco a saúde dos moradores da localidade e, principalmente, dos menores, que são os que têm menos resistências. "É um atentado à saúde pública que se constata diariamente contra as crianças, mulheres e adultos de um modo geral no bairro", disse. "Os rios são fonte de vida. Desde a Antiguidade, as suas águas são essenciais para que as pessoas possam viver, bebendo e banhando-se", esclareceu o ancião Amadeu Paulo, justificando o comportamento da população. "A poluição da água deve-se à introdução de materiais químicos, físicos e biológicos que estraga a qualidade da água e que afecta-o organismo dos seres vivos", acrescentou o agente de Saúde pública Damásio Paulo.

Segundo uma fonte da administração municipal, esforços estão em curso para melhorar o sistema de abastecimento e distribuição de água potável aos habitantes da cidade. O abastecimento não satisfaz ainda as necessidades das populações existentes nas zonas da cidade onde não há água. O sistema de captação, tratamento e

abastecimento de água para os munícipes do Sumbe começa a melhorar a vida da população, mas ainda não chega a todos.

O Novo Jornal soube que o Executivo do Kwanza Sul assinou um protocolo com a sucursal angolana da empresa técnica especial de exploração, para a reabilitação da primeira fase do sistema de captação, tratamento e abastecimento de água potável da cidade do Sumbe, orçado em dois milhões de dólares norte-americanos.

O acordo prevê o fornecimento dos equipamentos e a recuperação das infra-estruturas, elevando, deste modo, os níveis de produção e abastecimento de água de 50 para 100 metros cúbicos por hora. Já na comuna de Kicombo, município do Sumbe, a situação é diferente. Doze mil habitantes da comuna do Kicombo, no município do Sumbe, beneficiam da distribuição de água potável, no âmbito do projecto «Água para todos», em execução pelo governo angolano em todo o território nacional.

O sistema de captação e tratamento de água, com uma capacidade de 80 mil litros, fornece "o precioso líquido" de forma ininterrupta, através de seis fontanários. As obras do referido sistema, realizadas durante seis meses, estiveram a cargo da empresa Kapilongo, possuindo igualmente uma lavandaria comunitária e um gerador de 47 KVAS que alimenta a referida infra-estrutura.

9.9

Se o sector florestal for bem explorado o país ganha milhões de dólares por ano". Engenheiro Mateus André fala da importância do projecto para Angola

Jornal de Angola

17 De Setembro de 2012

Mais de 500 anos depois de os portugueses aqui terem chegado, Angola vai ter, pela primeira vez, um inventário florestal nacional, trabalho que está a ser feito desde 2008. À cabeça do inventário está um Comité Nacional de Supervisão, coordenado pelo Ministério da Agricultura, Desenvolvimento Rural e Pescas, através do Instituto de Desenvolvimento Florestal (IDF). O trabalho fica

concluído em 2014 e dispõe de um orçamento superior a cem milhões de Kwanzas, 70 por cento dos quais financiados pelo Executivo e o restante pela FAO - a Agência das Nações Unidas para a Alimentação e Agricultura. O Jornal de Angola entrevistou o coordenador do projecto, o engenheiro florestal Mateus André, que nos falou da importância do inventário para o país.

Jornal de Angola (JA) - Por que razão Angola está a fazer um Inventário Florestal Nacional?

Mateus André (MA) - Angola nunca realizou um inventário florestal com cobertura nacional. Mesmo no tempo colonial, esse trabalho nunca foi feito, nem existem relatos sobre a realização de inventários de exploração pelos operadores ou madeireiros que, anualmente, exercem as suas actividades nas florestas.

JA - O que foi feito, então, desde que arrancou o projecto?

MA - Foram feitos simples levantamentos na década de 1980 e que abrangeram alguns ecossistemas e determinadas espécies susceptíveis de exploração, principalmente no maciço florestal do Maiombe, na província de Cabinda. Resultado: há uma visão incompleta e, por vezes, distorcida da verdadeira condição de desenvolvimento daquela floresta.

JA - Qual é a principal vantagem do Inventário Florestal?

MA - Um Inventário Florestal Nacional é um instrumento que nos permite saber o potencial dos recursos florestais do país: a flora e a fauna, a sua localização e o potencial florestal. O inventário em curso enquadra-se nas grandes linhas directivas do Executivo e tem como objectivo providenciar ao sector florestal informações quantitativas e qualitativas sobre os recursos florestais.

JA- Que passos subsequentes vão ser desenvolvidos após a conclusão do inventário?

MA - Com a conclusão do inventário, o país vai ter os dados necessários para a monitorização e preservação das florestas e a elaboração de políticas que respondam às necessidades nacionais e internacionais, relativas às alterações climáticas e ao mercado de carbono. Estima-se que o sector florestal, caso seja bem explorado anualmente,

possa arrecadar mais de 15 mil milhões de kwanzas para o Estado. Este inventário vai possibilitar a gestão sustentável destes recursos para que contribuam também para a balança económica do país.

JA- Uma vez que o país nunca realizou este trabalho, qual é a origem das informações sobre a fauna e a flora?

MA - A questão que coloca é pertinente. Geralmente, nas ciências florestais, trabalhamos com estimativas. Mas o ideal era os agentes florestais irem às florestas medir todas as árvores que o país possui, o que é impossível. Não tendo sido realizado um inventário florestal, existem outras metodologias que nos permitem saber ou conhecer o potencial dos recursos florestais. Actualmente, o país possui 53 milhões de hectares de floresta. Este dado é calculado com base na metodologia de estimativa que é feita através de estudos de análise de imagens por satélite. Também existe outra metodologia de aproximação através dos ecossistemas próximos de países vizinhos, um exercício que tem sido feito, procurando aproximar os nossos valores das estimativas de outros países vizinhos.

JA- Quando é que arrancou o projecto? JA - Quais são as instituições que estão a participar?

MA - Em termos organizativos, temos um Comité Nacional de Supervisão, que é integrado por vários ministérios. A coordenação é do Ministério da Agricultura, Desenvolvimento Rural e Pescas, através do Instituto de Desenvolvimento Florestal (IDF). Integram ainda os Ministérios do Ambiente, das Finanças, da Administração do Território, Interior e Urbanismo, além da FAO, a agência especializada das Nações Unidas para a Alimentação e Agricultura e institutos públicos. A pretensão, para os próximos tempos, é integrar o Ministério da Defesa. Também queremos que as universidades participem nas reuniões de supervisão que têm sido realizadas.

9.10

huvas e construção

Jornal de Angola

19 De Setembro de 2012

o país vive, há dois anos consecutivos, falta de chuvas. Trata-se de um fenómeno natural contra o qual pouco ou nada podemos fazer. Mas podemos, isso sim, reflectir sobre a incidência dos danos causados aos seres humanos e materiais em consequência das construções em zonas de risco. É bom que essas reflexões ocorram precisamente em períodos como este, em que a ausência de chuvas permite avaliar melhor as suas consequências. Enquanto não chove, é bom que as populações ponderem sobre quais os melhores locais para erguerem as suas residências.

Não se trata de um período em que, como consequência das pressões que a fase de chuvas acarreta, são levadas a construir em zonas de risco. Esta é também uma melhor fase para todas as instituições públicas e privadas promoverem mais campanhas de sensibilização junto das populações.

O trabalho desenvolvido pelo Serviço Nacional de Protecção Civil e Bombeiros (SNPCB) em todo o país é um facto, com realce para a permanente advertência às famílias no sentido de avaliarem correctamente os locais onde podem construir as suas casas. Os períodos de chuvas por que o país passou, pelo menos até 2011, lesaram milhares de famílias. Escusado será dizer que grande parte dessas perdas seria evitada se as populações acatassem devidamente as instruções e advertências sobre a ocupação dos solos para a construção de casas. E não faltam exemplos sobre a dimensão destrutiva das chuvas dos anos anteriores, facto que, por si só, devia levar os cidadãos a reflectir na hora de escolher o lugar para edificar moradias.

Em Março de 2011 as chuvas destruíram mais de 700 casas, provocaram a morte de cinco pessoas, além da destruição de dez infra-estruturas religiosas, 21 unidades escolares e seis pontes. Foram ainda danificados mais de 56 hectares de campos agrícolas. Se quantificarmos as perdas materiais em valores monetários, veremos que se trata de milhões de kwanzas que, em condições normais, podiam servir para resolver outros problemas. Mas é possível combater a resistência e o incumprimento por parte das populações quando se trata de directrizes vindas de entidades competentes, como por exemplo o SNPCB. É preciso resistir à tentação de construir onde bem entendermos e, não raras vezes, com o pleno conhecimento dos riscos que a zona apresenta.

Nesta fase em que, por razões naturais, não chove em quantidade e frequência iguais aos anos anteriores, podemos dizer que estamos bem. Acreditamos que as campanhas de sensibilização junto das populações e a tomada de consciência sobre o impacto que as perdas em vidas humanas e em bens materiais sucedem decorrentes das chuvas estão a funcionar.

Está na hora de todos os cidadãos assumirem a necessidade de uma melhor gestão dos solos e terrenos nas comunidades em que estão inseridas as populações. É necessário trabalhar com as comunidades não só para se inteirarem das suas dificuldades, mas igualmente para reorientá-las no momento do uso dos solos e terrenos para os mais variados fins. É evidente que essas acções que fazemos sobre os solos quando acompanhadas pela ameaça das chuvas produzem um impacto sobre o meio em que nos inserimos.

Procurar manter o equilíbrio no uso racional dos solos e terrenos, ante o impacto que as chuvas tendem a produzir, é vital para a manutenção e preservação da vida e bens das populações. A sustentabilidade dos solos e terrenos deve manter-se como condição sine qua non no momento de se decidir sobre uma determinada actividade que incida directamente sobre o ambiente. Devemos todos reflectir sobre as actividades humanas no solo, sobretudo quando acrescido da ameaça de fenómenos naturais sobre os quais não temos controlo.

É preciso insistir na mensagem baseada no facto de que a construção de residências em zonas de riscos, como ao longo das linhas de drenagem de água e ravinas, representam uma ameaça para a vida e bens da população.

As populações entendem melhor do que há algum tempo os esforços que o Executivo faz na melhoria das condições de vida. Essa melhoria passa por políticas habitacionais, de ordenamento urbanístico e de gestão das reservas fundiárias, para que o aproveitamento dos solos e terrenos não fique refém dos efeitos provocados por fenómenos naturais como as chuvas.

Obedecer ao que as autoridades determinam como regras para a construção de abrigos e uso dos solos não constitui um favor, mas um passo relevante na direcção da preservação das vidas e bens materiais das populações. Uma maior intervenção

das entidades que administram o ordenamento do território, com o contributo dos órgãos que zelam pela segurança pública, pode impedir a construção em zonas de risco. Tal como noutras esferas da vida, na construção também é necessário que sejam observadas boas práticas.

9.11

Terceira reserva florestal de Angola. Zaire detém uma riqueza inexplorada

Jornal de Angola
19 De Setembro de 2012

A província do Zaire detém a terceira maior reserva florestal do país, depois de Cabinda e Uíge. A exploração está a ser feita de forma artesanal por algumas pessoas que transformam os recursos em carvão. O responsável do Instituto de Desenvolvimento Florestal (IDF) no Zaire, Gabriel Dingana, disse ao Jornal de Angola que "existem vários tipos de árvores na província". Entre elas, destacou a tambala, mamoreira, tala branca, tala chifuta, tacula, menga menga, sapeli, muati, pau-ferro e pau-preto, localizadas nos municípios do Tomboco, Cuimba, Nóqui e Nzeto.

Na província existem apenas duas empresas estrangeiras que, desde 2011, exercem a actividade de exploração de madeira na reserva florestal denominada Finda Mibaso, no município do Tomboco. "A maior parte das florestas existentes na província é virgem", sublinhou, Gabriel Dingana. Entre as árvores existentes para a produção de madeira, o pau-preto é caracterizado como sendo "endémico", por apenas existir no Zaire. Neste momento, está proibido o seu abate indiscriminado, de modo a garantir a sua preservação.

O Jornal de Angola constatou o estado de conservação da Finda Mibaso durante uma visita guiada por Jeremias António, do IDF. Localizada a 185 quilómetros da cidade de Mbanza Congo, capital da província, a floresta possui potencial em termos de árvores frondosas para a transformação de madeira de qualidade. Uma empresa de direito angolano, denominada Zebra, instalou um estaleiro na floresta para a exploração de madeira em parceria com um consórcio chinês. O técnico

do IDF explicou que, neste momento, a exploração de madeira naquela floresta pela referida empresa está suspensa, por terem sido já concluídos os mil metros cúbicos de toros solicitados. Gabriel Dingana lamentou a fraca actividade madeireira na região, mas disse ter a esperança de que a conclusão das obras de asfaltagem da estrada nacional 110, que liga a província à capital do país, atraia empresários vocacionados para o ramo madeireiro. "Existe uma serração no município do Tomboco, mas está inoperante. O proprietário está a fazer todos os possíveis para que ela volte a funcionar em breve", referiu.

Efectivo reduzido

Engenheiro florestal, Gabriel Dingana, que dirige o IDF no Zaire desde 1997, frisou que a instituição, enquanto garante da sustentabilidade da flora e da fauna na região, está neste momento incapaz de fiscalizar as diversas actividades que ocorrem na reserva florestal da província. Os motivos prendem-se com o facto de apenas dispor de dez agentes de fiscalização, três dos quais prestes a entrar na reforma, distribuídos pelos principais pontos de entrada e saída de produtos florestais, como a aldeia do Loge Grande, no município do Nzeto, o posto de travessia fluvial do Quimbumba, no Soyo, e o posto fronteiriço do Luvo, em Mbanza Congo. "Estava previsto o enquadramento de 60 agentes fiscais no sector. A ideia era empregar ex-combatentes da região, após a sua desmobilização, programa que pode ser efectivado a qualquer momento", adiantou. Mas as dificuldades não se cingem apenas aos recursos humanos. Os meios de transporte para permitir as deslocações de um lado para o outro dos fiscais que trabalham na defesa dos recursos florestais da região também ficam aquém das necessidades.

O Instituto arrecadou no ano passado receitas avaliadas em mais de 704 mil kwanzas, incluindo multas aplicadas aos exploradores ilegais de madeira para fabrico de carvão e aos caçadores furtivos. "A caça furtiva é uma prática ancestral nesta província, sobretudo nos municípios do Tomboco e Soyo, mais propriamente na comuna do Quelo. Quando um cidadão abate dois ou três veados, consideramos caça de subsistência, mas quando abate dez pacaças, estamos perante uma caça furtiva, prevista e punível por Lei",

sublinhou o engenheiro florestal, Gabriel Dingana.

9.12

Menongue. Chuva torrencial deixa rastros de destruição

Jornal de Angola
26 De Setembro de 2012

Chuvas torrenciais, acompanhadas de granizo e ventos, provocaram, na tarde de segunda-feira, em Menongue, província do Kuando-Kubango, a morte de um rapaz de 17 anos e ferimentos a uma criança de cinco anos, na sequência de uma descarga eléctrica ocorrida na moradia em que viviam, localizada no Bairro Benfica. As chuvas duraram mais de três horas e causaram, também, o desabamento por completo do tecto do edifício onde funcionam as direcções provinciais do Comércio, Hotelaria e Turismo, do Instituto Nacional de Defesa do Consumidor

(INADEC) e da Geologia e Minas. Uma viatura que se encontrava estacionada defronte ao imóvel também ficou destruída, à semelhança do que aconteceu com o tecto da escola do segundo ciclo do ensino secundário 22 de Novembro, o que obrigou à interrupção das aulas, devido ao pânico de alunos e professores.

As direcções provinciais dos ministérios do Comércio, Hotelaria e Turismo e da Geologia e Minas, e do Instituto Nacional de Defesa do Consumidor (INADEC) paralisaram as suas actividades devido ao facto de, no interior do edifício, ter havido infiltração de água das chuvas. O governo local já contratou uma empresa de construção civil chinesa para a reabilitação da cobertura do imóvel. Em declarações ao "Jornal de Angola", o porta-voz do comando provincial dos Serviços de Protecção Civil e Bombeiros, Adilson Fernando, garantiu que a sua instituição está preparada com homens e meios para dar resposta a qualquer situação de sinistralidade na região.

Adilson Fernando pediu à população para não construir em locais de risco, porque podem pôr em perigo a sua vida e a dos seus familiares, já que os dados do INAMET, para este ano, no Kuando-Kubango, prevêem muita chuva torrencial.

9.13

Muita chuva nos próximos meses

Semanário Continente
M 28 De Setembro de 2012

Apesar de normais, choverá muito em quase todas as regiões do País. Um cenário pouco abonatório para Luanda em virtude do estado lastimável em que fica perante as chuvas. Depois de recentemente estimar que Luanda receberia chuvas apenas no próximo mês de Novembro, o Instituto Nacional de Meteorologia e Geofísica (INAMED) voltou a abordar as precipitações no País. Tal aconteceu no passado dia 18 e, segundo os dados avançados, esperam-se chuvas com tendência acima da média nos últimos três meses do ano em curso e os três primeiros de 2013.

O mestre Nfinda Pedro, especialista (INAMED) explicou que o INAMET chegou a tais conclusões depois de um estudo efectuado com base nas normas e orientações da Organização Mundial de Meteorologia (OMM). O território nacional, explicou, foi subdividido em três regiões homogéneas, nomeadamente a 1, 2 e 3.

Integram a primeira as províncias de Luanda, Bengo, Kwanza Sul, Benguela, Huíla, Namibe e Cunene e nesta a média de precipitação acumulada, estimada será de 300 milímetros por metro quadrado, o que representa a queda de um litro de água numa superfície de um metro quadrado de Outubro a Dezembro de 2012. A zona 2 corresponde as províncias de Cabinda, Zaire, Uíge, Malanje, Kwanza Norte, Huambo, Bié e a parte Este do Kuando Kubango. A média de precipitação, nesta, será de 400 milímetros por metro quadrado, que representa a queda de um litro de água numa superfície de um metro quadrado no mesmo período.

A última região, integrada por Lunda Sul, Lunda Norte, Moxico e parte Leste do Kuando Kubango, onde a média de precipitação será de 500 milímetros por metro quadrado, o que representa a queda de um litro de água numa superfície de um metro quadrado. Nos últimos três meses do ano, nas três zonas registar-se-á chuvas normais com tendendo, no entanto, estar acima da média. No que diz respeito ao primeiro trimestre de 2013, o instituto estima a referida situação. Para a zona 1 uma média acumulada de precipitação de 200 milímetros por metro quadrado, igual a queda

de um litro de água numa superfície de um metro quadrado, enquanto para a zona 2 perspectiva uma média acumulada de 450 milímetros por metro quadrado.

Já a região três, de Janeiro a Março de 2013, a média acumulada de precipitação é de 500 milímetros por metro quadrado, o que representa a queda de um litro de água numa superfície de um metro quadrado, com ocorrência também de chuva normal com tendência para acima do normal.

O estudo previsional, elaborado na base de dados de 15 estações meteorológicas controladas pelo INAMET, informações de satélite de outras estações ligadas ao sector da agricultura, indica que as três regiões poderão ser caracterizadas de períodos seco, normal ou chuvoso, podendo ocorrer também seca, cheias ou estiagem.

A previsão climática sazonal consiste em prever a média dos parâmetros meteorológicos (precipitação ou temperatura) para os próximos meses na escala de cada zona, sendo probabilística e não determinística, em termos dos dados disponibilizados.

O estudo indica ainda que o último trimestre de 2012 será mais chuvoso que o normal em todas as regiões do País, com precipitações na ordem dos 70 a 80 por cento. A referida previsão preocupa os luandenses devido a sensibilidade da capital do País perante a mais insignificante chuva. Sentimento contrário norteará, decerto, as províncias agrícolas.

9.14

hahungo tem viveiro de plantas

Jornal de Angola

28 De Setembro de 2012

O Instituto de Desenvolvimento Florestal (IDF) criou um viveiro com mais de 70 mil plantas em Chahungo, arredores do aeroporto de Saurimo, para combater a desflorestação, desertificação, ravinas e a acção dos ventos.

A plantação de fruteiras, eucaliptos e acácias consta da estratégia de combate aos fenómenos acima referidos e revestir as zonas urbanas, vítimas da desflorestação.

Afonso Maquecha, do IDF, garantiu que esta acção visa preparar as condições para repor e a criar novos polígonos florestais a nível da capital da Lunda-Sul e nas zonas do interior.

Estes polígonos vão controlar o impacto dos ventos, a progressão de ravinas e diminuir os níveis de poluição, disse o responsável, que apontou a existência de limitações de mão-de-obra, por parte da instituição, para agilizar o trabalho.

O responsável do IDF elogiou a participação de jovens afectos a distintas associações filantrópicas em várias campanhas de plantação de árvores, que o sector tem promovido, sobretudo na época chuvosa.

C

10. OUTUBRO DE 2012

10.1

oradores deixam para atrás tempos de grande sofrimento

Jornal de Angola
04 De Outubro de 2012

As pessoas que residiam junto à vala do Suroca, também conhecido por "Rio Mabuba", foram realojadas no Zango III e reconhecem que ali o perigo estava à espreita. "O que queremos é mais infra-estruturas sociais, como postos médicos, escolas e esquadra policial", afirmaram.

Beto França é um dos que viu a sua casa na Vala do Suroca ser demolida. Em contrapartida, recebeu uma residência com melhores condições de habitabilidade no Zango III. "Estou satisfeito, apesar da distância que separa o Zango III do centro da cidade. Mas aqui está-se melhor e conseguimos dormir à vontade", disse ao Jornal de Angola.

Quem também está contente por ter agora uma casa no Zango é Alfredo Mateus. Os elementos da Coordenação Técnica de realojamento, referiu, estão a compensar os donos de casas na Vala do Suroca.

A título de exemplo, explicou que a sua anterior casa estava bem acabada e, por esta razão recebeu três habitações do tipo T-3.

Sandra da Silva estava sentada junto ao portão da sua nova casa a apreciar a rua. "Quando tomei contacto com as novas habitações, nem estava a acreditar que são minha propriedade. Estou sem palavras e só quero agradecer por nos terem tirado dali e nos meterem neste sítio seguro", salientou, acrescentando que, devido ao tamanho da sua anterior casa, foi contemplada com duas habitações com água corrente e energia eléctrica.

Melhores condições

Todas as pessoas interpeladas pelo Jornal de Angola foram unânimes em afirmar que, no Zango III, embora faltem ainda algumas infra-estruturas sociais, como posto médico e escolas, as condições

de habitabilidade são boas porque há saneamento básico.

"Aqui não há águas paradas, como na Vala do Suroca, que faziam surgir mosquitos. Algumas fossas, só num mês, enchiam duas ou três vezes. Aqui estamos melhor", garantiram. "Alguns moradores estão a receber duas a três casas, de acordo com as dimensões das que tinham", explicou Beto José, para acrescentar que as condições de que actualmente dispõem são boas "e não se comparam com aquelas a que estávamos submetidos na Vala do Suroca".

Um passado difícil

Os novos inquilinos do Zango III reconheceram que corriam risco de vida, principalmente no período chuvoso, em que água corria pela Vala e chegava, muitas vezes, a transbordar para as casas.

Para eles, os tempos de angústia ficaram para trás. "Quando vivia na Vala do Suroca e começava a chover tinha de correr para casa, por causa dos miúdos, por um lado, e para arranjar um lugar mais seguro para proteger a mobília", realçou Levi Guimarães.

Com alguma tristeza, recordou que, durante a época das chuvas de há dois anos, houve uma criança que, por descuido, caiu na Vala e a água da chuva arrastou-a.

Lá, viu muitas mobílias a serem arrastadas pela correnteza da água e muitas casas a desabarem. "Tenho a certeza que aqui estou bem. A chuva já não volta a ser uma preocupação para nós. Só quero pedir à equipa técnica para desalojar os nossos irmãos que ainda estão a morar em zonas de perigo, como são aquelas que ficam junto às valas", acrescenta Levi Guimarães.

Os novos moradores elogiaram a qualidade do fornecimento da água potável e de energia eléctrica no Zango III, que é abastecido 24 horas sobre 24 horas, como garantiram ao Jornal de Angola.

"Aqui no Zango III damos-nos ao luxo de tomar banho de chuveiro, coisa que não acontecia na Vala do Suroca, nem mesmo nalguns bairros suburbanos de Luanda."

População disposta a sair

Domingos Gonçalves é coordenador do quarteirão três do bairro Óscar Ribas, no Cazenga.

Alguns moradores que têm as suas casas junto à Vala do Suroca e que ainda não foram realojados, mostram-se

dispostos a abandonar a zona. "É verdade que aqui as condições não são boas e há muitos que estão dispostos a sair desta zona para o Zango", afirmou Domingos Gonçalves, que aconselhou os moradores

a aproveitarem esta oportunidade que a Coordenação Técnica para o realojamento está a dar.

Polícia louva os moradores

A Polícia Nacional tem desempenhado um papel relevante na sensibilização, mobilização e acompanhamento dos moradores a serem realojados.

O Comando da 13ª Esquadra da Polícia Nacional, afecto à terceira Divisão, Cazenga, louva o comportamento cívico dos moradores da Vala do Suroca durante as demolições e a transferência para o Zango.

O intendente João António Pascoal, comandante da 13ª Esquadra, explicou que durante as demolições e transferência, a população se comportou de forma cívica e não se registaram quaisquer casos de vandalismo. Os moradores são notificados a abandonarem as casas e de seguida são transportados para o Zango", referiu.

O comandante espera que este tipo de comportamento seja seguido pelos demais moradores que, no futuro, também vão ser realojados no Zango.

10.2

xito da campanha agrícola depende das chuvas

Jornal de Angola

06 De Outubro de 2012

A campanha agrícola 2012/2013 está prestes a começar e a província de Malange conjuga esforços para atingir este ano os níveis de produção que, no ano passado, foram sugados pela estiagem. Camponeses e técnicos da direcção provincial da Agricultura e Desenvolvimento Rural e do Instituto de desenvolvimento Agrário (IDA) reúnem estratégias, mas a última palavra ainda depende da chuva.

A época agrícola passada teve resultados aquém do previsto porque choveu pouco na região de Malange, sobretudo na parte sul da província, em particular no município de Cambundi Catembo. À falta de chuvas associou-se a virose que afectou os campos de mandioca, com graves consequências. A praga alastrou-se um pouco por toda a província, o que preocupa os agricultores e o Governo Provincial.

Só em Cambundi Catembo, a praga afectou cerca de três mil hectares de mandioca no ano passado, depois

de, na campanha de 2009/2010, ter atingido cerca de 70 por cento da produção deste tubérculo em toda

a província de Malange, de acordo com dados do IDA. A mandioca é a principal fonte de alimentação da população local e da região norte do país, na generalidade.

Mas o que sobra em Malange é vontade de trabalhar, como refere António Barroso, um camponês

da Cangandala que, aos 30 anos, reúne experiência suficiente para saber que só a trabalhar em conjunto se conseguem bons resultados, quando estes dependem em muito das condições naturais.

"Nós aqui cultivamos ginguba, milho e feijão. Estamos a aguardar que o IDA nos forneça as sementes e, tão logo haja chuva, começamos a nossa actividade", disse o camponês, que é membro de uma associação local.

Tudo a postos

Na campanha agrícola que se avizinha, o Governo Provincial projecta apoiar 172 mil famílias, distribuídas por 978 Associações de camponeses e 98 cooperativas agrícolas. O director provincial do IDA, Isidro Manuel, assegurou ao Jornal de Angola que existem em stock 60 toneladas de sementes de milho, das 100 previstas, e 50

toneladas de fertilizantes. Para reforçar a campanha agrícola, estão a chegar 2.500 catanas que vão ser distribuídas aos camponeses. O engenheiro garantiu ainda a chegada para breve de dez toneladas de sementes de feijão e cinco de arroz.

"Esperamos que este ano a situação não seja como a do ano passado, que foi marcada pela ausência das chuvas", disse Isidro Manuel, para quem Malange ainda tem esperança que, a partir deste mês., as chuvas comecem a cair com a habitual regularidade.

No ano passado, lamentou, os cereais foram muito afectados pela falta de chuvas nos meses de Novembro e Dezembro. Por causa da estiagem, a região sul de Malange ficou afectada pela virose da mandioca. Este ano, a seca alastrou-se aos municípios de Malange, Caculama e Cangandala, o que "começa já a constituir uma preocupação para as entidades governamentais locais".

Isidro Manuel pediu calma aos agricultores, pois o IDA vai tomar as medidas achadas convenientes para ultrapassar a situação, embora as sementeiras afectadas pela pragas tenham de ser substituídas.

UNACA defende mecanização

O representante da União Nacional dos Camponeses de Angola (UNACA) em Malange, Inácio Manuel diz que a saída para a agricultura província está na modernização dos métodos de cultivo.

"Pedimos que o Governo reforce a questão das sementes, inputs agrícolas e tractores para a preparação

10.3

unicípios sem condições criadas

Factual

De 06 a 13 de Outubro de 2012

Hoje, Luanda é uma das províncias a nível nacional que mais sofrem com as consequências da chuva, devido à falta de condições de saneamento básico e técnicos, capaz de fazerem face ao grau de estragos causados pelas enxurradas.

Numa ronda efectuada pelo Factual, foi possível constatar, a nível dos municípios e distritos da província, a ausência de condições de saneamento, bem como de técnicos.

Este facto tem deixado muitos municípios apreensivos, devido aos problemas causados por várias obras que não são concluídas.

Segundo municípios, os transtornos são enormes, visto que, muitas vezes, acabam por ficar ilhados. No município do Cazenga, o Pactual visitou comunas e bairros onde constatou a deplorável condições de saneamento a que os residentes estão expostos.

Em vários pontos daquele município, foi possível avistarem-se ruas e avenidas que não oferecem condição de tráfego, dado que a água parada, o lamaçal e os buracos fazem o deplorável panorama que tem, igualmente, contribuído para o aumento dos níveis de diversas enfermidades.

a comuna do Tala-Hady, foi possível constatar as obras de reabilitação das ruas, mas, conforme os residentes, as obras estão a decorrer de forma vagarosa, visto que, a qualquer momento, Luanda pode ser assolada por uma forte enxurrada.

No bairro Kalawenda, a situação é mais preocupante, devido à sua densidade. A par de outros bairros do município, as ruas e avenidas de Kalawenda não possuem sistemas de drenagem das águas plu-Neves Capitão viais, o que tem causado a inundações de residências, de escolas e de centros de saúde.

O tráfego, a nível do bairro Kalawenda, torna-se ainda mais difícil e perigoso, devido às quantidades de água e de buracos que se encontram ao longo das avenidas e ruas, obstruindo as passagens.

Na rua das condutas, os moradores mostram-se impacientes, porque as obras para a requalificação daquela via que dá acesso ao município de Cacucaco e Viana estão paradas.

Eduardo Luís, morador da referida rua, falou ao Pactual que "já estamos decepcionados com a administração local, pois as coisas não correm como eles prometem. o período chuvoso, ficamos sem transportes; as crianças são obrigadas a passarem na lama, praticamente não conseguimos movimentar-nos", declarou o Jovem.

A fonte falou, ao mesmo tempo, que a rua já sofreu trabalhos de reabilitação, mas que nunca terminam.

"Pedimos à Administração Municipal que vele pela nossa situação, pois o período de chuva já começou e as consequências desta são devastadoras. E preciso asfaltar a rua e construir as valas de drenagem, no sentido de evitarmos as inundações que se têm registado", sublinhou o morador.

Municípios manifestam preocupação face ao mau sistema de drenagem O secretário da Comissão de Moradores e responsável da energia a nível do bairro do Kalawenda, Neves Capitão, falou ao Semanário que as condições, a nível do saneamento básico, não são das melhores e que estão a preocupar os moradores.

De acordo com o responsável, existe um programa da administração, no sentido de se fazer um trabalho de requalificação da rua das condutas a nível do bairro Kalawenda.

Enquanto isso, os cidadãos vão continuar a retirar a água de dentro das casas.

Nos municípios de Viana e de Cacucaco, a situação não foge muito da realidade vivida pelos municípios do Cazenga: Bairros, avenidas e ruas não se encontram em condições para suportar fortes cargas de chuva, devido à situação precária do sistema de drenagem.

A ausência de sistema de drenagem das águas das chuvas, bem como o saneamento, fazem parte

da preocupação daqueles municípios.

Para Abílio Januário, morador do município de Viana, a situação que se vive nalguns bairros é lastimável e tende a agudizar-se no período chuvoso, pois várias casas são tomadas pela água.

Abílio falou, igualmente, que "existe a necessidade de as administrações locais criarem projectos para fazer face ao período chuvoso, no sentido de acudir a calamidade que as comunidades têm passado nesta época".

Segundo o antigo ministro do Urbanismo e Reconstrução Nacional, Francisco Fonseca, no

âmbito da visita de constatação do andamento das obras em termos de execução física e cumprimento dos prazos, o seu Ministério não realiza projectos paliativos ou para soluções temporárias, mas efectua projectos que garantam soluções definitivas.

Mas, para municípios, tais trabalhos estão a decorrer de forma muito demorada. Conforme estes, Luanda não tem condições para receber fortes quedas de chuva, devido ao seu mau funcionamento do sistema de saneamento básico.

Paulo Júnior, residente em Cacucaco, disse que "não cabe apenas ao Governo Provincial reunir-se com os agentes da protecção civil, da saúde e dos bombeiros, mas também criar mecanismos para que

a chuva não cause muitos estragos".

Importa aqui reflectir que, além dos estragos causados, tanto nas vias públicas como em residências, a chuva tem feito mortes, o que exige do Governo Provincial a aprovação de um projecto de requalificação profunda, no que toca ao saneamento básico.

10.4

Fátima Jardim visita Huambo

Jornal de Angola

11 De Outubro de 2012

A ministra do Ambiente, Fátima Jardim, está desde a manhã de ontem na cidade do Huambo, para se inteirar do funcionamento do sector e apresentar o Programa da Casa Ecológica.

Após a sua chegada ao Huambo, a ministra Fátima Jardim foi recebida pelo vice-governador cessante para a área de infra-estruturas, José Paulo Kai, e pelo reitor da Universidade José Eduardo dos Santos (UJES), Cristóvão Simões.

De acordo com o programa, a titular da pasta do Ambiente, durante a sua estada no Huambo, visita as obras de requalificação da Estufa Fria e outras ligadas ao Ambiente, o aterro sanitário de Catenhenha, o segundo maior no país, e o Centro de Ecologia Tropical e Alterações Climáticas (CETAC).

Fátima Jardim tem ainda um encontro com os funcionários do sector, numa altura em que a cidade concorre à conquista do título de capital ecológica do país.

10.5

rodução de carvão e lenha provoca abate indiscriminado de árvores

Novo Jornal

12 De Outubro de 2012

Paulo João vive há dez anos da venda do carvão. Para além de produtor, claro está, é também consumidor. Está consciente dos efeitos nocivos da acção no equilíbrio ecológico, que decorre da produção do carvão através do abate de árvores.

Faz mal ao ambiente, mas não tenho alternativas", desabafou, afirmando a seguir que a falta de emprego e a infertilidade dos solos nos arredores de Cacula (a cerca de 120 quilómetros da capital provincial, Lubango) atira-o para esta forma de sustentar a família.

O nosso interlocutor explicou ao NJ o exercício que precisa fazer para ter o produto à disposição da clientela. Para ter sete a oito sacos de carvão exposto para venda, Paulo João precisa de abater entre oito a dez árvores nas zonas montanhosas do interior do município onde precisa de percorrer cerca de dez quilómetros para atingir a zona de exploração.

Minguito, outro produtor de carvão, diz que foi naquela actividade que encontrou o sustento da família e que um corte no seu negócio "seria como tirar a própria vida", desabafou. Questionado se sabia de que não re-plantando estaria a esgotar o recurso que hoje serve de sustento, Minguito respondeu que estava consciente, mas que não sabe "onde buscar plantas para o efeito".

IDF afirma que a situação é preocupante

A brigada provincial do Instituto de Desenvolvimento Florestal (IDF) da Huíla, revela que a situação da exploração desenfreada do carvão e da lenha tomou níveis alarmantes e exige

uma intervenção concertada e mais acentuada nas zonas de exploração, admitiu o responsável da instituição Dumbo Cangopito.

Os municípios de Cacula, Quilengues, Quipungo, Humpata, Chibia e arredores do Lubango são os mais afectados pelo fenómeno, disse o responsável, que ainda assim afirmou que a débil fiscalização decorrente da falta de meios humanos e de trabalho, assim como a sensibilização junto das comunidades para uma exploração racional e sustentada está a evitar danos maiores.

A actividade de fiscalização faz-se sentir apenas em nove dos catorze municípios, lamentou Cangopito, que se queixou também do facto de os fiscais não disporem por exemplo de meios de transporte para percorrer as vastas extensões de cada circunscrição. "Cada município é uma especificidade", acrescentou. Cangopito salientou a colaboração das administrações municipais por ter tornado possível, nalguns casos, a actividade fiscalizadora.

Dumbo Cangopito explicou ainda que os indicadores actuais relativamente à exploração indiscriminada dos recursos florestais para a produção da lenha e do carvão são negativos. E

chama a atenção que, se não forem redefinidas as políticas de conservação da natureza, "a tendência é para a situação se agravar, ano após ano, com consequências incalculáveis num futuro breve", alertou.

O responsável do IDF defende a sensibilização "de toda a sociedade", para que todos se possam envolver na conservação das florestas. "O problema - afirmou - é uma realidade palpável e as entidades de direito devem potenciar as brigadas de fiscalização com meios à altura de travar a invasão à flora", atira Dumbo Cangopito.

Ainda há zonas intactas

Ao contrário das zonas referidas, outras podem ser tidas como o orgulho da província em termos de conservação do acervo florestal. É o caso da parte leste e nordeste da região, nomeadamente os municípios da Jamba e Chipindo, afirmou o responsável do IDF.

"Estas apresentam o manto florestal, quase intacto", disse Gomes Cangopito, que reconheceu que apesar de haver sinais de exploração, o estado

florestal da região é motivo de orgulho por apresentar um aspecto agradável mesmo à primeira vista.

10.6

huvas desalojam famílias

Jornal de Angola

13 De Outubro de 2012

As fortes chuvas que se abateram sobre a sede comunal do Dando, município de Nharea, província do Bié, nos últimos dias, desalojaram 250 famílias dos bairros Mussumba, Terra Nova, Popular, Praia Azul e Manguxi.

O administrador comunal adjunto do Dando, António Maurício, disse que pelo menos 85 casas erguidas com adobe e pau-a-pique e cobertas de capim foram afectadas.

António Maurício disse que as autoridades procedem ao levantamento exacto dos danos causados pelas chuvas e todos os esforços estão a ser feitos para apoiar os sinistrados.

As chuvas, disse o administrador, caíram acompanhadas de ventos fortes que destruíram igualmente várias árvores e pequenos estabelecimentos comerciais a nível da localidade.

Enquanto as autoridades administrativas trabalham para apurar o número exacto de casas destruídas, António Maurício aconselhou a população a não construir em zonas de risco para se evitarem acidentes.

Firmino Chandenguele, um dos desalojados, disse ao Jornal de Angola que a chuva destruiu o tecto da sua casa e levou todos os seus haveres. "A situação está cada vez mais complicada, uma vez que muitas famílias perderam todos os bens", afirmou Firmino Chandenguele.

A comuna do Dando situa-se a 75 quilómetros da Nharea, possuindo duas ombalas e 57 aldeias. A localidade tem uma população estimada em 6.785 habitantes.

10.7

alta de chuvas & falta de energia

O Independente

13 De Outubro de 2012

Os problemas de abastecimento de água a Luanda agudizaram-se nos últimos dias, o que obriga os consumidores a estarem sujeitos a comprá-la a preços exorbitantes. A situação ganha contornos complicados para os luandenses, uma vez que a Empresa Provincial de águas de Luanda (EPAL) parece não ter um horizonte temporal para o restabelecimento da normalidade. Nas ruas da capital angolana a presença de pessoas com bacias à cabeça e bidões nas mãos a circularem de um lado para outro está a tomar-se banal.

Em quase todos os bairros de Luanda as pessoas estão a usar água imprópria para a limpeza, enquanto outros estão a tornar banho com água mineral para evitar possíveis doenças. "A situação da falta de água é mesmo crítica, já para não falar na falta de energia eléctrica, que é outro problema que estamos a enfrentar", lamenta a cidadã de nome Neide, moradora na Samba, que já começa a vislumbrar tempos difíceis nos próximos dias.

Pitú José, morador no bairro do Prenda, diz que a falta de água está a ser aproveitada por pessoas oportunistas para vender os bidões de água de 25 litros a cem kwanzas.

"É muito caro, porque quando está a correr água nos chafarizes nós compramos cada bidóm a dez kwanzas", afirma o cidadão Pitú, cuja rotina é agora procurar água pelos bairros de Luanda. O porta-voz da EPAL, Domingos Paciência, explicou que a carência no abastecimento de água à cidade de Luanda se deve ao baixo nível do caudal do rio Kwanza e aos cortes de energia nas estações de bombagem e de tratamento de água.

Em declarações ao Jornal de Angola, o porta voz da EPAL, explicou que o baixo nível do caudal do rio Kwanza tem afetado a produção de energia na barragem de Capanda, o que tem provocado restrições no fornecimento de electricidade às estações de Bombagem e de Tratamento que abastecem a cidade de Luanda.

"As Estações de Bombagem e de Tratamento de Água têm grupos de geradores, mas essas infra-estruturas funcionam com maior eficácia no abastecimento de água para a cidade de Luanda

com a energia da rede pública", afirmou. Por isso, mal seja restabelecido o fornecimento de energia eléctrica, a EPAL vai voltar a abastecer, normalmente, os seus consumidores.

A situação ganha contornos complicados para os luandenses, uma vez que a Empresa Provincial de Águas de Luanda (EPAL) parece não ter um horizonte temporal para o restabelecimento da normalidade.

E o que falar da EDEL?

Quanto a electricidade a partir da EDEL é outro problema que estamos a enfrentar", lamenta Solange, moradora no bairro Prenda, que já começa a vislumbrar de igual modo tempos difíceis nos próximos dias.

Face a situação, Leonídio Ceita, um dos responsáveis da EPAL, frisou que "criámos um gabinete de risco, que, nos últimos dias, tem coordenado com a EDEL para a disponibilidade de energia às instalações da EPAL para termos esta situação resolvida".

Corno disse as restrições acontecem sem aviso prévio, mas o abastecimento começa todos os dias das quatro da manhã até às 12h00, período em que as estações vão bombear água para os centros de distribuição, que a fazem chegar aos consumidores: "escolhemos este período porque é quando as crianças vão para a escola e os pais vão trabalhar".

O presidente do conselho de administração da EPAL garantiu que com a entrada em funcionamento do sistema eléctrico, o sistema de fornecimento de água volta à normalidade.

Em quase todos os bairros de Luanda as pessoas estão a usar água imprópria para a limpeza, enquanto outros estão a tomar banho com água mineral para evitar possíveis doenças. A situação da falta de água é mesmo crítica, já para não falar na falta de energia eléctrica, que é outro problema que estamos a enfrentar" E apelou à população para racionalizar água porque a distribuição está dependente da energia eléctrica.

O presidente do conselho de administração da Empresa Nacional de Electricidade (ENE), Carlos José Neves, informou que as restrições no fornecimento de energia à capital terminam

quando as chuvas começarem a cair com as quantidades desejadas e com a devida regularidade.

Carlos José Neves responsável pelo INAMET, disse que os sucessivos cortes de energia têm um impacto negativo para a população, devido ao crescimento do índice de criminalidade.

"O Instituto Meteorológico prevê que, a partir de 25 de Outubro, as chuvas vão cair com regularidade e, nessa altura, esperamos que o fornecimento de energia eléctrica seja retomado sem nenhum problema", acrescentou Carlos José Neves. De acordo com o presidente do conselho de administração da ENE é impossível determinar uma data para solucionar definitivamente o problema, uma vez que as chuvas têm de ser frequentes, "mas até Novembro ou Dezembro tudo voltará à normalidade".

Carlos José Neves disse que uma das causas nas restrições de água na cidade de Luanda é o baixo nível dos caudais na albufeira de Capanda, por isso a central hidroeléctrica não está a funcionar a cem por cento da sua capacidade:" Capanda tem uma potência de 520 megawatts.

O baixo nível de água na albufeira da barragem faz com que funcione apenas com um grupo de 86 megawatts".

Para fazer face a situação o Executivo orientou a construção de centrais térmicas para suprir as necessidades da população, estando já em curso entrada em funcionamento uma na zona do Benfica com uma capacidade de 40 megawatts, que alimenta algumas zonas sob tutela da Edel: Lar do Patriota e Ramiros.

"É uma central que entrou em funcionamento para melhorar o fornecimento e reduzir as restrições. Outras centrais entram em funcionamento até Dezembro" o que permite injectar na rede de Luanda 255 megawatts, o que minimiza as restrições no fornecimento de energia", destacou Carlos José Neves.

Por sua vez, o presidente do conselho de administração da EDEL, Hélder Adão, explicou que a empresa está a viver um momento difícil face ao défice na oferta de energia: "temos zonas ainda sem abastecimento de energia eléctrica, devido à baixa produção".

Hélder Adão disse que "antes da crise actual ao ferta não cobria a procura, por isso o Executivo vai até 2017 aumentar a produção para resolver o problema energético".

O programa do Executivo prevê a construção de várias infra-estruturas e novos aproveitamentos hidrelétricos como a central de ciclo combinado do Soyo, além da electrificação das sedes municipais. Hélder Adão reconhece que a distribuição de energia é caracterizada por uma grande irregularidade no fornecimento.

Por isso foi elaborado um programa de restrição, que tem sido difícil cumprir na íntegra. Porque além do défice, o sistema é instável e afecta a produção de água pela EPAL. "Há centrais térmicas na cidade de Luanda em funcionamento que vão alimentar apenas zonas específicas até resolvermos esta situação energética", destacou Hélder Adão.

Entretanto uma equipa de reportagem do Independente esteve em certa zonas das vilas do Dondo e Cambambe onde constatamos que a situação é bastante crítica face ao baixo caudal do rio. Estamos em presença de uma catástrofe ecológica, caso não haja chuva neste período, o que vai prejudicar o abastecimento de água às populações, bem como para a rega das culturas agrícolas".

E necessário um trabalho com as estruturas centrais do Ministério da Energia e Águas no sentido de se encontrar uma solução não só para Luanda, mas também para as populações residentes ao longo do rio.

Na nossa opinião a primeira medida para se estancar a crise de água é a construção de comportas para a reserva no período noturno e se abrir durante o período da manhã.

10.8

ome ameaça populações na Huíla

Agora

13 De Outubro de 2012

Populações de alguns municípios da província da Huíla, com realce para o município dos Gambos, estão a viver profunda crise de falta de alimentos, segundo denúncia do vigário Jonas Pacheco, afecto à Sé Catedral do Lubango De acordo com

essa entidade que prestou declarações à VOA, há focos de fome em quase toda a província da Huíla, que tem vitimado inúmeras pessoas desfavorecidas. O vigário considera que, "é preciso socorrer urgentemente os afetados, sobretudo no município dos Gambos, mas também acudir as zonas leste e norte da província, onde as populações está a passar mal".

Essa informação foi confirmada pelo líder da associação dos criadores tradicionais de gado nos Gambos, João Fernando Tchihetekei, apesar de não apontar casos de morte. A partir da zona da Taka, disse, povoada essencialmente pelas etnias Muhakahona, mas também no Simo, habitado por Mukubais, em Pokolo, Panguelo e Tchiku, porque essas populações estão a enfrentar profundas carências alimentares.

A VOA não conseguiu obter nenhum pronunciamento das autoridades locais sobre o assunto mas, fontes contactadas pelo Agora confirmaram que a questão está a ser analisada com muita profundidade, tendo em conta que, é consequência do período de estiagem que parte considerável do país está a viver, logo, a questão não deve ser vista de forma isolada, mas no contexto nacional, que exige a intervenção do Executivo.

Não cáiram chuvas suficientes na época passada e mesmo agora, há muitas regiões que continuam ainda a sofrer de estiagem. Os rios baixaram os seus caudais, e a falta água tanto para as necessidades básicas das populações, como para a agricultura e para o abeberamento do gado está a causar grandes transtornos. A situação pode ser considerada como de "emergência", que nos próximos tempos não chover.

A estiagem ou períodos de seca em Angola são, mais ou menos cíclicas e acontecem em períodos de dez anos. De acordo com dados divulgados pelo governo angolano, em 2008 a situação de défice alimentar em cereais já era de 812 mil toneladas (que correspondia a 54%), no trigo e no arroz, mas a província da Huíla apresentava profundas melhorias nos níveis de produção agrícola, com cerca de 300 toneladas de milho / ano produzidas só no município da Matala, após a recuperação de 43 quilómetros do seu canal geral de irrigação.

Essa intervenção permitiu a entrada em funcionamento de 345 irrigadores e a implantação de novos sistemas de rede, que permitiram um alargamento das áreas agrícolas para uma área de 855 hectares, que em face dos caudal baixo do rio, está a comprometer seriamente os esforços do sector agro-industrial para aumento da oferta de produção do campo.

O perímetro irrigado da Matala, localizado a 180 quilómetros do Lubango, é uma das áreas agrícolas mais expressivas da província da Huíla, e de acordo com indicadores económicos dos últimos anos, já produziu, em apenas três meses, 61 toneladas de cereais e hortícolas diversos.

Recordamos que a Huíla é uma província do sul de Angola, tem cerca de 1500 mil habitantes e 79 022 km² e é constituída por 14 municípios: Caconda, Cacula, Caluquembe, Chiange, Chibia, Chicomba, Chipindo, Cuvango, Humpata, Jamba, Lubango, Matala, Quilengues e Quipungo.

10.9

entro de protecção do ecossistema está em construção na cidade Huambo

Economia & Finanças
16 De Outubro de 2012

As obras de construção do Centro de Ecologia Tropical Á! Alterações Climáticas (CETAC), cujo estatuto orgânico foi aprovado recentemente, pelo Conselho de Ministros, estão em fase avançada, com conclusão prevista para o final do ano em curso. O empreendimento de iniciativa do Executivo angolano está a ser erguido no recinto da estufa fria, na cidade do Huambo.

A estrutura, com a categoria de "excelência", será a instituição angolana com a missão de incentivar a criação de estações de investigação científica para o estudo do meio ambiente.

Atribuições

Com a criação deste centro, o Executivo angolano reconhece a necessidade de reforçar o asseguramento da protecção dos ecossistemas sensíveis e vulneráveis e das espécies da fauna e flora endémicas raras e

ameaçadas de extinção, além do apoio da dinamização de estudos técnicos e científicos sobre a conservação da natureza e dos recursos naturais renováveis.

Entre várias atribuições, de acordo com o seu estatuto, o Cetac desenvolverá investigações aplicadas, no sentido de assegurar a qualidade ambiental e uma melhor gestão da água, bem como a realização de estudos sobre a qualidade do ambiente e dos ecossistemas aquáticos.

A infra-estrutura vai também interagir com várias universidades na formação e capacitação a vários níveis, inclusive na pós-graduação, apoiando o desenvolvimento de parcerias úteis para a formação de quadros especializados, proporcionar actividades de investigação aplicada nas áreas das ciências do ambiente e da ecologia tropical, além de outras que atendam não apenas aos interesses académicos, mas também aos das comunidades e do desenvolvimento sustentável.

O centro de ecologia tropical e alterações climáticas compreenderá serviços ligados à gestão de ecossistemas, alterações climáticas, laboratório de qualidade ambiental e normação de solos, gestão sustentável de terras, repartição patrimonial, financeira, de recursos humanos e secretariado.

10.10

hevron aposta na protecção da biodiversidade marinha

Economia & Finanças
16 De Outubro de 2012

A companhia petrolífera norte-americana, Cabinda Gulf Oil Company (Chevron), através do seu departamento de saúde, ambiente e segurança industrial, está a implementar a norma de procedimentos operativos, no quadro do projecto "Vida Selvagem de Malongo".

A norma proíbe qualquer perturbação, alimentação, captura, morte ou ferimento de animais selvagens. Essas medidas, incluindo a de fornecer informações sobre onde obter ajuda caso seja encontrado um animal ferido, abrange as comunidades locais, organizações não

C

governamentais, assim como os funcionários desta empresa petrolífera, para contribuírem na protecção da biodiversidade.

Mediante a planificação de fóruns realizados duas vezes por ano (de seis em seis meses), período em que partilham experiências sobre as melhores práticas de protecção da biodiversidade. Os eventos têm vindo a explorar oportunidades de parcerias no domínio da protecção ambiental e esforços de conservação das espécies e do seu habitat.

As operações de petróleo e gás podem afectar a biodiversidade, uma situação que os tem obrigado a esforços para continuarem a integrar esta matéria no seu sistema de gestão de Excelência Operacional (OE).

Em relação à protecção dos mamíferos marinhos, outra iniciativa da companhia, a Chevron tem feito a monitorização destas espécies. Sobretudo durante as operações sísmicas.

Objectivo

Activa tem por objectivo minimizar as perturbações de ruídos no seio dos animais no perímetro das zonas de operações. O processo consiste numa continua procura destas espécies antes do início das operações e no estabelecimento de uma zona de exclusão que permita o afastamento dos mesmos da área de uma dada operação, ainda que isso implique a interrupção momentânea das operações petrolíferas.

Esse trabalho tem permitido a aquisição de um maior conhecimento sobre a abundância e o estado dos mamíferos marinhos, especialmente da baleia-de-rosa (*megaptera novaeangliae*, espécie ameaçada de extinção) ao longo da costa angolana.

Efectua-se a monitorização de mamíferos marinhos nas campanhas de monitorização ambiental da qualidade da água e dos sedimentos de fundo do mar.

No âmbito dos compromissos assumidos, a Chevron, em Angola, entre vários projectos, aposta na protecção dos mangais. Sendo uma das principais produtoras de petróleo em Angola, a companhia continua empenhada a investir em importantes projectos de energia destinados a

aumentar a produção de petróleo e a conservar o gás natural.

10.11

Restrições no fornecimento de energia

Jornal de Angola

17 De Outubro de 2012

O baixo nível da água na albufeira da barragem hidroeléctrica de Capanda continua na origem das restrições no fornecimento de energia eléctrica a cidades abastecidas pela gigantesca unidade de produção de electricidade, construída após a independência de Angola.

A cidade de Malange, em cuja província se encontra instalada a barragem, é uma das regiões afectadas com a baixa produção de energia em Capanda.

Em declarações ao *Jornal de Angola*, o director provincial da Empresa Nacional de Electricidade (ENE),

Manuel Bernardo, disse que as dificuldades no abastecimento de energia eléctrica ocorrem em Malange, Luanda, Kwanza-Norte, Kwanza-Sul, Uíge e Bengo.

O gestor informou que as causas para as falhas constantes estão ligadas à ausência de chuvas nos últimos meses em regiões como Malange, Bié e Huambo.

Manuel Bernardo informou que, por causa do nível baixo da água na albufeira da barragem de Capanda, três dos quatro grupos geradores estão paralisados, o que está a criar dificuldades no fornecimento de energia eléctrica.

De acordo com Manuel Bernardo, o nível da água baixou de 950 metros cúbicos para 918 há duas semanas. "Este nível permite apenas o funcionamento de um grupo gerador com 84 mega watts, o que representa 17 por cento da sua capacidade instalada", disse Manuel Bernardo.

Em situação normal, disse, o volume de água acumulada é de 4.612 milhões de metros cúbicos, o que garante o normal funcionamento dos quatro grupos geradores.

A vida da população

Enquanto a situação não normaliza, a vida da população na cidade de Malange conhece momentos difíceis. Os geradores são as alternativas encontradas para colmatar a falta de energia na província.

Emília Domingos, proprietária de uma câmara frigorífica, disse a este jornal que a situação está a causar muitos prejuízos ao seu negócio. "Tive de vender o peixe a baixo preço porque corria o risco de se estragar", lamentou Emília Domingos.

Para José Ribeiro, serralheiro de profissão, a situação é crítica por não conseguir trabalhar. "Tenho muitas obras para entregar e, no fim do mês, tenho que pagar aos seis trabalhadores que tenho", disse o operário, que está a fazer contas à vida para poder comprar um gerador semi-industrial.

As chuvas que caíram nos últimos dias nas províncias de Malange e Bié permitiram o aumento do volume de água para 920.82 metros cúbicos contra os 918 de há duas semanas na albufeira de Capanda.

A informação foi avançada pelo responsável pela subestação eléctrica, Adão Francisco, que admitiu o regresso ao trabalho dos quatro grupos geradores dentro de três meses.

Novo produto

A Empresa nacional de Electricidade (ENE) está a introduzir, desde o mês passado, na zona urbana da cidade de Malange, o sistema de pagamento pré-pago do consumo de energia. Manuel Bernardo informou que já foram instalados mais de mil contadores dos dez mil programados pela Empresa Nacional de Electricidade. O projecto vai abranger todos os consumidores do casco urbano de Malange, incluindo os clientes com dívidas.

A entrada do novo serviço vai permitir um melhor controlo no fornecimento de energia eléctrica, além de inculcar no consumidor a cultura da racionalização da energia e permitir que famílias

com poucos recursos financeiros possam consumir energia dentro das suas possibilidades.

Os cartões de recarga dos contadores pré-pagos são comercializados entre 500 e 5000 kwanzas na direcção provincial da ENE e nas agências de pagamento.

Manuel Bernardo anunciou ainda a expansão da rede eléctrica nas sedes municipais dos 14 municípios da província de Malange. O alargamento da rede só vai ser possível quando for aumentado o transformador de potência da barragem de Capanda de 20 para 80 mega watts.

Receitas arrecadadas

O director da ENE em Malange informou que, entre Janeiro e Setembro, a empresa arrecadou 73,5 milhões de kwanzas resultantes das cobranças do consumo pós-pago de energia e da venda de cartões pré-pagos. Manuel Bernardo destacou o facto de a ENE em Malange ter empregado muitos jovens nas novas agências de pagamento de energia eléctrica.

"Muitos jovens tiveram a oportunidade de ter o seu primeiro emprego", disse o director da ENE.

O gestor anunciou para breve a abertura, no bairro do Ritondo, de mais uma agência de pagamento, para encurtar a distância dos munícipes e levar os serviços junto da população. A província de Malange tem a funcionar cinco agências de pagamento e 23 mil clientes.

10.12

ntônio Gimbi apela a cautela para reduzir danos

Novo Jornal
19 De Outubro de 2012

Baseando-se nas previsões, cujos indicadores apontam para chuvas acima da média, o comandante do SNPCB, comissário António Gimbe, advertiu que o país deve ter capacidade para conviver com a chuva, até porque ela é necessária .

A população deve ter mais cautela para que se registem menos danos, quer em vidas humanas, quer em perdas de património, conforme experiência dos anos anteriores. António Gimbe referiu igualmente que o nível de preparação, em respostas que têm sido criadas, corresponde às orientações da Comissão Nacional de Protecção Civil (CNPC), através de planos de contingência e da mobilização de recursos e meios, e prevê o alerta e envolvimento da população na preservação dos seus bens e da sua vida .

"Há um trabalho de preparação em algumas províncias que temos vindo a realizar, como a retirada de pessoas que residiam em zonas de riscos, mas que foi pouco publicitado. A perspectiva que a comissão tem agendado é que há e continuarão a existir mais seminários, ao nível das administrações municipais, para as populações estarem esclarecidas sobre a prevenção. A título de exemplo, ao nível de Luanda, a Samba já beneficiou", explicou o oficial superior, assegurando que a sensibilização é o principal trabalho a desenvolver.

A grande prioridade da CNPC, que ainda tem um nível de eficiência baixo, passa pela mobilização para que as comunidades tenham uma cultura de prevenção dos riscos que colocam em perigo a sua vida e demais bens.

A respeito da época, que também não tem sido salutar para os banhistas, o primeiro homem dos Bombeiros assegurou que é uma preocupação da instituição que dirige e do governo, no âmbito dos serviços que prestam à população, como a protecção da vida e seguranças dos banhistas.

"Está em curso um programa de desenvolvimento e segurança às praias, denominado PSP, que conseguiu preparar vários nadadores e salvadores, equipados com alguns equipamentos de prestação de serviços. A segunda fase vai abranger as demais províncias do país", disse, aconselhando os cidadãos a respeitarem as normas de convivência social com sol, praias, saúde e segurança.

O Serviço Nacional de Protecção Civil e Bombeiros tem até ao momento mobilizados mais de sete mil efectivos para atender a população nesta época chuvosa.

O comandante nacional assegurou que, para além do efectivo preparado, o corpo de bombeiros conta com o apoio de parceiros directos e indirectos. "Sempre que houver necessidade de se mobilizar mais parceiros para acudir a determinadas situações fazemos. Não trabalhamos sozinhos, pois esta actividade é desenvolvida de forma conjunta e acarreta muitos esforços", finalizou.

10.13

Luanda e os transtornos da chuva

Novo Jornal

19 De Outubro de 2012

Yolanda Manuel, funcionária pública

Esta época é meio problemática. Já lá vão quase três meses desde que entrámos na época chuvosa e quase não têm caído as gotas milagrosas. Para além dos problemas energéticos que a falta de chuva causa, há também os constrangimentos no sector agrícola.

Os transtornos das chuvas são os que acabei de mencionar. Se não chover, todos os cidadãos acabam por ficar sujeitos à seca e aos problemas que ela origina. Se não houver produção agrícola, por exemplo, os produtos não chegam até ao consumidor, logo, haverá alguma dificuldade para adquiri-los e incluí-los na nossa dieta alimentar. E há outros constrangimentos, pois muitas pessoas vivem da comercialização dos produtos do campo, logo, caso se verifique uma fraca produção, essas famílias ficam sem meios de sustentabilidade. Acredito que o executivo está a trabalhar no sentido de reabilitar determinadas infraestruturas para que o impacto negativo das chuvas seja minimizado.

Muito já foi feito, nomeadamente, na reestruturação de estradas secundárias e terciárias e, principalmente, nos bairros onde a acção das chuvas era mais prejudicial. Luanda está a crescer cada vez mais, hoje temos uma cidade que melhora a olhos vistos nos diversos sectores de actividade.

António Adolfo Pereira, estudante

As chuvas impedem-me de realizar muitas coisas, nomeadamente, no meu trabalho e na deslocação para a escola. Pretendo às vezes fazer outras actividades que me vejo impedido de executar.

No distrito do Sambizanga, onde resido, quando chove há enormes transtornos, pois fica muito alagado e há muita lama nas ruas. Para voltar à normalidade é necessário passar cerca de dois meses sem chover.

Tal como as chuvas não trazem apenas benefícios para os que vivem no campo, aqui, na minha zona, são bem visíveis os estragos que este fenómeno causa. As doenças, como o paludismo, a malária e a cólera têm tendência a aparecer com maior frequência.

Os hospitais acabam por estar lotados e os medicamentos ficam bastante caros, o que obriga as pessoas a comprar os mosquiteiros para prevenção deste tipo de males. Apesar de tudo, há diversos projectos que estão a ser realizados para melhorar cada vez mais o saneamento básico da capital, de forma a contribuir para um melhor escoamento da água das chuvas.

Márcio João Inácio, trabalhador

Desde que nasci, nunca vi um nível elevado de preparação da cidade de Luanda, quer na questão do escoamento das águas provenientes das chuvas, quer nas vias principais e secundárias das zonas periféricas e urbanas da cidade.

O meu bairro é uma zona periférica e tenho a certeza que não está preparado para receber este bem da natureza, não porque não gostemos de chuva, mas porque os estragos afogam os moradores das zonas não urbanas.

A lama e a falta de casas em condições de habitabilidade rurais ou não urbanas têm criado várias dificuldades aos moradores destas zonas.

Os quintais, na minha e noutras áreas periféricas de Luanda, ficam alagados, fazendo com que muitas famílias não durmam durante a noite a retirarem água das suas residências.

Para sair da minha casa para o serviço é preciso fazer um exercício muito complicado, pois encontramos as paragens lotadas e, em muitos

casos, a única alternativa tem sido caminhar a pé até ao centro da cidade.

Para melhoria da situação deixo o meu apelo ao governo provincial no sentido de rever a rede de transportes públicos e melhorar os esgotos nas vias principais, caso nos bairros não seja uma prioridade.

Sebastião Miranda, desempregado

As chuvas acarretam muitos estragos para cidade de Luanda, pois muitas zonas, senão mesmo toda a cidade, não estão preparadas para receber a quantidade de água que trazem. O desalojamento das famílias é outro problema que as chuvas trazem. E, como consequência, notamos pessoas a viver ao relento e em tendas. Muitos cidadãos ao construíram as suas residências não medem o local para as colocar, o que origina a construção em zonas consideradas de risco, por serem de fácil deslizamento. As pessoas deveriam ter muito cuidado ao comprar terrenos, pois aconselha-se espaços planos e sem ravinas para as casas.

Por outro lado, aconselho a velar mais pela prevenção de acidentes causados pelas chuvas. O governo de Luanda deveria cuidar mais de sensibilizar a população, pois todos nós sentimos os efeitos negativos deste fenómeno. Ouvimos constantemente que no interior do país a chuva está já a cair com muita intensidade, causando mesmo vítimas mortais. Uns morrem electrocutados por descargas eléctricas e outros acabam gravemente feridos. Os estudantes nocturnos são outros dos lesados nesta época, pois a falta de táxi quer para ir, como para regressar, faz parte dos desafios que têm de enfrentar.

Os taxistas aproveitam para esticar o preço, dificultando o sucesso escolar àqueles que dependem dos pais para estudar. Esperamos rápidos reparos da situação por parte do governo provincial, bem como da associação dos taxistas de Luanda para acautelar possíveis especulações.

10.14

huvas e vento destroem casas

Jornal de Angola

19 De Outubro de 2012

A chuva que tem caído na província do Huambo, acompanhada de forte vento, destruiu 157 casas no

Chinjenje, a maioria nos bairros Santa Fé, Valódia e Cachiquela, declarou quarta-feira, à Angop, o administrador municipal.

Mateus Sanjala disse que a chuva também destruiu parcialmente três escolas comunitárias, o jango dos sobas, o comité de acção do MPLA e uma capela da Igreja das aldeias de Cachiquela e Vaio dia.

O número de casas destruídas, preveniu, pode aumentar nas próximas horas, pois a comissão criada pela administração municipal para fazer o balanço da destruição provocada pela intempérie ainda não terminou o trabalho.

10.15

moradores das ravinas solicitam apoio rápido ao governo central

Novo Jornal

19 De Outubro de 2012

Os gritos de socorro continuam no bairro Boa Esperança II, vulgo Balumuca, devido às ravinas que ameaçam os moradores. Para além de um atentado à saúde pública, pelo lixo que se acumula nas encostas, estas valas colocam a vidas das populações em perigo, durante a época chuvosa.

As ravinas, que começaram a aprofundar-se nos anos 80, durante a fundação do bairro que possui quatro quilómetros de superfície, são a principal ameaça a uma população estimada de 60 mil habitantes, distribuídos por 12 sectores e 48 mil famílias para 12 mil casas. A zona em perigo faz fronteira com os bairros Dala Mulemba, Ngangula, Boa Esperança Central e, a oeste, com o oceano Atlântico, onde começa o calvário de quem quer ver a sua vida melhorada.

De acordo com uma fonte daquela administração municipal, desde a existência da zona, as ravinas já desalojaram mais de 500 famílias, tendo aumentado significativamente esse número durante as enxurradas de Janeiro de 2007. Nessa altura, houve famílias que ficaram ao relento até os dias de hoje.

O mais grave é que são várias as crianças que desfrutam das baixas para praticarem algumas brincadeiras, o que não é salutar nos dias que se aproximam.

Pedro Sanguito, morador do Balumuca, disse que a zona em que reside é de risco e que os moradores precisam do apoio do governo central para encontrarem rápidas respostas para a solução do problema. "Quando um governo se preocupa apenas com a população no momento das eleições e das chuvas é de lamentar. Deveria haver maior sensibilização para se atenuarem os riscos de se perderem constantemente vidas inocentes", salientou Sanguito.

Muitos moradores estão a ser forçados a abandonar as casas para não serem vítimas do desalojamento forçado pelas chuvas.

A promessa de terreno e moradias, feita pelo coordenador do bairro, o senhor Montanha, faz com que muitos moradores não abandonem a zona, o que origina o abandono das suas casas que se encontram em zonas com maior probabilidade de deslizamento, arrendando outra nalguns quilómetros depois.

"Sem as casas, eu não saio daqui, pois não tenho mais para onde ir", desabafou uma senhora de 51 anos de idade, mãe de 10 filhos, que arrendou uma casa de um quarto e uma sala.

A falta de vontade política dos responsáveis do poder local para solucionar este fenómeno é apontado como a principal causa destes acidentes.

10.16

chuva pode duplicar os estragos

Novo Jornal

19 De Outubro de 2012

Os moradores da cidade capital estão preocupados com o perigo que a chuva trará nesta época do ano. Zonas como Cacucaco, Sambizanga, Rangel, Cazenga e Viana são as que mais preocupações suscitam no que se refere à mitigação das consequências das enxurradas e outros desastres naturais causados pelas águas das chuvas.

A cidade capital, para além de ser a menor província do país, com uma área de 24.651m²,

tem sido, com efeito, uma das mais críticas após as enxurradas.

A falta de esgotos nalgumas vias principais e secundárias da cidade é outra das várias inquietações que os cidadãos da capital manifestaram, durante uma ronda realizada pelo Novo Jornal.

Os privilegiados acabam por ser os que residem em zonas montanhosas, ou no centro urbano da cidade. Os moradores das áreas periféricas são, em sentido contrário, os que mais sofrem. Se não ficarem sem os seus haveres, como acontece quando as águas das chuvas invadem as suas casas, têm de enfrentar estradas que se transformam em lagoas, comprometendo as obras de reparação nas vias principais e secundárias da cidade e dificultando o já de si difícil trânsito rodoviário.

A chuva tem também um papel de fiscalizador das obras públicas, como referiram algumas pessoas com quem o Novo Jornal falou, que a caracterizam de "fiscalização divina".

"Quando uma empresa está a construir uma obra numa das zonas de Luanda, não vemos os fiscais do governo provincial para pôr fim às irregularidades. Para sabermos se as infraestruturas estão em condições esperamos apenas pelas chuvas, muitas vezes acompanhadas de ventos fortes, para ditar o verdadeiro resultado da situação", contou o estudante universitário Adolfo Muinga, acrescentando que, após as chuvas, se fica a saber qual a qualidade da obra realizada.

Para Catarina André, moradora no bairro Mabor, no Cazenga, esta época vai trazer, sem sombra de dúvida, enormes prejuízos, bem como grandes benefícios para a população. "Havia reclamações por parte dos camponeses de várias zonas do país, que davam conta da falta deste bem da natureza para o cultivo dos seus produtos. Agora, estou em condições de dizer que nada agrada a todos. É necessário que chova para ajudar os que menos possibilidades têm, nas zonas propensas a inundações poderia chover menos. Mas como não tenho o poder de decisão, aguardamos o que a natureza decidir", frisou.

André Sérgio, morador de Viana, garantiu que o que tem provocado o aumento dos desastres naturais que atingem a população mais carente das periferias é o crescimento desordenado das

pequenas cidades urbanas e as mudanças climáticas que ocorrem nos últimos anos no planeta.

Este morador aclarou ainda que as pessoas escolhem as zonas mais vulneráveis para aí colocarem as suas casas, muitas vezes, feitas de chapa ou pau a pique, ficando bem claro o destino que têm com os deslizamentos, incêndios e outras catástrofes.

Mais chuvoso que o normal

Com o objectivo de prever os parâmetros meteorológicos (precipitação ou temperatura) para os próximos meses, o meteorologista Nfinda Pedro, durante a apresentação da previsão sazonal para os próximos seis meses, anunciou que o último trimestre deste ano será mais chuvoso que o normal em todas as regiões do país, com precipitações na ordem dos 70 a 80 por cento.

A evolução provável da Situação meteorológica apresentada assegura que haverá igualmente a tendência para ocorrerem chuvas normais com maior probabilidade de serem abaixo da média, o que obriga a ter cautela e maior atenção a este período por ser quase como a despedida da época.

Nesta base, como se faz habitualmente, os dados da previsão serão actualizados a partir do final do mês de Janeiro, altura em que será possível determinar se ocorrerá seca ou não, estiagem curta ou prolongada, dando-se um diagnóstico mais preciso e conciso.

Esta previsão é uma via disponibilizada aos diferentes utilizadores e à sociedade, em geral, para alertar e auxiliar determinados organismos, como ministérios, forças armadas, bem como órgãos policiais no sentido de poderem tomar decisões perante cheias, secas e outras calamidades naturais.

10.17

xecutivo vai travar abate de árvores no município da Caála

Semanário Factual

De 20 a 27 de Outubro de 2012

O ancião Tomás Jamba, que vive no município da Caála, província do Huambo, tem a sensação de que o homem declarou guerra contra as florestas, acrescentando que "estamos a ganhar o deserto. As

E

peças cortam, anarquicamente, as árvores para o fabrico de carvão".

Tomás Jamba, capitão na era colonial, defende que a legislação florestal deve ser aplicada, com vista a proteger esse bem comum.

Na sua opinião, cabe à juventude, às mulheres e às crianças angolanas participarem na sensibilização sobre o impacto do desflorestamento e na reposição da população florestal.

"As florestas são o pulmão do Huambo; as florestas são uma fonte de renda. A lenha e carvão são produtos florestais que têm muita procura em todas as épocas do ano, faça sol ou chuva. São indispensáveis na preparação dos alimentos", referiu Tomás Jamba, para quem, neste município, milhares de pessoas têm o fabrico de carvão como seu ganha-pão.

O ambientalista Carlos Vumbi diz que, à semelhança do que acontece com a destruição do ozono, as florestas angolanas correm risco de extinção, devido à acção humana.

"As queimadas descontroladas iniciam em Agosto, só reduzem de intensidade na época chuvosa. Abatem quase todas as árvores que lhes apetecer, independentemente da qualidade e do tamanho. Mais do que nunca, é altura de disciplinar a exploração das florestas, para que o País não fique careca dentro dos próximos tempos", acrescentou.

Para este ambientalista, em princípio, todos os consumidores e beneficiários de produtos florestais têm a obrigação moral de repor as florestas.

"Plantar e repor árvores é um dos desafios que o País inteiro precisa de assumir, tomando em conta os actuais efeitos de mudanças climáticas que ocorrem no mundo", frisou.

Outro ambientalista, João Panzo, diz que, nas últimas décadas, se assiste ao agravamento do processo de desflorestamento e à degradação da floresta, traduzida no facto de contribuírem para cerca de 25 por cento das emissões de dióxido de carbono, o principal gás responsável pelo aquecimento global e consequentes mudanças climáticas.

"Paradoxalmente, a floresta pode ter impacto positivo na absorção do dióxido de carbono em excesso na atmosfera, principal gás responsável

pelo aquecimento global, tornando-a elemento fundamental nas discussões em torno do clima", precisou.

De acordo com o técnico, além da contribuição para o aquecimento global, a destruição e a degradação da floresta têm acarretado impactos ambientais, económicos, sociais e culturais de grande envergadura.

A questão florestal tornou-se, hoje, de importância fundamental, atendendo às profundas alterações a que o Planeta tem vindo a ser sujeito, provocando impactos a nível global e local", considerou.

Na província do Huambo, a degradação da floresta não é assunto da actualidade, ela vem de muito longe.

A paisagem que hoje conhecemos nem sempre foi assim; o presente é resultado dos erros do passado; os erros do passado, quando adicionados aos do presente, acarretarão consequências muito negativas no futuro", criticou.

A finalizar, notou que, no País, se assiste a um processo de transformação e degradação ambiental ao longo dos tempos.

Abate de árvores - Fonte de rendimento para milhares de camponeses

Os exploradores destes recursos dizem que o abate anárquico está relacionado com a pobreza e que a lenha e o carvão são uma fonte de rendimento.

"Há necessidade de se acabar com esta acção, porque, se continuar assim, não haverá, nos próximos tempos, matas para o equilíbrio ecológico", advoga o munícipe Alexandre José.

As populações estão cientes do perigo que constitui a desmatagem, e o Executivo vai conceber programas, a fim de que haja outra forma de rendimento, sem prejudicar as matas.

Os habitantes do município do Huambo estão insatisfeitos com a exploração desenfreada dos recursos florestais, nomeadamente o corte de árvores para a produção do carvão vegetal, que ocorre quase em toda a província.

A situação é preocupante na medida em que, por um lado, não está a acontecer o reflorestamento

das espécies abatidas e, por outro, a falta de controlo dos produtores do carvão vegetal e dos exploradores da lenha.

"A questão de exploração dos recursos florestais na província preocupa-nos. Não sabemos como e quem controla os produtores do carvão e os que cortam as árvores", afirmou fonte da Administração Municipal.

A desflorestação tem grande impacto na vida diária dos habitantes do Huambo. Muitas árvores já desapareceram das florestas do município de Caála. Estas florestas virgens da província são de grande importância, tanto para a biodiversidade mundial como para o clima.

A floresta, na província do Huambo, tem sofrido, igualmente, impactos sérios e significativos, devido a uma combinação de factores, entre as quais se destacam o corte ilegal e desregrado de espécies madeiras, a exploração de carvão vegetal, a agricultura itinerante, as queimadas florestais, a urbanização e as mudanças climáticas", explica um funcionário do Instituto de Desenvolvimento Florestal (IDF).

A floresta, desde sempre, constituiu fonte de riqueza, tendo em conta a importância socioeconómica e ambiental, particularmente num país como Angola, onde a maioria da população vive nas áreas rurais e depende da floresta para fins habitacionais e alimentares ". acrescentou.

Sensibilizar a população é um dever de todos

As autoridades da província do Huambo estão a sensibilizar a população para evitar o corte anárquico de árvores, no sentido de se preservar o ambiente e o equilíbrio ecológico.

A iniciativa visa advertir e esclarecer as pessoas sobre os prejuízos que o derrube de árvores e a caça furtiva podem causar à flora e à fauna, à reprodução dos animais, bem como à vida humana.

O corte de árvores para o fabrico de carvão atingiu níveis alarmantes, pelo que se tornou necessário chamar atenção dos carvoeiros sobre os perigos que podem surgir desta acção.

As actividades dos fiscais não cobrem toda a extensão da floresta da região, devido à insuficiên-

cia de fiscais, de transporte e de outros meios para uma fiscalização satisfatória.

Muitos aldeãos que dependem da prática de fabrico de carvão para o seu sustento desconhecem os perigos desta actividade ao ambiente, tornando-se necessário adverti-los para se absterem de cortar de modo desenfreado as árvores.

As autoridades locais estudam políticas capazes de facilitar a resolução da problemática da destruição da flora e da fauna da região, sem causar insatisfação e reacções desagradáveis por parte dos aldeãos que dependem da venda de carvão para o sustento das suas famílias.

As autoridades locais dizem que uma das soluções será a indicação de aldeãos ao exercício da prática da agricultura, bem como o recrutamento de alguns deles para fazerem parte do efectivo de guardas florestas.

Lamentam a atitude dos cidadãos que continuam a dedicar-se ao abate indiscriminado de árvores na localidade, atitude que afirma ser prejudicial ao ambiente.

Aconselham, igualmente, os produtores de carvão e comerciantes de madeira, sempre que praticarem o abate de árvores, a reporem as mesmas plantas, para que a situação não se venha a agravar.

O Executivo Provincial encorajou as autoridades administrativas a trabalharem, afincadamente, na protecção dos recursos florestais e hídricos, assim como nalgumas espécies animais em fase de extinção, devido à caça frutífera.

Geografia da Caála

Caála é um município da província do Huambo, tem três mil e 680 quilómetros quadrados e cerca de 373 mil habitantes. O município da Caála localiza-se na parte central da província do Huambo, tendo por limites, a Norte, o município da Ekunha, a Este, o município de Huambo, a Sul, o município de Chipindo, e a Oeste, os municípios de Longonjo e de Caconda. É constituído pelas comunas de Caála, Kuima, Kalenga e Katata.

O desenvolvimento da zona iniciou-se com a chegada do caminho-de-ferro, em 1912. Pertenceu, até 1922, à circunscrição do Huambo. Entre 1922 e 1934, pertenceu a circunscrição do Lépi, quando esta foi transferida para a Caála. Em 1956, foi

elevada a concelho. Até 1970, designou-se Vila Robert Williams, em homenagem ao magnata britânico, Robert Williams, que impulsionou a construção do Caminho-de-Ferro de Benguela.

A 15 de Junho de 1970, passou à categoria de cidade, passando a designar-se Robert Williams. Voltou à designação original em 1975. Em 2002, no fim do conflito angolano, a Caála albergou um centro de ajuda humanitária dos Médicos Sem Fronteiras (MSFD).

10.18

Camponeses da Funda apostam no aumento da produção agrícola

O Independente

20 De Outubro de 2012

Os camponeses da comuna da Funda, município de Cacucaco, em Luanda, manifestaram-se dispostos em trabalhar para o aumento da produção agrícola no município. A determi-

nação vem expressa na mensagem lida durante o acto de entrega de "inputs" agrícolas, como fertilizantes e material de pesca continental. "Para o reforço da capacidade produtiva visando a melhoria das condições dos camponeses apoio deste género deve repetir-se mais vezes, porque é graças a estes instrumentos agrícolas e piscatórios, que a nossa actividade continuará a contribuir para a segurança alimentar", lê-se na mensagem.

Em declarações à imprensa, o director provincial da agricultura e desenvolvimento rural e pescas, Júlio de Carvalho, disse que os camponeses da Funda vão ter a possibilidade de fazer o processamento do tomate na fábrica localizada em Cacucaco, província do Bengo. Acrescentou que a direcção provincial de agricultura, desenvolvimento rural e pescas vai aumentar os cursos de superação dos camponeses organizados em cooperativas e associações agrícolas e de pescas, para aproveitar os produtos excedentes por eles produzidos.

Por outro lado, a administradora municipal de Cacucaco, Rosa João Janota Dias dos Santos, disse que a comuna da Funda e o município beneficiam do programa integrado de desenvolvimento rural e combate à pobreza de forma multidisciplinar. O abastecimento de água potável, energia eléctrica,

construção de mercados, cozinhas comunitárias, asfaltagem das vias secundárias e terciárias constam do leque das actividades agendadas para o desenvolvimento da circunscrição de acordo com a orientação do GPL.

10.19

baixo nível de nascentes na Huíla condiciona fornecimento de água

Jornal de Angola

21 De Outubro de 2012

C

O fornecimento de água no Lubango é feito, desde há cerca de um mês, com restrições devido ao baixo nível das nascentes da Tundavala e da nossa Senhora do Monte causado pela falta de chuvas.

O director provincial de Energia e Águas lembrou que este ano a Huíla registou estiagens em Março, Abril e Maio e o atraso no início da chuva em Setembro, o que causou o baixo caudal daquelas nascentes.

"Há três épocas chuvosas sucessivas que a recarga dos níveis freáticos de águas não é suficiente, o que prejudica a distribuição de água", disse o director.

Abel da Costa afirmou que a situação tende a melhorar nos próximos dias por a chuva já ter começado a cair no Lubango e noutros municípios, o que vai ajudar a repor os níveis freáticos.

O director também anunciou a abertura em breve de dois furos de grande capacidade para injectar água na conduta e abastecer a cidade do Lubango mesmo sem chover.

Nova conduta

A conclusão do sistema de distribuição de água à cidade do Lubango, disse que a primeira fase, orçada em 11,45 mil milhões de kwanzas, contempla projectos de planeamento, instalação de condutas adutoras, nova rede com 1.500 ligações, formação de pessoal técnico e aquisição de equipamentos.

Até agora, referiu Abel da Costa, foram reabilitados 21 quilómetros da conduta adutora estruturante, 16 da secundária e 15 de rede de distribuição no centro da cidade. Também foi instalada a primeira

Estação de Tratamento de Água da cidade e promovida a formação do pessoal técnico responsável pela manutenção da nova rede.

Na sequência das novas ligações aos domicílios, alguns habitantes da cidade do Lubango já consomem água potável proveniente da conduta da Tundavala. Com a conclusão das obras, referiu, a capacidade de captação e de reserva de água aumenta de quatro mil para 60 metros cúbicos. Para os próximos meses está previsto construir seis reservatórios de água com capacidade de

60.750 metros cúbicos contra os quatro mil metros cúbicos existentes.

10.20

huvas fortes destroem casas no município da Ganda

Jornal de Angola
22 De Outubro de 2012

A chuva forte que, nos últimos dias, atingiu a comuna da Babaera, município da Ganda, destruiu os telhados de 86 casas, constatou, ontem, a Angop.

O secretário adjunto da Administração Municipal da Ganda, António Wahangua, informou que três escolas do ensino primário também ficaram sem a cobertura.

António Wahangua frisou que a destruição do telhado de várias moradias provocou o desalojamento de famílias, algumas das quais acolhidas por familiares e vizinhos.

A vila do Alto Catumbela e a povoação da Chacuma (Babaera) são as áreas mais atingidas, disse António Wahangua.

A Administração Municipal da Ganda está sem meios para acudir aos sinistrados e já solicitou ao Governo Provincial apoio material a fim de minimizar a situação.

O Serviço Nacional de Bombeiros e Protecção Civil tem estruturas a nível dos municípios para acudir as vítimas das chuvas.

Em várias regiões do país, já há o registo de chuvas torrenciais, uma realidade que é resultado das previsões do Instituto Nacional de Meteorologia (INAMET) que previu chuvas fortes a partir deste mês.

10.21

huvas fortes destroem casas e infra-estruturas na zona de Dondo

Jornal de Angola
24 De Outubro de 2012

A chuva, acompanhada de ventos fortes, destruiu na comuna de Dondo, na província do Bié, 160 casas particulares, sete escolas, o edifício onde funcionava a administração comunal e instalações de instituições religiosas, disse à Angop uma fonte dos Bombeiros.

Uma das escolas tinha sido inaugurada recentemente. A intempérie também destruiu a casa oficial do administrador da comuna de Dondo.

O Serviço de Protecção Civil e Bombeiros, continuava ainda ontem a fazer o levantamento dos danos causados, promete nos próximos dias poder começar a ajudar as vítimas.

A comuna de Dondo, Bié, tem mais de oito mil habitantes, na sua maioria camponese.

II. NOVEMBRO DE 2012

11.1

regularidade das chuvas estimula os agricultores

Jornal de Angola
01 De Novembro de 2012

A regularidade das chuvas que se abatem sobre o município de Caculama está a deixar satisfeita a

C

R

população camponesa local, prevendo-se uma boa colheita, na presente época agrícola. O agricultor João Cambolo, morador do bairro Camalenda, disse ao Jornal de Angola que, achegada das chuvas, além de beneficiar os campos, vai possibilitar a regularização do caudal do Rio Nhenguene, principal fonte de abastecimento de água para o consumo da população. O ano agrícola passado foi péssimo em termos de resultados, disse o agricultor, para adiantar que a produção de tomate, batata-doce e rena, mandioca, banana, cana-de-açúcar e outros bens, registaram baixas significativas, devido à falta de chuvas.

A camponesa Segunda Martins, residente no município de Caculama, considerou de positiva a estratégia do Executivo angolano na criação de condições para o Crédito de Campanha aos camponeses organizados em associações e cooperativas, programa que está a dar uma nova dinâmica à actividade do campo na região. Responsáveis da União Nacional das Associações de Camponeses (UNACA) a nível daquela parcela da província, pediram aos agricultores para se esforçarem mais, no sentido de aumentarem os níveis de produção.

11.2

Camponeses do município do Andulo esperam boas colheitas no próximo ano

Jornal de Angola

01 De Novembro de 2012

Vários agricultores e camponeses contactados pelo Jornal de Angola no município do Andulo, província do Bié, mostraram-se, terça-feira, satisfeitos com as chuvas que caem abundantemente na região e esperam boas colheitas na próxima campanha agrícola 2012/2013. Individualmente ou agrupados em associações e cooperativas agrícolas, os camponeses já começaram a preparar a nova época, para a qual foram planificados 500 hectares distribuídos pelos sectores empresarial e camponês, envolvendo um total de 25 mil famílias. Os camponeses do Andulo esperam colher grandes quantidades de milho, feijão, batata-doce, mandioca, soja, tanto para o seu sustento, como para amortizarem integralmente e,

nos prazos acordados, os créditos que contraíram junto dos bancos comerciais. Logo pela manhã, as estradas e picadas do Andulo estão apinhadas de grupos de camponeses que, com enxadas aos ombros e sacos de mantimentos, se dirigem às lavras ou fazendas.

Mulheres com filhos às costas e jovens das zonas rurais e até mesmo pessoas idosas, como Daniel Nunes, 76 anos, caminham a passo rápido em direcção aos campos agrícolas da região. Daniel Nunes vive na localidade de Chilessso, não muito distante da vila do Andulo e está satisfeito com as chuvas que se abatem diariamente sobre o Andulo. "Com esta regularidade de chuvas espero ter uma boa colheita no presente ano agrícola" diz, reconhecendo que a maioria dos camponeses está satisfeita com as chuvas deste ano. António Cunene é, também, camponês, mas vive na povoação de Chicumbi, arredores da vila do Andulo. Ao Jornal de Angola explicou que, com as chuvas regulares, está garantida uma boa safra.

"A produção do milho, feijão, batata-doce e diversas hortícolas aumentou muito", refere António Cunene, que só espera agora que comerciantes de todo o país se desloquem ao Andulo para adquirirem a produção e revenderem noutras zonas que ainda têm falta de alimentos. Devido à fertilidade dos seus solos e às chuvas abundantes que permitem o cultivo de várias espécies, o município é considerado o celeiro da província do Bié.

11.3

Seca põe em perigo população da Bibala

Novo Jornal

02 De Novembro de 2012

A população camponesa e os criadores de gado do município da Bibala enfrentam sérias dificuldades por causa da falta "gritante" de bens alimentares, água e pasto, consequência da seca que assola as regiões do centro e sul do país. Quimbo despopoados, animais e pessoas desnutridas e um número não controlado de gado morto ao longo da transumância, por falta de água e pasto, foi o cenário com que se deparou o Novo Jornal, durante um périplo pelas localidades de Tchitemo, Vitoco, Tchiwe e Iumbua, a convite do

administrador do município da Bibala, Pedro António Mussungo.

"Os criadores queixam-se da perda de muitas cabeças de gado. Agora só contam com animais de pequeno porte, vitelos e caprinos, São criadores com uma grande experiência na pecuária, vamos ver o que eles farão. Não é a pela primeira vez que o município é assolado pela seca. Muitos transumaram com o seu gado e, logo que a chuva caía, regressam com seu potencial pecuário", relatou o administrador.

A Administração -do Município da Bibala aconselhou os criadores a não voltarem às regiões que consideram de risco para a estabilidade económica das famílias. "Identificámos, com as autoridades tradicionais, outras localidades onde possam desenvolver e estabilizar a sua vida, próximo dos riachos, escolas e postos de médicos", esclareceu Pedro António Mussungo.

De acordo com o entrevistado do NJ, a campanha agrícola resultou num fiasco e os camponeses estão sensibilizados para se adaptarem às novas técnicas de obtenção de água e de irrigação, por meio de electro-bombas, furos artesanais e sistema de rega gota-a-gota para novas culturas. "Os resultados não foram tão promissores como se esperava, porque a agricultura praticada na região é rudimentar e, com a falta de gado de tracção, não permitiu atingir níveis de produção satisfatórios", notou aquele responsável. Neste momento, segundo adiantou, quer o governo da província, como o central, mobilizam apoio em bens de primeira necessidade para acudir cerca de 50 mil pessoas, estimadas em oito mil famílias em situação difícil.

Município regrediu

A antiga Vila Arriaga, potencial agro-pecuário da província, dista mais de 150 quilómetros da cidade do Namibe, tem uma expansão geográfica de 14 mil quilómetros quadrados e uma população estimada em 211 mil e 20 habitantes, agricultores e camponeses, por excelência. Possui três comunas, Lola, Caitou e Kapa Ngombe. A localidade ainda reclama por mais escolas e unidades sanitárias. Pedro Mussungo admite que o município que dirige há cinco meses regrediu do ponto de vista económico devido à situação crítica de seca que se vive, mas está optimista quanto ao regresso aos tempos áureos. "Estamos a preparar o ano de 2013

para a construção de casas evolutivas, hospitais, postos médicos, escolas, etc.

Estamos convencidos que o Programa Municipal Integrado de Desenvolvimento Rural e Combate à Pobreza poderá inverter o quadro desolador, que colmatará as maiores dificuldades que estamos a enfrentar a nível do município". A administração municipal e o governo da província querem que onde se construir uma escola ou um posto médico se construa também uma residência para o professor e enfermeiro, dotada de água. "Há escolas e postos médicos que não têm água e nós estamos a trabalhar para que estas instituições tenham água próximo para permitir estabilidade e que o ciclo de vida das pessoas também se desenvolva".

Segundo o administrador municipal, alguns privados "têm a intenção de implantar fábricas de água mineral, de concentrado de massa tomate e de citrinos", como constata pelas entidades privadas com fortes interesses em investir no município que a Administração tem recebido. A entrada em circulação do caminho-de-ferro de Moçâmedes é outra mola que pode impulsionar o município para um pólo de desenvolvimento agrícola. A desintegração dos ministérios das pescas e da agricultura, espera deste último (agricultura) maior apoio em equipamentos agrícolas para potenciar as associações de camponeses, a braços com a falta de meios e que há muito esperam por "crédito da campanha agrícola", acrescentou.

Algumas vias de acessos estão em reabilitação, mas a maioria, que liga a sede do município à cidade capital da província e às demais localidades, não oferecem condições para a circulação de pessoas e mercadorias. A expectativa da população gira à volta da estrada que liga a cidade do Lubango, passando pela Bibala, até à nacional número 280, que vai até à cidade do Namibe, a ser asfaltada em 2013.

Problemas Ecológicos

O município da Bibala é uma localidade onde o abate indiscriminado de árvores por parte de lenhadores e carvoeiros é acentuado, o que colide com os programas de combate à desertificação. O interlocutor do NJ, com alguma reserva, fez notar a dificuldade que tem tido em lidar com o problema: "Proibimos, por um lado, o corte de

árvores e o fabrico de carvão e, por outro, estamos a tirar o direito a quem tem fome. Pode ser um meio de sobrevivência. Só que exercem esta actividade em áreas proibidas, que no futuro poderão provocar sérios problemas ecológicos. Mas já encetámos contactos com o Instituto de Desenvolvimento Florestal para a Fiscalização destas zonas florestais" .

Na Bibala, a 12 quilómetros da sede do município, encontra-se o centro turístico da Montipa, onde o principal pólo de atracção são as águas termais, com infra-estruturas degradadas. O entrevistado do NJ garante que muitos empresários manifestam interesse em investir no turismo com as atenções viradas para Montipa. Mestrado em História, Pedro Mussungu não quis fechar a conversa sem falar do mosaico histórico-cultural da localidade que dirige e que clama por protecção.

Temos sítios com pinturas e arte rupestre identificada e classificada pelo Ministério da Cultura e outra por identificar. A partir do norte do município do Virei, na região do Caraculo até ao norte deste município, encontramos sítios históricos e sítios com arte parietal, região Makahama, região Vialo-I e Vialo-II, Quenguelela, Namkombo. Em todos estes sítios encontramos variadíssimas pinturas com desenhos de zoomorfos e antropomorfos, arte que os homens que viveram aqui antes da expansão dos bantus deixaram e que hoje são estudadas. O estado de conservação não é o mais desejado", lamentou.

O administrador advoga mudanças no quadro do seu executivo para ver materializados os programas de desenvolvimento socioeconómico do município que já foi grande fornecedor de produtos agrícolas aos mercados do país. Segundo constatou, a situação em que se encontra o município já não lhe permite trabalhar com "as pessoas que caem na rotina".

11.4

io combustível arranca no próximo ano

O País

02 De Novembro de 2012

O Presidente da Odebrecht, Marcelo Odebrecht, anunciou esta semana em Luanda que o projecto de bio combustível que está a ser desenvolvido em

Malange, município de Cacusso, arranca no próximo ano, e espera que seja mais uma fonte de energia eléctrica para o país. Em entrevista à TV Zimbo e a O PAÍS, o responsável da multinacional brasileira espera que a entrada em funcionamento desse projecto contribua para acudir a situação de escassez de luz eléctrica que algumas cidades vivem. Odebrecht revelou que é um investimento de quinze milhões de dólares, resultante de parceria com a Sonangol e empresários nacionais. Estima que o anunciado projecto ofereça mais de três mil empregos.

O bio combustível é um dos projectos para os quais a empresa brasileira está inclinada, além do agro negócio, diamantes (participação no projecto Catoca), as lojas Nosso Super, Belas Shopping, e a construção civil. O sector da construção civil representa hoje trinta por cento do volume de negócios da multinacional, em todo mundo, mas em Angola é ainda a maior fonte de receitas e por isso o maior investimento. Segundo Marcelo Odebrecht, a sua empresa investe anualmente cerca de 50 a 100 milhões de dólares em equipamentos, e chega a ter receitas na ordem de mil milhões de dólares anualmente.

Marcelo Odebrecht, cuja empresa construiu a barragem da Capanda, diz que a hidroeléctrica não tem qualquer deficiência resultante da construção. Recorda que a sua empresa tem tradição neste sector, e sempre trabalhou primando pela qualidade. "Não há, de modo algum, qualquer problema de construção. Fizemos a construção da barragem com a qualidade que nos caracteriza sempre. Tenho informação de que se trata de estiagem, uma situação a que qualquer país está sujeito, razão pela qual uns vão já encontrando outros "back up" para repor a ausência de luz eléctrica vinda das barragens". Quanto à qualidade das estradas que a Odebrecht constrói, e que tem suscitado críticas, o presidente executivo da multinacional brasileira respondeu com as mesmas palavras.

"Não se trata de falta de qualidade do nosso trabalho. Muitas das vezes é uma questão da manutenção, que é um desafio em qualquer país basta as vezes fazer manutenção, é importante fazer o controlo do peso dos camiões que por lá circulam, porque por mais qualidade que uma estrada tenha, ela não irá ter o tempo de vida esperado se passam por lá camiões acima do peso

esperado. É portanto, um desafio para todos nós". referiu. Marcelo Odebrecht reafirma a vontade de continuar a trabalhar no sector da construção civil, ajudando deste modo o governo angolano a desenvolver as infra-estruturas. "Angola é um mercado importante e real. Apesar da crise financeira, é um país com muito potencial e que abre sempre oportunidades a quem quiser cá investir. E nós estamos dispostos a dar o nosso melhor para elevar a qualidade de vida dos cidadãos angolanos, não apenas dando emprego mas também formação" , promete.

O Estado é o maior cliente da Odebrecht, sobretudo no âmbito das infra-estruturas, e o seu presidente elogia o governo angolano caracterizando-o de "bom pagador". Não temos qualquer razão de queixa em relação ao nosso principal cliente no sector da construção civil. Se não confiássemos no governo angolano não estaríamos cá há 25 anos, Ele (o governo) é um bom pagador, nunca tivemos problemas estruturais", refere.

11.5

uila. Chuva destrói casas no Cuvango

Jornal de Angola
07 De Novembro de 2012

Chuva acompanhada de fortes ventos provocou, na segunda-feira, a destruição parcial de sete casas no município do Cuvango, 356 km a leste do Lubango. Além de destruir a cobertura superior das sete residências, a chuva derrubou árvores, postes de iluminação pública e inundou algumas aldeias próximas a sede municipal. Uma fonte da Administração Municipal, contactada pela Angop, disse que a maior parte das casas afectadas são de construção precária, com adobe, capim e chapas de zinco.

A fonte garantiu que o apoio a essas famílias está assegurado. Há uma semana, 35 casas ficaram afectadas pela chuva naquele município. O Cuvango tem mais de 100 mil habitantes, sendo 80 por cento camponeses. Agricultura em Caluquembe Cerca de 750 hectares de terras agricultáveis estão preparados, no município de Caluquembe, província da Huíla, no âmbito da

campanha agrícola 20 12/2013, que arrancou na segunda-feira, disse o administrador, Emílio Tchitacumbi.

Os terrenos preparados destinam-se, sobretudo, ao cultivo de milho, feijão, batata-doce e rena, mandioca, massango e massambala. A campanha 2012/2013 envolve milhares de camponeses agrupados em cooperativas e associações, além de pequenos agricultores, que já têm as suas terras preparadas, com base numa estratégia de apoio mecanizado

aos camponeses gizada pela direcção da Agricultura.

Emílio Tchitacumbi considerou necessário o fornecimento de vários utensílios e sementes aos camponeses, para que possam corresponder às expectativas do Governo. Com uma extensão de quatro mil quilómetros quadrados, o município de Caluquembe, na província da Huíla dista 193 km a norte do Lubango

11.6

huvas fortes causam mortes

H *Jornal de Angola*
10 De Novembro de 2012

O porta-voz do comando provincial da Protecção Civil e Bombeiros da Lunda-Norte, Joaquim Samulambo, confirmou ontem a morte de quatro pessoas em consequência de chuvas fortes, que provocaram também a destruição de 2.041 casas.

Joaquim Sámulambo indicou que município de Cambulo registou o maior número de casas destruídas, com um total de 483, seguido do Chitato, com 249.

"Nos últimos dias, os municípios de Chitato, Cambulo, Cuilo, Xá-Muteba, Lucapa, Caungula, Cuango e Lubalo têm sido os mais afetados pelas fortes enxurradas", disse.

O porta-voz disse que o corpo ração não dispõe de meios para apoiar as famílias sinistradas, porque os estragos causados são' elevados. Sublinhou que a situação está a preocupar as autoridades locais, porque "sempre que chove aumenta o número de famílias desabrigadas e a viver.

11.7

população da recebe 158 toneladas de bens diversos

Semanário Angolense

10 De Novembro de 2012

Cento e cinquenta e oito (158) toneladas de bens diversos, traduzidos em arroz, óleo vegetal, conservas de peixe, farinha de milho e feijão, foi a ajuda atribuída aos sinistrados da estiagem, na província do Namibe.

Em declarações a propósito ao *Semanário Angolense* a directora provincial do Namibe da Assistência e Reinserção Social, Lemba Lopes, indicou ao que os produtos em causa, já estão nas mãos dos beneficiários, desde a passada segunda-feira, 05. A distribuição dos bens foi feita criteriosamente pelas administrações municipais contempladas, nomeadamente o Virei, Camucuiu, a Bibala e o Namibe, que envolveram no referido processo, autoridades tradicionais e outros parceiros sociais locais.

A responsável referiu que a população' alvo manifesta-se satisfeita com o apoio, embora a estiagem seja encarada ciclicamente na província do Namibe, havendo necessidade de se adoptar medidas que visem prevenir o impacto das calamidades naturais no seio da população bovina e os criadores de gado.

Além da distribuição dos bens alimentares, as administrações municipais providenciam igualmente o abastecimento de água potável à população sinistrada, acção extensiva ao abeberamento do gado, por intermédio de viaturas cisternas. A empreitada é visível nos municípios do Namibe, da Bibala e o Camucuiu, não havendo, porém, indicadores de que haja igual programa, de distribuição de água, no Município do Virei, liderado por Juliana Fonseca.

O administrador do Município do Namibe, Armando Valente, a meio da passada terça-feira, 07, reuniu com todos os criadores de gado e o soba do Giraul de Cima, todos da jurisdição do Namibe, com quem debateu os problemas atinentes ao abastecimento de água aos bebedouros existentes para abeberamento do gado e as formas de socorrer as comunidades rurais que insistem em enfrentar o deserto nestes tempos de estiagem.

VeP para crer

«Nós fomos os mais interessados do que os próprios criadores, queremos tranquilizar as pessoas e dar a conhecer os passos que esta mos a dar em defesa das vidas humanas e dos animais. Sabemos que o problema passará pela reabilitação e construção das chimpacas, represas, reservatórios e novos fontenários», disse o Edildo município do Namibe, Armando Valente.

Por enquanto, sublinhou o administrador, encontrámos uma mediana que permita ajudar a ultrapassar a situação gritante de água para o gado, que não conseguiu caminhar para outras áreas no quadro da transumância. As chuvas que já se fazem sentir no norte da província e na vizinha da Huila, segundo o administrador Armando Valente, faz acalantar esperanças em dias melhores para ultrapassar o sofrimento da população criadora de animais, expressou.

Desconhece-se, no entanto, o real número de pessoas atingidas pela estiagem, pois a mensagem dos apoios governamentais, faz com que muitas pessoas estejam a descer as montanhas em busca de socorro.

O soba do Giraul de Cima, Manuel Faustino, no final do encontro com o administrador Armando Valente, considerou gratificante o entendimento alcançado, apesar de pretender ser como São Tomé, «ver para crer.»

«Criança que não chora, não mama. Apresentamos todos os argumentos possíveis, agora, vamos aguardar pela reacção prática da Administração Municipal do Namibe, quanto à promessa de apoio em camiões cisternas para abastecimento de água ao gado e à população», reagiu.

O «Munene» soba Manuel Faustino disse ter sentido na flor da pele as consequências da estiagem, quando esta vitimou dois bois do seu «sambo» (Curral). Os animais, sublinhou o soba, não resistiram à calamidade, tendo sucumbido sob seu olhar impotente, por falta de água. «O mesmo terá acontecido ao meu primo, no seu sambo, e ele está aqui connosco neste encontro com o administrador municipal», lamentou.

Todos atingidos

«Quem diz que estamos a inventar, então que venha ter com os criadores de gado aqui presentes, nenhum de nós vai dizer que no seu sambo não morreu nenhum animal», acrescentou, o soba, clamando por socorro. Alguns criadores falaram das dificuldades por que passam, enquanto se aguarda por apoios em termos de abastecimento de água à população animal.

«Estamos a sofrer, muitos bois já morreram por falta de água, carecemos de apoios do governo para socorro ao nosso gado, clamaram os criadores tradicionais da área de jurisdição do município do Namibe», disse a concluir.

Por seu lado, o novo governador do Namibe, Isaac Francisco Maria dos Anjos, manifestou a sua determinação em encontrar fórmulas que possam diminuir o impacto da estiagem na vida animal e humana, prevendo um estudo mais aturado sobre o fenómeno, rebuscando os métodos de contenção na era da administração colonial para adequá-las às novas filosofias. Muitos acreditam numa viragem, tendo em conta a formação técnica do actual governante, que é agrônomo, podendo potenciar a província, conhecida como sendo potencial em ouro verde e clima propício para a criação de gado bovino, caprino, suíno e ovino.

11.8

huva das nossas desgraças!

Semanário Angolense

10 De Novembro de 2012

Bastaram «poucas gotas» de chuva para que as debilidades de Luanda viessem novamente ao de cima: muitas ruas inundadas e sérios transtornos na circulação rodoviária, devido aos buracos e crateras abertos, pelas águas.

Ficou, uma vez mais, provado que a cidade capital não está preparada para receber chuvas, sobretudo as zonas da periferia onde não existem redes de esgotos capazes de dar vazão as águas pluviais ou residuais. Mesmo no casco urbano, os esgotos nem sempre conseguem dar passagem as águas, devido ao lixo que impede a sua livre circulação.

Luanda molha-se à mínima chuvada, traz à superfície a miséria e a falta de condições de

salubridade que grassam, sobretudo, nos musseques, onde vive o grosso da população.

Apesar das desgraças que arrastam consigo, as chuvas, ainda que a contra-gosto, têm tido o «mérito»

de se comportarem como verdadeiros fiscais, de reconhecida competência, já que servem para avaliar

a qualidade (duvidosa) de muitas obras executadas durante o tempo seco.

As últimas chuvadas que se abateram sobre a cidade bem podiam servir para avivar a memória dos responsáveis governamentais para que continuem a promover a construção ou reabilitação de vias estradas sérias, de qualidade, e não as de esferovite, que se desfaçam ao simples contacto com as águas; espera-se que concluam, com a maior celeridade, as valas de drenagem; uma tarefa que só êxito quando a população se consciencializar que o lixo não deve ser atirado para as valas de drenagem de águas pluviais ou residuais.

11.9

Executivo garante medidas drásticas para travar garimpo ilegal de inertes

C *Jornal de Angola*

10 De Novembro de 2012

Os exploradores ilegais de minerais têm os dias contados, afirmou ontem, em Luanda, o ministro da Geologia e Minas, Francisco Queiroz, durante a reunião com os operadores e empresários nacionais do sector de inertes.

O ministro recomendou aos operadores de burgau, areia e brita para tomarem conhecimento da legislação referente às condições de exploração de minerais para a construção civil. Sublinhou que o artigo 100º do Código Mineiro determina o fim das explorações ilegais.

Francisco Queiroz considerou a exploração ilegal de areia, brita e burgau como "concorrência desleal", porque os exploradores ilegais não pagam impostos ao Estado. Num total de 94 empresas inscritas, o Governo Provincial de Luanda recebe apenas por trimestre 800 mil kwanzas como pagamento de contribuições.

Na exploração mineira, recordou ministro, os operadores devem ter em conta o estudo de impacto ambiental, respeitando a Lei de Proteção do Ambiente.

O vice-ministro do Interior, José Laborinho, que assistiu ao encontro, disse que vai trabalhar com o Ministério de Geologia e Minas no sentido de encerrar as empresas ilegais e responsabilizar os indisciplinados e os que violam a Lei: "o país tem de ter ordem neste domínio". Nos próximos dias, o Ministério do Interior vai sobrevoar as áreas de exploração ilegal, sem proteção dos terrenos e do Ambiente, para começar a actuar.

O encontro entre o Ministério da Geologia e Minas e os operadores de inertes serviu para encontrar soluções para os problemas levantados pelas empresas legalmente constituídas e com os seus impostos em dia.

Francisco Queiroz disse que o país regista um aumento na construção de habitações, o que gerou uma pressão sobre os inertes "mas isso não pode significar desordem". Manifestou preocupações em relação ao Ambiente, já que muitos operadores não repõem a terra depois da exploração de inertes, criando grandes crateras em vastos espaços.

O ministro Francisco Queiroz afirmou que é de interesse público garantir os recursos naturais, explorando o que existe e preservar o Ambiente para que a natureza seja preservada.

11.10

huva desaloja famílias

Jornal de Angola

11 De Novembro de 2012

Pelo menos 28 famílias estão desabrigadas, na aldeia de Calei-Cuchile, município de Ekunha, província do Huambo, em consequência das chuvas torrenciais que caíram na madrugada de sábado.

As chuvas torrenciais causaram a destruição de 27 moradias, uma capela da Igreja Católica e 20 hectares de culturas diversas.

Em declarações à Angop, o coordenador da aldeia, Eduardo Pena, disse que os prejuízos causados pelas chuvas são ainda incalculáveis, principalmente

nas áreas agrícolas, onde foram cultivados produtos como milho, feijão, batata rena e hortícolas, que constituem a principal base alimentar da população da aldeia de Calei.

11.11

seca no Kwanza-Sul. Três mil famílias recebem bens de primeira necessidade

Novo Jornal

16 De Novembro de 2012

Os municípios do Sumbe e Porto-Amboim deram o pontapé de saída no âmbito do combate à fome e à pobreza no Kwanza-Sul, consequência da seca que assola a província. Ernestina Faustudo, de 90 anos de idade e residente na periferia da cidade do Sumbe, admite que a estiagem é um fenómeno que se regista por esta altura do ano. Mas a mais velha nunca se deparou com uma situação idêntica, durante a sua vivência, em que as populações tivessem de depender de ajuda humanitária nesta época.

Com as chuvas que já começaram a cair, a anciã acredita que dias melhores virão. o director provincial de Assistência e Reinserção Social disse à Rádio local que o governo está ciente das suas responsabilidades que, com a seca que se regista, são cada vez mais acrescidas. Manuel Macedo tranquiliza a população, sobretudo a das localidades que foram identificadas como sinistradas pela estiagem, assegurando que os produtos para acudir à fome chegarão às suas zonas de residência.

"Isso vai beneficiar cerca de duas mil, 791 famílias, uma ajuda per capita de seis quilos por semana. Hoje mesmo chegou também um produto ao município do Sumbe, cerca de três toneladas de arroz, que será complementada por outros produtos", assegura, esclarecendo que, dentro de alguns dias, os outros produtos vão chegar. "A verdade é que os municípios que nós apontámos como os que tiveram o problema da estiagem vão ser contemplados", garante.

Os municípios do Seles, Conda, Amboim, Cassongue, Mussende, Kilenda, Ebo e parte da Kibala esperam ansiosamente pela ajuda. Por enquanto foram contemplados apenas o Sumbe e

Porto-Amboim, os primeiros a receberem ajuda humanitária.

A seca não poupou sequer o efectivo bovino, caprino, ovino e outras espécies animais. A estatística aponta para a morte de mais de três mil cabeças de gado, sobretudo nos municípios de Porto-Amboim e Sumbe.

11.12

huvas provocam mortes

Jornal de Angola

16 De Novembro de 2012

Pelo menos duas pessoas morreram devido à trovoada e um número indeterminado de casas ficou destruído, em consequência das fortes chuvas que se abateram na madrugada de terça-feira, sobre as cidades de Benguela, Lobito, Caturmbela e Baía Farta. Segundo o administrador municipal de Benguela, Leopoldo Muhongo, as duas vítimas mortais pertenciam à mesma família e viviam no bairro 11 de Novembro, arredores da cidade de Benguela.

O administrador Leopoldo Muhongo garantiu apoio à realização dos funerais, além de chapas de zinco e bens de primeira necessidade às famílias sinistradas. O coordenador do Bairro, Fernando Chimuco, confirmou que as vítimas foram atingidas por raios enquanto dormiam. O Jornal de Angola percorreu várias áreas e pôde constatar um cenário desolar: quedas de árvores, desabamento de residências e inundação das principais artérias do Lobito, Benguela e Baía Farta.

As ruas que são utilizadas como rotas alternativas ficaram, também, completamente intransitáveis, devido ao seu alagamento e falta de sistema de drenagem. As autoridades das localidades fustigadas pelas chuvas criaram comissões técnicas, reforçadas pelos Serviços de Protecção Civil e Bombeiros, para se efectuar o levantamento dos dados definitivos.

11.13

huva causa dificuldades às famílias luandenses

Jornal de Angola

16 De Novembro de 2012

As zonas mais atingidas são as do Marçal até ao S. Paulo, Hoji-yaHenda, Filda e Quinta Avenida.

Já em Viana, automobilistas temem não poderem circular, em tempos de chuva, com as suas viaturas, em virtude do mau estado de algumas vias daquele município. No Kilamba Kiaxi, os moradores do bairro Neves Bendinha, temem que a água da chuva invada as suas residências. Enquanto isso, a maioria dos moradores do Rangel luta para se livrar da presença da água salobra, acumulada em seus quintais, outros tantos fazem desta água, imprópria para consumo, meio de subsistência. Numa altura em que a maior parte das residências não beneficia de água canalizada, os que extraem a água salobra em quantidades industriais, vendem-na aos mais necessitados que aproveitam-na para banhos e lavagem de roupa. Essa água, representa perigo para a saúde pública, na medida em que é o albergue de larvas de mosquitos anopheles, o causador do paludismo, a endemia responsável pelo maior número de mortes no país. Num balanço provisório feito pelo Serviço Nacional de Protecção Civil e Bombeiros (SNPCB), o seu porta-voz, Faustino Sebastião, disse que a água destruiu, igualmente, coberturas de residências e inundou quintais, tendo causado prejuízos materiais consideráveis, principalmente em electrodomésticos e viaturas. No distrito urbano da Ingombota a situação agravou-se devido à inoperância da vala de drenagem localizada ao longo da linha férrea dos Caminhos-de-Ferro de Luanda (CFL), considerado a principal causa das inundações na zona da Boavista. Na comuna da Kinanga registou-se também enchentes em moradias nos sectores A e B do bairro do Saneamento e da Favela, causando prejuízos materiais. Verificou-se igualmente, o derrube de árvores e danificação de quatro viaturas na Ilha de Luanda, Ingombota sede, Maculusso e Kinanga. A chuva, que durou aproximadamente quatro horas, nesta parte baixa da cidade, que abrange a Ingombota, foi acompanhada de fortes ventos e relâmpagos, e destruiu chapas de zinco, tapumes de obras de construção civil e derrubaram galhos de árvores. No município de Belas, as águas inundaram a chamada "ponte molhada" de acesso às centralidades de Talatona e Patriota, causando longas filas de viaturas (engarrafamento). As brigadas da Empresa de Limpeza e Saneamento de Luanda (ELISAL) e

do Serviço de Bombeiros começaram às primeiras horas de terça-feira a recolha dos destroços de árvores e outro material nas ruas, bem como a sucção de águas no interior de residências e estabelecimentos públicos, nos municípios de Luanda (distritos urbanos da Ingombota, Sambizanga, Samba, Kilamba Kiayi, Rangel), Cacuaco e Viana.

11.14

Desalojados das Zonas de Risco. Governo de Luanda aperfeiçoa o controlo

Jornal de Angola
16 De Novembro de 2012

O vice-governador de Luanda para área técnica anunciou que vão ser usados "meios tecnológicos sofisticados" para evitar que pessoas retiradas de zonas de risco regressem aos locais. António Resende, que anunciou a medida após uma reunião com governador destinada a avaliar os danos causados pela chuva na madrugada de quarta-feira, disse que há situações daquelas nas encostas da Boavista protagonizadas por antigos moradores a quem foram entregues casas em áreas seguras. O registo de pessoas a serem realojadas, afirmou, vai ser feito com recurso biometria, cujos dados podem partilhados pelos Ministérios da Reinserção Social e da Construção, Urbanismo e Habitação. A venda das casas oferecidas pelo Governo Provincial, lembrou, não pode ser feita nos primeiros cinco anos Medidas de prevenção

António Resende referiu que na encosta da Boavista, onde com muita frequência há desabamentos causados pela chuva, está a ser construída uma muralha para contenção das águas que, "pela sua grandiosidade", ainda leva algum tempo a ser concluída. Na reunião do Governo Provincial foi decidido "desassorear com urgência as valas 1,2 e 3 das zonas da Samba, Camuxiba e Mabunda" para facilitar o escoamento das águas para o mar e evitar inundações de ruas e casas, e adquirir mais motobombas, carros de sucção e cisternas. O governador pediu, na reunião, às direcções provinciais da Assistência e Reinserção Social, da Saúde e Protecção Civil e da Polícia, bem como à EPAL, à EDEL e à empresa de recolha de lixo e saneamento ELISAL que

"redobrem esforços e prestem o máximo de atenção possível às comunidades".

Também foi decidido proteger as rampas do Morro da Luz e da Boavista e demolir o centro de saúde junto ao mercado Deolinda, no Hoji ya Henda, por se encontrar numa zona mais baixa do que estrada. O vice-governador salientou a importância de haver maior disponibilidade de recursos para a construção de vias de drenagem e protecção de declives para minimizar os problemas de desabamento e deslizamento de terras. Após uma visita do governador a vários municípios, disse, concluiu-se que as zonas mais afectadas foram os distritos urbanos do Rangel e da Samba que "em breve vão merecer atenção especial das autoridades". As chuvas caídas na madrugada de quarta-feira deixaram desalojadas centenas de famílias em vários municípios de Luanda, às quais o governo já começou ontem, a dar o apoio com bens diversos, nomeadamente, montagem de tendas em locais apropriados para o alojamento, vestuário, alimentação, assim como bens de primeira necessidade e apoio social.

A chuva que se abateu em Luanda provocou também inundações de várias ruas, pontes e casas particulares, algumas das quais sucumbiram à força das águas, nos municípios de Cacuaco, Cazenga, Viana, Belas e Luanda.

11.15

Chuva provoca estragos incalculáveis em Luanda

Agora
17 De Novembro de 2012

Nesta quarta-feira, por exemplo, os aguaceiros praticamente fizeram um teste às inúmeras obras em curso na maior cidade do país, embaraçando em muitos casos os trabalhos das empresas de construção civil envolvidas em diferentes empreitadas.

Os transtornos para as empreiteiras são visíveis por exemplo, na Avenida Brasil, onde a água das chuvas impediu a progressão da obra de reparação da estrada, há muito em estado de degradação.

O AGORA testemunhou o esforço que os operários de uma empresa chinesa estavam a fazer para sugar o líquido e o lodo de uma profunda

vala que, provavelmente, estará a ser preparada para o sistema de drenagem, visando evitar danos futuros.

As máquinas estavam paradas, excepto uma electrobomba que roncava, atirando a água turva para o canal do rio seco, nas imediações da Cidadela, supostamente construído pelos chineses. Tal era a preocupação em continuar a obra para honrar os compromissos contratuais com as autoridades.

Para além das estradas intransitáveis, piorando os engarrafamentos, as chuvas inundaram bairros, fecharam ruas e provocaram o deslizamento de terras. Foi assim na Samba, onde o Morro da Luz ruiu e impediu o tráfego automóvel por várias horas.

António Fernando, morador da Samba explica-nos melhor: "O morro ruiu e o trabalho efectuado pela Odebrecht, evitou a inundação da estrada. Penso que tem que haver canais que facilitem o escoamento das águas para que estas desgraças não voltem a ocorrer".

Para o descongestionamento do movimento rodoviário foi necessário recorrer às motoniveladoras, pás-carregadoras e camiões basculantes. Ainda no Distrito Urbano da Samba, além das estradas alagadas, ruas esburacadas, os quintais de muitas casas também ficaram inundados e a energia eléctrica cortada.

"Já não temos energia desde que começaram a cair as chuvas. Os frescos apodreceram e tivemos que leva-los à lixeira", lamenta dona Raquel Jambela, moradora do bairro Sossego.

Segundo o chefe dos serviços comunitários do distrito, com o recurso às medidas de intervenção a situação parece estar controlada e sem razões para alarme, comparando com os danos causados nos anos anteriores.

Dorlito Falongo indicou que a manutenção das valas de drenagem, o trabalho de terraplenagem efectuado em algumas ruas, bem como a limpeza dos esgotos, contribuíram para a redução dos danos na área.

Em diferentes zonas estavam já em curso trabalhos de sucção das águas nos quintas e nas ruas, enquanto os técnicos visitavam outras áreas

afectadas com ajuda dos presidentes das comissões de moradores.

Deslizamento de terras

Se na Samba os estragos das chuvas não eram tão acentuados, no Sambizanga houve mais danos, a começar pela estrada Kimakienda. Parte deste troço rodoviário estava intransitável em consequência do deslizamento de terras, nas encostas da Boavista, bairro da Madeira.

O excesso de terras na estrada, dificultou o trânsito automóvel, e estava a ser feito em apenas uma faixa de rodagem, no sentido Porto de Luanda/Rotunda da Boavista, causando longa fila de veículos.

As chuvas provocaram ainda a inundação da escola 4020, o transbordo das águas em duas valas de drenagem, no bairro Uíge, bem como o alagamento de várias ruas dos arredores do Santos Rosa, Mota, Bukavú, Ungria, Frescura e 12 de Julho.

Feito o balanço do impacto das chuvas nesta quarta-feira, após uma ronda efectuada à vários bairros por uma equipa da administração do Distrito do Sambizanga, chefiada pela sua titular, Mara Regina Baptista, considerou preocupante o actual estado de algumas áreas dos bairros Sambizanga e Ngola Kiluanje, aos quais já foram encaminhados meios para minimizar as dificuldades.

As autoridades distribuíram algumas motobombas e caminhões para a sucção das águas, priorizando as instituições públicas, residências e vias principais.

Mara Regina Baptista reconheceu haver meios insuficientes para dar resposta com brevidade e na totalidade, às preocupações dos munícipes .

11.16

Luanda não está preparada para as chuvas

O Independente

17 De Novembro de 2012

Degradação de ruas e estradas é cada vez mais visível no interior dos municípios e distritos da província de Luanda. As chuvas que caem sobre a

cidade já começaram a causar grandes problemas, aos transeuntes. Estradas esburacadas e intransitáveis, aglomerados de lixo nas ruas e sucatas abandonadas, fazem o triste cenário que podemos observar após as chuvas que caíram recentemente em Luanda.

Por exemplo no bairro do Gamek, distrito urbano da Maianga, a rua que liga a vila à chamada praça da Madeira está a receber obras de reabilitação. As obras consistem na construção de esgotos, passeios, pavimentação e iluminação pública, mas a situação, nesta época tomou-se crítica. Homens e máquinas trabalham para manter a circulação rodoviária cada vez mais des congestionada. Mas por causa das chuvas, outros problemas nas vias começam a surgir. Estes trabalhos deveriam ser executados muito antes das chuvas como aquela da Rua da Praça do Campo, que começa na Rua 22 de Junho próximo ao Campo do Inter desemboca na estrada principal da Samba.

O cenário não é diferente no Cassequel do Buraco, onde a ponte que liga ao bairro Neves Bendinha continua a degradar-se cada vez mais, mesmo depois de ter sido encerrada durante sete anos para obras de reabilitação. A Rua 68 foi terraplanada. Passa pela rotunda da Teixeira, junto à Tourada, e acaba no mercado do Catinton. Esta área está cheia de lixo, produzido pelos vendedores, por isso foi feito um desvio que vai dar ao rio Cabulombo, que é a continuidade da vala Senado da Câmara e desemboca na Rua 21 de Janeiro, que dá acesso à base da Força Aérea Nacional.

As obras começaram em Setembro do ano passado e as chuvas provocaram atrasos na sua conclusão. Mas 80 por cento das obras no troço estão prontas. As consequências das mais recentes chuvas no Cazenga são bem visíveis nas principais vias, que se encontram alagadas. A avenida Hoji ya Henda foi recentemente reabilitada mas as inundações deixam marcas.

Há uma enorme lagoa em frente às instalações da empresa de autocarros SGO. Na Rua do Patrício o cenário é o mesmo. "Quando as obras estiverem concluídas vão facilitar o trânsito automóvel", disse Miguel Manuel, um automobilista que tem "grandes dores de cabeça", porque circula diariamente nas vias do Cazenga.

Mas muitos munícipes dizem que a Administração Municipal "tem de trabalhar mais" para melhorar os sérios problemas de saneamento básico e da recolha do lixo existente em todos os cantos do município.

Maria da Conceição é de opinião que as obras nos municípios do Cazenga e distrito urbano do Sambizanga vão dar outra imagem, a esta vasta zona da cidade de Luanda. "Vivo há 42 anos aqui e a minha casa nunca inundou. Mas desde que começaram a reabilitar a Avenida Ngola Kiluanje quando chove fico aflita, porque a casa inunda", disse Maria da Conceição. Admitiu que o número de munícipes aumentou nos últimos anos e que as construções desordenadas contribuem para o aumento das condições precárias.

Moradores do município do Cazenga prometeram colaborar nas acções de melhoria do saneamento básico e das infra-estruturas da comunidade. Pedro Damião, que reside nas imediações da Rua do Patrício, disse que "os trabalhos em curso só podem ganhar um ritmo acelerado com o fim das chuvas".

Acrescentou que "todos nós podemos colaborar para resolver os problemas de saneamento. Estamos com esperança de que num futuro próximo, as coisas possam melhorar rapidamente". Para ele, cada munícipe deve estar consciente que é parte activa na comunidade e que a sua participação é muito importante na criação das condições de vida da população. No município do Rangel, a situação também é preocupante, principalmente nos bairros do Rangel e Marçal, onde algumas ruas se encontram alagadas e dificultam a deslocação dos moradores.

O bairro Marçal já teve obras. Mas nas ruas da Olivença, Jacó e na Rua Ngola Mbandi, mais conhecida como Rua dos Balneários, formaram-se autênticas piscinas ou balneários de rua. Joaquim da Silva manifestou a sua preocupação com a ausência de saneamento básico e com as águas paradas nas ruas, factor que contribui para o aumento de casos de malária no bairro.

"As pessoas não estão mentalizadas para a importância do saneamento básico, sobretudo no que respeita à eliminação de charcos, o que tem um grande peso na proliferação de mosquitos na maior parte das casas. É necessário tomar medidas,

para que não se registre um aumento do número de doentes com paludismo", disse Joaquim da Silva.

Mas para os moradores da Rua Ngola Mbandi, a situação é mas complicada, porque as águas de outras ruas desaguam nela. Gomes Neto, 64 anos, disse que as coisas pioraram depois que foi feita a terraplanagem em algumas ruas.

11.17

huvas fustigam kapangombe

Folha 8

17 De Novembro de 2012

Mais de 40 famílias estão ao relento, em consequência da destruição de suas residências por chuvas, acompanhadas de fortes ventos, na Comuna do Kapangombe, município da Bibala.

O sinistro acontece depois de a província ter observado um período de três meses de estiagem, que causou igualmente a morte de animais, a transumância de pastores para outras paragens e a fome nas famílias autóctones.

No período de tarde da passada terça-feira, 13.11, das 17H45 as 18H00, as chuvas fustigaram as aldeias rurais de Kapangombe, Município da Bibala, deixando mais de duzentas pessoas sem abrigo.

O Delegado do interior e Comandante Provincial do Namibe da Polícia Nacional, Comissário António Pedro Kandela, na qualidade de coordenador da comissão de proteção civil, na província, garantiu que as autoridades afins já estavam no local, para acomodar a população sinistrada, em alimentação, realojamento e outra.

O balanço do sinistro aponta para 4 feridos graves, um dos quais, evacuado para o hospital central do Lubango, segundo disse o Comandante dos serviços de proteção civil e bombeiros, José Catraio. Em apenas 15 minutos, a chuva que caiu das 17H45 as 18H00, além de ter posto 40 famílias ao relento, destruiu parcialmente 47 casas e 40 residências outras ficaram sem tecto, ao passo que, 4 lojas, um posto médico, um refeitório do internato de Kapangombe, uma escola politécnica, estaleiro mecânico, dois postes de iluminação e uma pocilga Pertencente a fazenda Ducha, desabaram.

O Comandante da Proteção civil e bombeiro disse que a população do Namibe uma vez mais demonstrou o grau de solidariedade com os sinistrados, ao cooperar com as forças envolvidas no socorro.

"Tal como o fizeram aquando do período dos desmaios ou desfalecimentos nas escolas, a população do Namibe tem sabido corresponder a expectativa, colaborando com as forças, no socorro dos sinistrados, portanto, o mesmo voltou a acontecer na localidade do Kapangombe onde tivemos apoio da população, os nossos agradecimentos e esperamos que a população continue a colaborar", reagiu o comandante da proteção civil e bombeiro, José Catraio.

11.18

esalojadas 27 famílias

Agora

17 De Novembro de 2012

Pelo menos 27 famílias do município da Cachiungo, cerca de 62 quilómetros a leste da cidade do Huambo, estão ao relento em consequência da chuva que se faz sentir naquela circunscrição.

Em declarações à Angop, o soba grande do sector de Samba, Estevão Cauoli, revelou que na sua área a chuva, seguida de fortes ventos, causou a morte de duas pessoas e a destruição de vários bens das populações.

O administrador adjunto do Chiumbo, Augusto Capundi, assegurou que a administração local está a trabalhar para adquirir chapas de zinco, visando a melhoria da acomodação das famílias afectadas.

Por seu turno, o chefe do posto de saúde do sector do Upunda, Evaristo Salazar, confirmou a destruição parcial da infra-estrutura sanitária, mas continua a atender os pacientes com várias patologias na região.

Kwanza Sul e Lunda Sul

As chuvas acompanhadas de fortes ventos, que caíram nos últimos dias no município da Cela, no Kwanza Sul, causaram ferimentos a 15 pessoas, entre elas cinco crianças e a destruição de 30 residências nos bairros Cinco Cambango e Kissanga-

Kungo, indica uma nota da administração municipal.

De acordo com a fonte, ficaram afectados com esta calamidade natural, cerca de 100 famílias que receberam já garantias de ajuda da administração local.

Na região da Cela, as chuvas caem no período que vai de Setembro a Maio.

Enquanto isso uma pessoa morreu e outra ficou ferida em Saurimo, segunda-feira, na sequência de uma descarga eléctrica originada pela forte chuva.

O porta-voz do Serviço Nacional de Protecção Civil e Bombeiros (SNPCB), Faustino Sebastião, informou, na terça-feira, em Luanda, que foram vítimas um adulto de 24 anos e um menor de cinco.

Conselho dos Bombeiros

Sobre os acidentes, devido às descargas eléctricas, que se registam em diversas províncias do país nesta época chuvosa, o porta-voz do SNPCB aconselhou as pessoas a não procurarem abrigo perto de linhas de transmissão, postes, cercas metálicas e pára-raios.

Faustino Sebastião indicou que "caso estejam a conduzir devem manter toda a família no interior do veículo e nunca porem debaixo de árvores", defendendo ainda a necessidade de tomar-se cuidado até mesmo dentro de casa, pois apesar da residência ser um abrigo seguro, alguns cuidados devem ser tomados.

"Deve-se evitar tomar banho durante a tempestade: falar ao telefone, e desligar os aparelhos das tomadas", concluiu .

11.19

Vítimas da seca recebem ajudas

Jornal de Angola

20 De Novembro de 2012

Mais de cinquenta toneladas de produtos alimentares estão a ser distribuídas às populações no município do Kamuciuo, da província do Namibe, afectadas pela seca.

Segundo o administrador municipal daquele município, José Casimiro, em declarações à

Angop, os bens foram disponibilizados pelo governo local.

As comunas do Mamué e Chingo e da povoação das Cacimbas foram as mais afectadas. As populações locais vão receber fuba, feijão, óleo, arroz, sabão e conservas, entre outros produtos de primeira necessidade.

"Nestas localidades, para além da população afectada pela estiagem, vamos também dar prioridade aos mais vulneráveis, como idosos, crianças e mulheres, dando-lhes alimentos para o seu sustento", acrescentou o administrador.

A seca está a assolar mais de vinte mil famílias que habitam em algumas zonas de difícil acesso e que na sua maioria se dedicam à agricultura e à criação de gado.

Nas zonas afectadas, o gado bovino está a ser vendido a baixo preço por falta de água e de pasto para a sua sobrevivência.

11.20

Administração da Samba concede apoio aos desalojados do bairro da Camuxiba

Jornal de Angola

20 De Novembro de 2012

Ao todo, 200 famílias que foram desalojadas no bairro da Camuxiba, distrito urbano da Samba, em

Consequência das chuvas, começaram, sábado, a receber apoio da direcção provincial de Luanda da Assistência e Reinserção Social.

As vítimas das chuvas, que encontraram abrigo em casas de familiares e amigos, receberam colchões, roupa usada, reservatórios de água, cobertores e utensílios de cozinha. O chefe dos Serviços Sociais do distrito urbano da Samba, Santa Rosa, confirmou que mais apoios vão ser destinados às vítimas das chuvas no bairro Camuxiba.

O responsável pelos Serviços Sociais da Samba disse que a destruição das casas em que viviam as 200 famílias é resultado da construção anárquica e da

colocação de lixo em lugares inadequados, acções que travam ou desviam o curso normal das águas pluviais. Santa Rosa anunciou que está em curso, no distrito, um programa de prevenção de doenças no período das chuvas. O programa prevê a distribuição de água potável em camiões cisternas, de lixívia para desinfetar água e a realização de palestras sobre como prevenir doenças no período das chuvas.

11.21

huva causa dificuldades na circulação em Luanda

Jornal de Angola
21 De Novembro de 2012

Na madrugada de ontem, muitas casas nas zonas urbanas e suburbanas ficaram inundadas. Há ruas alagadas e intransitáveis.

Andar em Luanda ontem foi um caos. A chuva que caiu até às primeiras horas da manhã fez com que muitos luandenses, principalmente os que trabalham na Baixa, chegassem tarde aos locais de trabalho ou faltassem, porque nas ruas em que vivem as casas estão inundadas.

Até às oito horas da manhã era possível circular na Baixa de Luanda porque muitas pessoas estavam retidas nas zonas críticas. No distrito do Rangel, o caos começou na Avenida Brasil e estendeu-se até ao Hospital Américo Boavida. O trânsito estava parado, nas paragens estavam muitos passageiros à espera dos táxis que não circulavam porque muitos taxistas encostaram os seus carros, devido às inundações nas ruas.

No Cazenga existiam muitos engarrafamentos, sobretudo para quem subia em direcção à Filda. Para quem ia ao mercado Asa Branca encontrava muita lama. Desde a via principal até chegar ao famoso bairro do Patrício, as dificuldades de trânsito eram muitas.

Alguns carros avariaram no meio da rua. Até mesmo os camionistas tidos como os indomáveis das estradas, conduziam como se tivesse a acompanhar um cortejo fúnebre. Em quase todas as ruas do município do Cazenga, só se vê lama, lagoas e casas inundadas, o que fez com que muitos não saíssem de casa. Ana Esteves vive no

Cazenga há mais de dez anos. Ontem esteve desde as seis da manhã a retirar a água que invadiu a sua casa durante a noite: "não tenho muito a dizer, porque isto já não é novidade para nós. Sabemos que sempre que chove temos trabalho. É importante que a Administração arranje a via e coloca esgotos nos bairros, porque essas águas ficam estagnadas e provocam doenças graves".

Algumas escolas também não foram poupadas pelas chuvas. A Escola 7013, em semana de provas, ficou com as salas inundadas e os alunos brincavam nos charcos.

Alguns não fizeram provas porque a professora não conseguiu chegar à escola. Nos bairros do Morro Bento, Catintom e Golfo-II, várias ruas ficaram intransitáveis para peões e viaturas devido a grandes poças de água, com um metro de profundidade e cinco de largura.

No distrito urbano da Ingombota, que ocupa mais de 50 por cento da zona urbana da capital, a chuva provocou poucos estragos.

A obra que está a ser feita na via principal do Camama, onde existia a rotunda, e os buracos provocados pelas chuvas estão na base dos engarrafamentos.

"Praia" no Sambila No distrito do Sambizanga foi necessária a intervenção dos Serviços da protecção Civil e Bombeiros para acudir a inundações. Quando passa um carro a água penetra nas casas. "Já não sabemos o que vamos fazer. Sempre que chove aqui é assim. Os nossos filhos estão em provas e hoje faltaram", lamentava Lurdes Francisco, moradora no Bairro Frescura.

É fácil perceber a falta de esgotos e de saneamento básico no bairro. Os moradores estão sem opção. Ou andam nas águas ou permanecem dentro de casa, até o nível da água baixar. A via que dá acesso às antigas instalações da Direcção Nacional de Investigação Criminal (DINC) está cada vez pior.

O porta-voz do Serviço Nacional de Protecção Civil e Bombeiros (SNPCB), Faustino Sebastião, referiu que os municípios mais afetados pela chuva foram os de Viana, Cazenga, Belas e parte dos distritos urbanos da Samba, Kilamba Kiayi e Maianga.

Quatro viaturas ficaram soterradas no bairro Fubu e a ponte "Molhadas" que dá acesso a centralidade de Talatona, no município de Belas está fechada ao trânsito.

11.22

huva aumenta a degradação de agita a rua do Sambizanga

Jornal de Angola

22 De Novembro de 2012

A chuva que caiu sobre Luanda na madrugada de terça-feira piorou o estado de degradação da rua 12 de Julho, no distrito do Sambizanga, em Luanda, devido à acumulação de águas pluviais, criando transtornos aos automobilistas e transeuntes.

Considerada uma das mais movimentadas no Sambizanga, por dar acesso ao Porto Comercial de Luanda e à zona industrial da Petrangol, na comuna do Ngola Kiluanje, a rua 12 de Julho, localizada no centro do bairro Mota, está cheia de buracos e lixo, pondo em risco a saúde dos moradores. Com a chuva, a via ficou inundada, a circulação tornou-se complicada e com longas filas de viaturas. A sua degradação está a preocupar os moradores, que consideram urgente a sua recuperação.

Além da degradação, a rua, de acordo com a Angop, não dispõe de iluminação pública.

O bairro Mota, sede do distrito do Sambizanga, é a mais afectada, enquanto o da Lixeira tem fornecimento regular de eletricidade.

Sobre a situação, a agência de notícias Angop ouviu uma fonte da administração local, que indicou que a instituição tem informado o Governo Provincial de Luanda (GPL) para que a via seja recuperada o mais rápido possível.

A administração está solidária com a aflição dos moradores, mas não podemos fazer nada porque tudo depende das instituições superiores", explicou a fonte.

Caso se concretize, a reabilitação do troço vai consistir na substituição do asfalto velho, a construção de esgotos, colectores e passeios.

A fonte explicou que, em Setembro, uma equipa do Gabinete Técnico do GPL visitou o troço com o objectivo de estudar a melhor via para ultrapassar a situação. A rua 12 de Julho, uma das principais vias do Sambizanga, tem 925 metros de extensão, sete de largura e dois metros de passeios de cada lado.

11.23

Inspector-geral coloca em causa o plano de contingência da província de Luanda

Semanário Continente

23 De Novembro de 2012

Bastou que S. Pedro abrisse as comportas para largar as primeiras cargas fluviométricas, que de certa forma era desejada pela ausência do famoso caudal para que tivesse pujança suficiente para gerar electricidade, o quadro geral voltasse à normalidade e o gerador passasse novamente como fonte alternativa, já que a ordem estava invertida, quando para as populações a energia eléctrica ocupava o lugar daquele.

Como dizia, bastaram as primeiras gotículas de água para o quadro se tornar nebuloso daquilo que a cidade já havia ganho e principalmente nas vias públicas. Locais onde não se viam constrangimentos, aconteceram em função de uma espécie de ressuscitar dos velhos buracos visíveis por falta de escoamento das águas.

Há localidades da cidade de Luanda que são simplesmente deploráveis, como nas linhas de água da Samba, onde depois daquele trabalho profundo que se efectuou, ninguém esperava que o problema alcançasse outra vez a dimensão em que os moradores acabaram desalojados e outros sem possibilidades de sair do seu recinto habitacional. Na vala do Katinton, que embora esteja previsto no programa de requalificação, e que não teve ainda este privilégio, a chuva não esperou que isso acontecesse, pois se antecipou e disse que se se quiser atacar o problema, tem que ser coisa muito séria, pois a mesma varreu tudo que encontrou pelo caminho, até mesmo as próprias habitações precárias, embora não sejam os famosos casebres. Nos bairros urbanos, onde com ou sem chuva a desgraça é a mesma, aqui a

particularizar o distrito do Rangel, só desgraças, porque ali onde com as botas de chuva se poderia ajeitar transitar, esta possibilidade foi remota, tanto é que os seus moradores, na imprensa, desabafavam que não entendem como é que aquela situação chegou ao extremo, pois aquele bairro, foi dos primeiros que na era colonial, possuía asfalto.

No distrito do Kilamba Kiaxi então é que ficou mesmo complicado, pois no Palanca onde há uma obra se tanto de 1,5 km de estrada, a Olímpio Makuéria, a conhecida Estrada Nova, que a muito continua com o nome, mas mal uma chuva cai sobre ela se toma velha, interrompida para obras quase que eternas, porque já leva mais de um ano e o que se pensava terem sido para atenuar a circulação dos automóveis nesta época, continua fechada, como quem diz, sem circulação de pessoas e bens. Para não variar, não se criaram outras opções e em consequência, quem pretende transitar pelo bairro Popular, isto se quiser fugir o trânsito para Estrada de Catete, ou estraga o carro ou fica sem saída, porque nem sequer se pensou em melhorar as alternativas, porquanto a principal está em obras.

Mas o que os munícipes não entendem, é a dificuldade que ainda se regista na via de Viana, pois após requalificação, reabilitação e correcção, em determinados locais, não resultou, porque o constrangimento traduziu os 20 kms para a vila satélite em longas 4 horas de distância, tempo suficiente para chegar por estrada à longínqua província das Acácias Rubras.

Viu-se nos ecrãs da TPA, os responsáveis do país, e até os provinciais e distritais, atónitos com a situação, o que espantou os cidadãos atentos, pois, estes sendo autoridades administrativas, nunca poderiam estar perplexas, já que eles são efectivamente parte do problema, que em tempo e útil deveriam diagnosticar-lo e o apontar soluções.

Agora, aparecerem surpreendidos e no calor da situação, sugerirem que se adquiram electrobombas, até parece que a chuva chegou para uma oportunidade de negócio, como alguém também havia sugerido à população para o comprar geradores diante da falta de energia. Diante dos fenómenos naturais que hoje já não podem atormentar as autoridades, pela previsibilidade que estão sujeitos, se recorrendo as tecnologias de informações, não accionarem o

plano de contingência das chuvas previamente elaborado, coloca em dúvida a sua existência e consequente exequibilidade.

11.24

aptura do pescado cresce 37% mas não trava importação

Jornal Expansão

23 De Novembro de 2012

Os armadores nacionais registaram a captura de 84 805 toneladas adicionais de peixe, de Janeiro a 31 de Outubro do presente ano, sobre as 227 900 toneladas capturadas em igual período de 2011. Contudo, o indicador "conquistado" não foi suficiente para colmatar o défice interno de produção de pescado. Por esta razão, previsões feitas em 2011 apontavam para a continuidade da importação de 90000 toneladas de peixe carapau, de modo a contrapor a escassez interna. Segundo dados do Ministério das Pescas, que se reuniu recentemente, em Luanda, com os armadores de todo o País, a importação de carapau está abaixo da metade da quota estabelecida.

O Governo estabeleceu a importação de 90 000 toneladas de Janeiro a 31 de Dezembro de 2012, com prazo de descarga até 31 de Janeiro de 2013. A quota estabelecida resulta da preservação das espécies nos mares do País, ainda por se quantificar, por ineficiência de sistemas tecnológicos de diagnóstico bastante avançados, adiantaram ao Expansão armadores presentes no encontro com o ministério da tutela.

O Governo adoptou há cerca de três anos medidas de recuperação dos limites biológicos de segurança do carapau, por constituir um dos principais elementos do cardápio da maior população do nosso País. Até 31 de Outubro último, dos 161 armadores autorizados para importarem carapau, apenas 51 concretizaram atingindo as 32 136,4 toneladas, o que representa 35,7% das 90 000 toneladas programadas.

Entre as províncias com maior número de armadores, Luanda lidera o ranking, com 141 empresas autorizadas para importar carapau, seguida de Benguela (5), Namibe (4), Cabinda (3) e Kwanza Sul (2). Contudo, das empresas autorizadas, apenas 47 de Luanda se fizeram às

compras aos mercados internacionais, bem como uma de Cabinda e outra do Kwanza Sul.

O empresário pesqueiro Mário Faria, do Namibe, justificou a redução de captura, capaz de substituir os indicadores de importação, apesar da veda limitada do carapau, devido a falta de infra-estruturas para a conservação, "As vezes orientamos as embarcações para reduzirem a produção de pescado, devido à falta de instalações de congelação, conservação", esclareceu, reforçando que esta é uma realidade com forte incidência no Namibe.

Lamenta que esta situação cause estrangulamento, porque, vezes sem conta, quando se tem muito peixe, não há condições para o recepcionar. Para o director provincial de Luanda da Agricultura, Desenvolvimento Rural e Pescas, Júlio de Carvalho, "estamos a tentar prognosticar o sector para 2013. Como medida preventiva vai se reforçar a fiscalização sobre os índices de captura".

Assegurou ao Expansão que esta medida pretendida vai permitir aos serviços ligados ao sector avaliar com precisão as quantidades que serão capturadas no próximo ano. Carvalho detalhou a previsão almejada, quando afirmou que fora feito um balanço para apurar se as exigências do sector para o presente ano, para com os armadores, foram cumpridas ou não. Explicou também que era importante saber se as embarcações usadas foram as planificadas, se as previsões de capturas foram atingidas ou se ficaram abaixo das expectativas. Por isso, situações semelhantes, na óptica do empresário Faria, "não têm sido fáceis de gerir".

Refere que o Namibe já foi forte a nível das pescas em Angola, mas, hoje, apresenta sérios problemas. A produção de carapau, que é uma das maiores riquezas do mar namibense, está bastante baixa. "Ainda assim, estamos a trabalhar dentro das nossas capacidades", reforçou o empresário pesqueiro: Na visão do director provincial das Pescas do Kwanza Sul, Miguel Vicente, as capturas representam uma recuperação, de modo geral, no País, em termos estatísticos.

Apesar da veda do carapau, enfatizou o facto de as capturas registarem melhorias, fruto de projectos em implementação, nomeadamente, a unidade de salga e seca, e a construção de um centro de apoio à pesca artesanal, naquela província.

Os projectos citados estão a ser executados no município pesqueiro de Porto Amboim, onde, igualmente, está em recuperação a reposição do entreposto de frio na empresa Peskwanza, um gigante pesqueiro há muito "adormecido", mas que até ao início da década de 90 deu o ar da sua graça, numa parceria entre Angola e a Itália.

Angola fez-se às compras com 58,9 milhões USD O nosso País importou peixe carapau no valor de 58,9 milhões USD, de Janeiro a 31 de Outubro de 2012, como resultado do Decreto Legislativo Presidencial n. o 319/2011, de 30 de Dezembro, que estabeleceu o limite máximo de 90 000 toneladas. O maior fornecedor de peixe carapau a Angola, no período já citado, é a Mauritânia, com 15,4 mil toneladas, seguida da África do Sul (6,6 mil toneladas) e da Nova Zelândia (1,5 mil toneladas). Do primeiro, Angola importou 28,2 milhões USD de peixe carapau, enquanto do segundo foram 13,4 milhões USD, e a Nova Zelândia teve uma facturação de 3 milhões USD.

Segundo a secretária de Estado das Pescas, Antónia Nelumba, aquando da recente reunião com armadores, "a importação do carapau vai continuar em 2013, apesar dos bons níveis de recuperação da espécie, uma vez que vai haver défice desse produto". Salientou a necessidade de se analisar as verdadeiras quantidades em desenvolvimento no nosso mar.

A governante advertiu que os armadores devem saber especificar as quantidades que estão a capturar, para, desta forma, recuperar-se os recursos biológicos em risco, situação que contribui para a veda de espécies como o carapau. Os armadores vaticinam que, apesar da contínua restrição da pesca do peixe preferido da maioria da população angolana, a quantidade prevista para 2013 poderá ser menor.

Justificam que das 90 000 toneladas permitidas para importação, apenas atingiu-se a quota de 32 136 toneladas e resta-me nos de mês e meio (Dezembro e menos de metade de Novembro) para encerrar o prazo estipulado. Diante do facto, afirmam, o mercado não registou carência alarmante de carapau.

Ranking por províncias

A produção pesqueira da frota semi-industrial por província, referente aos primeiros três trimestres

de 2012, avaliada em 108471 toneladas, segundo dados estatísticos do recriado Ministério das Pescas, é liderada por Luanda com uma taxa de 37%.

Benguela e Namibe seguem-se na lista com 33% e 25%, respectivamente, do total, ao passo que Kwanza Sul ficou com 5%. A produção de 2012, da frota de conservação semi-industrial, superou a de 2011 calculada em 93023 toneladas. Quanto à produção de 2011, tal como no presente ano, Luanda liderou o ranking com 59% níveis de captura. do total, seguida de Benguela (27%), Namibe (11%) e Kwanza Nouta vertente, Sul (3%). No entanto, Luanda registou em 2012 uma redução de 22 pontos percentuais face ao ano para importar passado, no segmento de produção de frota semi-industrial. Júlio de Carvalho, responsável pelas Pescas na capital, adiantou ao Expansão que se pretende aprimorar os métodos de fiscalização das quantidades retiradas do mar, a fim de se apurar as verdadeiras razões posteriores a cenários similares.

Quanto à pesca artesanal, os indicadores do ano passado são mais animadores em relação ao presente. O total de captura da pesca dos três primeiros trimestres do ano, registado nas províncias de Cabinda, Zaire, Bengo, Luanda, Kwanza Sul, Benguela e Namibe, é de 42 858 toneladas. Neste segmento, Benguela liderou o grupo com uma taxa de 34%, ao passo que Cabinda ocupou a última posição com 3%. Benguela cresceu 21 pontos percentuais, em 2012, em relação ao ano passado. Já Cabinda manteve-se com li mesma taxa.

Projectos em curso

O Ministério das Pescas, segundo a secretária de Estado para o sector, Antónia Nelumba, pretende lançar projectos para 2013 com a finalidade de melhorar os seus indicadores em relação aos desafios propostos.

Para situar a evolução do sector, em 2009, quando foi aprovado o Orçamento Geral do Estado (OGE) de 2010 e o pelouro ainda não havia sido inserido no Ministério da Agricultura, as Pescas receberam uma verba de 16,7 mil milhões Kz (174,7 milhões USD) para desenvolver 13 projectos. Em 2011, quando as Pescas já estavam atreladas à Agricultura, receberam um orçamento de 10,4 mil milhões Kz para oito projectos. No

ano seguinte, com sete projectos definidos no orçamento público, foi atribuído um pacote de 5,6 mil milhões Kz.

A secretária de Estado das Pescas avançou projectos já definidos no presente Programa de Investimentos Públicos, conforme ilustra a página 4, para execução imediata. Estão em curso projectos de ampliação de três salinas em Benguela e duas no Namibe, processo que "decorre a bom ritmo", garantiu.

Em relação ao peixe seco fez-se alguns investimentos, em três centros de salga e seca, dois no Namibe, nos municípios do Tômbwa e do Namibe, e outro no Kwanza Sul. "Este processo vai continuar e vamos apoiar as mulheres que já praticam esta actividade comercial em condições não higiénicas", prometeu. A intenção é de proporcionar as praticantes desta actividade condições de embalagem do produto com padrões aceitáveis para o mercado de consumo, para serem distribuídos aos centros de logística de serão implantados em todo o País.

11.25

huvas com impacto na produtividade

A Capital

24 De Novembro 2012

Se na época chuvosa passada os gritos e as orações eram para que as chuvas se dignassem cair, o mesmo já não é feito por esses dias. Aliás, de acordo com as previsões do INAMET, a presente época chuvosa poderá ser intensa. Segundo relatos de correspondentes de várias estações radiofónicas sediadas em Luanda, actualmente, existem algumas zonas do país onde as chuvas estão mesmo a deitar tudo para baixo desde casas até plantações. Em Luanda também já começou a chover, mas contrariamente às províncias da Huíla e do Bié (só para citar algumas), tratam-se de chuvas normalíssimas e até mesmo se tivermos que comparar com as habituais chuvas que caem em províncias como Huambo Malange ou Uíge, as chuvas de Luanda poderão mesmo estar na categoria de chuviscos.

Mesmo assim dão muita bronca aos munícipes de Luanda. É provável que não passa de meia dúzia o número de pessoas em Luanda que não saboreia os

tormentos que as chuvas trazem. Já uma vez um governador de Luanda, em plenas funções, terá mesmo dito e em bom tom que Luanda não está preparada para receber chuvas. Incrível. E essa situação parece não ter um fim a vista, porque todos os anos o busílis repete-se.

Se as chuvas que caem por Luanda e arredores fazem os camponeses das redondezas da capital exultar de alegria, já os munícipes que vivem sobretudo nos inúmeros bairros não experimentam o mesmo sentimento uma vez que eles saboreiam momentos controversos caracterizados por doses altíssimas de engarrafamentos, vias alagadas ou esburacadas, casas inundadas, perdas de haveres, etc. Até aqui parece não ser algo assim tão alarmante, porém se olharmos esse quadro numa perspectiva económica veremos que estamos perante um problema preocupante cuja solução deve ser urgente pelo seguinte:

Primeiro há que ter em conta que quando chove em Luanda, para além de muita gente faltar ou chegar tarde nos seus locais de trabalho (o que traduz-se em perdas de produtividade das empresas e conseqüentemente da economia), o Estado costuma consentir encargos financeiros adicionais para acudir os sinistrados. Segundo, devido a falta, incrivelmente, de um rede de transportes públicos fiável, aproveitando-se da enorme procura pelos serviços dos candongueiros, estes engordam o preço da corrida e nalguns casos chegam mesmo a encurtar as paragens. Terceiro, devido ao tipo de habitações que a maioria da população possui em Luanda e a precariedade ou a falta de redes técnicas básicas como esgotos e outros, quando chove, muitos munícipes perdem os seus haveres conseguidos, muitas vezes, com suor de sangue. Os cidadãos ficam completamente afectados uma vez que os mesmos têm que consentir custos adicionais não previstos nos seus orçamentos tanto para fazer face ao preço do candongueiro que agora é outro, tanto para comprar novos haveres. Numa altura em que se fala muito do combate da fome e da pobreza não é nada inteligente que essa situação continue a fazer companhia dos munícipes da capital.

A resolução deste problema não terivadas, ou seja, é um problema cuja solução pode ser encontrada com a maior tranquilidade possível, bastando possuir níveis aceitáveis de boa fé.

Para amenizar os cíclicos calafrios que as chuvas aplicam constantemente aos munícipes de Luanda a solução passa, até certo ponto, pela construção de mais estradas e que as mesmas sejam de facto duráveis. As que têm sido construídas até agora, se não são frágeis demais pelo menos não devem andar muito longe disso, aliás qualquer pessoa que vive em Luanda pode constatar a facilidade com que muitas estradas voltam a estar em obras.

Depois da construção de uma rede viária decente em toda Luanda será preciso garantir o surgimento de muitas empresas de transportes públicos. Paralelamente a isso, será preciso implementar em todos os bairros de Luanda as redes técnicas básicas ao mesmo tempo que têm que ser travadas as construções anárquicas que ocorrem mesmo diante das barbas das administrações municipais e comunais. A questão das construções anárquicas não é de agora, todos estão ao corrente do problema, mas quase nada tem sido feito para travar isso.

Basta andar pelas cercanias da cidade para ver os inúmeros bairros de construção precária a surgirem. Dentre estes o mais famoso, actualmente, deve ser o bairro que já nasceu e está apenas a crescer entre Cacucaco e Viana ao longo da "auto-estrada". São maioritariamente casotas de chapas, constituindo uma verdadeira "metrópole" brilhante sem o mínimo de condições. Será preciso ainda providenciar que os novos bairros sejam construídos em espaços com todas as infra-estruturas básicas. Medidas deste tipo, para além de melhorarem consideravelmente a qualidade de vida dos cidadãos, irão resultar também em ganhos para a nossa economia visto que a produtividade das empresas e da economia irá aumentar, o bem-estar dos cidadãos irá aumentar, e o Estado vai poupar muitos recursos financeiros, uma vez que não existirá tanto sinistrado por causa das chuvas como actualmente.

Em suma, é preciso que os constrangimentos desnecessários que as chuvas criam sobre Luandasejam erradicados. Com vontade é possível. Se em muitas cidades capitais africanas quando chove a vida das pessoas realiza-se com toda passividade porque é que Luanda não pode viver a mesma experiência?

11.26

huva intensa provocou corte de várias estradas

Agora

24 De Novembro no Cazenga

Estragos materiais, com viaturas submersas, inundações em zonas de habitação e corte de estradas é o resultado das chuvas intensas que se abateram recentemente em Luanda, anunciou o porta-voz do Serviço Nacional de Protecção Civil e Bombeiros.

Citado pela agência Angop, Faustino Sebastião disse que os municípios mais afetados foram os de Viana, Cazenga e Belas, e parte das áreas urbanas da Samba, Kilamba Kiaxi e Maianga.

A chuva intensa começou a cair ainda antes da meia-noite, tendo-se prolongado até às primeiras horas da manhã.

Segundo o porta-voz do SNPCB, quatro viaturas ficaram soterradas no bairro da Fubu, e há ainda a registar a queda de árvores e a interdição de circulação na chamada ponte molhada, que dá acesso à centralidade de Talatona e à zona residencial do Lar do Patriota, no município de Belas.

Nos bairros do Morro Bento, Catintom e Golfo-II (distritos do Kilamba Kiaxi e Maianga) várias ruas estão intransitáveis para peões e viaturas devido à dificuldade no escoamento da água aglomerada.

No distrito da Ingombota, que ocupa mais de metade da zona urbana da capital angolana, a chuva que caiu foi de menor intensidade.

11.27

s chuvas que “estamos com elas”

O Independente

24 De Novembro de 2012

As chuvas que nos últimos dias têm estado a cair um pouco por todo o país estão a provocar, de modo notório, prejuízos humanos e materiais incalculados. Desabamento de moradias, estradas

intransitáveis, aldeias e plantações inundadas, populações ao relento ... Tudo isso e mais alguma coisa só vem aumentar o rosário de dificuldades comuns da população. O balanço, sempre provisório, pois a época chuvosa ainda vai a meio, revelou que houve, só em Luanda, viaturas soterradas, ruas alagadas, residências inundadas e queda de árvores. O porta-voz do Serviço Nacional de Protecção Civil e Bombeiros (SNPCB), Faustino Sebastião, referiu que os municípios mais afectados foram os de Viana, Cazenga, Belas e parte dos distritos urbanos da Samba, Kilamba Kiaxi e Maianga. A chamada ponte molhada, que dá acesso, de um lado e do outro, ao Talatona e ao Lar do Patriota, de tão precária a sua construção, está a revelar-se, com as chuvas, como um ponto crítico do trânsito em Luanda. Nos bairros Morro Bento, Cantintom e Golfo-II (distritos do Kilamba Kiaxi e Maianga) várias ruas ficaram intransitáveis para peões e viaturas devido a existência de grandes poças de água, com cerca de um metro de profundidade e cinco de largura. Situação idêntica registou-se no município do Cazenga, com destaque para as sétima e quinta avenida. Exemplos de solidariedade mas também, e isso devia ser realçado pela comunicação social, têm se verificado exemplos marcantes de solidariedade mútua e iniciativa local contra a adversidade. No mercado do Asa Branca, em Luanda, os vendedores fizeram coleta de dinheiro para alugar uma moto bomba que fez a evacuação da água que invadiu os locais de venda e impedia a passagem dos compradores. Em várias localidades do país as famílias que perderam as suas residências foram imediatamente abrigadas por familiares e vizinhos. É em momentos como este, o da escalada das chuvas, que se faz sentir a necessidade de se dar maior autonomia às administrações locais. É que as situações calamitosas, além de geralmente imprevisíveis, estão sempre a mudar de feição, daí que as respostas das autoridades devem ser rápidas, simples e concretas. Aqui, vamos ressaltar um caso. A Administração Municipal de Belas fez a aquisição de motobombas para sucção das águas das chuvas que inundaram na madrugada de terça-feira mais de 500 residências no bairro das Salinas, comuna do Benfica, em Luanda. Em declarações hoje à Angop o chefe do gabinete de comunicação e imagem da administração, Neto Segunda, disse que está em estudo, com as entidades superiores do governo de Luanda, a adopção de novas estratégias para acudir a população que se

encontra ao relento. O responsável disse que para além das motobombas, prevê-se apoiar as vítimas com outros meios. A acção das autoridades visa beneficiar os sinistrados da comunidade da Honga, Camama e de outras áreas críticas. Outras medidas incluídas no pacote de acções da administração de Belas é a distribuição de lixívia, a sensibilização para os cuidados primários de saúde e a intensificação do programa de luta contra a malária.

Novas valas de drenagem

O Governo Provincial de Luanda vai, em breve, construir valas de drenagem no distrito urbano do Rangel, para permitir o escoamento das águas pluviais e residuais e evitar as inundações, disse esta quarta-feira o vice-governador para área técnica, António Resende. A informação foi prestada durante uma conferência de imprensa que visou esclarecer o actual estado dos municípios mais críticos de Luanda e as soluções imediatas previstas para o escoamento das águas pluviais e a acomodação das famílias que se encontram ao relento. António Resende fez saber que a gravidade do saneamento básico do distrito urbano do Rangel obrigou o Executivo a aprovar a sua macro requalificação, com vista a oferecer uma qualidade de vida mais digna aos seus moradores. O responsável disse haver melhorias nas intervenções feitas em algumas ruas do Rangel, tendo aventado a hipótese de se alargar a vala de drenagem adjacente ao Ngola Mbandi, para uma fluidez maior das águas.

De acordo com o vice-governador, para se minimizar as enchentes na comuna do Zango, o governo prevê a construção de uma bacia provisória de retenção de água, ficando para o futuro a construção de um canal até a linha de escoamento situada naquela região.

"Relativamente às inundações na ponte molhada, no município de Belas, nós, o governo da província estamos a trabalhar com os Ministérios do Urbanismo e Habitação e Construção, para a possível construção de outra", disse.

Esclareceu que a mesma tinha sido construída com o propósito de ser uma passagem molhada mesmo, mas pelo fluxo de viaturas, urge a necessidade da construção de uma maior.

11.28

Kwanza Seco

Diário Global

02 De Novembro de 2012

A tia Jamuzemba veio do mato com a notícia de que havia mudado de endereço, estabelecendo-se em Mbanza-Bombo, ó que não deixou de nos surpreender. Em Kubaza, onde cultivava batata-doce, milho, macunde e mandioca, só lá vai, agora, nos tempos secos. O Kwanza é bem comportado: não alaga os canais, notadamente. Portanto, não estraga as lavras e permite uma navegação mais pacífica. Ninguém, por estes dias, a encontrara na sua casota as margens do rio: passou-se para a casa de Mbanza Bombo, para onde se vai depois do desvio, a direita, no sentido Dondo, para a Kabala. Uns, se tanto, 19 quilómetros. Queria saber onde fica esta localidade, que, agora, acolhe os costados velhos da Tia Jamuzemba. Nasce rente à margem Norte do Kwanza e por altura do tempo chuvoso, as populações ribeirinhas refugiavam-se na região do Longa. Atravessavam, portanto, o Kwanza com as suas imbambas e tudo, até à margem Sul. De canoa. Encetavam, depois, uma caminhada até aquelas terras longínquas. Lá chegados, estabeleciam-se em cubatas feitas de capim e paus, mas que tinham a vantagem de, em caso de chuvas, não desmoronarem. O caso é que nas margens do Kwanza, a acção das chuvas tem um significado recorrente: inundações das lavras e casas, tornando-as totalmente inabitáveis. Já no Longa a coisa é diferente. Por mais forte que seja a "bordoada" não se registam grandes danos, ou se assim for, eles são facilmente superados pelas pessoas migrantes. De maneira que, esse drama das populações ribeirinhas, permanece

O Rio

actual e as autoridades tomaram, finalmente, nota do assunto. As pessoas agora têm um tecto esta aldeia como podia fazê-lo, interminavelmente, com relação às outras, como Kambondia ou Passos. Talvez devesse, querendo, descrever com mais vagar a vivência e os sentimentos das populações daqueles lugares. O que prometo fazer

um dia desses. Por ora, fico-me pela o "pulo" que dei há uns domingos atrás, de Luanda até Mbanza Bombo e que se estendeu até a Kabala. Parei, intencionalmente, as margens da Lagoa 107. Como é bela a nossa terra angolana: sentei-me no capim e comecei a apreciar o verde do capinzal as margens. Travei, mais' tarde, conhecimento com um pescador "sacudido" chamado Tony. Conversa vai-conversa-vem, por ele e outras pessoas, como o meu tio, outro Tony, então fiquei a saber que a jusante do Kwanza as coisas estavam feias. O Kwanza que por altura da Kabala despeja água aos borbotões, estava agora seco. E isso me levou a querer ir ver de perto o que se passava e tirar as minhas próprias conclusões, de modos, que levámos uns "cacussinhos", digo bem, "cacussinhos" mal formados ainda, sob protestos da minha parte: Isto é para devolver a Lagoa, não da pra comer -indignei-me. Perdoa, pai, é o nosso sustento devolveu o pescador. Ao descermos para Kabala, passamos por Mbanza Bombo, a uma velocidade moderada e atingimos a ponte sobre o Kwanza. A partir de uma visão, não propriamente dantesca, mas bizarra, no mínimo, observámos as alterações climáticas na área. Por exemplo: as lavadeiras exerciam a sua nobre actividade num banco de areia no meio do Kwanza. Um sujeito, jovem, fazia a pé uma despreocupada travessia do rio, enfim. E que a montante, dizem-me, as coisas não andam lá abençoadas por São Pedro.

11.29

chuvas na Catata matam e destroem

Jornal de Angola

05 De Novembro de 2012

As fortes chuvas que se abatem sobre a comuna da Catata, no município da Caála, causaram, nos últimos dias, quatro mortos, seis feridos e a destruição de várias infra-estruturas de impacto social. O administrador da comuna da Catata, Simão Tchiduva, salientou que as chuvas provocaram a destruição de cinco casas e deixaram sem tecto algumas igrejas e outros estabelecimentos. Simão Tchiduva referiu que os estragos aconteceram numa altura em que um número considerável de pessoas se encontrava fora das suas residências, sublinhando que as aldeias de Tchicambi e Tchicala são as mais afectadas. Em consequência dos estragos causados pelas chuvas,

250 pessoas ficaram desabrigadas. As chuvas, que caem com grande intensidade em quase todo o território da província do Huambo, estão igualmente a afectar a produção agrícola, principalmente de batata rena e milho. O administrador comunal da Catata pediu apoio para a instalação de pára-raios nas zonas mais visadas. Simão Tchiduva aponta ainda a devastação das florestas como uma das principais causas dos problemas naturais, por não haver regulação dos ventos. Os Bombeiros e Protecção Civil continuam a fazer o levantamento dos estragos causados pela chuva.

11.30

plantação de eucaliptos no Huambo

Jornal de Angola

05 De Novembro de 2012

Mais de mil eucaliptos foram plantados na sexta-feira, no perímetro oresta do bairro da Senteria (arredores da cidade do Huambo), por estudantes do curso de Geografia do Instituto Superior de Ciências da Educação (ISCED), numa iniciativa desenhada a combater a desertificação na região. Em declaração à Angop, o chefe do departamento de Ciências da Natureza do ISCED, César Pakissi, disse que a plantação contribui para melhorar o equilíbrio ecológico, vai dar um aspecto ambiental mais agradável e ajudar a sustentar o avanço da ravina que ali se encontra. O responsável assegurou que foram mobilizados para esta tarefa os estudantes do 2º e 3º ano do curso de Geografia para ajudarem na sensibilização da sociedade, no sentido de se proteger o meio ambiente e repovoar o perímetro florestal

11.31

ilhares de pessoas ficaram sem abrigo

Jornal de Angola

05 De Novembro de 2012

P

M

Pelo menos 1.872 pessoas ficaram sem abrigo, na província do Uíge, em consequência das fortes chuvas que têm caído sobre a região, desde Outubro. O porta-voz dos Serviços de Protecção Civil e Bombeiros, Eduardo André, disse sexta-feira que as chuvas provocaram a destruição de 197 residências, seis escolas e duas igrejas em várias localidades municipais da província do Uíge. Eduardo André informou que, nos municípios de Milungae Sanza Pombo, foi registada a morte de dois jovens, que ficaram carbonizados no interior das respectivas residências, por descargas eléctricas. O porta-voz avançou que os municípios do Uíge, Puri, Sanza Pombo, Milunga, Bungo, Bembe e Quitexe foram os mais afectados pelas chuvas a nível da província. A construção de casas em locais impróprios, como terrenos inclinados, em cima de lençóis de água e em zonas próximas das valas de drenagem está na base dos sinistros. "É necessário que as pessoas antes de erguerem as suas casas efectuem primeiro um estudo dos terrenos onde pretendem construir, para saberem se os solos resistem aos fenómenos erosivos ou não", aconselhou o porta-voz. Eduardo André referiu também que se deve avaliar a qualidade do material a ser utilizado na construção de residências em campos inclinados, junto dos rios e valas de drenagem, por estar a cair muita chuva na região. Eduardo André esclareceu que a maior parte dos sinistrados dos municípios do Uíge, Quitexe e Negage já beneficiou de apoios do governo, que entregou chapas de zinco, bens alimentares, materiais para cozinha, roupa usada e cobertores.

Material de construção

"Com o material de construção entregue, as pessoas afectadas podem construir outras moradias ou reerguer aquelas cujas condições permitirem, visto que muitas das vítimas foram obrigadas a refugiar-se em casa de parent, vizinhos e amigos", disse. Eduardo André defendeu a necessidade do reforço das acções preventivas e mobilizadoras junto das populações, tendo em conta que se perspectivam níveis de sinistralidade superiores aos dos períodos anteriores, de acordo com as previsões do Instituto Nacional de Meteorologia (INAMET), que apontam para a ocorrência de chuvas fortes e torrenciais em todo o território nacional. Em função disso, está previsto o reforço de meios logísticos, pela Comissão Nacional de Protecção Civil, com vista a permitir que o apoio

do Executivo seja abrangente a todos aqueles que perderem habitações e bens de uso doméstico, em consequência das chuvas.

11.32

amílias desalojadas em Malange estão ao relento

Jornal de Angola

09 De Novembro de 2012

Chuvas torrenciais que cáram, nos últimos três dias, sobre os municípios de Malange, Quirima e Luquembo desalojaram 600 famílias, na sequência da destruição de 120 moradias. O porta-voz do comando provincial dos Serviços de Bombeiros e Protecção Civil em Malange, Miguel Bernardo, disse que, entre os imóveis destruídos, estão também três estabelecimentos comerciais e uma tenda sanitária, no município de Cangandala. Actualmente está a ser feito o levantamento dos danos a nível de outras regiões para, posteriormente, se dar início aos apoios do Governo Provincial de Malange. O mesmo cenário é vivido noutras regiões do país e com prejuízos ainda maiores pelo facto de receberem chuvas torrenciais em dias consecutivos, como é o caso das províncias de Malange e Uíge.

F

11.33

Angola apresenta avanços na aplicação dos protocolos relacionados com o clima

Jornal de Angola

09 De Novembro de 2012

o secretário de Estado do Ambiente para as Novas Tecnologias e Qualidade Ambiental, Syanga Abílio, apresenta em Genebra, em nome de Angola, os avanços na aplicação do Protocolo de Montreal, sobre Substâncias Destruidoras da Camada do Ozono. A comunicação vai ser feita durante a Conferência das Partes do Protocolo de Montreal, sobre Substâncias Destruidoras da Camada do Ozono, onde Angola passa a

A

presidência da Mesa da Assembleia do Protocolo à Suíça. Syanga Abílio deve, também, apresentar as recomendações saídas da reunião anterior. Angola tem feito progressos na área do Ambiente. Entre as várias ações já realizadas e bem sucedidas, Angola tem agora a obrigação de eliminar os Hidroclorofluorcarbonos, até 2015, numa proporção de dez por cento na sua totalidade até 2030. Em Angola entrou em vigor o Decreto Presidencial nº 153/11, de 15 de Junho, que aprova o regulamento que estabelece as regras sobre produção, exportação, reexportação e importação de substâncias, equipamentos e aparelhos possuidores de substâncias que empobrecem a camada de ozono. O diploma proíbe a entrada de substâncias como clorofluorcarbonos, halons, tetracloro de carbono, bromocloreto de metano. Nos aparelhos de ar condicionado estão clorofórmio de metilo, brometo de metilo e hidroclorofluorcarbonos, sujeitos ao pagamento de taxas. "Angola tem tido um papel muito importante neste Protocolo, que é considerado um dos tratados mais bem sucedidos a nível internacional, com 197 países signatários. Por isso, vamos redobrar esforços para que o nosso contributo na proteção da Camada de Ozono e do planeta Terra seja uma meta bem cumprida", garantiu. Além de contribuir para a reconstituição da Camada de Ozono, que serve de parede para filtrar os raios ultravioletas, Angola luta também pela salvaguarda dos ecossistemas terrestres e marinhos. O país não produz produtos que empobrecem a Camada de Ozono, mas é importador dessas substâncias. O Protocolo de Montreal sobre a Camada de Ozono, que Angola assinou em 17 de Maio de 2000, consolida-se como um dos mais eficientes acordos multilaterais estabelecidos pelo sistema das Nações Unidas. No âmbito das suas obrigações, Angola aderiu às quatro Emendas do Protocolo, a de Londres, de Copenhaga, de Montreal e de Pequim.

11.34

chuva causa estragos em municípios e distritos

Semanário factual

De 10 a 17 de Novembro de 2012

"Nvula Weza" faz-nos lembrar o lindo refrão da música de Filipe Mukenga, mas, para muitos, este facto traduz-se em grandes problemas, tendo em conta a falta de condições de saneamento básico e de técnicos capazes de fazerem face ao grau de danos resultantes da chuva. A chuva que se abateu sobre Luanda durante a madrugada de terça-feira, 6, demonstrou o que o *Semanário Factual* havia publicado na sua edição nº 228 acerca da ausência de condições a nível dos municípios e distritos da capital.

Num périplo efectuado por algumas áreas já visitadas, foi possível constatar o grau de estragos causados pela chuva. No município do Cazenga, a chuva causou estragos nas avenidas e residências. Na comuna do Tala-Hady, as escavações feitas para a reabilitação das ruas tornaram-se num verdadeiro riacho. Já nas zonas onde não existem sistemas de drenagem para as águas da chuva, as consequências são piores, com a inundação de residências e com a obstrução do tráfego automóvel em várias avenidas, com realce para a 5ª e 7ª avenidas. As dificuldades no tráfego, tanto automóvel como de pessoas, também são visíveis nas ruas das Conduatas, no BCA e na FIACO. Este facto está a preocupar os moradores da área, o que levou Adão João a afirmar ao *Factual* que "é impressionante o que estamos a viver aqui na rua das Conduatas, nem carro nem pessoas aqui conseguem passar à vontade. As obras prometidas nunca estão a ser efectuadas e, se começam, não terminam", desabafou o morador. No bairro Curtume, foi possível ver famílias preocupadas em retirar a água das suas residências. Paula Lourenço, que vive na 7ª avenida, zona 18, considerou que "a causa das constantes inundações que temos verificado aqui nesta área tem a ver com o encerramento da cacimba. A água que escorria para lá hoje concentra-se dentro das nossas casas. Até ao momento, nada é feito e as obras que estavam a ser feitas aqui na avenida estão paradas".

Trabalho de requalificação das vias dá lugar a riachos

Como já se previa, as coisas voltaram a piorar. Trabalhos, no âmbito da requalificação das vias secundária e terciária, acabaram por não dar em nada. A ignorância por parte de algumas pessoas ligadas ao projecto está a causar o sofrimento dos luandenses, sobretudo dos residentes nas zonas periféricas da cidade de Luanda. Muitas obras

levadas a cabo durante a aproximação do período eleitoral, em particular a requalificação das vias secundária e terciária, não conheceram o seu término, ou seja, não foram cumpridas as metas prognosticadas, que era o melhoramento das condições dos municípios quanto ao sistema de saneamento e à criação de mais vias de escape, no sentido de desafogar o trânsito nalgumas zonas. Nada foi concretizado. Na visita que o Semanário efectuou ao município do Cazenga e ao distrito do Rangel, antes do pleito eleitoral, foi possível constatar o movimento de homens e de máquinas, facto que levantou a esperança de Dona Matilde da Costa, residente na rua do Alentejo, no bairro Terra Nova, no distrito do Rangel. Na época, Dona Matilde afirmara que tinha a certeza de que o bairro, em particular a sua rua, iria melhorar. Após a chuva da madrugada da última terça-feira, 6, Matilde da Costa desabafou: "É uma tremenda brincadeira o que sempre fazem connosco. O bairro, neste momento, encontra-se pior do que estava e sempre é assim: aparecem, escavam as ruas e nada mais é feito. Depois de acontecerem catástrofes, chegam com montes de palavreados caducos". Segundo constatou o Factual, tanto no município do Cazenga como no distrito do Rangel, as máquinas foram retiradas dos locais de trabalho; as ruas tornaram-se autênticos riachos, facto que está a tirar a calma aos cidadãos. "É impossível andar assim. As ruas voltaram a ser escavadas e deixadas à sorte de quem lá vive. Este é um acto que se traduz num sofrimento contínuo da sociedade e que demonstra a falta de interesse de muitos governantes pelo bem-estar", afirmou António Paulo, morador do município do Cazenga.

Pouco se faz no distrito do Range1

Ainda com base no projecto de requalificação das vias secundária e terciária, Pedro Simão, automobilista, revelou: "para ser franco, não vejo nada o que está a fazer-se, principalmente aqui, no distrito do Rangel, que é uma zona muito utilizada para se chegar à zona baixa de Luanda". "Várias vias que podem servir como escape para desafogar o trânsito a nível de várias zonas da província de Luanda estão totalmente deterioradas e, até ao momento, nada é resolvido. Caso haja trabalhos no local, os mesmos não são concluídos. "É o que se vê hoje da requalificação das vias secundária e terciária no município do Cazenga e nos distritos do Rangel e do Sambizanga", afirmou

o automobilista Pedro Simão. Para o jovem Fernandes, morador do bairro Marçal, no distrito do Rangel, a situação é lastimável a nível do bairro, sobretudo na rua dos Coronéis, usada por muitos automobilistas como escape aos engarrafamentos, devido aos trabalhos que estão a ser feitos na avenida Hoji-ya-Henda. O jovem fez saber, igualmente, que, "neste momento, tem sido uma grande ginástica sair de casa. A rua já sofreu obras duas vezes, mas, face ao trabalho descartável feito, voltámos a estar em situação pior. Esta situação vem deitar abaixo o pronunciamento feito pelo então ministro do Urbanismo e Reconstrução Nacional, Francisco Fonseca, no âmbito da visita de constatação do andamento das obras, em termos de execução e cumprimento dos prazos, de que o seu Ministério não realiza projectos paliativos ou de soluções temporárias, mas efectua projectos que garantam soluções definitivas.

Empresas retiram técnicos e máquinas dos locais de obras

Hoje, estas obras não foram concluídas. As empresas adjudicadas retiraram dos locais os técnicos e as máquinas. Quanto ao prazo de execução, está sob o segredo dos deuses. Importa aqui referir que a interrupção das obras de requalificação das vias pode causar graves consequências, como as verificadas no ano passado. O Factual contactou o responsável pela informação da Comissão Administrativa da Província de Luanda, no sentido de ter uma explicação sobre a paralisação dos trabalhos de requalificação das vias, mas este afirmou que os trabalhos são da responsabilidade do Ministério do Urbanismo e Reconstrução Nacional. O Semanário vai insistir, na próxima semana, junto do Ministério do Urbanismo, para que esclareça o porquê da não execução atempada das obras de requalificação, bem como a retirada dos técnicos e das máquinas. A previsão do Instituto Nacional de Meteorologia e Geofísica (INAMET), para os próximos meses, aponta a ocorrência de chuva em abundância. A informação foi prestada na terça-feira, 6, pelo director técnico da referida instituição, Francisco Osvaldo.

11.35

erca de 500 milhões de USD para apoiar vítimas da seca

O Executivo encontrou uma saída para acudir as vítimas da estiagem, recorrendo a um programa de 4,4 mil milhões de dólares (cerca de 500 milhões de dólares) para atenuar os efeitos do problema que afectou os camponeses em diversas províncias do país. Pelo menos, já estão a ser distribuídos alimentos adquiridos pelas autoridades aos afectados de nove províncias carenciadas. O Ministro da Agricultura Afonso Pedro Canga afirmou, na última terça-feira, que foram já adquiridos bens alimentares, medicamentos e instrumentos agrícolas, que já começaram a ser entregues aos destinatários. "O Executivo, em Junho do ano passado, aprovou um programa de assistência com alimentos, instrumentos agrícolas, medicamentos e algumas acções no domínio da nutrição para a população afectada pela seca", disse o governante. Dos 4,5 milhões de dólares, já foram disponibilizados 2.200 milhões (mais de 200 milhões de dólares), o que permitiu a aquisição de 7 mil 533 toneladas de alimentos diversos para a população das províncias do Bengo, Benguela, Kwanza-Sul, Zaire, Cunene, Huíla e Namibe. O titular da Agricultura revelou ainda que estão a ser introduzidas medidas adicionais para mitigar os efeitos da seca que assolou algumas regiões do país. A situação originou uma quebra na produção agrícola, com particular incidência para as culturas de cereais e leguminosas em nove províncias do país. "Estamos a desenvolver medidas de sustentabilidade, através de programas de expansão da capacidade de irrigação, com a reabilitação de perímetros irrigados, reabilitação de pontos de água e outras medidas complementares, para quando ocorrerem estas situações podermos mitigar os efeitos", sublinhou.

Por sua vez, o Ministro da Assistência e Reinserção Social, João Baptista Kussumua, indicou que foram disponibilizadas mais de três mil toneladas de bens alimentares que estão a ser distribuídos através dos departamentos ministeriais, da Assistência e Reinserção Social, da Agricultura e do Interior.

11.36

**amílias afectadas pela estiagem
com apoio alimentar do governo**

Pelo menos 5.499 famílias do município de Quilengues, afectadas pela estiagem, estão a receber bens alimentares diversos, no âmbito do programa de apoio às populações, realizado pela direcção da Assistência e Reinserção Social (MINARS). A directora provincial do MINARS, Catarina Manuel, disse sexta-feira, ao Jornal de Angola, que o gesto, em parceria com o Comando Provincial de Protecção Civil e Bombeiros da Huíla, visa acudir as dificuldades que as famílias do município de Quilengues atravessam pela falta de alimentos, em consequência da estiagem. As fracas chuvas que caíram em toda a extensão do município, que dista cerca de 143 quilómetros a norte da cidade do Lubango, causaram um défice na colheita da época agrícola passada. Catarina Manuel disse que o governo provincial adquiriu, para a administração municipal, 84 toneladas de bens alimentares diversos,

"O governo da província da Huíla está atento aos problemas que afligem as populações afectadas pela estiagem, e assim, através da direcção provincial do MINARS, tem estado a apoiar estas famílias", disse a responsável. A direcção do MINARS levou para o município de Quilengues farinha de milho, sal, sardinha e atum em conserva, arroz e massa alimentar, num total de 84 toneladas de bens alimentares diversos. Catarina Manuel acrescentou que estão a ser igualmente entregues aos camponeses insumos agrícolas, como charruas, enxadas, sementes diversas, com vista a dinamizar a campanha agrícola 2012/13, aberta sábado em toda a província da Huíla.

A directora provincial do MINARS disse que a próxima actividade de apoio às vítimas, dentro de um programa gizado pelo governo provincial, vai estender-se aos municípios de Caluquembe e Chicomba, onde existem igualmente famílias afectadas pela estiagem. O administrador adjunto do município de Quilengues, Abel Wandu, referiu que as comunas de Impulo, Dinde e a comuna sede são as mais afectadas pela estiagem, que está a causar muitos prejuízos.

F

Produção de bens alimentares

O administrador Abel Wandu assegurou que durante este ano são cultivados 60 mil hectares de produtos diversos, com destaque para massango e a massambala. O responsável adiantou que está tudo preparado para a campanha agrícola de 2012/2013, cuja abertura se realizou na comuna do Dinde. O administrador municipal adjunto afirmou que, devido à falta de pasto nalgumas partes do país, as populações vizinhas são obrigadas a escalar as terras de Quilengues à procura de alimentação para o gado. Nos últimos dias regista-se um aumento significativo do número de famílias que procuram alimentos para o gado, tomando-se imperioso prestar particular atenção a estes cidadãos, avançou o administrador Abel Wandu. Disse que os municípios de Camucuiu e Bibala, na província de Namibe, são as localidades que mais procuram por pasto para o gado, daí a necessidade de se prestar algum apoio à estes criadores.

11.37

Uíge. Vítimas da chuva encontram abrigo

Jornal de Angola
28 De Novembro

Várias famílias dos bairros Cantombe e Bembangando, na cidade do Uíge, abandonaram as suas casas destruídas pela chuva que caiu sobre a região na segunda-feira. Ao todo, 18 famílias acabaram por encontrar refúgio em casa de familiares e amigos, até que cheguem os apoios das autoridades locais para a reabilitação das suas moradias destruídas. O porta-voz do Serviço Nacional de Protecção Civil e Bombeiros, Faustino Sebastião, informou ontem, em Luanda, que, na sequência da chuva que caiu sobre aqueles dois bairros da província cafeeícola do Uíge, duas pessoas ficaram feridas depois do desabamento da parede de uma moradia. Uma equipa de técnicos avaliou no terreno os danos causados pelas chuvas.

12. DEZEMBRO DE 2012

12.1

Fome aperta em três municípios do Cunene

Agora
01 De Dezembro de 2012

A fome foi oficialmente declarada em três municípios do Cunene. Tratam-se dos municípios de Namacunde, Kwanyama e Ombandja, regiões citadas pelo director provincial em exercício do Ministério da Assistência e Reinserção Social, como sendo os mais afectados pela penúria alimentar causada pela prolongada estiagem. Para acudir a situação, 161 toneladas de produtos diversos chegaram no princípio da semana à província. O facto foi revelado a repórter do AGORA pelo responsável provincial do Ministério da Assistência e Reinserção Social, Mateus Ndulipukio. Na ocasião, disse que o seu organismo começou já a assistir algumas famílias carenciadas. "Há um tempo para cá, assistimos os grupos vulneráveis com os nossos apoios habituais" - disse. Ndulipukio informou terem chegado à província alguns meios alimentares consubstanciados em arroz, óleo alimentar, peixe em conserva e sal, num total de 161 toneladas. "Há igualmente fome nos municípios de Cahama e Cuvelar, revelou preocupado o responsável.

12.2

C chuvas intensas na Huíla põem em risco populações

Jornal de Angola
01 De Dezembro de 2012

As intensas chuvas que se abatem nos últimos dias sobre a província da Huíla estão a pôr em risco a vida de centenas de pessoas que residem em zonas de risco, como margens de rios, linhas eléctricas de alta tensão e encostas de montanhas. O facto está a preocupar os Serviços de Protecção Civil e Bombeiros, que já começaram a sensibilizar as populações no sentido de abandonarem os locais de risco. O porta-voz em exercício do comando provincial de Bombeiros na Huíla, Manuel de Castro, adiantou que mais de 600 mil pessoas vivem em situação de risco nos 14 municípios, com maior realce para

Lubango.

F

C

De acordo com Manuel de Castro, existe um programa do Governo Provincial que consiste na concessão de terrenos nas novas urbanizações às pessoas que residem em zonas de risco, de modo a prevenir situações catastróficas. Nos últimos anos, beneficiaram de parcelas pessoas que viviam ao longo das margens do Rio Mukuke, próximo da linha do Caminho-de-Ferro de Moçâmedes (CFM), na cidade do Lubango.

Quanto aos outros 13 municípios da província, o porta-voz da Protecção Civil e Bombeiros afirmou que também existem programas de cedência de terrenos em zonas preparadas, para acomodar as populações que vivem em zonas de risco. A prevenção e assistência pontual às pessoas vítimas de calamidades naturais, sinistralidade rodoviária e incêndios constituem alguns dos principais desafios dos Serviços de Protecção Civil e Bombeiros na Huíla.

Manuel de Castro, que falava em alusão a mais um aniversário da corporação, garantiu que os serviços estão a ser modernizados. O Executivo angolano está a fazer um investimento em meios modernos, assim como na formação dos membros da corporação, no sentido de darem resposta imediata às situações que forem surgindo. Actualmente, os Serviços de Bombeiros na província estão apetrechados com viaturas de extinção de incêndios, sistemas de salvamento aquático, ambulâncias para socorrer os sinistrados, entre outros equipamentos, frisou.

12.3

Ministra do Ambiente está preocupada com o impacto das emissões de carbono

Jornal de Angola

05 De Dezembro de 2012

A ministra do Ambiente, Fátima Jardim, participou em Doha na reunião da Conferência Ministerial Africana sobre o Ambiente, no quadro das alterações climáticas e da procura de fontes de financiamento para a mitigação e adaptação ao aquecimento global. Os ministros africanos do Ambiente reiteraram a necessidade de atenuar os impactos negativos no continente provocados pela emissão do carbono e a sua capacidade em atingir os Objectivos de Desenvolvimento do Milénio.

O encontro decorreu à margem da Conferência das Nações Unidas sobre as Alterações Climáticas (COP-18) e da Conferência das Partes do Protocolo de Kyoto (CMP-8). África tem grandes dificuldades para aplicar um Plano de Acção para a Educação Ambiental e a Formação nos sistemas de ensino e no plano informal. A reunião de Doha teve a presença de 17 mil delegados provenientes de 200 países e termina esta sexta-feira. Num encontro em Luanda com o ministro para África dos Negócios Estrangeiros do Reino Unido, Mark Simmonds, em que o tema principal foi a Conferência das Nações Unidas sobre Alterações Climáticas (COP18), a ministra Fátima Jardim garantiu que Angola vai apresentar uma "posição firme" sobre os temas em debate. "Temos a posição nacional, mas não podemos deixar de nos inserir no contexto do continente", referiu. E sublinhou: "estamos preparados para mostrar ao mundo que Angola é um país a crescer com sustentabilidade e também com os compromissos globais assumidos".

Fátima Jardim garante que "Doha vai confirmar e validar as decisões saídas da reunião realizada nos finais do ano passado, em Durban", para atingir as metas mundiais de redução de emissões. A ministra do Ambiente pediu aos países que causaram as alterações climáticas "que não apresentem justificações e que é preciso lutar contra a crise climática". Especialistas antevêm dificuldades para chegar a um acordo em Doha, uma vez que os acordos são fechados. Como todos os países precisam de aceitar o mesmo plano, o progresso é muito difícil. As discussões entraram ontem na sua fase decisiva ainda num clima de incertezas quanto ao principal objectivo do encontro: estabelecer uma extensão do Protocolo de Kyoto, o único acordo internacional de protecção climática em vigor.

O panorama geral das negociações foi resumido pela secretária executiva, Christiana Figueres. Apesar de iniciar o seu balanço da primeira semana da convenção de maneira optimista, ela admitiu que muita coisa vai ficar de fora. "O que vier de Doha não reflecte ambição de que precisamos", resumiu Christiana Figueres sobre as negociações, que envolvem quase 200 países. No encontro do ano passado, em Durban, África do Sul, os países "concordaram em concordar" com a criação de um pacto global de redução de emissões, que englobava países ricos e pobres. O

acordo apenas começa a ser definido em 2015, para entrar em vigor até 2020.

Para não deixar o mundo sem nenhuma meta de redução de emissões de gases do efeito estufa, as partes optaram pelo prolongamento do Protocolo de Kyoto, que oficialmente deixa de valer no próximo dia 31 de Dezembro. Além de decidir até quando a extensão do acordo vai valer, se até 2017 ou até 2020, ficou para este encontro de Doha a definição do quanto vai ser reduzido nas emissões. A União Europeia e a Austrália, responsáveis por 15 por cento das emissões globais de carbono, concordaram em participar com acções concretas de redução de emissões.

Na sua criação, em 1997, o protocolo comprometeu as nações desenvolvidas a reduzir as suas emissões de gases de efeito estufa em 5,2 por cento, entre 2008 e 2012, em comparação aos níveis de 1990. Mas os EUA, país dos que mais contribui para a produção de gases com efeito de estufa, não ratificaram o pacto. Nações em desenvolvimento como China, Índia e Brasil, que hoje respondem por boa parte das emissões mundiais, não tinham metas imediatas.

12.4

enguela. Vítimas da seca recebem apoios

Jornal de Angola
02 De Dezembro 2012

O programa de emergência do Executivo vai acudir 1.100 pessoas assoladas pela seca no ano transacto no município da Ganda, província de Benguela, que recebem produtos alimentares a partir da próxima semana.

Em declarações à Angop, o responsável pela área da Assistência e Reinserção Social na Ganda, Paulino Jacinto, disse que, para o efeito, a administração municipal local já recebeu uma tonelada e meia de arroz, 241 caixas de óleo alimentar, 1.980 quilogramas de sal e 277 caixas de conservas. Ainda assim, Paulino Jacinto considerou insuficientes as quantidades para apoiar as pessoas afectadas, cuja recepção estabelece um plano de distribuição que dá prioridade às crianças órfãs, idosos, pessoas com deficiência física e viúvas. Os bens vão ser

distribuídos nas comunas da Chikuma, Casseque, Ebanga, Babaera e na própria sede municipal.

Paulino Jacinto referiu que a seca afectou todas as comunidades do município e, por isso, foi criada uma comissão encarregue de acompanhar o processo de distribuição, integrada pela comissão representantes do movimento associativo de camponeses e MINARS, Polícia, regedoria e serviços de segurança.

12.5

rotecção Civil aposta nas tecnologias

Jornal de Angola
03 De Dezembro de 2012

As autoridades da província do Cunene vão apostar na formação técnica e recurso às novas tecnologias para dar resposta às solicitações em calamidades naturais, já que a província tem sido das mais afectadas por catástrofes naturais. De acordo com o delegado provincial do Ministério do Interior no Cunene em exercício, Carlos Gomes Major, que prestou a informação, a formação é a base para construção de um efectivo moderno, coeso, disciplinado, organizado e capaz de dar resposta aos desafios. "A formação e actualização do homem constitui a condição fundamental, tendo em conta as exigências do desenvolvimento tecnológico da ciência e das próprias inovações nos serviços de protecção civil e bombeiros", referiu.

O também chefe dos serviços prisionais no Cunene apelou aos efectivos dos serviços de protecção civil e bombeiros no sentido de manterem a organização e a disciplina, do ponto de vista da uniformização e extinção de incêndios, entre outros serviços afectos ao órgão do Interior, de modo a impedir as catástrofes.

A província do Cunene tem sido das mais fustigadas pela chuva. Recentemente, o secretário de Estado do Interior para a Protecção Civil e Bombeiros, Eugénio Laborinho, afirmou que a Comissão Nacional de Protecção Civil vai potenciar os órgãos locais com vista a dar resposta às calamidades provocadas pelas alterações climáticas. No ano passado, uma comissão

liderada por Eugénio Laborinho foi ao Cunene prestar a solidariedade do Executivo às vítimas das cheias.

"A nossa deslocação aqui serve para gizar planos no sentido de potenciar os órgãos locais da província. Este ano, está a chover muito em todo o país, coisa com que não contávamos e que tem muito a ver com as alterações climáticas a nível do mundo, e Angola não está isenta destas situações", disse, na altura, secretário de Estado. Eugénio Laborinho adiantou que a sua área vai apostar mais nas questões de prevenção, educação das populações em deixar de viver em áreas vulneráveis e de risco, propensas a desastres.

O delegado provincial do Ministério do Interior no Cunene em exercício exortou igualmente os efectivos no sentido de aproveitarem todos os conhecimentos adquiridos, "seguros de que em cada missão para a qual forem chamados a prestar serviço o vão fazer com mestria e profissionalismo. No dia em que se comemorou mais um aniversário dos Serviços de Protecção Civil e Bombeiros, Carlos Gomes Major falou ainda da necessidade de se desenvolverem esforços para aplicar o plano de contingência para a prevenção das catástrofes naturais.

12.6

Huíla. Governo local apela famílias desalojadas pelas chuvas

Jornal de Angola
03 De Dezembro de 2012

Materiais de construção e bens alimentares foram entregues no sábado a 30 famílias residentes no bairro da Chavola, Lubango, afectadas pelas últimas chuvas que caíram sobre a região. A entrega dos produtos foi feita pelo governador em exercício da província da Huíla, Sérgio da Cunha Velho, e enquadra-se na estratégia do Governo Provincial em acudir as famílias afectadas pelas calamidades naturais em toda a extensão da província.

Entre os bens distribuídos pela Comissão Provincial da Huíla de Protecção Civil e Bombeiros estão 600 chapas de zinco, 600 balões de fardo, cobertores, utensílios de cozinha, arroz, fuba de milho e massa alimentar. A directora provincial da Assistência e Reinserção Social,

Catarina Manuel, disse à imprensa que o Governo da Huíla está atento à situação aflitiva por que passam as vítimas das chuvas, daí ter acudido de emergência a 30 famílias.

Apesar de não revelar o número de outras famílias nessas condições, a directora Catarina Manuel assegurou que acções do género vão ser feitas, este mês, nos municípios de Quilengues, Cuvango e Chipindo e, posteriormente, noutros municípios.

12.7

Angola eleita presidente do fórum

Jornal de Angola
03 De Dezembro de 2012

Angola foi eleito, pela segunda vez, presidente do Fórum Global das Autoridades Nacionais Designadas e presidente do Fórum Africano das Autoridades Nacionais Designadas, durante a conferência das Nações Unidas sobre as alterações climáticas (COP-18). O coordenador da Autoridade Nacional Designada, Giza Gaspar Martins, assume a presidência dos órgãos pelo período de um ano. Em declarações ao canal televisivo da COP-18, adiantou que a eleição de Angola surge em reconhecimento dos esforços empreendidos pelo Executivo para fazer face às alterações climáticas. Giza Gaspar explicou que Angola está num caminho irreversível, tendo em vista o crescimento económico e o desenvolvimento sustentável e, nos últimos dez anos, incrementou o programa de reconstrução das infra-estruturas sociais e económicas destruídas durante um longo período de guerra.

Esta obra, salientou, foi possível graças à paz que, pela primeira vez na sua história, deu oportunidade para explorar o seu potencial de maneira sustentável. "Entre os objectivos para o desenvolvimento sustentável em Angola está a promoção de políticas de adaptação às alterações climáticas, reduzindo as emissões de gases com efeito de estufa, para se garantir sustentabilidade na preservação da biodiversidade e ecossistema", esclareceu. Giza Gaspar frisou que para se fazer face ao aquecimento global, o Executivo traçou o Plano Estratégico Nacional para as Alterações Climáticas e o Plano Nacional de Adaptação. A Autoridade Nacional Designada da República de Angola foi criada a 13 de Janeiro de 2010, como instrumento que permite ao país aceder aos

mecanismos e oportunidades abertos pelo mercado de carbono. Compete à Autoridade Nacional Designada aprovar e validar as actividades de projectos consideradas elegíveis ao Mecanismo de Desenvolvimento Limpo (MDL) do Protocolo de Quioto da Convenção Quadro das Nações Unidas sobre as Alterações Climáticas. A Autoridade Nacional Designada também tem a competência de harmonizar os projectos do MDL com as políticas sectoriais, verificar e certificar as reduções de emissões de gases com efeito de estufa e as remoções de dióxido de carbono, entre outras actividades.

12.8

ambiente. Ministério faz consulta à sociedade

Jornal de Angola
05 De Dezembro de 2012

O Ministério do Ambiente, em parceria com o Conselho Nacional de Carregadores do Ministério dos Transportes, lançou ontem uma consulta pública para a elaboração de um estudo sobre o impacto ambiental da construção do porto seco no município Soyo. A consulta pública pretende obter dados para uma análise quantitativa e qualitativa dos parâmetros ambientais que permitam ao Ministério do Ambiente ter condições para licenciar ou não o projecto de construção do porto.

O procedimento é uma exigência da legislação ambiental aos projectos que, pela sua natureza, dimensão ou localização, possam causar impacto significativo no ambiente. Nelma Silva, responsável municipal do sector do ambiente, disse que a consulta pública serve também para conseguir contribuições e opiniões da população do Soyo. O responsável da área de estudo e projectos do Conselho Nacional e de Carregadores afirmou que o porto seco garante um serviço de qualidade de armazenagem e de mobilização de contentores de carga com destino a outras áreas do Soyo.

O porto seco vai receber contentores do Porto do Kuanda e de outras localidades que fazem parte da rede nacional de logística, como Malange e Luau. "Há perspectivas de se movimentar mais carga através da linha férrea, uma via bastante vantajosa", disse José Costa. O administrador

municipal, Manuel António, considerou que o projecto impulsiona o desenvolvimento.

12.9

huvas destroem casas no Bengo e desalojam centenas de famílias

Jornal de Angola
05 De Dezembro de 2012

As fortes chuvas que se abateram nos últimos tempos sobre a província do Bengo provocaram a destruição de 353 casas e desalojaram centenas de famílias. A informação foi dada à imprensa pelo comandante provincial dos Bombeiros do Bengo, Mateus Júlio Manuel Vunda, no âmbito das comemorações de mais um aniversário da corporação.

Além das casas, as chuvas, acompanhadas de fortes ventos e granizo, derrubaram árvores, destruíram instituições públicas, infra-estruturas sociais, tomaram as vias de acesso intransitáveis e inundaram campos agrícolas. Os municípios mais afectados, segundo o comandante da corporação, são Dande, Dembos, Bula Atumba, Nambuanguo e Pango Aluquem, zonas que compreendem o triângulo agrícola e que registam grandes chuvas.

Mateus Vunda disse que, de Janeiro a Novembro, os Bombeiros registaram na região 68 ocorrências, mais 11 em relação a igual período do ano passado, das quais 39 incêndios. A região do Dande lidera a lista com 34 incêndios, 25 afogamentos e 12 encarceramentos em viaturas acidentadas.

Mateus Vunda realçou que a maior parte dos incêndios foram causados por curtos circuitos, fogo posto e negligência. O comandante informou que desde Janeiro se registaram 35 afogamentos, tendo o município do Dande totalizado 14 nos rios, nove nas praias da Barra do Dande e Panguila, um no Ambriz e seis na vala de irrigação do Caxito. Desde Janeiro, o comando provincial dos Bombeiros realizou 45 inspecções e aconselhamentos para evitar acidentes por afogamentos e incêndios.

No leque de acções constam também 26 campanhas de sensibilização aos banhistas e turistas nas zonas do Ambriz, Barra do Dande,

Vala de irrigação do Caxito e ao longo do rio Dande. Mateus Vunda garantiu que foram feitos estudos nos seis municípios para criar quartéis municipais.

12.10

huvas provocam danos na via do Cuito ao Andulo

Jornal de Angola
06 De Dezembro de 2012

As fortes chuvas que se abatem sobre a província do Bié estão a degradar a estrada que liga o Cuito ao Andulo, causando danos incalculáveis às viaturas, apurou o Jornal de Angola. Automobilistas contactados pela nossa reportagem estão preocupados com as chuvas que se abatem diariamente na região, uma situação que pode provocar a interdição da via. Bartolomeu Londaca, funcionário público, disse que se a chuva continuar com a mesma intensidade, a circulação rodoviária pode ser interrompida nos próximos dias.

Isaac Chandenguele, taxista que percorre diariamente a estrada entre o Cuito e o Andulo, afirmou que está em péssimo estado, devido às chuvas. Por isso, sugere uma intervenção urgente. Maurício Rodrigues, taxista que circula na mesma rota, realçou que o estado em que se encontra a Estrada Nacional 140 é crítico: "a estrada está danificada e muitos taxistas já estão a pensar não fazer mais viagens neste troço", disse à nossa reportagem. A Estrada Nacional 140, que liga a cidade do Cuito ao Andulo, está a ser reabilitada desde 2010 numa extensão de 130 quilómetros. As obras têm sofrido várias interrupções, o que cria embaraços à circulação rodoviária. A ligação entre Cunhinga e Rio Mbuim está em péssimo estado. Até ao momento, apenas 23 quilómetros foram asfaltados. Apesar do mau estado da via, o movimento de viaturas continua a ser acentuado. A Estrada Nacional 140 permite a ligação entre as províncias do Bié, Huambo, Kwanza-Sul e Malange.

12.11

nde anda a "comissão da chuva"?

Novo Jornal
07 De Dezembro 2012

NOS MÊS PASSADO, o Governo Provincial de Luanda (GPL) criou uma comissão multisectorial, para avaliar os prejuízos causados pela chuva que tem assolado a região e encontrar formas de minimizar os estragos causados. A comissão é composta e encabeçada pelo corpo de bombeiros, por membros do governo provincial e ainda por empresas de limpeza e saneamento básico. Os técnicos, de acordo com o Governo da Província de Luanda, têm a missão de avaliar os danos causados e, no terreno, limpar o lixo que as chuvas arrastam e retirar água do interior de residências afectadas, geralmente em zonas de risco (localizadas junto a valas de drenagem). As equipas, segundo o executivo, têm ainda a missão de desobstruir as ruas mais afectadas. Porém, munícipes da periferia dizem ainda não ter sentido o trabalho da recém-criada comissão, dadas as dificuldades que vivem nos seus bairros. Importa referir que a nossa reportagem constatou que algumas obras de restauro que estavam a ser efectuadas nalgumas ruas de Luanda, no âmbito do programa de reabilitação das vias secundárias e terciárias, se encontram paralisadas e sem qualquer explicação, o que tem deixado ainda mais desesperados os populares. Palanca, Viana, Rangel Rocha Pinto, Samba, Mártires de Kifangondo, Cassenda, Sagrada Esperança e Neves Bendinhá, são alguns dos bairros e municípios que viram as suas obras encalhadas. Enquanto os Luandenses choram com as consequências das chuvas, o Instituto Nacional de Meteorologia e Geofísica (Inamet) antevê mais cargas de água para os próximos dias, o que, para muitos cidadãos, augura mais sofrimento para a população.

12.12

eca no Huambo e Bié. UE mantém apoio à população afectada

Jornal de Angola
07 De Dezembro de 2012

O chefe da Delegação da União Europeia em Angola, Javier Puyol, avalia hoje e amanhã as necessidades da população afectada pela seca nas províncias do Huambo e Bié. A visita enquadra-se na missão do Serviço de Ajuda Humanitária e Protecção Civil da União Europeia (ECHO), que está a apoiar o Executivo e as comunidades afectadas pela seca, para melhorar a segurança alimentar e responder à má nutrição.

Após uma visita ao terreno, em Agosto passado, a ECHO avaliou a situação e aprovou uma intervenção de quatro milhões de euros nas províncias mais afectadas pela estiagem. Durante a visita, estão previstos, entre outras actividades, encontros com os governadores e autoridades provinciais e locais, activistas e comunidades afectadas pela seca, para uma auscultação das necessidades locais.

Também vão ser visitados projectos apoiados pelas Organizações Não Governamentais "Visão Mundial", "Africacare", e "People in Need", e pela Organização das Nações Unidas para a Alimentação e Agricultura (FAO), que juntamente com o Executivo estão a trabalhar na emergência alimentar causada pela estiagem. Aproveitando a visita ao Bié, Javier Puyol vai avaliar o andamento do programa de desminagem. A União Europeia está a financiar com 20 milhões de euros o programa de desminagem, dos quais três milhões estão a ser utilizados nas acções de remoção de minas na província. Este programa é desenvolvido pela ONG internacional "The Halo", e tem como objectivo o apoio às comunidades mais afectadas pelas minas e outros engenhos explosivos, desenvolvendo acções conjugadas e abrangentes de desminagem humanitária. A União Europeia é actualmente o maior doador a fundo perdido de Angola e desenvolve com o Executivo um programa de cooperação plurianual (2008-2013) ao abrigo do 10º Fundo Europeu para o Desenvolvimento e do Orçamento da Comissão Europeia, num total de mais de 250 milhões de euros.

12.13

Falta de esgotos contribui para a deterioração das estradas

Novo Jornal

07 De Dezembro de 2012

BURACOS nas vias, ruas alagadas e intransitáveis, bem como a ausência de saneamento básico, completam o cenário no Sambizanga. Nos edifícios, o panorama não foge à regra, pondo em causa a saúde pública. Os moradores da rua Comandante Valódia, nos arredores da Escola do 10 Ciclo do Ensino Secundário nº 1125, bem ao lado do edifício onde funcionavam as instalações do Ministério da Comunicação Social, lamentam o estado degradante que as ruas apresentam. Para quem vem da Mutamba em direcção ao S. Paulo, a zona baptizada como "Feira Ngoma" é também usada como uma via alternativa para se chegar, com maior rapidez, aos distritos do Rangel, Sambizanga e ao município do Cazenga. O excesso de lama e os buracos, bem como as águas estagnadas, fustigam os candongueiros e os passageiros que tentem aventurar-se por aqueles caminhos. Apesar de ser um problema antigo, de acordo com os moradores entrevistados por este jornal, nos últimos dias, chuvosos, a zona apresenta maiores dificuldades para o trânsito. Paulo da Costa, estudante universitário, lembra que em cada estrada e zona de Luanda há sempre um buraco. Mas, apesar disso, não se nota a presença das empresas de manutenção das estradas a taparem os buracos. O estudante acrescenta que na via em referência existem prédios ao lado de quantidades elevadas de resíduos sólidos, complicando gravemente a saúde pública dos moradores e demais transeuntes. "Não seria assim em plena cidade capital, pois se há muitos problemas que aqui não são resolvidos, nas periferias jamais se resolvem", referiu, acreditando que, com a contribuição dos moradores e a insistência nas reclamações junto da administração, os problemas serão resolvidos. Quem não deixou de dar uma palavra fui o taxista Júlio da Silva (Dadá), que começou a trabalhar recentemente na zona, ao garantir que o dinheiro que tem sido cobrado para a taxa de circulação é muito alto e o estado das estradas não o justifica. Dadá reconheceu também que pouco se tem feito, no que se refere à qualidade de vida e na melhoria do bem-estar social dos cidadãos. Por outro lado, Donga Simão, morador do Cazenga e funcionário de uma empresa naquele município, foi-nos dizendo que esta zona regista uma ligeira melhoria, mas apenas uma estrada foi reabilitada e está já bloqueada. "As demais vias estão lastimáveis. Gostaríamos de ver a presença da administradora Mara Baptista para solucionar o problema", afirmou, acrescentando

que mesmo sem as chuvas já havia problemas de esgotos. Desde a Avenida Brasil até ao início da rua dos Combatentes, foi feita uma intervenção de reabilitação, mas a partir da escola 147 para diante, ao Senado da Câmara, a estrada está péssima porque não sofreu qualquer melhoria, o que vai contribuir para que a via reparada se deteriore de forma rápida.

12.14

inda a chuva em Luanda

Folha 8

08 De Dezembro de 2012

O Vice-governador para a área técnica do Governo Provincial de Luanda foi aos locais mais críticos constatar aquilo que os moradores conhecem há décadas. O Zango, é um dos muitos maus exemplos de uma centralidade implantada para as populações viverem, onde cerca de vinte casas construídas num declive vão ter que ir abaixo, em consequência destas chuvadas. Ora aqui temos mais um exemplo a juntar a tantas obras concluídas à pressa e no afã de poderem ser inauguradas em tempo que permita propaganda eficaz do regime. Construíram-se casas “à toa” sem garantir a segurança dos moradores. E o dinheiro dos contribuintes foi delapidado e desbaratado para construir casebres que pudessem servir de moradia e agora também irá servir para destruir as mesmas casas, sem a responsabilização de quem as mandou erguer naquele sítio. E assim vai a Gestão Urbana da capital Angolana sob a orientação do Chefe do Executivo que quer inaugurar e inaugurar vezes sem conta, sem atender à qualidade das obras e sem as mesmas satisfazerem as necessidades de habitação dos Angolanos. Como canta um músico Angolano, isto está malé, malé!

12.15

s costas largas da chuva

Folha 8

08 de Dezembro de 2012

A chuva este ano veio cedo e destapou muita careca, a pontos de ter suscitado comentários que pouco o nada tinham a ver com a sua persistente e pertinente descoberta das mesmas. Aqui vai uma dessas críticas, pescada no facebook. «As nossas críticas contra o grupinho que desgoverna Angola,

encabeçado pelo Sr. JES, são um acto de coragem e patriotismo impar. E verdade que a chuva é obra da natureza. Mas também é verdade que já houve tempo, possibilidades e oportunidade de transformarem Luanda numa verdadeira cidade, evitando o que vimos na semana passada ata nas barbas do palácio e no interior do BNA, para além de mais ... Não seria esse o momento para homens como o Dr. Bornito de Sousa e outros, que têm fingido defender o indefensável, aproveitarem para DEMITIR-SE) E com coragem admitir que estão fartos de ser mal dirigido e obrigados a se comportarem como crianças Por amor de Angola e pela vossa honra, precisa de reconsiderar muita maldade que defendeu até aqui no facebook' Coragem Sr. Dr., DE UM PASSO EM FRENTE uma vez Estou ansioso na vossa reacção Sr. Ministro Sérgio Conceição. Inês Prata, Ana Margoso, Julumba Julumba Adão. Incitar o Dr. Bornito de Sousa a demissionar por causa da chuva? Não haverá motivos muito mais graves do que esse?

12.16

ombe Grande. Todos furiosos

Jornal A Capital

08 De Dezembro de 2012

Fernando Monteiro, agricultor, tem razões mais do que suficientes para fazer contas à vida. Assustado com as cheias no rio Copo rolo, diz estar a rever de forma bem «mais dramática» um filme vivido em 2010. «Queremos uma intervenção responsável, feita por Engenheiros dignos dessa designação, não por nós, camponeses e agricultores ou sobas», apelou. Nando Monteiro diz que a sua fazenda deixou de agricultar 500 hectares, agora transformados em terrenos arenosos, o que representa perdas de enormes quantidades de tomate, repolho e pimento. «Mesmo sem tecnologia naquele tempo, conseguíamos desviar rios e fazer barragens e pontes. Onde estão os Engenheiros formados fora do país?», questionou o homem do campo.

Convicto de que o camponês gosta de trabalhar, disse que não pretende voltar a ver o Governo a fazer doações de alimentos, tal como acontecia no passado para esquecer. Visivelmente agastado, o agricultor lamenta o facto de nem mesmo a Direcção da Agricultura tem dados concretos sobre os prejuízos causados pelas cheias ao longo

D

deste ano. «Não quero imaginar o que será em Fevereiro e em Março», salientou, pouco antes de ter aventado a hipótese do fim da actividade agrícola no maior pólo de produção de tomate do país.

Joaquim Kativa, outro agricultor, começa por explicar que viu partir 30 hectares, tendo perdido tomate, pimento e repolho. «Só fiz a primeira apanha, uma vez que houve deficiência e um mau trabalho em 2010. O cenário repete-se, apesar de terem sido alertados os que lá estiveram, entre eles dirigentes», apontou. Sem muitos comentários, Eduardo Major refere que, ao contrário dos discursos quase que ensurdecadores de há pouco tempo, o «mais importante não está a se resolver, os problemas do povo». Ele conta que perdeu, para além do tomate, pimento, repolho e milho, motores arrastados pela fúria das águas. «Foi tudo brincadeira de mau gosto», atira.

12.17

quem interessa o trabalho paliativo

Jornal A Capital
08 De Dezembro de 2012

Estamos em 2012, ano de avisos à navegação. Um camião e um caterpillar são vistos a realizar trabalhos no terreno, após um levantamento feito por agricultores e o vice-governador Henrique Calengue. «Não sei de que empresa são os tais meios, não tinham timbres. Até pareceu um biscate», informa Nando Monteiro, que diz não perceber as razões que levaram o Governo a dar «nega» ao empresário - cujo nome preferiu não avançar - que se propôs levar a cabo uma acção digna de realce.

Aqui chegado, quis saber quanto recebeu esta empresa «fantasma» que nada fez e, mais grave ainda, ofuscou a firma com pessoal e meios para minimizar. «Foi ignorada porque não tinha comissão neste negócio?», voltou a questionar, para mais adiante avisar que não quer ser obrigado a perder a confiança no Governo que constituiu a sua aposta em Agosto deste ano.

Alvo de muitas críticas, Eng. Henrique Calengue afirmou que as alegações de empresa «fantasma» surgem de sectores bem identificados, normalmente movidos pelo espírito de má fé.

«Não houve qualquer intervenção à jusante do rio. Houve, isto sim, uma tentativa dentro dos esforços do Governo Provincial, que agora está a ser mal interpretada-justificou.

O governante aproveitou a ocasião para esclarecer que a operação de emergência a que se referiu, marcada para o 1º trimestre de 2013, antes da definitiva, prevê 500 metros de diques de protecção a jusante do Coporolo. «Estamos a falar num valor que pode chegar a 5 milhões de dólares», informou o vice-governador para a área Técnica e de Infra-estruturas, certo de que a emergência atingirá 10% dos 38 em falta.

No cômputo geral (Coporolo, Cavaco e Catumbela), este programa absorveu já USD 150 milhões, valor que permitiu chegar a 62 por cento, contando com a colocação de diques de protecção ao longo das margens e o desassoreamento. «Há, como indicam os números, uma atenção especial da parte das autoridades», finalizou.

A

12.18

controlo das mudanças climáticas mais eficaz com apoio internacional

Jornal de Angola
23 De Dezembro de 2012

O Executivo de Angola trabalha em parceria com a Alemanha, Africa do Sul, Botswana, Zâmbia e Namíbia, para instalar no país um centro de investigação científica e serviços contra as alterações climáticas e do solo, anunciou em Luanda a ministra da Ciência e Tecnologia, Maria Cândida Teixeira. Segundo Maria Cândida Teixeira, que falava à imprensa, o Executivo pretende igualmente criar em Angola um centro científico, para ser gerido pela Universidade Agostinho Neto, em parceria com a Universidade de New Castle (Inglaterra) e pelo Instituto Planeta Terra, sedado em Londres (Inglaterra). A ministra da Ciência e Tecnologia destacou o aumento dos níveis de investigação científica nas universidades e outras instituições, bem como o desenvolvimento da interacção entre estas e o sector privado no domínio da pesquisa. Maria Cândida Teixeira indicou que o país, através do Ministério da Ciência e Tecnologia, integrou este ano o grupo técnico da Comunidade

C

de Desenvolvimento da África Austral (SADC), que preparou uma proposta de um plano de acção que visa estimular a inserção de mulheres nas diversas actividades relacionadas com a ciência, engenharia e tecnologia nos Estados membros da associação regional.

12.19

ortes chuvas anunciam boas colheitas

Jornal de Angola

09 De Dezembro de 2012

As Intensas chuvas que se abatem sobre os municípios da província do Kwanza-Sul prometem óptimas colheitas no ano agrícola 2012/2013, revelou o director provincial da Agricultura, Pedro Lambuazau. Em declarações ao *Jornal de Angola*, informou que estão disponíveis 100 toneladas de semente de milho, cinco de feijão, cinco de massambala e cinco de massango.

Na campanha estão envolvidas 199.704 famílias, filiadas na União Nacional dos Camponeses Angolanos (UNACA) e apoiadas pelo Instituto de Desenvolvimento Agrícola (IDA), disse Pedro Lambuazau. Para esta campanha a província tem mais 15 tractores que vieram reforçar a capacidade da Empresa de Mecanização Agrícola, Mecanagro, na preparação dos terrenos para o cultivo.

"Neste ano agrícola temos preparados 556.214 hectares do sector camponês e 49.764 hectares do ramo empresarial", disse o director da Agricultura, acrescentando que para o Kwanza-Sul foram enviadas 300 toneladas de adubo, 150 toneladas de sulfato de amónio, 400 charruas e três mil catanas. Dos 3.172 agricultores registados na província do Kwanza-Sul, apenas 1.110 exercem com regularidade a sua actividade.

O director Pedro Luambuazau está preocupado com as dificuldades de escoamento da produção para os grandes centros devido à falta de transporte: "as famílias camponesas, para escoar a sua produção para Luanda ou outros mercados alugam viaturas, o que é bastante oneroso". Reconheceu que, apesar da criação, o ano passado, de um entreposto comercial na Gabela, o aluguer de viaturas ainda prevalece, especialmente para os agricultores que têm as suas propriedades em áreas

longínquas. Em consequência da prolongada seca que afectou a província o ano passado, os camponeses enfrentam sérias dificuldades para pagar o crédito agrícola, segundo o director provincial da agricultura, que garante medidas para se reverter o quadro.

12.20

huvas fazem estragos na Huíla

Novo Jornal

14 De Dezembro 2012

AS CHUVAS que se abateram nos últimos dois meses na província da HUÍla provocaram o desalojamento de 1.314 pessoas e o desabamento de 219 residências nos municípios de Cacula, Quilengues, Caconda, Matala e Lubango, informou o porta-voz do Serviço de Protecção Civil e Bombeiros, Emanuel Castro. Os estragos atingiram maiores proporções em algumas localidades do interior, como em Ouilengues, onde 195 casas desabaram e igual número de famílias ficaram desalojadas, seguido pelo município do Lubango, com 14 residências destruídas e o município da Matala, com quatro casas caídas e a morte de dois menores por descargas eléctricas. Emanuel Castro, apesar de reconhecer o infortúnio, esclareceu que a situação está sob controlo dos Serviços de Protecção Civil e Bombeiros, que contam no seu efectivo com, 246 homens e meios técnicos para contrapor qualquer eventualidade decorrente das fortes chuvas registadas nos últimos dias na província da Huíla. ' A diminuição de zonas em situação de risco na cidade do Lubango, muito por força do programa de requalificação da capital da Huíla, iniciado em 2010 pelo anterior governador, Isaac dos Anjos, e que tem garantias de continuidade do actual gestor, João Marcelino Tchippingui, terá contribuído para o efeito, sugeriu Emanuel Castro. A situação das chuvas e seus efeitos nefastos sobre a população esteve no centro de um encontro, que juntou na sede do governo local a subcomissão provincial intersectorial de protecção civil. A reunião serviu para avaliar a realidade actual e traçar estratégias de apoio às famílias afectadas, sobretudo pelas inundações, que varreram algumas localidades do interior da província da Huíla.

C

12.21

ornecimento de energia vai melhorar mas desafogo mesmo só depois de 2017

Agora

15 De Dezembro de 2012

O que é necessário, como nos asseguraram, é que chova e muito lá mais para o interior, e acreditam que até Abril, "com as chuvas mil" a situação conhecerá profundas melhorias. Só no período de estiagem, perderam-se cerca de 10 metros de altura na albufeira, a contar da parte superior da barragem, o que significa a escassez de milhões de litros de água. Não lembrava ao diabo na "flor" dos meus entas e picos anos, sair às 4h30 de uma redacção depois do desgaste do fecho da edição, e numa sexta-feira, pelas 5 horas, entrar numa viatura para fazer uma longa viagem, mesmo não indo ao volante, que me levou primeiro a Laúca e depois a Capanda, em Malange, num périplo de quase 400 quilómetros que no dia seguinte terminou em Cambambe, no Alto Dondo, Província do Kwanza Norte. Mas o convite do Ministério, formulado com alguma antecedência por via do Mariano de Almeida, justificava. E as expectativas não foram goradas, quando já a saída de Viana, no local de concentração, reviu antigos colegas de profissão, mas também quadros do Sector da Energia e Águas, como o engenheiro Marinho, Director Geral da ENE, com quem faz muitos anos não convivia, nem de perto nem de longe. O objectivo, como foi amplamente divulgado ao longo da semana, era o conhecimento dos esforços que têm sido realizados pelo Executivo no domínio da geração da energia hídrica, para debelar quer a crise que se vive, quer para aumento da oferta por via da construção de novos centros ao longo do rio (Médio) Kwanza, como está a decorrer na região de Laúca, ou da capacidade onde já existem empreendimentos, como é o caso de Cambambe. Sem mais delongas, o que se viu foi que, efectivamente, há muito trabalho realizado e muito mais pela frente para que, pelo menos lá para 2017, ou seja daqui há cinco anos, possamos conhecer algum desafogo. Por enquanto, como disse meio a brincar meio a sério o Reginaldo Silva, nem que importássemos o "mijo" de todos os chineses depois de uma boa bebedeira de cerveja, não há muito que fazer, pelo menos no

que toca as barragens, porque o que Capanda - como principal unidade reguladora do caudal do rio Kwanza, o maior do país, com 960 quilómetros de extensão, que depois abastece Cambambe - necessita mesmo, é que chova muito lá para o interior, para que a albufeira consiga atingir os níveis anteriores (950). Ou seja: bem para uns, desgraça para outros, aqueles que, regra geral, veem as suas culturas e casas arrastadas pelas torrentes de água, que na nossa ânsia e egoísmo de cidadãos, não são tidos nem achados. "Queremos é luz" - gritamos com a boca toda aberta. E em Malange, a chuva causa sempre arrepios, porque é sempre acompanhada de trovões e relâmpagos. A mim por exemplo, que vi com esses olhos que a terra há-de comer um dia (e que não seja para já) lá no bairro da Maxinde, um raio cortar uma cubata ao meio, deixando para trás um cheiro extremamente forte de enxofre ou pólvora, e avultados danos materiais para os humildes ocupantes do casebre. "É feitiço" - gritaram em uníssono os vizinhos. Mas não era... Integrando uma longa caravana encabeçada pelo Ministro da Energia e Águas, João Baptista Borges, calcorreamos a estrada primeiro de ligação ao Bengo, que apresenta já profundos sinais de desgaste, e depois em direcção a Capanda, num saudável e bem sinalizado tapete - que necessita apenas de mais vinte quilómetros para término da empreitada - que nos conduziu ao estaleiro e depois à zona onde decorrem os trabalhos de escavação à céu aberto, da encosta do morro rochoso onde será erguida a barragem do Aproveitamento Hidroeléctrico de Laúca. Os trabalhos avançam num ritmo acelerado e segundo Elias Daniel, engenheiro angolano director do projecto, o volume de escavação executado já atingiu os 77.910,5 m³ de matéria rochosa depositada no leito do rio, para desvio e construção da barragem. Laúca está a jusante de Capanda e faz parte da revisão dos estudos da cascata do Médio Kwanza, feito já no período colonial, a que seguirá Caculo Cabassa, que entrará em execução já no próximo ano. A meta é que estes centros de produção tenham, até 2017, capacidade instalada para geração de 5000 MW, de uma estimativa de 6200 e forneçam energia para o norte e para o centro do país, beneficiando mais de 8 milhões de famílias. O Aproveitamento Hidroeléctrico de Laúca terá capacidade para gerar 2.067 MW de energia, ou seja, quatro vezes mais do que Capanda. O projecto será executado num prazo de cinco anos e oito meses, e pode gerar

3.500 Oportunidades de trabalho directas, segundo os responsáveis pela implementação da obra. A primeira fase da construção foi iniciada em Julho e deverá estar concluída em Fevereiro de 2014. Neste momento decorrem os trabalhos de desvio do leito do rio, acção que compreende a escavação de dois túneis na margem direita.

A desolação em Capanda

A etapa seguinte da visita do grupo foi a vila de Capanda. E vieram-nos recordações de uma fase Longínqua de realização dos primeiros estudos e implantação de estaleiros, na sequência de aturadas negociações com o Brasil e a então União Soviética dirigidas pelo falecido Ministro Pedro de Castro Van-Dúnem "Loy". A sua construção esteve sempre rodeada de grande polémica, porque incluindo o Banco Mundial, grande parte das instituições achava que não era investimento necessário naquela altura, justificação baseada no baixo consumo, principalmente de Luanda. Com vários constrangimentos e condicionada também pelos ataques e ocupação de forças da UNITA, o investimento acabou por justificar a sua importância, até porque, com o crescimento dos principais centros de consumo, acabou até por ser ultrapassada. A barragem tem 110 metros de altura, o equivalente a um edifício de 36 andares. Com duas turbinas que geravam 260 MW forneceu inicialmente energia para a região norte. Na segunda fase do projecto, com mais duas turbinas, passou a gerar 520 MW. Além da própria obra, o grande desafio foi construí-la num período em que o conflito armado conheceu intensificação. E com saudade recordamo-nos de uma das muitas vítimas, o nosso amigo piloto Franco, desaparecido até hoje quando fazia a ligação entre Luanda e Capanda. Apesar de continuar a manter a sua beleza, ornamentada agora com o renascer da vegetação verde que regressou com as chuvas, como resultado da estiagem e consequente falta de água na albufeira e de uma intervenção de emergência na barragem, está a produzir apenas 85 megawatts dos 120 possíveis, o que representa 17% da capacidade. No local, o engenheiro Eurico Ferreira, Director Geral do Gabinete de Aproveitamento do Médio Kwanza, um quadro antigo do sector que conhecemos como Director Regional da ENE em Benguela, acompanhado de um grupo de técnicos da nova geração, mostrou-nos o quadro desolador provocado pela estiagem. De acordo com

explicações dadas e pelo que foi visualizado mesmo apesar de estar a chover no interior, o reservatório (albufeira) ainda está no seu nível mais baixo. Só nesse período perderam-se cerca de 10 metros de altura a contar da parte superior da barragem, o que significa a escassez de milhões de litros. As contas por lá fazem-se por níveis e para estar cheio, o reservatório necessita de encher até aos 950. A perspectiva é animadora e o Ministro recebeu garantias de que a geração de energia poderá conhecer melhorias ainda antes da quadra festiva, porque apesar da pouca água que vai chegando, há de facto alguma subida no caudal e a todos os níveis tudo está operacional para que se reponham os níveis de produção de energia, num processo gradual e seguro. O que é necessário, como nos asseguraram, é que chova e muito lá mais para o interior, e acreditam que até Abril, "com as chuvas mil" a situação conhecerá profundas melhorias. Construção de Cambambe 2 Situada a 200 quilómetros de Luanda, Cambambe é o último aproveitamento hidroeléctrico do rio Kwanza, antes da foz na Barra do Kwanza. Inaugurada a 6 de Outubro de 1960 pelo então Presidente da República Portuguesa, Almirante Américo de Deus Rodrigues Thomaz, Cambambe começou a ser construída em 1958. Em 2009 começou a ser alvo de profunda reabilitação, cujos trabalhos deverão estar concluídos ainda este ano, garantindo-se uma geração de 180 MW. Cambambe é gerida pela ENE e guiados por uma "peça" da sua própria história, o engenheiro Ferreirinha Borges, fomos informados e confirmamos numa longa e pormenorizada visita, que decorrem trabalhos de alteamento da barragem em mais 30 metros, que elevará a geração da central 1 em 80 MW adicionais mas também a construção de uma segunda central, que produzira mais 700 MW. A perspectiva é que em 2015, quando todas as obras estejam concluídas, Cambambe terá capacidade para gerar .960 MW de energia, interligada aos sistemas norte e centro. A grande vantagem desse aproveitamento, é que beneficiará as albufeiras de Capanda e Laúca, incrementando a geração de energia. Para além da visualização das obras de alteamento da barragem, o grupo de visitantes percorreu demoradamente casas de máquinas, novos túneis e áreas à superfície de construção de Cambambe 2. A conclusão a que se pode chegar é que, o Executivo está efectivamente a trabalhar para satisfação das necessidades de consumo, quer com sistemas hidroeléctricos quer de geração

térmica, não só para o principal centro de consumo que é Luanda, mas, igualmente para outras regiões do país, como foi recentemente o caso do Gove, no Huambo, onde foi instalada uma central hidroeléctrica com três turbinas, com capacidade total para gerar 60 MW. Esse trabalho tem sido complementado com a instalação de linhas de transmissão e distribuição que permitirá contemplar quase todo o país. Aliás, segundo o Ministro João Baptista Borges, estes três projectos visitados avaliados em vários biliões de dólares, sustentarão o crescimento das necessidades energéticas do país, reunindo mais de 5 mil MW de potência. É, como refere a própria propaganda promocional do Executivo: "o país está a crescer". Neste momento, há disponibilidade para 1200 MW de capacidade, indicadores que apontam para o dobro do que havia em 2002. Por outro lado, há uma geração de quadros novos que está a ser formado para garantir o normal funcionamento desses centros que têm sido, importantes centros de formação para outros que estão em fase de construção, como por exemplo Laúca. Igualmente par técnicos estrangeiros, como vimos na escavação dos túneis de Cambambe 2, os mesmos que depois farão o mesmo trabalho nessa empreitada

12.22

inda falta muita água

Semanário Angolense

15 De dezembro de 2012

Embora já tenha começado a chover com alguma intensidade, a barragem de Capanda necessita ainda de muita água para voltar a atingir o nível normal da sua produção de energia, que é de 520 megawatts. «Não é com uma semana de chuvas que se eleva o nível da albufeira de Capanda», disse à imprensa o engenheiro Manuel Quintino, director nacional dos recursos hídricos, para adiantar que só se deverá chegar ao normal dentro de cinco meses, caso a natureza não pregue nenhuma partida. Ou seja, é preciso que continue a chover. A albufeira de Capanda tem uma área de 172 quilómetros quadrados, estando coberta neste momento em pouco mais de um terço da sua capacidade, devido à estiagem que «assolou» o país, tendo isto influenciado grandemente a sua produção. Contudo, ao que soube o Semanário Angolense durante a visita de uma delegação

ministerial do sector, na semana passada, as últimas chuvas que se abateram sobre a região permitiram um ligeiro aumento do nível da água na albufeira da represa, o que possibilitou alguma recuperação na produção de energia eléctrica, embora não o seja já nas quantidades ideais. Segundo a nossa fonte, a situação agora é bem melhor do que há algumas semanas atrás, pelo que é possível que boa parte da cidade de Luanda consiga estabilizar-se em termos de recebimento de energia eléctrica nessa quadra festiva, sendo esta, aliás, uma das grandes preocupações do momento. O chefe de operação da barragem, Félix Carvalho, garantiu (que «Capanda» vai passar a produzir, dentro de dias, entre 315 e 330 megawatts de energia, contra os actuais 285 megawatts. O «operativo» do aproveitamento hidroeléctrico malangino disse ainda que se vai adoptar uma estratégia de gestão da água da albufeira, cujo nível tem estado a subir à razão de um metro a cada três ou quatro dias, para a produção de mais energia. «Neste momento, temos a al-bufeira com um nível de 927,33 metros e esperamos ter, entre os dias 20 e 22 de Dezembro, 932 metros, um número que nos vai servir para aumentar a produção energética», assegurou Félix Carvalho. Informou ainda que é necessário que a água na alburfeira atinja os 950 metros para que as quatro turbinas tenham condições de trabalhar na capacidade máxima, para que possam produzir 130 megawatts cada uma. Iniciada em 1984, a construção da central hidroeléctrica de Capanda demorou perto de 20 anos, devido às paralisações decorrentes do conflito armado que o país viveu até 2002. Sob responsabilidade do Gamek (Gabinete de Aproveitamento do Médio Kwanza) foi construída por um consórcio liderado pela empresa russa Technopro-moexport, com o concurso dos brasileiros da Odebrecht, no que seria o seu primeiro grande projecto em Angola.

12.23

olícias angolana e namibiana vão efectuar patrulhamento conjunto

Seminário Angolense

15 De Dezembro 2012

A 7ª reunião do Comité Técnico entre a porvincia do Namibe e a Região do Cunene/Namíbia, cujo objectivo foi balancear as

actividades desenvolvidas desde a 6^a reunião realizada na cidade de Opuwo, Região do Kunene República da Namíbia, procedeu à avaliação da situação de segurança ao longo da fronteira comum com aquele país vizinho, onde as relações da boa vizinha tem proporcionado um ambiente favorável à vida das comunidades residentes ao longo da fronteira em ambas as partes. O governador do Namibe, Isaac Francisco Maria dos Anjos, que fez as honras da casa, depois de ter visitado demorada mente os postos fronteiriços da Garota Nova e do Montenegro, município do Tombwa, além de ter agradecido o empenho do seu homólogo namibiano, Ioshua Hoebeb, pela forma como tem correspondido na solução dos problemas da população na região Kunene, defendeu a necessidade de se traçar e imprimir uma nova dinâmica que permita prevenir e combater os crimes transfronteiriços, com realce para os crimes de furto e roubo de viaturas, gado, imigração ilegal, tráfico ilícito de drogas, armas de fogo e pedras preciosas. A criação de estratégia que permita aos turistas viajarem e desfrutarem à vontade das belezas naturais que encantam a província e diminuir a carga psicológica de acompanhamento, foram, entre outras, as preocupações manifestadas pelo governador do Namibe. Isaac dos Anjos em jeito de resposta ao caso de falta de condições de trabalho e acomodação do efectivo em serviço na fronteira com a Namíbia, assegurou que consta no programa de investimentos públicos, prescritos para o ano económico 2013 a melhoria das condições e acomodação das forças policiais destacadas ao longo da fronteira com a República da Namíbia. O comissário António Pedro Kandela, delegado do Ministério do Interior, comandante provincial da Polícia Nacional do Namibe e nas vestes de presidente do Comité Técnico, e o comissário Mandume Filimone Paulus Shifonono, comandante da Região do Kunene/Namibia, renovaram o compromisso de tudo fazer a bem das comunidades que vivem ao longo da fronteira comum e dos dois países irmãos.

Sem actos ilícitos

Quanto ao balanço das actividades desenvolvidas desde a 6^a reunião até a presente data, constatou-se que, relativamente ao furto e roubo de viaturas, durante o período em balanço, não se registou qualquer caso do género, fruto do empenho e

entrega dos efectivos de ambos os países, mas, recomendou-se aos órgãos de especialidade que continuem a realizar troca de informações de interesse policial neste domínio. Quanto ao furto e roubo de gado, a reunião manifestou a sua satisfação, por não ter tomado conhecimento de ocorrência de crimes desta natureza. Porém, constitui preocupação a saída de gado no território angolano para a República da Namíbia, de forma ilegal, a partir das fronteiras do Monte Negro e Tchavaia/Iona, tendo-se recomendado a colocação de especialistas de veterinária a fim de fiscalizar e regular o exercício desta actividade. No domínio da imigração ilegal, a reunião concluiu igualmente que não se registou nenhum caso, contudo, recomendou aos respectivos especialistas que prossigam com o trabalho de sensibilização dos cidadãos residentes ao longo da fronteira comum, com vista ao desencorajamento deste fenómeno. Sobre o Tráfico Ilícito de drogas, pedras preciosas e armas de fogo, não se tomou conhecimento de qualquer caso do género que merecesse intervenção policial, contudo, foi recomendado aos órgãos de Investigação Criminal e Guarda de Fronteira de Angola e a Namíbia que mantenham a troca de informações neste domínio. O Comité constatou, com preocupação, o movimento significativo de cidadãos de ambos os países ao longo da fronteira fluvial do Monte Negro, tendo recomendado ao Serviço de Migração e Estrangeiros que coloque especialistas na referida área para regular a actividade, tendo de igual modo aprovado um passe de travessia, que deverá ser implementado. O comité técnico concluiu que não se registou nenhum caso de violação de fronteiras, com excepção na Tchavaia, onde não existem autoridades policiais de nenhum dos países, tendo para o efeito recomendado que se proceda a estudos que visem suprir a situação com a colocação de efectivos da Polícia de Guarda Fronteiras de ambos países, com vista a inviabilizar entradas e saídas de cidadãos estrangeiros. O abate clandestino de árvores mereceu igualmente tratamento neste fórum, apesar de não se ter registado qualquer caso concreto, recomendando o Comité Técnico aos órgãos intervenientes que prossigam com os programas de sensibilização à população, com vista a preservar a arborização ao longo da fronteira comum. Constatou-se que, devido à ausência de entidades aduaneiras, nestas localidades, não se efectua comércio de grande monta ou seja, não se procede ao comércio

transfronteiriço em grande escala, por falta de entidades aduaneiras em ambas partes, primando as comunidades pelo comércio de subsistência. O Comité Técnico manifestou a sua satisfação pelas boas relações de cooperação existentes entre ambas as partes, tendo recomendado a realização de patrulhamentos conjuntos ao longo da fronteira comum, em função da aproximação da Quadra Festiva (o Natal e a passagem do ano de 2012/2013). O furto e roubo de viaturas, de gado, implementação de guias de circulação de gado, o tráfico ilícito de drogas e pedras preciosas, o tráfico de armas de fogo, imigração ilegal, implementação de cartões de residentes ao longo da fronteira, a manutenção da inviolabilidade da fronteira estatal, fuga e contrabando de mercadorias, a caça furtiva, comércio transfronteiriço e a cooperação policial ao longo da fronteira, foram os pontos mais candentes.

12.24

fectivos reforçam acções contra desastres naturais

Jornal de Angola
18 De Dezembro 2012

O secretário de Estado do Interior, Eugénio Laborinho, incentivou, em Benguela, os efectivos a fortalecerem a capacidade de resposta das acções preventivas de desastres e catástrofes naturais. Eugénio Laborinho disse aos jornalista, no final de um seminário regional, que a Comissão Nacional de Protecção Civil está cada vez mais empenhada no estabelecimento do sistema de protecção, cujas acções estão essencialmente viradas para os municípios, comunas e aldeias. Ao discursar na cerimónia de encerramento do seminário regional sobre o fortalecimento das capacidades das comissões provinciais e municipais de protecção civil, o secretário de Estado disse que a reunião permitira consolidar as capacidades de prevenir riscos.

Preparação

Os efectivos, anunciou, vão renovar as competências na análise de risco e transmitir uma série de conhecimentos às populações de forma a estarem preparadas para lidar desastres. As mudanças climáticas que se registam no planeta, referiu, têm provocado o aumento de desastres naturais, que "atingem em especial as populações

mais carentes" que face "ao grande crescimento urbano" procuram "localidades mais vulneráveis" para a construção de casas, o que as expõe aos efeitos das calamidades naturais. No seminário participaram 50 efectivos do Ministério do Interior e administradores municipais das províncias de Malange, Moxico, Lunda-Norte e Lunda-Sul. O Ministério do Interior tem reforçado as acções de formação dos efectivos do Corpo Nacional de Bombeiros para estarem à altura dos desafios de protecção civil.

12.25

huva seca depósito de água

Folha 8

22 De Dezembro de 2012

Correria para marcação de lugar privilegiado, em longas bichas são de exercício de aquecimento das mãs e jovens em bairros periféricos da capital. Lutam para conseguirem água para o consumo doméstico. O sacrilégio em questão ocorre por a chuva que ultimamente caiu sobre Luanda ter inviabilizado o acesso das cisternas às fontes de abastecimento do precioso líquido. As chuvas causaram lama suficiente para obstaculizar a movimentação das cisternas abastecedoras dos tanques de água dos quintais dos moradores dos bairros, acabado com a banga dos munícipes com reservatórios de 10, 12 e até mesmo 25 mil litros.

Sequencialmente, os moradores que há dias sentiam vaidosos porque não precisavam de comprar água em bidons de 25 litros tiveram de fazer a marcha atrás. Para conseguirem acarretar água de consumo doméstico passaram madrugar para serem primeiros nas toneiras tais como os outros moradores. Em resmungos a clientela que padece vítima da escassez de cisternas de água dizem mal do sofrimento que experimentam em mês que o Povo gosta de ver passar sem se estressar para unicamente limitar-se a desejar e a agradecer votos de Festas Felizes! É caso para se dizer que os habitantes de Luanda não têm razões para gostar da chuva que sempre que se abate sobre a capital desestabiliza moral, psicológica, material e financeiramente os seus habitantes que fazem trinta por uma linha para conduzir em terreno encharcado e enlameado. Provoca o aumento do preços dos transportes e, agora, provoca seca.

12.26

controlo das mudanças climáticas mais eficaz com apoio internacional

Jornal de Angola

23 De Dezembro de 2012

O Executivo de Angola trabalha em parceria com a Alemanha, África do Sul, Botswana, Zâmbia e Namíbia, para instalar no país um centro de investigação científica e serviços contra as alterações climáticas e do solo, anunciou em Luanda a ministra da Ciência e Tecnologia, Maria Cândida Teixeira. Segundo Maria Cândida Teixeira, que falava à imprensa, o Executivo pretende igualmente criar em Angola um centro científico, para ser gerido pela Universidade Agostinho Neto, em parceria com a Universidade de New Castle (Inglaterra) e pelo Instituto Planeta Terra, sedado em Londres (Inglaterra). A ministra da Ciência e Tecnologia destacou o aumento dos níveis de investigação científica nas universidades e outras instituições, bem como o desenvolvimento da interação entre estas e o sector privado no domínio da pesquisa. Maria Cândida Teixeira indicou que o país, através do Ministério da Ciência e Tecnologia, integrou este ano o grupo técnico da Comunidade de Desenvolvimento da África Austral (SADC), que preparou uma proposta de um plano de acção que visa estimular a inserção de mulheres nas diversas actividades relacionadas com a ciência, engenharia e tecnologia nos Estados membros da associação regional.

12.27

Luanda trava ameaças de inundação

Jornal de Angola

31 de dezembro de 2012

Os luandenses que vivem junto à lagoa de São Pedro, no Cazenga, sentem-se agora aliviados, já que a vala do Suroca, recentemente reabilitada, vai impedir que a água invada as casas. Antes das obras, quando chegava o período das chuvas os moradores eram obrigados a abandonar as suas casas, temendo que a água da lagoa de São Pedro transbordasse. Nas áreas contíguas, a maior parte das moradias acabava por ser inundada, pelo que a

existência de um canal era inevitável. Hoje, o cenário é diferente. As crianças brincam no espaço antes inundado. A vala de drenagem do Suroca, cuja reabilitação arrancou em 2007, tem como objectivo melhorar o saneamento básico do Cazenga, Lixeira, Boavista e Sambizanga. A vala tem quatro metros de profundidade, está entre a Avenida Ngola Kiluange e a via expressa Luanda/Kifangondo. Começa na Lagoa de São Pedro e termina na Lagoa Velha, também conhecida por Suroca Velha, nas imediações da Cadeia Central de Luanda, no Sambizanga. Estruturas de betão Outra vala de drenagem concluída é a do Rio Seco, na Maianga, que recebeu redes de protecção, pintura e substituição de manilhas.

Uma nova vala de drenagem subterrânea para o escoamento das águas pluviais do bairro Benfica, ao longo da estrada do Futungo, foi construída para garantir a longevidade da via e o saneamento básico da zona. A estrutura de betão corta a via que liga o Futungo ao Benfica e tem um diâmetro entre os quatro e seis metros e uma profundidade de 3,8 metros, desembocando no Oceano Atlântico. A vala faz parte de um programa de reabilitação e ampliação da via que liga Luanda às províncias do Centro e Sul do país. Em 2012, a vala do Cariango também foi alvo de recuperação, para a qual foi necessária a demolição de moradias e de estabelecimentos comerciais nas zonas do Tala Hady e do Cavalo Branco. Com o trabalho de engenharia executado, parte do 'problema que surge na época das chuvas fica resolvido no Tala Hady. A estrutura de betão, com três quilómetros de extensão, vai levar as águas do Cazenga até à vala de Senado da Câmara, ligação que deu origem ao "rio Cambamba" que termina no Oceano Atlântico, na zona do Benfica.

Senado da Câmara A vala de Senado da Câmara está em recuperação, mas o trabalho está paralisado há já algum tempo na zona que separa o Cassequel do Buraco do bairro Havemos de Voltar, também conhecido por Bairro Malangino. A vala de Senado da Câmara é um canal importante pela sua extensão e pela quantidade de água que recebe dos bairros Rangel, Marçal, Nelito Soares, Vila Alice, Calemba, Cassequel, Havemos de Voltar, Mártires de Kifangondo e do Aeroporto 4 de Fevereiro. Apesar de ainda estar em execução, a vala da Senado da Câmara já funciona, evacuando as águas residuais. Na zona

da Samba estão concluídas sete valas que transportam as águas pluviais e residuais, desde o Prenda ao Rocha Pinto para o mar. Há quatro anos, durante a época das chuvas, a circulação ficava cortada, em consequência do volume de terra arrastada pelas enxurradas. Em Novembro último, o vice-governador de Luanda para Área Técnica, António Resende, anunciou a construção de valas de drenagem no distrito urbano do Rangel. António Resende anunciou ainda a criação de uma bacia provisória de retenção de água no Zango.

